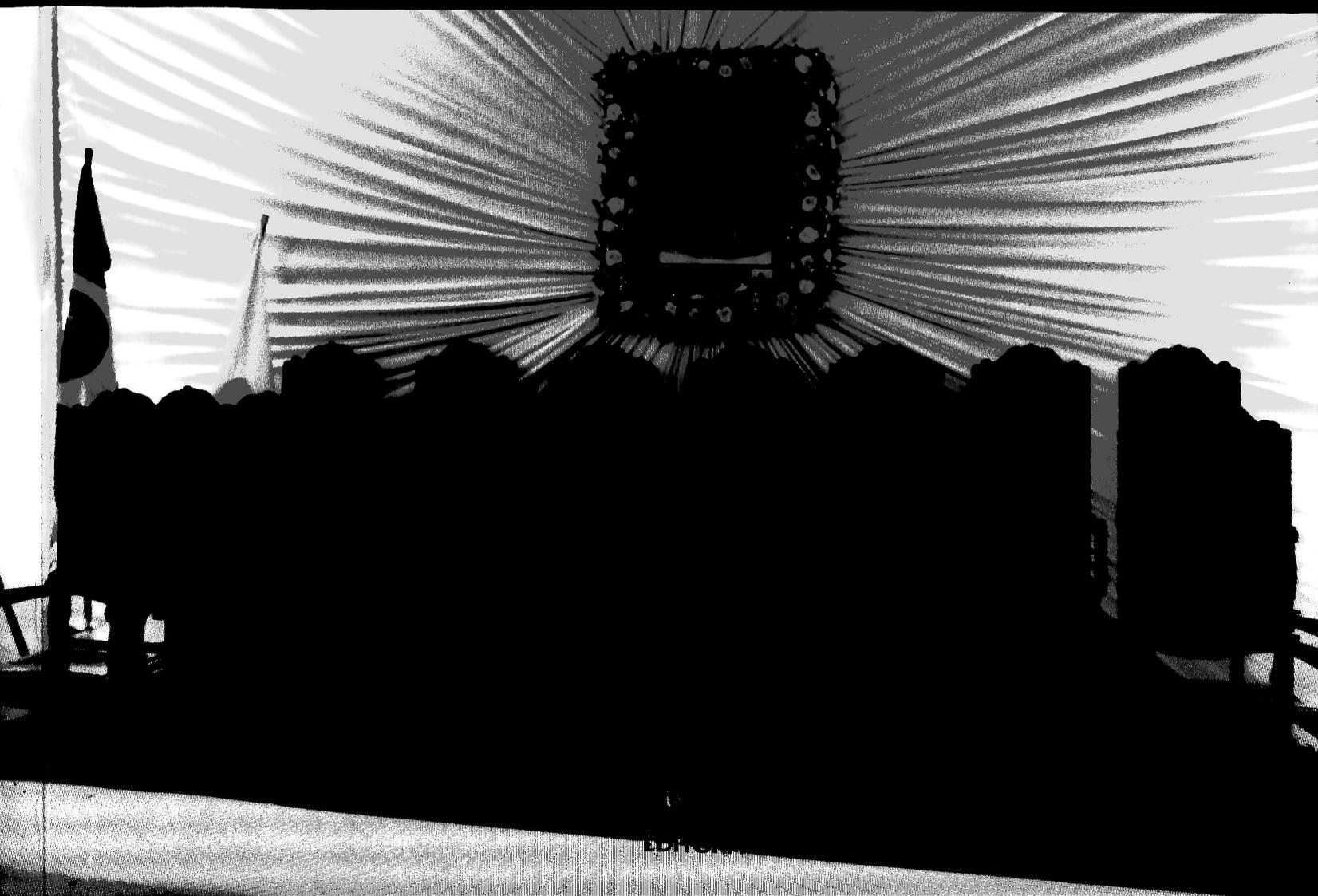




REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

DISCURSOS ACADÊMICOS
VOLUME 02, Nº 02 (2015)





A Academia Mato-Grossense de Letras presta à sociedade um trabalho de arqueologia literária ao descortinar nos discursos de posse muitas camadas de diferentes estéticas. Na fala inaugural, fica fotografada a referência estilística, semiótica, histórica e filosófica de cada intelectual e, ainda, revivida a biografia do patrono e dos escritores que já contribuíram para a cultura estadual. Cada vez que uma vida é resgatada, um sopro nos sedimentos agita o tempo. Nesses momentos mágicos, pelas janelas da Casa Barão de Melgaço, podemos esperar sempre algo novo com a certeza de vê-lo chegar. A gestão 2013/2015 não só foi feliz por dar ingresso a 10 novos escritores na Academia, como oportuniza a publicação dos vários intelectuais empossados em períodos anteriores ao biênio, resgatando lições literárias ainda não publicadas na tradicional Revista da AML, apresentando-a em volume duplo. A presente publicação cumpre com o nosso compromisso firmado de costurar tradição e a modernidade. Espero que esse vigoroso sopro tenha fôlego suficiente para trazer a lume, além do testemunho do passado, novas descobertas para o futuro.

Eduardo Mahon
Presidente

MT 234



REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Volume 02, nº 02 (2015)



**UNEMAT
EDITORIA**

Cáceres-MT
2015

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Presidente: Eduardo Mahon

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Direção/Organização: Elizabeth Madureira Siqueira
Agnaldo Rodrigues da Silva

Conselho Editorial: Marília Beatriz de Figueiredo Leite
Elizabeth Madureira Siqueira
Fernando Tadeu de Miranda Borges
Agnaldo Rodrigues da Silva

Projeto Gráfico/Diagramação:

Capa: Ricelli Justino dos Reis
Ricelli Justino dos Reis

Revisão:

Sandra Raquel de Almeida Cabral Hyashida
Taisir Mahmudo Karim

Copyright © 2015 / Academia Mato-Grossense de Letras

Ficha Catalográfica elaborada pela UNEMAT Editora -

UNEMAT – Cáceres - MT

ISSN: 2447-021X

Revista da Academia Mato-Grossense de Letras.
Direção/organização de Elizabeth Madureira Siqueira; Agnaldo Rodrigues da Silva (Discursos Acadêmicos). Cáceres-MT: UNEMAT Editora, 2015.

261 p.

1. Cultura 2. História 3. Literatura

Volume 02, nº 02 (2015)



Universidade do Estado de Mato Grosso
UNEMAT EDITORA
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavahada - Cáceres MT - Brasil -
78200-000.
Tel: 65 3221 0023 – editora@unemat.br



Academia Mato-Grossense de Letras
Rua Barão de Melgaço,
nº 3869, Centro, Cuiába-MT
CEP: 78005-300
Tel: 65 3624-6564

Todos os Direitos Reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.
A violação dos direitos de autor (Lei nº 5610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal

ÍNDICE

Apresentação	05
Editorial	07
Cadeira 17 - Sessão solene de posse do Acadêmico Frederico Rondon: discurso de posse do Acadêmico Frederico Rondon	09
Cadeira 18 - Sessão solene de posse do Acadêmico Francisco do Amaral Militão: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Wanir Delfino César; discurso de recepção, pelo Acadêmico José Jayme Ferreira de Vasconcellos; discurso de posse do Acadêmico Francisco do Amaral Militão	33
Cadeira 18 - Sessão solene de posse do Acadêmico Hélio Serejo: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Gervásio Leite; discurso de recepção, pelo Acadêmico Rubens de Mendonça; discurso de posse do Acadêmico Hélio Serejo ..	57
Cadeira 18 - Sessão solene de posse da Acadêmica Marta Helena Cocco: discurso de recepção, pelo Acadêmico Eduardo Mahon; discurso de posse da Acadêmica Marta Helena Cocco	77
Cadeira 20 - Sessão solene de posse do Acadêmico Benedito Pereira do Nascimento: discurso de recepção, pelo Acadêmico João Antonio Neto; discurso de posse do Acadêmico Benedito Pereira do Nascimento	91
Cadeira 21 - Sessão solene de posse do Acadêmico Luiz Orione Neto: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, João Alberto Novis Gomes Monteiro; discurso de recepção pelo Acadêmico Ubiratã Nascentes Alves; discurso de posse do Acadêmico Luiz Orione Neto	109
Cadeira 26 - Sessão solene de posse do Acadêmico Benedito Pedro Dorileo: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Lenine de Campos Póvoas; discurso de recepção pelo Acadêmico João Antonio Neto; discurso de posse do Acadêmico Benedito Pedro Dorileo	137
Cadeira 27 - Sessão solene de posse do Acadêmico Ubaldo Monteiro da Silva: discurso de recepção pelo Acadêmico Pedro Rocha Jucá; discurso de posse do Acadêmico Ubaldo Monteiro da Silva ...	161

Cadeira 27 - Sessão solene de posse do Acadêmico João Carlos Vicente Ferreira: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon; discurso de recepção pelo Acadêmico José Cidalino Carrara; discurso de posse do Acadêmico João Carlos Vicente Ferreira	177
Cadeira 29 - Sessão solene de posse da Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, João Alberto Novis Gomes Monteiro; discurso de recepção, pelo Acadêmico Pedro Rocha Jucá; discurso de posse da Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira	193
Cadeira 33 - Sessão solene de posse do Acadêmico Fernando Tadeu de Miranda Borges: discurso de recepção pela Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira; discurso de posse do Acadêmico Fernando Tadeu de Miranda Borges	211
Cadeira 34 - Sessão solene de posse do Acadêmico João Moreira de Barros: discurso de posse do Acadêmico João Moreira de Barros	223
Cadeira 34 - Sessão solene de posse da Acadêmica Sueli Batista: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon; discurso de recepção, pela Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira; discurso de posse da Acadêmica Sueli Batista	231
Cadeira 38 - Sessão solene de posse da Acadêmica Yasmin Jamil Nadaf: discurso de recepção, pelo Acadêmico João Antonio Neto; discurso de posse da Acadêmica Yasmin Jamil Nadaf	249



APRESENTAÇÃO

O biênio que se encerra permanece em ebulição. Convergem para a Casa Barão de Melgaço vários movimentos culturais que pareciam estar descosturados no caleidoscópio mato-grossense. Se, de um lado há o renascimento do chorinho cuiabano com grupos musicais dedicados a resgatar a tradição de saraus e serestas, por outro, emerge a *street art* como legítima manifestação artística. Nossa Academia Mato-Grossense de Letras albergou todas as formas desse incrível abecedário multilinguístico, plurisimbólico, poliestético. Os poetas prosseguem poetizando por aí – cada qual com um estilo, mas convergem para a nossa Casa: com grata satisfação, empossamos tão inspirados como inspiradores Ivens Cuiabano Scaff, Marta Cocco, Lucinda Persona e Luciene Carvalho, destacados na vanguarda lírica, satírica e mágica das letras mato-grossenses. Os colegas fizeram justiça aos eleitos: devo registrar que, nas dez eleições que conduzimos, houve sufrágio já em primeiro escrutínio, demonstrando o talento dos escolhidos e a harmonia entre os sócios da instituição.

Nosso bicentenário casarão mantém-se firme como um dos repositórios mais importantes para pesquisas no campo da história e da literatura. A curadora do acervo, atual vice-presidente da Academia, Elizabeth Madureira Siqueira, democratizou o acesso ao conhecimento armazenado na biblioteca com o lançamento do *hiperlink* no sítio da Academia que se virtualizou, enfim. São plataformas de comunicação essenciais para a guinada pretendida em direção à perpetuidade dos saberes acumulados nos quase 95 anos da AML. Além do *site*, fomos agraciados pelo genuíno interesse social por (re)descobrir nossa confraria. As portas da Academia de Letras continuaram abertas ao público por meio de documentários, reportagens e dezenas de eventos, marcadamente o curso oferecido pela instituição e certificado pela sempre parceira Unemat, sob a coordenação geral do acadêmico recém-empossado Agnaldo Rodrigues da Silva, outro acréscimo notável para nossa bancada literária. Para somar nas fileiras da pesquisa, com muita alegria empossamos também João Carlos Vicente Ferreira, Cristina Campos, Olga Castrillon Mendes, Sueli Batista, além da já citada Marta Cocco.

Outras formas de comunicação certamente ganharão relevo na Academia Mato-grossense de Letras. O recém-empossado Flávio Ferreira, consagrado teatrólogo, inaugura a esperança performática. São novos sinais que pulsam no cenário intelectual. Na esteira da

encenação da palavra, nosso grande palco abre-se para a futura presidente Marília Beatriz de Figueiredo Leite, professora, poeta, pesquisadora, teatróloga, agitadora de gente e de sonhos. Ela assume uma casa renovada por um novo estatuto forjado pelos confrades Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, Benedito Pedro Dorileo e José Cidalino Carrara e aprovado por unanimidade. Marília Beatriz virá nos animar com o festejo centenário do imortal Gervásio Leite, ex-presidente de nossa Academia Mato-grossense de Letras e, por uma feliz coincidência do destino, ele mesmo pai da nossa próxima presidente. As sessões que realizamos em homenagem à produção de Rubens de Mendonça e, agora, as dedicadas a Gervásio Leite, revelam o compromisso das melhores famílias nativas com a cultura mato-grossense e inserem a Academia de Letras como protagonista da conservação da memória regional.

Nesses anos, tivemos um pouco de tudo: lançamentos de livros, shows de música, dez posses de acadêmicos, exposições públicas e itinerantes, visitas guiadas, audições com candidatos ao governo, recuperação dos anexos da Casa Barão, revitalização do patrimônio histórico, tantas e tão ricas atividades que nos renovaram o ânimo. É preciso dizer que essa intensa fervura transborda na presente produção. Com todo o carinho, nesta Revista fizemos uma compilação de discursos de posse que não haviam sido publicados e lançamos em conjunto com a 1ª edição da Antologia Poética Mato-grossense, gravada em áudio. Nossa missão repousa sobre a tripla responsabilidade: cuidar do passado, viver o presente e imaginar um futuro melhor.

A Revista da AML aqui está para rememorar, ensinar e inspirar. O leitor poderá usar do apanhado histórico-literário dos textos em prol de uma arqueologia das palavras: como eram usadas num passado recente e de que forma os discursos evoluíram com formas e temáticas diversas. Portanto, temos um documento de relevância plural – histórico e literário – saberes que podem ser analisados concomitantemente. As palavras dizem o que querem dizer, mas falam ainda mais o que escondem. Esse jogo de nuances entre luz e sombras que os literatos sabem tão bem retratar na composição de textos é o enfoque central desta publicação. Tudo será aproveitado: silêncio e palavra, oração e discurso, razão e emoção.

Quero agradecer à minha diretoria: querido padrinho Avelino Tavares (2º Vice-Presidente), os sempre elegantes, inteligentes e leais Fernando Tadeu de Miranda Borges (1º Secretário) e Agnaldo Rodrigues da Silva (1º Tesoureiro) e, para frisar, homenagem a acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira (1ª Vice-Presidente). Beth sublimou-se e mostrou a todos o talento em transitar com equilíbrio e vivacidade entre três tempos: o passado, o presente e o futuro. Agradeço a todos os acadêmicos que apoiaram esse jovem irrequieto, sobretudo os ex-presidentes que se mantiveram abertamente favoráveis aos projetos que realizamos. As contas do que fizemos e do que deixamos de fazer serão acertadas mais adiante. O futuro dirá. Encerro como, no meu discurso de posse, com a citação do 1º ocupante da Cadeira 11, Estevão de Mendonça: “outros fariam ou farão melhor, eu fiz o que pude”. Que venham outros, melhores e maiores. Estamos realizados e muito felizes.

Casa Barão de Melgaço

Em 27 de julho de 2015

EDUARDO MAHON
Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras

EDITORIAL

Desde a criação do Centro Mato-Grossense de Letras, em 1921, a Instituição vem dando conhecimento público dos discursos pronunciados pelos Acadêmicos, por ocasião de suas posses, muitos deles já publicados em sua Revista. O mesmo continuou a fazer a Academia Mato-Grossense de Letras, uma vez que a publicação dos Discursos acadêmicos constitui-se em mecanismo garantidor da imortalidade, visto oferecer aos futuros empossandos base segura de dados sobre o Patrono e os Ocupantes, mas, acima de tudo, se constitui numa forma de se preservar a memória do conjunto dos Acadêmicos.

Após exaustivo levantamento dos discursos já publicados nos periódicos institucionais, privilegiamos, neste segundo número, de 2015, dossiê *Discursos Acadêmicos*, a publicação as peças literárias ainda inéditas, a saber: **Cadeira 17** - Sessão solene de posse do Acadêmico Frederico Rondon; **Cadeira 18** - Sessão solene de posse do Acadêmico Francisco do Amaral Militão; **Cadeira 18** - Sessão solene de posse do Acadêmico Hélio Serejo; **Cadeira 18** - Sessão solene de posse da Acadêmica Marta Helena Cocco; **Cadeira 20** - sessão solene de posse do Acadêmico Benedito Pereira do Nascimento; **Cadeira 21** - Sessão solene de posse do Acadêmico Luiz Orione Neto; **Cadeira 26** - Sessão solene de posse do Acadêmico Benedito Pedro Dorileo; **Cadeira 27** - Sessão solene de posse do Acadêmico Ubaldo Monteiro da Silva; **Cadeira 27** - Sessão solene de posse do Acadêmico João Carlos Vicente Ferreira; **Cadeira 29** - Sessão solene de posse da Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira; **Cadeira 33** - Sessão solene de posse do Acadêmico Fernando Tadeu de Miranda Borges; **Cadeira 34** - Sessão solene de posse do Acadêmico João Moreira de Barros; **Cadeira 34** - Sessão solene de posse da Acadêmica Sueli Batista; e **Cadeira 38** - Sessão solene de posse da Acadêmica Yasmin Jamil Nadaf.

A Academia Mato-Grossense de Letras abre, com o dossiê *Discursos Acadêmicos 2015*, uma nova série que deverá prosseguir em edições subsequentes, visto o investimento que fará junto às Famílias dos Acadêmicos falecidos, assim como dos contemporâneos, para a obtenção de das peças literárias declamadas nas sessões solenes de posse, visando torná-los públicos e de acesso facilitado aos futuros ocupantes das Cadeiras. As próximas edições deverão incorporar, não só estes, mas também os dos Acadêmicos que tomarão posse nos anos subsequentes.

Frutífera leitura.

Conselho Editorial

CADEIRA 17

PATRONO

João Severiano da Fonseca

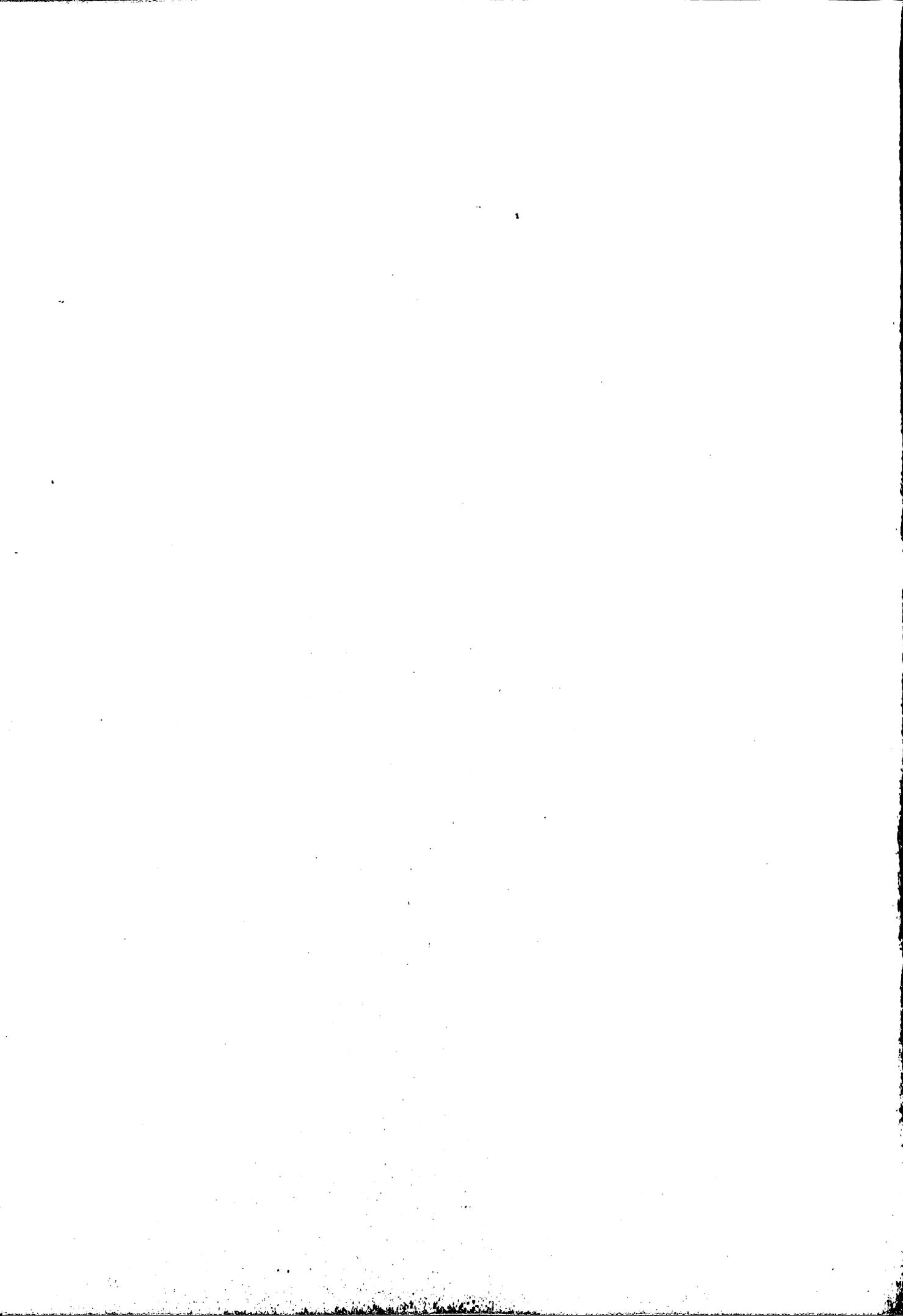
OCUPANTES

Carlos Gomes Borralho
Humberto Marcílio Reinaldo
Frederico Augusto Rondon
Padre Pedro Cometti
Avelino Tavares

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO FREDERICO RONDON

Cuiabá, 3 de maio de 1975

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FREDERICO
RONDON



DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FREDERICO RONDON



Sejam minhas primeiras palavras, neste memorável momento em que sou recebido pela egrégia Academia Mato-Grossense de Letras, de enternecimento e saudade, lembrando os nomes venerandos de meus queridos pais, José Mamede da Silva Rondon e D. Anna Izabel das Neves Rondon, e padrinho Antônio Joaquim de Faria Albernaz, a quem devo as alegrias e suavidade de venturosa infância, vivida à sombra de mangueirais cuiabanos, no convívio familiar; entre vibrações cívicas, na comemoração das grandes datas nacionais, com o hasteamento da Bandeira, em nosso “quartel”, ao som da marcha batida de corneta e tambor de brinquedo, com meu irmão Joaquim Vicente e minhas saudosas irmãs menores, Maria Virgínia e Iracema. Nas vibrações de religiosidade dos dias festivos da Igreja Católica – missas de madrugada e procissões, festas do Divino Espírito Santo e São Benedito, festas juninas e presépios do Santo Natal. Nas vibrações políticas precocemente despertadas por uma revolução, na qual tive meu “batismo de fogo” inesperadamente antecipado de dezesseis anos. Recordando ainda os mestres venerandos que me deram educação e ensino convencionais habilitando-me assim ao convívio social da juventude contemporânea e a galgar posições sucessivas de acesso, através dos estudos, rumo à vida profissional que abracei: os venerandos Padres Salesianos do Colégio São Gonçalo, sob a sábia direção de Dom Antônio Maria Malan e Dom Emanuel Gomes de Oliveira; Professores Victorino Miranda, Januário da Silva Rondon, José Magno da Silva Pereira, Fábio Monteiro de Lima, Philogonio de Paula Corrêa, Isác Póvoas, José Estêvão Corrêa, Jayme Joaquim de Carvalho, Aníbal Benício de Toledo, Joaquim Ribeiro Marques, Fernando Leite de Campos, Hormínio Pereira Mendes, do velho e querido Liceu Cuiabano; professores e educadores que tiveram marcante e efetiva participação, na formação de meu caráter e do cabedal de conhecimento das disciplinas ginasiais com que pude enfrentar, com bom êxito, os vestibulares da escola superior a que me destinei – a Escola Militar do Realengo. Lembrando ainda, com enternecimento e saudade, o grande brasileiro, Marechal Rondon – Cândido Mariano, na intimidade familiar de minha infância, como na expressão popular dos mato-grossenses contemporâneos; o vigoroso e jovial Tenente-Coronel Rondon, quando o conheci pessoalmente, em sua entrada triunfal em Cuiabá, em chegando de seus campos natais do Mimoso, na tarde de 13 de agosto de 1911, desfilando, com sua comitiva, em cavalgada, entre alas do povo que o aclamava como a um vencedor (e realmente o era de ingente campanha, desbravador e pacificador dos sertões do Norte), Sertanista, engenheiro militar e geógrafo, generoso parente, amigo e chefe cuja personalidade cedo aprendi a admirar, inspirando-me o desejo de, no futuro, dando objetividade a inata vocação, também perlustrar sertões e fronteiras do Brasil e (quem sabe?) falar em rios e tribos selvagens da Amazônia, em conferências ilustradas com filmes e *slides* da natureza física e humana do Brasil Central, com a ressonância de nomes e expressões indígenas, seguindo enfim, na medida de minhas forças, os padrões rondonianos da carreira militar .

No ensejo de meu ingresso na Academia Mato-Grossense de Letras, cabe ainda a efusão de meus sentimentos de gratidão aos eminentes mato-grossenses, Presidente Pedro Celestino Corrêa da Costa e Desembargador Joaquim Pereira Ferreira Mendes, Secretário do Interior de seu Governo, a quem devo homenagem que aqui rendo a sua veneranda memória, pelo estímulo que me deram, em momento decisivo de minha carreira de candidato a curso superior que o Estado não possuía, removendo as dificuldades materiais que eu encontraria para a longa viagem de então, de Cuiabá ao Rio de Janeiro; e aos saudosos Acadêmicos-Presidentes Dom Francisco de Aquino Corrêa, José de Mesquita e Padre Wanir Delfino César, a quem devo desvanecedoras referências aos meus trabalhos e, por fim, o convite para me candidatar à Cadeira nº 17.

Ao meu ilustre Paraninfo e querido amigo, Acadêmico Francisco Alexandre Ferreira Mendes, meu sincero reconhecimento pela generosidade das expressões com que sempre alude aos meus trabalhos, nas quais eu sinto, com desvanecimento, antes de tudo, o calor de velha amizade.

A Vossas Excelências, Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos, dirigem-se, por fim, as expressões de minha gratidão, pela unanimidade, que muito me penhora; unanimidade manifestada no voto, na eleição que me trouxe a este sodalício, consciência das novas responsabilidades que a generosidade de Vossas Excelências me atribui, como partícipe efetivo do momento cultural que ora anima o Estado de Mato Grosso, particularmente, a nossa querida Cuiabá, e também a Pátria Brasileira, como parte integrante da civilização ocidental, no momento universal em que nos é dado viver; momento de decisivo confronto, no qual se embatem culturas e regimes políticos, pelo derruimento de antigos conceitos de democracia; momento em que um novo conceito democrático emerge da Revolução Brasileira e empolga a atenção das Nações, em ambos os hemisférios, e que, conciliando pela primeira vez em nossa História, os objetivos nacionais de Desenvolvimento e Segurança, de Ordem e Progresso, de Trabalho e Paz Social, faz jus ao título de “Milagre Brasileiro” que lhe é conferido pelo consenso universal.

Momento nacional em que a Escola Superior de Guerra promove a divulgação de sua Doutrina de Segurança e Desenvolvimento, entre a intelectualidade, visando, especialmente, a esclarecê-la, consoante os postulados da Geopolítica Nacional que concitam os brasileiros à união e cooperação, para o estudo objetivo dos problemas regionais e na oportuna equação, e traçam rumos à reestruturação do País, pela implantação, nos grandes vazios demográficos, de *Polos de Desenvolvimento*, distritos agrícolas que, gerando novos Municípios – células republicanas – poderão evoluir, em moldes democráticos e senso econômico, para o *status* superior de Território ou Estado, quando houverem atingido a maioria política e as Microrregiões cumprido seu destino de unidades integrantes da economia nacional.

Prolongamento histórico e geográfico de São Paulo; Província de larga folha de serviços, na defesa da integridade territorial do Império do Brasil, em glorioso passado; meta das correntes migratórias espontâneas que, no presente, do Nordeste, Sudeste e Sul, convergem para seus sertões, em busca das glebas ferazes que lhes acenam com

um futuro de paz e prosperidade, Mato Grosso é bem um símbolo da unidade brasileira a preservar e fortalecer, em sua integridade.

Ao chamamento de Vossas Excelências, Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos e, agora, prezados confrades, respondo com o meu cordial e decidido: Presente!

A memória dos Acadêmicos Carlos Gomes Borralho e Humberto Marcílio Reinaldo, meus ilustres e saudosos antecessores na Cadeira nº 17, devo a homenagem que ora rendo, confortado pela presença subjetiva que a imortalidade acadêmica confere, opondo-se de algum modo a que, pelo olvido, se consume ação inexorável do tempo.

Ao venerando Patrono da Cadeira nº 17 – General Dr. João Severiano da Fonseca – dedicarei *data venia* os momentos seguintes desta hora de deslumbramento pessoal e complacente atenção do seletor auditório da Academia Mato-Grossense de Letras, recordando aquela figura insigne do Império e dos primeiros anos da República; focalizando-a sob um dos aspectos de sua personalidade de cientista – o Geográfico – em estudo inspirado em sua obra que, interessando a Mato Grosso, tem particular realce na imensa bibliografia em que deixou perpetuada sua contribuição aos Estudos Brasileiros – a *Viagem ao Redor do Brasil*.

1 – Traços biográficos

Nasceu na antiga Província de Alagoas, a 27 de maio de 1836, João Severiano da Fonseca, filho do Tenente-Coronel Manoel Mendes da Fonseca e de D. Rosa Paulina da Fonseca, sétimo rebento de uma família que haveria de se notabilizar, nos fastos do Império e da República, na guerra, como na paz, pelos serviços prestados à Pátria Brasileira – a nobre Família Fonseca.

João Severiano destinou-se à Medicina. Tendo cursado a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ingressou, aos 26 anos, no Corpo de Saúde do Exército, cuja culminância alcançaria, ao findar dos 28 anos de profícuos serviços de paz e de guerra. Tenente 2º Cirurgião, em 1862. Capitão Cirurgião, em 1869, por merecimento e serviços prestados em campanha. Major Cirurgião-Mor de Brigada, em 1881, por merecimento. Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, em 1885, por merecimento. Coronel Cirurgião-Mor de 1ª Classe, em 1890 e, no mesmo ano, General de Brigada Médico.

A primeira condecoração chega-lhe, em plena mocidade, como estudante – o hábito de cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, pela relevância dos serviços altruísticos, prestados na epidemia do *cholera morbus* que assolou o Rio de Janeiro, em 1854. No glorioso ciclo de sua vida militar, enche-se sua refulgente fé de elogiosos assentamentos, nas Campanhas do Uruguai e do Paraguai. Elogia-o, em plena batalha, o imortal Osório, impressionado pela correção daquele silencioso e abnegado Capitão Cirurgião que enfrenta serenamente a morte, para salvar a vida de seus camaradas que tombavam. Outras condecorações viriam constelar o peito predestinado, no decurso dos longos anos de sua vida militar: Oficial da Ordem de São Bento de Aviz, Comendador da Imperial Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e da Ordem de Cristo e Medalhas das Campanhas Oriental e Geral do Paraguai.

O renome de cientista e escritor abrir-lhe-ia as portas da Academia Imperial de Medicina, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, das Sociedades de Geografia de Lisboa, Lima, Madri e do Instituto Arqueológico Alagoano. O Instituto de França concede-lhe as palmas de Oficial.

Em 1874, o Capitão Dr. João Severiano da Fonseca retorna às águas do Prata e remonta às do Paraguai, como membro da Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia, encargo que lhe traria o desejado ensejo de realizar sua *Viagem ao Redor do Brasil*.

Breve digressão pela política afasta-o, com a República, de sua cátedra de Ciências Naturais, no Colégio Militar, levando-o ao Senado Federal, como constituinte pelo Distrito Federal.

General de Brigada Médico reformado, falece João Severiano da Fonseca, no Rio de Janeiro, em 7 de novembro de 1897. Decreto-Lei de 13 de março de 1962 reconhece e perpetua a auréola de imortalidade do grande Médico-Soldado, nos Quadros do Exército a que servira com tanto brilho e devotamento, elegendo-o Patrono do Serviço de Saúde do Exército.

2 – *Apreciação bibliográfica*

2.1 – *Introdução*

Médico, soldado, escritor, poeta, geógrafo, professor, político e historiador, os seus livros vivem ainda, como mananciais riquíssimos de conhecimentos e de beleza... Na obra literária e científica de João Severiano, há um traço preponderante que é o denominador comum da sua grande vida de brasileiro e de soldado – o sentido de brasilidade. Águas, terras, céus, raças que se cruzam, na aleluia das primeiras miscigenações, nesta gigantesca cardioide geográfica que é a nossa Pátria, tiveram de sua observação meticulosa o crivo do estudo e da advertência lúcida e sistemática... Seu estilo, suas afirmações não perderam nunca o espírito de humanismo e aquela suave expressão de beleza literária... Na verdade, o cientista, o sociólogo, o político, o geógrafo e o soldado são faces austeras que mal escondem, nos reflexos prismáticos, o colorido poético da sua inquieta sensibilidade...

Nunca se estudou detidamente *Viagem ao Redor do Brasil*. Ela e *Os Sertões* de Euclides são quase irmãos gêmeos que escarpam, aos olhos atônitos dos brasileiros, as verdades tristes que queimam como fogo, mas constróem e purificam, porque nasceram da sinceridade e da bravura e purificam, porque nasceram da sinceridade e da bravura cívica de dois grandes compatriotas. Se mostram mazelas, afirmam também, em que pese aos Gobineaux, com a sua teoria de não ser possível uma civilização sob o Trópico, a capacidade criadora desse povo que desponta das suas matrizes eugênicas, revelando-se ao mundo e criando, no panorama social, uma cultura própria, objetivada nas próprias reservas biodinâmicas e na seiva forte do seu idealismo e do seu candente amor à Liberdade... Há em *Viagem ao Redor do Brasil*, observações do médico, do botânico, do geógrafo, do paleontologista e, sobretudo, do pensador equilibrado, que naqueles dias, ainda incertos da Nacionalidade, incertos pelo sentido sociológico, traçava

rumos e estabelecida equações econômico-sociais, pelas quais anteviu o extraordinário e surpreendente progresso atual do Brasil...

Estas judiciosas considerações de Carlos Sudá de Andrade (Capitão Dr. Carlos Sudá de Andrade. "João Severiano". (*Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil* -1943) levam-nos a aduzir, *data venia*, nossas próprias reflexões, sugeridas pelo cinquentenário de *Rondônia*, a obra excelsa de Edgard Roquette Pinto:

– Como "Os Sertões", *predestinada à imortalidade, Rondônia não foi escrita para satisfazer a preocupações literárias, nem traçada no aconchego de confortável gabinete, entre outros livros, à luz carinhosa duma lâmpada, amortecida à feição das necessidades do trabalho... Foi nascendo pelas quebradas úmidas das serras, pelos caminhos marulhentos dos rios, nos areais desolados...*

– São outros, na verdade, os cenários e atores da Epopeia Rondoniana. A agressividade do íncola, gerada pela revolta, ante a injustiça e o atraso social em que lhe é dado viver, é aqui defesa instintiva e, talvez, ressentimento de dolorosa experiência dos primeiros contatos com a civilização, cujas amostras lhe foram levadas pelos primeiros conquistadores, ao alto preço de sua liberdade e do esbulho de suas riquezas naturais.

– É também outra a atitude dos expedicionários que, possuindo a força das armas, preferem mensagens de paz e amor: *Morrer, se preciso for, matar nunca!*

– Assim compreendida a epopeia e assinalados seus traços diferenciais, num e noutra caso, cumpre reconhecer o justo paralelo que se impõe, entre uma e outra obra, entre Euclides da Cunha e Roquette Pinto, ambos irmanados no sentimento de brasilidade e no empenho em que põem a Ciência a serviço da Pátria, elucidando aspectos peculiares da obra de integração nacional; na simpatia e compreensão que lhes inspira o íncola, cerne da Nacionalidade, cujo concurso à obra nacional, como elemento eficiente do progresso, fator e objeto do desenvolvimento regional, é imprescindível e urgente.

– Aquele sentido humano, de compreensão e simpatia, transluz desde as primeiras páginas de *Rondônia*, nas quais se retratam, *além dos recantos naturais da terra, a vida de seus homens primitivos e, mais do que isso, os resultados da obra fecunda dos sertanejos do Brasil, dirigidos pelo ideal feito homem* – Cândido Mariano Rondon.

Se como estudioso (afirma o autor de "Rondônia") as observações científicas que pôde realizar – quase todas de grande alcance, para o conhecimento da Antropologia sul-americana – o encham de alegria, deu-se por bem pago daqueles dias de privações e de perigos, porque voltou da Rondônia com a alma refeita, confiante na sua gente que alguns acreditam fraca e incapaz, porque é povo magro e feio...

São feios, efetivamente, aqueles sertanejos, muitos além disso vivem trabalhando, trabalhados pela doença... Pequenos e magros, enfermos e inestéticos, fortes todavia, foram eles conquistando as terras ásperas por onde hoje se desdobra o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalítico, amarrando os extremos da Pátria...

É preciso lá ir, para retemperar a confiança nos destinos da raça e voltar desmentindo os pregoeiros de sua decadência. Não é nem pode ser nação involuída a que

tem meia dúzia de filhos capazes de tais heroísmos. Como são pequeninas estas observações científicas, diante da grandeza da construção daquela gente...

Viagem ao Redor do Brasil, Os Sertões e Rondônia, como trilogia excelsa de nosso sertanismo, merecem conjuntamente, acurado estudo, em seus múltiplos aspectos geográficos, históricos, sociológicos para melhor compreensão da evolução brasileira, por toda uma centúria, máxime quando a Amazônia e o Nordeste assumem, na Geopolítica Brasileira, posição de justa prioridade.

2.2 – A Província de Mato Grosso

2.2.1 – Configuração geográfica

Mato Grosso afigura-se a João Severiano, à luz das cartas geográficas e dos dados estatísticos contemporâneos, a maior Província do Império do Brasil, na magnitude de seus 2 milhões de quilômetros quadrados, admitida, preliminarmente, a seu favor a solução das questões de limites suscitadas pelas Províncias vizinhas:

– O Amazonas, estendendo suas pretensões territoriais à nossa Patricínia, isto é, à mesopotâmia Gi-Paraná - Juruena (mais propriamente, Gi-Paraná - Serra do Norte - Uruguatás - Juruena, tomado este como o alto Tapajós), tanto vale dizer à latitude 12° 16' sul, onde tem origem o Gi-Paraná, tomada como sua cabeceira principal a do Djaruereb ou Pimenta Bueno, galho meridional do grande rio;

– O Pará, pretendendo apossar-se da mesopotâmia Tapajós-Xingu, a Xingutânia de Padre Aires de Casal – 330.100 quilômetros quadrados – tendo como limites o Tapajós (Teles Pires de hoje, Paranatinga, São Manoel ou Três Barras de então), desde a confluência com o Juruema até sua origem principal (tomada como esta a do São Manoel, na latitude 14° 52' sul); o Acaraí, contravertente do São Manoel e tributário do Culuene ou alto Xingu; este rio até a foz do Fresco, latitude 6° 38' sul; este rio, a Serra dos Gradaús e o Iquiqui até sua foz no Araguaia, na latitude 9° 04' sul;

– Goiás, disputando a posse dos 223.000 quilômetros quadrados da nossa Bororônia e parte da nossa Camapuânia, isto é, de todo o sertão que se estende entre o Rio das Mortes de Leste a Oeste até ao divisor das águas dos Rios das Mortes de Leste e de Oeste, na longitude aproximada de 55° oeste de Greenwich.

O desconhecimento do interior do grande Norte Mato-grossense, quando se procedia à demarcação da fronteira internacional do Guaporé-Mamoré-Madeira, levava geógrafos e políticos a subestimar os cursos dos rios amazônicos, traçando-os nos mapas em posições mais à feição de ideias preconcebidas, ajustadas a latitudes mais convenientes aos interesses regionais, no sentido de incorporar às Províncias vizinhas maiores áreas, valendo-se os Governos respectivos de princípio jurídico cuja validade seria mais tarde impugnada pelo Brasil, em suas relações internacionais – o *uti possidetis* de direito, em oposição ao *uti possidetis* de fato.

Cumprir lembrar que Cândido Mariano Rondon ainda fazia, então, estudos primários, na Escola de Mestre Cruz, em Cuiabá, enquanto pontificava, na Geografia, Cândido Mendes, em seu famoso *Atlas do Brasil*.

Com o Amazonas, eram supostos limites o Madeira, desde a Cachoeira de Santo Antônio até a foz do Gi-Paraná; este rio até suas nascentes, na Serra do Norte; esta serra até a nascente do Uruguatás; este pequeno rio até sua foz no Juruena (então suposto alto Tapajós); este rio até sua confluência com o São Manoel ou Três Barras (atual Teles Pires, verdadeiro alto Tapajós).

Virgílio Corrêa Filho, em *As Raias de Mato Grosso*, apresenta, em esboço elucidativo, a suposta posição destas linhas divisórias, estendidas, de Oeste a Leste, nas proximidades do paralelo 8° 48' Sul, da Cachoeira de Santo Antônio do Madeira, que seria, finalmente, tomado como divisória, liberando, para Mato Grosso, a vertente leste do Gi-Paraná, toda bacia do Rio Roosevelt, o famoso Rio da Dúvida ou Ari-Juanã, e a encosta ocidental da Serra do Norte, território que podemos orçar em 172.000 quilômetros quadrados, agora que dispomos de uma das melhores cartas geográficas atuais, a *Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas* a 1:1.000.000, da Comissão Rondon.

São paulistas de Sorocaba Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, pai e filho, Manoel de Campos e seus filhos Antônio Pires e Filipe de Campos; Pedro Lourenço, João Leme, Antônio Borrvalho, João e Filipe Antunes Maciel, Pascoal Moreira Cabral, Antônio Prado de Siqueira os homens enérgicos e ousados que os cronistas indicam como proto-exploradores do território mato-grossense, fins do século XVII, começos do século XVIII. A Manoel Felix de Lima credita-se a descoberta da via fluvial do Guaporé-Mamoré-Madeira, em 1742, e a João de Souza Azevedo, quatro anos mais tarde, a do Arinos-Tapajós, ambos sertanistas de Cuiabá, estimulados, senão comissionados pelo Governo de Mato Grosso.

Dois pontos do Rio Madeira ficaram assentes, desde os tempos coloniais, como balizas da linha divisória entre as Capitanias de Mato Grosso e de São José do Rio negro: a Cachoeira de Santo Antônio e a foz do Gi-Paraná.

Até à Cachoeira da Aroeira ou Aroaia (Santo Antônio) estendia-se, desde 1752, a jurisdição de Mato Grosso e chegaram iniciativas do Governo do Pará. Um posto militar do Pará e um registro de Mato Grosso lá coexistiram por algum tempo.

Para a demarcação de limites entre as Capitanias de Mato Grosso e do Rio Negro, recomendara a Metrópole que se tomasse um ponto médio entre a foz do Guaporé e a do Madeira, ponto que ficou assente, desde 1781, por iniciativa do Governador Luiz de Albuquerque, na foz do Gi-Paraná, latitude 8° 04' Sul.

Em 1758, iniciara Mato Grosso a colonização do Madeira, com o arraial de Nossa Senhora da Boa Viagem, junto ao Salto Teotônio, latitude 8° 52' Sul; tentativa malograda, como a seguinte, de 1168, junto ao Salto do Jirau (como, aliás, a anterior, dos jesuítas, em 1728).

Tenreiro Aranha, Presidente da Província do Amazonas, abre, em 1852, negociações de limites com Mato Grosso, pleiteando para divisória, a partir do Tapajós (isto é do Juruena, tido, então, como alto Tapajós) para Oeste, o paralelo da Cachoeira de Santo Antônio do Madeira até esta cachoeira, a qual já era divisória entre as duas Províncias. A zona litigiosa assim definida, ao norte do mencionado paralelo, permanece,

entretanto, quase de todo despovoada, até as vésperas da República, quando nordestinos iniciam a exploração dos seringais do Madeira.

Em 1891, o Governo de Mato Grosso (Presidente Mallet) ainda cria coletoria em Santo Antônio do Madeira e postos fiscais nas embocaduras do Jamari e do Gi-Paraná, cuja instalação é impedida por autoridades amazonenses.

Em 1899, Acórdão do Supremo Tribunal Federal considera a nascente questão, fixando apenas um ponto da linha de limites entre os dois Estados – a Cachoeira de Santo Antônio do Rio Madeira, tornando assim necessária a Convenção Interestadual de 1904 que estabelece, como fronteira, o Rio Madeira, a partir da foz do Abunã, até a Cachoeira de Santo Antônio; o paralelo desta cachoeira (8° 48' Sul) para Leste até cortar o Gi-Paraná, mas volta a insistir na linha do Gi-Paraná, em busca de sua nascente, então desconhecida, na Serra do Norte, e por esta serra, em direção ao Norte, até o paralelo da confluência dos formadores do Tapajós, desta vez, com o assentimento expresso, portanto, do Governo de Mato Grosso.

A falta de assessoria, em termos de esclarecimento geográfico, leva os Governos a digressões políticas, felizmente, sem consequências práticas. Não obstante haver logrado estender seu território até à região que tomaria o nome de Vilhena, com as explorações do Coronel Rondon, nas proximidades da latitude 12° Sul, não cogitou o Governo amazonense da necessária ratificação do aludido acordo, pelos Poderes Legislativos estadual e federal. Ao invés, lei amazonense de 1904 o declara expressamente nulo. Nova tentativa de acordo, em 1910, é igualmente anulada por lei amazonense de 1917, em termos que levam a crer que o Amazonas se dispunha a nos disputar a bacia amazônica, entre o Gi-Paraná e o Tapajós – a nossa Tapajônia – em que pese aos progressos realizados pela Geografia Regional, à luz dos quais se evidenciaria o absurdo das pretensões amazonenses, em vista dos trabalhos da Comissão Rondon.

O Governo de Dom Aquino Corrêa, em 1918, ainda alcança o litígio com o Amazonas e procura ultimá-lo amigavelmente, pela homologação dos trabalhos técnicos realizados, no Aripuanã e no Tapajós, assinalando o paralelo 8° 48' Sul.

A transferência da capital de Mato Grosso para Cuiabá, em 1820, e o conseqüente abandono, por 55 anos, da via fluvial do Guaporé, põem em dúvida, no espírito de João Severiano, os direitos de Mato Grosso às terras do Alto Madeira – a Paricínia – levando-o a sugerir que se adjudicasse aquela opulenta região à Província do Amazonas, “se Mato Grosso (dizia) não a administrava nem podia administrar... e quando, para a outra Província, tão fácil, natural e já efetiva é essa administração” (respeitado, entretanto, o marco tradicional da jurisdição mato-grossense – a Cachoeira de Santo Antônio).

Não deixa de valer tal sugestão, como origem remota da ideia de se fazer da nossa Paricínia um Território Federal.

Do Pará, já em 1753, transitava pelo Tapajós Antônio Vilela, *levando de sua exploração alguma quina*, e João Viegas passa por ser o primeiro que subiu, fins do século XVIII, e desde 1804 que se tratou de explorá-lo, iniciativa cuiabana de Manoel Gomes, demandando o empório de Santarém. Em 1819, cabe ao Tenente Antônio Peixoto de

Azevedo, de ordem do Governador Maggessi, descer o Paranatinga, até à confluência do Juruema, e subir este rio até ao Salto Augusto.

Não ficou de todo ignorado, nos tempos coloniais, o Rio Xingu (Paranaíba é seu antigo nome indígena). São de meados do século XVII as primeiras tentativas de penetração de missionários holandeses que frequentavam seu baixo curso. Mas seu estudo só desperta interesse quando, em 1843, o Príncipe Adalberto da Prússia venceu-lhe as primeiras cachoeiras, levando suas investigações até ao paralelo 4° Sul. Não ultrapassou esta latitude Adriano Pimentel, em 1872. Uma ferrovia, iniciativa paraense, para vencer as cachoeiras do Xingu, entre 4° e 5° de latitude Sul, não passou das cogitações de um anteprojecto.

O Xingu era, assim, um dos rios brasileiros menos conhecidos e sobre cujas origens mais dúvidas existiam. Faziam-no provir desde o paralelo 15° Sul, em contra vertente com o Rio Jangadas, cabeceira do São Lourenço, dando-se-lhe assim um curso de mais de 1.500 quilómetros... Melgaço coloca-as perto do paralelo 11° Sul, cortando-lhe, portanto, mais de um terço do suposto curso.

Com base em dados conhecidos da Geografia Histórica do Xingu, entre os quais não encontra informações de carácter científico, em relação à origem e ao curso superior do grande rio, é que o Dr. Karl von den Steinen empreende sua primeira exploração, partindo de Cuiabá, em junho de 1884, em direção às nascentes do Tamitotoala (a que dá o novo nome de Batovi, em homenagem ao Barão Presidente da Província), para descer este formador do Xingu e o grande rio até a sua foz no Amazonas.

Entretanto, o acordo entre o mapa de von den Steinen e o anterior, de Mato Grosso, datado de 1802, teria levado Pimenta Bueno a admitir que, anteriormente, o Xingu havia sido navegado, desde as cabeceiras até à foz no Amazonas. E não teria sido outro, senão o Tenente Peixoto de Azevedo, o explorador do Paranatinga que, saindo de Cuiabá, no ano de 1819, teria navegado pelo Xingu até ao Porto de Moz. E o próprio Príncipe Adalberto teria colhido *in loco* esta informação e parecia convencido de sua veracidade. Von den Steinen não explica, nem parece preocupar-se com aquela coincidência cartográfica. Mais médico e etnólogo que geógrafo, o ilustre explorador acentua seu interesse nos setores científicos de sua preferência, deixando aos futuros exploradores o encargo de deslindar os segredos da hidrografia, na grande bacia Planaltina à qual retornaria, em 1887, para rever a confluência dos formadores e explorar o Culisêvu.

A falta de assessoria em assuntos geográficos levaria, mais uma vez, os Governos litigantes de Mato Grosso e do Pará a admitir, como divisória entre os dois Estados, o Tapajós e seu principal formador (São Manoel ou Três Barras de então, Teles Pires de hoje) até suas nascentes, nas vizinhanças de Cuiabá, na latitude 14° 52' Sul (tomada a do São Manoel como cabeceira principal), passando desta nascente ao Acaraí e ao Culuene, como Alto Xingu, e por este abaixo até a foz do Fresco.

Contudo, a tempo esclarecidos, chegam ambos os Governos ao acordo de limites de 1900, aprovado por Decreto Federal de 1919, fixando o limite norte de Mato Grosso na linha Sete Quedas, no Tapajós – extremo norte da Ilha do Bananal, nas proximidades da latitude 9° 13' Sul.

Assim passam, pacificamente, a Tapajônia, a Xingutânia e a Tapirâquia a integrar o Norte Mato-grossense, privado Mato Grosso, ulteriormente apenas da Paricínia, convertida em Território de Rondônia.

Grande confusão reina, entre escritores e geógrafos, sobre os rios da região da Caiapônia, observa João Severiano. Não se conforma Goiás com as sugestões mato-grossenses (que levam a linha de limites ao Araguaia e ao Correntes, afluente do Paranaíba), considerando seu todo o território ao norte do Rio Pardo, afluente do Paraná, a leste da Serra das Divisões (longitude aproximada de 55° oeste de Greenwich) e ao sul do Rio das Mortes, baseado num ajuste havido, em 1771, entre os Capitães-Generais Luiz Pinto e Furtado de Mendonça. Luiz de Albuquerque, sucessor de Luiz Pinto, tendo verificado o desacerto e inconveniência dessa divisão, propõe, em 1773, continuar como limite ocidental o Araguaia e estabelece à margem deste rio o presídio de Ínsua (onde existia, em 1875, a colônia militar de Itacaiú). Mas a lei goiana de 1849, ainda, marca como limite austral de sua freguesia de Nossa Senhora das Dores, o nosso Rio Pardo.

Já em 1835, por iniciativa de Mato Grosso, surgia a Colônia Pedro II, na região das nascentes do Sucuriú, Taquari e Piquiti, dando origem à vila de Sant'Ana do Paranaíba, baliza da estrada que ligaria Cuiabá a São Paulo, por Uberava, e que permanentes goianos não tardam a interceptar, ocupando temporariamente o Porto Alencastro. Contudo, lei goiana de 1856 já fixava limites entre sua paróquia de Rio Bonito e a mato-grossense de Sant'Ana do Paranaíba e Decreto Imperial do mesmo ano reconhece a jurisdição de Mato Grosso sobre toda a Camapuânia.

Não obstante, em 1864, surge na Assembleia Geral projeto goiano pretendendo fixar limites entre Goiás e Mato Grosso, novamente, pelo Rio das Mortes – cabeceiras do Taquari - Coxim - Camapuã - Rio Pardo (projeto fulminado pelo Deputado Paranhos Júnior, o futuro Barão do Rio Branco, após demorado estudo das comissões).

Prosseguem, entretanto, medidas governamentais desencontradas, em relação à região. Couto de Magalhães, na Presidência de Goiás, havia pleiteado para sua Província, em 1862, o porto de Coxim que lei provincial de Mato Grosso havia elevado à categoria de freguesia. E lei provincial de Goiás pretendia, em 1873, elevar Coxim a comarca, sem nenhum efeito.

Em 1896, surge a ideia de um acordo de limites, iniciativa goiana, malgrado pela intransigência do Presidente Anntônio Corrêa da Costa, em relação à linha Araguaia-Correntes. Em 1907, volta o Governo goiano a pretender, por lei estadual, trazer os limites a Coxim e ao Rio Pardo, tendo sido embargado pelo Presidente Generoso Ponce.

Na agenda do VI Congresso de Geografia (Rio de Janeiro, 1919) figuraria ainda a questão de limites Goiás-Mato Grosso, entre as vinte e seis questões de limites interestaduais, tendo resultado como progresso dos entendimentos o acordo sobre a linha do Araguaia, do extremo norte da Ilha do Bananal até as cabeceiras. Mas continuava a intransigência goiana em relação ao Sucuriú, pretendendo, como limite, entre este rio e o Aporé, o paralelo 19° Sul.

Laudo arbitral de 1920, que o delegado goiano, Conde de Afonso Celso, assinou vencido, fixava, finalmente, os limites pelo Araguaia, até as cabeceiras – Serra do Caiapó-Rio Aporé.

Não obstante, lei goiana de 1922 ainda pretende restaurar, com novo nome – Torres do Rio Bonito – a comarca do Rio Coxim, dando lugar a um mandato de manutenção e posse do Supremo Tribunal Federal, em favor do Estado de Mato Grosso, pondo fim à questão.

Em 1765, preocupações estratégicas levariam o Governo de São Paulo a estender sua jurisdição em terras mato-grossenses, na fronteira com o Paraguai, mandando fundar a povoação de Prazeres do Iguatemi. Iniciou-se deste modo a colonização do Iguatemi, em 1766, com o presídio dos Prazeres, destruído por Pinedo, intitulado *General da Cidade do Paraguai*, que o atacou, à frente de numerosa força, em 1777... E assim fracassou a fundação de Dom Luiz Antônio de Souza, a quem aprovou dilatar a jurisdição de São Paulo a oeste do Rio Paraná...

Estas observações de Virgílio Corrêa Filho (em *As Raias de Mato Grosso*) levam-nos também a assinalar o desinteresse do mais poderoso dos vizinhos de Mato Grosso (e o de menor extensão territorial) pela reivindicação, em qualquer época, de possíveis direitos sobre as terras do Iguatemi, onde exercera efetiva jurisdição, por mais de um decênio, no regime colonial.

2.2.2 – *Fisiografia mato-grossense*

– Da imensa área da Província, a parte maior está situada no vasto Planalto Central da América do Sul, talvez, o mais elevado Araxá brasileiro... Outra porção, a Oeste e, principalmente, ao Sul, é baixa e alagadiça (o Pantanal), altitudes de 150 metros acima do nível do mar, chegando a 1.000 metros em alguns pontos da crista onde se situa a divisória das águas dos dois maiores estuários do mundo, o Amazonas e o Prata; crista que atravessa diagonalmente a Província, de Noroeste a Sueste...

Inspira-se João Severiano, para sua visão panorâmica de Mato Grosso, na obra do Barão de Melgaço – *um dos homens a quem a Província mais deve e que mais a têm enriquecido, no que concerne à sua Geografia e Etnografia*.

– Apresentam-se essas planícies, às vezes, como formosas campinas, verdes e ondulantes (no Maracaju e no Amambai); outras vezes, paramos também ondulados, mas de terrenos secos e arenosos, verdadeiras charnecas, assoalhadas de grés, saibro e piçarra, soltos e fofos, como a areia (nos campos dos Parecis); terras balogas onde os animais se alteram a cada passada, que não lhes dá pasto, tão estéreis que são; onde o arvoredado rareia e os matos são carrascos e cerradões... Outras vezes são terrenos enxutos, cortados de imensos rios, brejais e pauis, ou despenhando-se em cascatas por altos paredões...

– Aqui, imensa e vigorosa mataria, grossos troncos e prodigiosas alturas... Se arenoso – areias bem brancas, às vezes – a floresta assemelha-se a jardins públicos, onde se pode livremente transitar à sombra, por entre renques de árvores... E os cipós enroscam-se pelas árvores, casam-se aos troncos, abraçam-se aos ramos, dependuram-se-lhes das gimpas, cobrem-lhes os galhos, cercam e fecham a floresta. E nem sempre léguas,

às vezes passos, separam esse solo de extraordinária uberdade de outro onde a vegetação, raquítica e enfezada, disseminada a largos espaços, toma-se uma antítese contristadora de toda aquela pujança...

– Esse terreno balofo repousa sobre leito de rochas cristalinas que as torrentes perenes ou acidentais vão pondo em relevo... Isolados uns e na maior parte em grupos mais ou menos próximos, enormes penedos de formas caprichosas, semelhando a torres, túmulos, mausoléus e calçadas; ora aos *dolmens* e *men-hirs* dos antigos bárbaros da Europa Setentrional; ora aos *icebergs* dos mares circumpolares... Alcantis cortados a prumo, conhecidos pelo nome de *tromba* (beijo de pedra, *itambé* dos índios)...

A visão daqueles penedos – contrafortes de soterradas cordilheiras – põe, em momentâneo antagonismo, João Severiano e Couto de Magalhães. Para o autor de “*O Selvagem, falseiam os mapas figurando montanhas no divisor de águas do Araguaia das do Cuiabá, o qual, excetuando a Serra de São Jerônimo, é vasta planície levemente acidentada, com suaves pendores...*” Para João Severiano, não são montanhas somente as grandes elevações do solo e assiste ao povo, como ao geólogo o direito (e a este mais o dever) de denominar serra, pela formação geológica, essas elevações do terreno, pequenas em altura, mas longuíssimas em extensão e que pela maior parte são cristas e lombadas de enormes cordilheiras soterradas...

Como surgiriam, na verdade, nos planaltos arenosos circundantes, aqueles penedos, sem uma base cristalina que lhes desse a necessária estabilidade e solidez?

– A Serra dos Parecis e a do Norte, a dos Apiacás e Bacairis, ramos da Serra Azul; as do Espinhaço e de Tepirapuá e os ramos que vão entroncar-se na Serra das Divisões são os limites do grande Araxá mato-grossense. Na maior parte, apresentam o flanco livre, íngreme e alto... Outras vezes vão descendo em fortes declives ou por escalões, mostrando, nessas paredes, principalmente nas regiões de Sudoeste, estrias onduladas e paralelas que parecem o sinal do açoite violento e demorado da grande massa d’água que primitivamente ocupou as baixadas adjacentes, mar cujas marés e tempestades, carcomendo as escarpas e abrindo-lhes, entre os maciços, verdadeiros golfos e baías, deixou-lhes pelos cabos e promontórios de então os espigões e contrafortes de hoje...

– Que, na América Meridional, parte do continente se elevou dos mares, em idades não muito primitivas, é fato inconcusso para a Geologia que, nos mais centrais sertões americanos, como nas cumiadas tempestuosas de suas montanhas, nos terrenos à beira-río e nas dunas dos planaltos, muitos desses verdadeiros *fallums*, tem sempre encontrado índices certos a testificarem a existência das águas salgadas, em tempos que o estudo não pôde ainda determinar, mas que a geogenia elucidará. O que parece certo é que não foi o oceano que lhe irrompeu os limites e veio submergir seus vastos páramos... Nas escarpas denudadas das serras... Nos morrotes e penedos isolados e esparsos pelo araxá, e notadamente na Chapada dos Guimarães, onde afetam as mais bizarras formas, lê-se a passagem das águas, nas cintas paralelas e na corrosão das rochas que seguem um plano uniforme, como se lê nas faldas orientais dos Andes... Na estratificação quase horizontal dos penedos... Também escarvadas pelas águas, por um

processo análogo ao dos sumidouros atuais, parecem certas grutas ou galerias... Há ainda um índice nos lagos salgados, nos rios e lagos salobros, nos savanas e pampas salitrados, onde o sal marinho reunido ao sulfato magnésiano e ao carbonato de soda surge a flux do solo, não só nas baixadas, mas ainda nos planaltos; não só nos terrenos secos, mas também à beira dos maiores rios, parecendo derivados de enormes depósitos subterrâneos que, quando encharcados, na estação chuvosa, as águas dissolvem e levam consigo e, ao secarem, depositam no solo, terrenos preches de sal... São comuns, em Mato Grosso, os terrenos salitrados dos barreiros e as salinas, tão gerais nos planaltos, como nos plainos alagadiços...

É, pois mais que provável que essa enorme bacia, entre os Andes e o Araxá mato-grossense seja um vale de denudação, formado pelas águas que aí existiram e que, abrindo vazantes ao Norte e ao Sul, escoaram-se, levando as terras em dissolução... Os calcários e *macignos*, os concretos sílico-argilosos, os seixos rolados, geleiras de Agassis; os foramílios e outros fósseis marítimos, confirmando essa grande comoção terráquea, somente uma dúvida poderiam deixar – se foi ela que trouxe o mar ou se quem o levou – mas que tem, 10 solevamento dos Andes (de formação mais recente que o resto do continente) a explicação da retirada do mediterrâneo sul-americano...

– Não se pode dizer qual seja do Brasil a Província mais rica em produtos naturais, mas com certeza Mato Grosso é das mais avantajadas, se não ocupa o primeiro lugar. Situada no coração do continente sul-americano e dando saída às maiores correntes do mundo, ali foram encontradas as riquezas minerais à flor da terra pelos primeiros exploradores. Inúmeras são as minas que os sertanistas encontraram ou descobriram os garimpeiros – sem outras fadigas que as de suas aventurosas viagens, sem mais esforço que o de catarem o ouro e sem outras máquinas senão os mais rudimentares e primitivos instrumentos de labor. Sendo imensos os depósitos sedimentares desse solo, também imensos devem ser os seus repositórios de riquezas e, se a terra oculta hoje, seus opimos tesouros, todos sabem o que ela possui de ouro e ferro, de prata, de paládio e de platina, de cobre, de chumbo e outros metais, como sabem todos quão ricas são certas comarcas de seu território em diamantes e outras gemas... Toda a aresta ocidental dos Parecis, donde quer que manasse uma fonte, patenteou tesouros aos olhos fascinados dos aventureiros... Na bifurcação da Parecis com a Cordilheira do Norte há as encantadas minas do Urucumacuã, descobertas e não mais encontradas, quando voltaram a explorá-las... Para o mesmo lado exploravam os jesuítas do Madeira as nascentes do Candeias e do Jamari, contando-se que auferiam valiosas riquezas... Das origens do Paraguai, duas têm os simbólicos nomes de Diamantino e Rio do Ouro; e com este nome não menos de seis riachos se contam na Província...

– Mato Grosso é ubérrimo em vegetais de toda classe e proveito. A Medicina, a construção naval e terrestre, a marcenaria, a tinturaria, a peleira, etc. aí encontram repositórios de riquezas enormes. Aqui se desenvolvem perfeitamente todos os produtos de exportação do Império, inclusive o café... O açúcar, desde 1758 que se fabrica na Província... O *caa-mi* dos guaranis, cobre os distritos fertilíssimos de Miranda e Nioaque, do Taquari ao Apa... Quase só em Mato Grosso a *ipecacuanha* tem pátria... Como

a poaia, a baunilha, a quina, a japeacanga, a salsaparrilha e outros são tesouros da matéria médica muito comuns na região... Nas margens dilatadas do Guaporé, Mamoré, Madeira e outros cursos do sistema do Araguaia, Tapajós e Xingu, abundam extraordinariamente as seringueiras e o tocari... A beira do Paraguai, apesar da ignara devastação dos lenhadores, ainda se avista um ou outro jacarandá, guatambu ou vinhático, ipês e peúvas que, na estação das flores, tornam tão belas as matas, esmaltando-lhes o verde-escuro com altivas grimpas transmudadas em ramalhetes enormes e formosíssimos... É já tempo de falar nessas derrubadas...

– Desgraçadamente, Província tão opulenta em forças é a mais pobre em indústria... Fora dela, ninguém a conhece por um produto seu que a represente, que lhe seja peculiar... Só Mato Grosso conserva-se estacionário... Os grandes proprietários não conhecem hoje outra fonte de riqueza senão a criação de gado, introduzido em 1739 (criação extensiva que ainda perdura, nas campinas do Sul).

Os rios mato-grossenses e sua toponímia prendem a atenção de João Severiano, sugerindo-lhe notas preciosas:

– O Cuiabá, isto é, rodar, vir águas abaixo, ou, talvez, nome dos índios habitantes de uma baía donde nasce o Cuiabá-Mirim, ou ainda corruptela de *caioabá* ou mesmo de *caiabi*, índios que povoam as cabeceiras do Manso e Paranatinga. Ibitirati era o primitivo nome do Cuiabá, segundo o Padre Lozano.

– O Tapajós (corruptela de Tapaiu-Paraná ou Paraná-Pixuna, rio Negro) com cinco morros isolados e altos que se erguem a meio do rio, espalhados num trecho de 84 léguas...

– O Paranatinga (Rio Branco ou Paraupeba), o verdadeiro alto Tapajós, tantas vezes confundido com seu pequeno afluente São Manoel e denominado modernamente Teles Pires, em homenagem ao seu infortunado explorador, Capitão Antônio Lourenço Teles Pires, que nele pereceu, em 1890.

– O Sumidouro, afluente do Arinos, descoberto por João de Souza Azevedo, em 1746, e que assim o denominou por vê-lo cinco vezes esconder-se sob outros tantos túneis subterrâneos, túneis que bem atestam a natureza cretácea do solo.

– O Juruena, braço do Tapajós que, a poucos passos de sua nascente, corre já com uma profundidade de 4 metros e duas léguas abaixo, após sua primeira cachoeira, corre com ímpeto, pedregoso e semeado de entaipabas...

– O Xingu, um dos rios brasileiros menos conhecidos e sobre cujas origens mais dúvidas existem (em 1875)...

– O Araguaia (Rio Grande ou Berocoá dos carajás), rio majestoso de 1.800 quilômetros de extensão, dos quais 1.200 beirando terras de Mato Grosso...

– O Rio das Mortes – o *Iuaberó* (rio em forma de pé) dos Carajás...

– O Tapirapé – o *Manamberó* (rio das pedras) dos Carajás...

– O Miranda – rio que mais nomes tem: Mboteteí dos indígenas; Guararapé chamavam-no algumas nações; Mondego o denominaram os exploradores de 1770; Miranda crismou-o o ajudante Francisco Rodrigues do Prado que aí foi estabelecer um reduto ou presidio, em 1797; é ainda chamado Mareco, Guachii e Aranhani...

– O Apa-Piraí ou Nigui dos guaicururus...

2.2.3 – *Mato Grosso humano e econômico*

– Não pode ascender a mais de 55.000 almas (em 1875) a população civilizada da Província, a qual quase totalmente se concentra nas povoações, sendo mui diminuto o número de habitantes espalhados longe desses centros, nos almargeais das campanhas alagadiças ou no alto do Araxá, à beira das estradas de Goiás e do Piquiri... A essa população pode-se adicionar a população semisselvagem, aldeada ou mais ou menos em contato com a civilização e que orça nuns oito a nove mil índios... O Barão de Melgaço avalia em 25.000 a população de índios selvagens cujas tribos são conhecidas, em número de dezoito (a essa população acrescentavam-se 35.000 libertos e 6.000 escravos)...

– Muitas dezenas de anos e muitas gerações suceder-se-ão antes que a riqueza das nações e o esforço de seus braços possam abrir estradas – não já para locomotivas a vapor, mas simplesmente de rodagem, duradouras e permanentes. A baixa do terreno é por sua extensão um obstáculo insuperável, nas condições atuais desses países...

– Nenhum país do mundo, tendo menos estradas abertas, tem mais estradas que andam do que Mato Grosso, com sua extraordinária rede potamográfica, uma das mais opulentas do globo: na qual as correntes conhecidas são em número superior a seiscentas e em milhares se podem computar todas as que a formam... Se bem que encachoirados quase todos os rios que correm no grande Araxá, a maior parte deles oferece, no entanto, livre navegação em longos tratos desimpedidos de entraves, ora a meio de seu curso, ora mais geralmente na porção inferior...

– A face noroeste da Província é banhada pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira que lhe oferecem caminho para o Amazonas, com 3.000 quilômetros de vias navegáveis... O Guaporé (Itenez dos castelhanos) é um formoso rio de 1.500 quilômetros de curso de fácil navegação (fundo suficiente, nas águas, para grandes navios; 15 braças de largo e 2 de fundo na Ponte Velha, 110 quilômetros da cidade, no fim do verão)...

– Talvez não seja de muito acerto que se capitule do malsão e do inóspito o clima do Mato Grosso. Composto de duas regiões, o planalto e a baixada, são-lhe bem diversas as condições climáticas, pelo seu psometrismo, natureza e influência do solo. O ar seco, a temperatura relativamente baixa mais do que a das baixas regiões e, por conseguinte, mais agradável, e as águas mais puras e sãs constituem já, não salubre, mas salubérrimo clima o do planalto... E, pois, se essa região abrange cerca de duas terças partes do território mato-grossense, não é pelo clima da restante, isto é, das comarcas alagadiças, onde atua uma atmosfera densa, pesada e carregada de princípios miasmáticos, que se deve aferir o clima e salubridade – a constituição médica da Província...

– Não tanto à natureza, como ao homem, seus hábitos, meios em que vive e de que vive e, sobretudo, às forças de que dispõe, cabe a culpa da malária das regiões eleicas... É na evaporação rápida e fácil, aos ardores de um sol violento; é na irradiação noturna do terreno, quando se lhe começa o resfriamento; é, pois, na condensação dos vapores da atmosfera que se deve procurar a causa eficiente da insalubridade do clima... Mas se é imenso esse estuário dos pântanos, imenso corretivo tem ele nessa mesma amplidão, onde a luz fulgura sem rival, onde o sol putrefaz facilmente, facilmente seca

a terra; onde as grandes catadupas do céu lavam periodicamente e levam os produtos morbíficos de cada ano e onde os grandes rios que o atravessam são outros tantos canais de ventilação a modificarem benéficamente, com a corrente das brisas, o ar viciado da atmosfera... Fora absurdo atribuir ao clima enfermidades que o homem provoca e que se manifestam onde quer que leve a existência em completo desequilíbrio com os meios em que vive...

– Corumbá, situada numa altura de 30 a 35 metros, no meio de vastos alagadiços do Rio Paraguai – o lago periódico dos Xaraiés dos antigos – é altamente salubre e só passar por incólume das febres epidêmicas de mau caráter. Povoam-na (em 1875) 5.000 habitantes. Não tinha mendigos. Mas com a retirada das forças de ocupação da República do Paraguai, centenas de naturais desse país, que delas recebiam o pão, acompanharam-nas a Corumbá. A esses, seguiram-se outros foragidos... Corumbá e Ladário recebiam para mais de 4.000 imigrantes nas mesmas desgraçadas condições (dando à vila aspecto de povoação insalubre, tanta nas ruas a mendicidade, tanta a miséria, povilêu imenso, a maior parte refugiada no meio das matas que cercam a vila, em miseráveis choupanas)...

2.2.4 – *Mato Grosso pitoresco*

É na maravilha das descrições insertas no diário da Comissão de Limites que melhor se revela o escritor-acadêmico, fixando paisagens; descrevendo povos e costumes, numa sucessão de quadros que bem poderiam compor um guia turístico da Província, levando-nos em espírito a refazer aquela viagem ao redor do Brasil; detendo-nos a cada momento ante os cenários de maior encanto natural ou interesse geográfico ou histórico, para as minúcias que o cientista-cicerone nos revela, com amenidade, proficiência e senso didático:

– Pouco depois de passarmos o Apa, avistamos uma canoa que descia tripulada por selvagens. Eram cadiués, tribo que nos é afeiçoada e que bons serviços nos prestou por vezes, durante a guerra do Paraguai. Vinham saudar-nos, não tanto pelo afeto, como pelo desejo de obter presentes... Ricardo Franco cita sete tribos da mesma origem guaicurú: uatadéus, ejués, cadiués, pacaiudéus, cotoiudéus, xaquitéus, oléus. É gente esbelta e bem feita, cor moreno-clara... Contamos na barranca uma centena de homens e crianças. Ao ver-nos formaram em linha, empunhando remos que levaram ao ombro, verticalmente, à guisa de continência militar...

– Fecho dos Morros... Montanhas formadas pelo Pão de Açúcar, que é o Cerro Ocidental dos espanhóis, e outras seis mais, à margem direita, o Cerro Oriental, à esquerda, uma ilha alta e morro no meio do rio, onde está a guarda brasileira... À ilha davam os guaicurú o nome de *Huetirá* (pedra comprida)... É notável esse ponto pelo ataque que traiçoeiramente lhe levaram os paraguaios, em 14 de outubro de 1850, forçando a guarnição brasileira a retirar-se para a margem direita... No Chaco, reúne-se Bueno (o Tenente Comandante do posto) às tribos dos caciques Lapagate e Lixagote, cadiués, e toma em represália o forte Bourbon... Tem (o Pão de Açúcar, em 1872) um destacamento do 2º Batalhão de Artilharia a Pé... São encantadoras as paisagens que o rio nos vai des-

dobrando. O Pão de Açúcar e seus seis irmãos ainda estão no horizonte, à nossa esquerda já aparece outro grupo, o dos Três Irmãos, com o Forte Olimpo no alto de um deles...

– Forte Olimpo... São seis e não três os morros... Forte Olimpo ou Bourbon é uma antiga fortificação quadrangular, construída (pelos espanhóis, em 1792) com intuito de fechar aos portugueses a navegação para Mato Grosso... À direita, o Rio Branco... Já se começa a avistar as montanhas de Coimbra, sem que o Pão de Açúcar tenha-se sumido de nossas vistas... Baía Negra, antiga Ibiticarai... Forte de Coimbra, fundado em 1775, para obviar às contínuas depredações do gentio paiguá e, ao mesmo tempo, impedir que os castelhanos se animassem a invadir o território português... O Real Presídio de Nova Coimbra, reformado pelo Tenente-Coronel Ricardo Franco, resiste aos espanhóis e guaranis de Dom Lázaro Ribera, em 1801, e aos paraguaios de Barriós, em 1864, com o Tenente-Coronel Hermenegildo Porto Carrero. Depois da Guerra do Paraguai, foi reconstruído, em 1875, pelo Tenente-Coronel Joaquim da Gama Lobo d'Eça e Major de Engenheiros Francisco Nunes da Cunha... O rio (Paraguai cujas margens, principalmente à esquerda, não encontram desde muitas léguas obstáculos a suas transbordações), passa aqui apertado entre duas montanhas que, todavia, não o impedem de, nas grandes enchentes, ladeá-las e envolvê-las, convertendo-as em ilhas...

– Gruta de Coimbra... Cerca de 2 quilômetros acima do Forte ficam as celebradas cavernas... Vai à subida do morro por uma boa centena de metros. A entrada da gruta fica-lhe a mais de meia altura. É uma fenda que bem pode passar por portão, com seus dois metros de alto e quase outro tanto de largo... Assombra essa entrada uma enorme gameleira secular, cujas imensas raízes, grossas como troncos de palmeiras, penetrando no interior da caverna, até os últimos recessos. Uma escadaria de mais de 30 metros de altura, isolada das paredes laterais da gruta, deixa entrever precipícios, cujo fundo a vista não devassa. Descida essa escada gigante, chega-se a uma esplanada escura... À luz avermelhada das tochas, admiramos a extraordinária magnificência do labor da natureza; aqui eram colunatas de estalactites, torcidas como enormes alfenins que desciam de altura que os olhos não divisavam, parecendo teto invisível sustentar; ali eram estalagmites que no chão semelhavam maravilhosamente rendas, brocados, coxins, sob mil formas surpreendentes. Aos lados, a tênue penumbra deixava entrever caprichosas formações, ora engastando os penedos soltos, ora soerguendo-se dentre eles em fantásticas volutas... Nesta formação geológica de grês calcário com quartzo e argila, molasso ou talvez *macigno*, é que um dia virá, com o *fucus* e os detritos oceânicos, revelar a ciência, como fato inconcusso, a passagem das águas salgadas, a existência dos mares nessas regiões, coração da América do Sul.

– De Coimbra, a margem direita vai mais ou menos ondulada, em morrotes e colinas... Albuquerque Novo, pequena povoação e aldeamento de guanás e quinquinás... A montanha do Rabicho trouxe-nos à ideia o Gigante de Pedra, da entrada do Rio de Janeiro. Tem a aparência de enorme cabeça encoifada... Ladário... Foi o primeiro sítio da antiga Albuquerque... É hoje um vasto e formoso arsenal de marinha ainda incompleto... Arsenal e ao mesmo tempo praça de guerra, é fortificado pela face do rio e fechado por cortinas nas outras...

– A primeira povoação de Albuquerque, também chamada Albuquerque Velho, fundada em 1778, é hoje a Cidade de Corumbá. Em, 1810, era ainda uma fazenda de gado do Governo... Desde 1827 torna-se por alguns anos sede do Comando do 5º Distrito Militar e da Fronteira do Baixo Paraguai. Em 1872, foi ali criada a Colônia Militar da Conceição... Cinco fortins defendem Corumbá pelo lado do rio e uma cortina por terra... Receberam aqueles, denominações: São Francisco, Junqueira, Duque de Caxias, Conde d’Eu e Major Gama (o engenheiro que os planejou). Em 1862, tomou a nova vila e freguesia o nome de Santa Cruz de Corumbá... Ocuparam-na as hordas de Lopez por dois anos, até 13 de junho de 1867, em que o Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho, com forças de Cuiabá, tomou-a de assalto por surpresa. Em 1877, tinham abertas e povoadas dez ruas largas e bem alinhadas, cortando-se em ângulo reto, e três praças... Fronteira ao rio e com uma só ordem de casas, descortinando esplêndido panorama, a Rua Augusta (assim denominada, em homenagem ao Presidente Augusto Leverger e mais tarde, por ocasião da inauguração do Telégrafo, a 1º de janeiro de 1904, denominada Cândido Mariano e, sucessivamente, rebatizada como *General Rondon* e agora *Marechal Rondon*)...

– O solo de Corumbá é quase que inteiramente formado de calcário silicoso, cinzento ou negro, raras vezes esbranquiçado... Na escarpa da barranca, onde se abriram as Jaciaras que comunicam a cidade com o porto, vêem-se formando assoalho e paredes, no meio das pedras laminiformes, formosas dendrites (árvore fósseis) em que a natureza desenha árvores, flores, estrelas, arabescos e paisagens tão lindas quão caprichosas...

– Desde Corumbá começa o rio a ser mui tortuoso, a ponto de, durante quatro horas, deixar-nos gozar a vista da cidade a qual, desde a primeira volta do rio, mostra-se com um garbo e gentileza que a pobre ainda está longe de possuir. Seus edifícios avultam, como que ganham com a distância; as igrejas, ainda mesmo em ruínas, tomam formosas proporções e os fortins novamente caiados e a modesta casaria dão-lhe um aspecto encantador...

– Acima dos Castelos (dois morrotes fronteiros, numa pequena volta do rio), a Ilha do Paraíso ou Paraguai-Mirim, com 100 quilômetros de extensão sobre mais de 40 de largo. No tempo das águas, fica completamente submergida...

– Lagoa Mandioré ou Men dos antigos, formosa baía de 5 léguas de comprimento por uma e meia de largo, cercada de risonhas praias e de altas montanhas... No tempo das cheias, qualquer vento assoberba ondas como as do mar, ao passo que, na estação contrária, são colunas de pó o que o vento ergue... A canhoneira “Taquari” colta a água em todas as direções, fundeia bem perto às praias, chega a um formoso prado que parecia o limite das águas, mas foi abrindo passo à proa da canhoneira por algumas centenas de metros, até lugar em que toda a força das máquinas não pôde vencer a resistência das *fulcra* ou falsas raízes desses intricados hidrófitos – o *aguapé* -cobertos então de flores e formando, com o navio esbelto, parado em seu meio, o mais surpreendente e encantador espetáculo...

– Nuvens de grandes patos e marrecos cobrem as águas da lagoa, enquanto centenas, senão milhares de arancuás, jacus, jacutingas e jos aparecem às margens... Nos pantanais, passeiam pausadamente o tabujajá, o gigante tuiuiu, o jaburu, o socó-boi,

notáveis variedades de palmípedes longirostros... E as formosas garças de plumas e anhumas (tahás dos guatós)...

– Dourados... Altas montanhas de gneiss, em cuja fralda teve o Estado um pequeno arsenal de marinha que os paraguaios destruíram, na invasão de 1865. É a *Mcrapo* dos guatos (palavra que quer dizer montanha).

– Pedras de Amolar... Desde Corumbá que temos à vista estas formosas serranias da margem direita do Paraguai, tornando-se distintos, por sua forma perfeitamente piramidal, os picos dos Xanés...

– Margens bordadas de mangues, ingazeiras e canafítula... Quantidade prodigiosa de acácia angico... Nos troncos e braços das árvores corpulentas, enredam-se aroideia de folhagem diversamente recortada, quase todas variedades do gênero *imbé*, bromélias selvagens, acmeias de variegadas flores... às novas galas que traz do arvoredo esse flóreo revestimento ainda se junta que, nos ramos e galhos extremos, balançam-se compridos ninhos, como os dos xexéus, cujo vozear alegre e variado e os cantares de mil pássaros outros enchem de vida e animação os sítios...

– Se as águas deslizam-se suavemente, encostados às margens vão se amontoando os aguapés... Se o rio espraia num remanso, esses hidrófitos cobrem-lhe a tona, entremeados de outros, principalmente a cana ou mururé... Pelos bordos e remansos crescem extensos arrozais silvestres de que se aproveitam os guatós, os poucos e únicos habitantes dessas paragens. Além das margens, torna-se nesta época de enfloração tropical gratíssima à vista essa luxuriosa vegetação, matizada aqui e ali de enormes ramalhetes brancos, vermelhos, róseos, amarelos ou violetas, formados pelas flores das peúvas, das sapucaias, dos paratudos, dos novatos e das carobas, de todas a flor mais bela, pela formosa cor lilás de seus festões... Raro ainda, mas já aparece um ou outro cambará, árvore de porte e corpulência, cujas cimas se cobrem completamente de espigas amarelas... Mais raro ainda se avista e mais para o interior das terras o leque de uma palmeira de tucum ou carandá...

– Acima das Pedras de Amolar, as bocas do São Lourenço (de fato, as do Cuiabá) e mais acima e entrada da Gaíba, com o Morro do Letreiro: numa face cortada a pique, gravados por mão de homem selvagem sem dúvida, sinais conhecidos por aquele nome-letreiro... Parecem ser a representação do Sol, da Lua, estrelas, serpentes, mão e pé de homem, pata de onça e folhas de palmeira, no mesmo gênero de quase todas as encontradas nas itaquatiaras do Brasil...

– Lagoa Uberaba (Torequêbaco dos guatós) cujas águas azuladas avistam-se como um círculo de uns dez quilômetros de diâmetro. O canal do Jiquié (que Castelnau denominou Pedro II), tortuoso e fundo, estende-se por mais de vinte quilômetros. Entre ele e o Paraguai, desce uma serrania de formação granítica – a Ínsua (Ilha dos Morros de que fala Antônio Pires de Campos). O mais elevado de seus montes – o Morro do Gama – separa as duas Gaíbas...

– A Gaíba é a mais formosa de todas, quase circular, completamente limpa, bem definida no seu perímetro, bordado lado oriental por altas montanhas... Ao sopro da brisa, forma ondulações como o mar... Com ventos mais frescos, levanta escarcéus e sua navegação torna-se perigosa...

– A Uberaba representa um lago circular de vinte quilômetros de diâmetro, literalmente coberto desse prado de camalotes – longas ciperáceas e ninfeáceas, entremeadas de ponte, dérias, alismáceas, naiadeias e hidrocorideias, sobressaindo a todas a ninfeácea rainha dos nelumbos a *Victoria Regia* – a qual nesta ocasião, em plena enfloroscência, deixa ver entre as imensas folhas redondas, semelhantes a verdes bandejas, de metro e meio e mais de diâmetro, as suas não menos admiráveis flores, enormes bogarins, brancos com o centro rosado ao desabrochar, e olorosas, com cheiro de boninas; róseas no dia seguinte e, acentuada mais a cor, à medida que vão sofrendo a ação do sol; roxo-escuro, quando murcham... Chamam-lhe os guaranis *abati-irupé* (milho-prato d'água). *Iapunúauapé* (ninho de jaçaná) chamam-lhe os índios do Amazonas. *Jurupari-teanha* (espinho do diabo) as nações tupis do Norte. *Atum-sisac* (a grande flor) a gente quíchuá...

– São mui formosas essas paragens da Gaíba... Árvores enormes cobrem os albardões da lagoa e o seu terreno ubérrimo convida à fácil agricultura... A mais deliciosa caça ali se cria e em tão grande cópia que sobeja ao caçador... Só falta aí o homem civilizado e a indústria, para haurir as fáceis riquezas... Os guatós são a única tribo que aí vive e já muito resumida... De longe em longe aparece um pequeno alto – os redutos (ou aterrados), lugares sabidos de pouso...

– Do Descalvado à Corixa Grande do Destacamento medem-se 97 quilômetros; desse terreno mais de três quartos são completamente alagadiços, numa estação, e tão secos, na outra, que só escavando-se profundas cacimbas pode-se encontrar água, quase sempre branca, da cor do leite, do elemento calcário que traz em suspensão... Em todos esses campos, é notável uma aglomeração de penedos, cascalhas angulosos e seixos rolados, formando pequenas colinas que já vai se cobrindo de vegetação alta, no caminho do Cambará... Parece mais depósito de pedras preparado pelo homem que uma eversão da natureza (quem sabe se um *steinberg*, ou melhor, um *parkwerkbauten* dos primitivos habitantes, para resguardarem-se na estação das águas?)... As formigas e os cupins de diversos gêneros são os donos do terreno... Nas proximidades do Cambará, vê-se o campo coberto de colunas cilíndricas que os índios chamam *tacuru*, altas às vezes de dois metros, assemelhando-se a marcos ou pilastras – *frades de pedra* – a pequenos castelos, com seteiras, portas, terraços e torreões...

– Corixa Grande do Destacamento... O riacho tem origem numa caverna de um monte isolado do sistema da serra da Borborema (gneiss em decomposição)... Dentro se ouve o rumor das águas que caem, como em cachoeira, e vêm pelo chão dos corredores sair na quebrada onde soterram-se, aparecendo cinco metros adiante e já como um ribeirão...

– A linha limítrofe, continuada do marco norte da Lagoa Uberaba, vai encontrar o extremo sul da Corixa Grande do Destacamento, por esta segue até suas origens, sobe até o Cerro de São Matias e daí pela Serra da Borborema, com o dever de salvar o povo boliviano de São Matias, povoação de 200 almas, índios quase todos chiquitanos e alguns bororos...

– Sítio do Uauaçú... Tira seu nome de umas formosas palmeiras que aí abundam – a *attalea spectabilis* de Martius, *xalwtehodi* dos guaicurús...

– Salinas... Começam a sete léguas do Registro do Jauru; seguem para oeste e para o sul. De outro lado, estendem-se entre os Rios Paraguai e Cuiabá, entre Vila Maria e Poconé... Tanto os portugueses como os espanhóis as cobiçavam e pretendiam sua posse... Em 1837, na Presidência de Pimenta Bueno, foram considerados terreno neutro, mas seis anos depois (com o fim de evitar conflitos com os bolivianos) passaram a ser considerados, sem contestação, território brasileiro...

– Santa Rita. No tempo das chuvas, ribeirão de dez metros de largura, passa a rio caudaloso e depois se converte em lago, ou antes, em mar de água doce, ligando-se a outras inundações da Uberaba e dos Campos do Céu e Mar e de todos esses almargeais para o ocidente que quase vão achar termo nas escarpas andinas...

– Palmas Reais... Vem-lhe o nome da mata de buritizeiros, altas palmeiras, quase tão esbeltas como as chamadas imperiais, porém mais formosas na copa, com a sua coroa de leques arredondados como as da carnaúba...

– Morro da Boa Vista, o mais elevado dos que aí terminam a Serra de Aguapei. Cerca de quatrocentos metros de altura e de não fácil acesso, coberto de seixos e cascalhos de *gneiss* duríssimo, semelhante às pedras de machado dos índios... Entre os terrenos altos que se vão sucedendo, separados pelas corixas, vasta baixada de mais de légua de largura na seca, lagoa na estação chuvosa... Perigosíssimo deve ser este campo, no tempo das águas, pela extensão e natureza do solo argilo-calcáreo, e pior ainda quando começada a seca, por converter-se em pegajoso lamaçal...

– Quatro Irmãos, grupo de cinco morrotes, em cujo principal deve colocar-se, definitivamente, uma das balizas limítrofes... Ronda das Salinas, uma das mais antigas guardas portuguesas... As outras eram a Ronda do Sul, a da Ramada e a da Cacimba...

– Lagoa Grande ou Ponte Ribeiro (*Laguna del Marfil* dos bolivianos)... É nessas várzeas que têm origem o Barbados e o Paraguai. São elas tão baixa e sujeitas a inundações que, na estação invernos, vêm-se em canoas da cidade de Mato Grosso, em algumas ocasiões, por cima das matas... O posto de Salinas consiste em 3 palhoças habitadas por uma guarda do destacamento de Casalvasco...

– Casalvasco deve ter sido um bonito povoado... Seus campos são magníficos... Os mais lindos que tenho visto: imensa planície gramada, semeada de árvores isoladas... Aqui e ali *caapoãs* cerrados, orlados de gigantescas florestas indicam a passagem a seu sopé de correntes perenes... Cortam-nos em rumos leste-oeste várias volsantes, aqui conhecidas pelo nome de *peri*, voz típica da qual *vazante* é a tradução. Casalvasco é hoje apenas um posto militar, à margem direita do Barbado... É uma tapera Casalvasco, mas risonha ao primeiro aspecto, com a sua casaria de taipa acinzentada, coberta de telhas vermelhas, semelhando antes uma povoação nova, em via de construção, cujas casas rebocadas estão só à espera de uma derradeira mão de cal... Mas quanta ruína sob essa louçania feiticeira... Essas ruínas, ainda hoje notáveis, fazem cismar com tristeza no que foi Casalvasco, no que foi Vila Bela, no que foram tantos outros povoados do coração da América, cem anos atrás, e que sonhos de futuro, de grandeza e de poder não deveriam fazer seus habitantes, no meio de sua prosperidade, para a era em que estamos...

– Em 19 de março de 1752, erigiu Rolim de Moura em vila o antigo Pouso Alegre, com o nome de Vila Bela de Santíssima Trindade... Se não fossem os receios de

fundar a nova capital além do grande rio, tirando-lhe assim essa excelente trincheira natural e separando-a demasiadamente do resto da Capitania, é de presumir que Rolim a iria estabelecer nas faldas da alterosa e imponente serra que se eleva na outra margem (a Serra de Ricardo Franco)... A capital dos antigos Capitães-Generais não é hoje (1375) mais do que uma pobre povoação de uns 700 habitantes... As ruas são largas e bem traçadas, com boa casaria de pedra e cal, cobertas de telha, em número superior a 300... Entre esses edifícios avulta o palácio, habitação sólida e regular, cuja metade somente concluída... Seus salões, primitivamente pintados a óleo mostram ainda, sobre as portadas e lambrequins, frescos no estilo de Watteau e Laneret, mais ou menos originais, ora alusivos ao país, ora aos governadores... O quartel da guarnição é uma cópia reduzida do quartel da Aclamação da Corte... A matriz (igreja em ruínas) foi mui rica e guarda, ainda, os restos de sua prisca opulência, tais como velhos, mas ricos paramentos, imagens adornadas de jóias custosas de ouro, prata e pedrarias, imensos resplendores de ouro, coroas imperiais de tamanho natural, riquíssimas e bem cinzeladas custódias, cálices, patenas, navetas de ouro e prata dourada, turíbulos, imensas lâmpadas, tocheiras, varas de palio, candelabros... A Capela de Santo Antônio dos Militares, conquanto também muito danificada, ainda se conserva, graças aos cuidados do Comandante do Distrito... É dos templos da Província, talvez, o que mais riqueza encerra... Foi a sepultura do Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra (a Matriz o é do Capitão-General João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres). Tem a cidade uma escola de meninos (já teve uma aula de latim, nos seus bonitos tempos).

– Eis em breves traços o esboço ligeiro da capital dos Capitães-Generais – o empório das minas de ouro do Mato Grosso, país tão considerado da coroa portuguesa que nele via uma de suas mais preciosas gemas... De toda essa grandeza antiga quase que só restam reminiscências nessa pobre tapera ainda decorada com a hierarquia de cidade... Seu distrito militar, eclesiástico e judiciário abrange todo o território ocidental da Província, desde a foz do Gi-Paraná, no Madeira, cortando pela Cordilheira do Norte em direção ao Registro do Jauru...

Mas conclui o insigne geógrafo-escritor suas observações de 1877, com um vaticínio otimista que já se traduz em palpável realidade de nossos dias:

– Tempo virá longe, muito longe talvez, quando já não exista senão o renome dessa cidade injustamente desacreditada; quando o homem venha em busca das verdadeiras riquezas do solo, desse solo ubérrimo e de tão fácil conquista, para prosperidade e o desenvolvimento do País; quando se agregue a população e com ela surja o comércio, a agricultura e a indústria; e quando o grande e formosíssimo Guaporé, franco das cabeceiras à região encachoeirada do Mamoré, entronque sua fácil navegação à via férrea do Madeira; e que o povo, vigoroso e cheio de ânimo, dispondo de mais força e a agilidade de melhor aviso, encontre outra facilidade, para remover os óbices ao seu adiantamento; a Cidade de Mato Grosso, o verdadeiro coração da América Meridional – vivificada por essas duas artérias sem rivais no mundo, o Rio-Mar e o Prata, ligados entre si por fácilíssima estrada de ferro de vinte e poucas léguas, dele ao Jauru – será o centro da vida dessas regiões, tão preñes de riquezas nos três reinos naturais, quão de misérias, atualmente.

CADEIRA 18

PATRONO

Francisco Antônio Pimenta Bueno

OCUPANTES

José Magno da Silva Pereira

Alírio de Figueiredo

Francisco do Amaral Militão

Hélio Serejo

Marta Helena Cocco

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO FRANCISCO DO AMARAL MILITÃO

Cuiabá, 7 de setembro de 1968

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE
DE FRANCISCO DO AMARAL MILITÃO, PELO
PRESIDENTE PE. WANIR DELFINO CÉSAR**

**DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO FRANCISCO
DO AMARAL MILITÃO, PELO ACADÊMICO JOSÉ JAYME
FERREIRA DE VASCONCELLOS**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FRANCISCO DO
AMARAL MILITÃO**

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO FRANCISCO DO AMARAL MILITÃO, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, PE. WANIR DELFINO CÉSAR

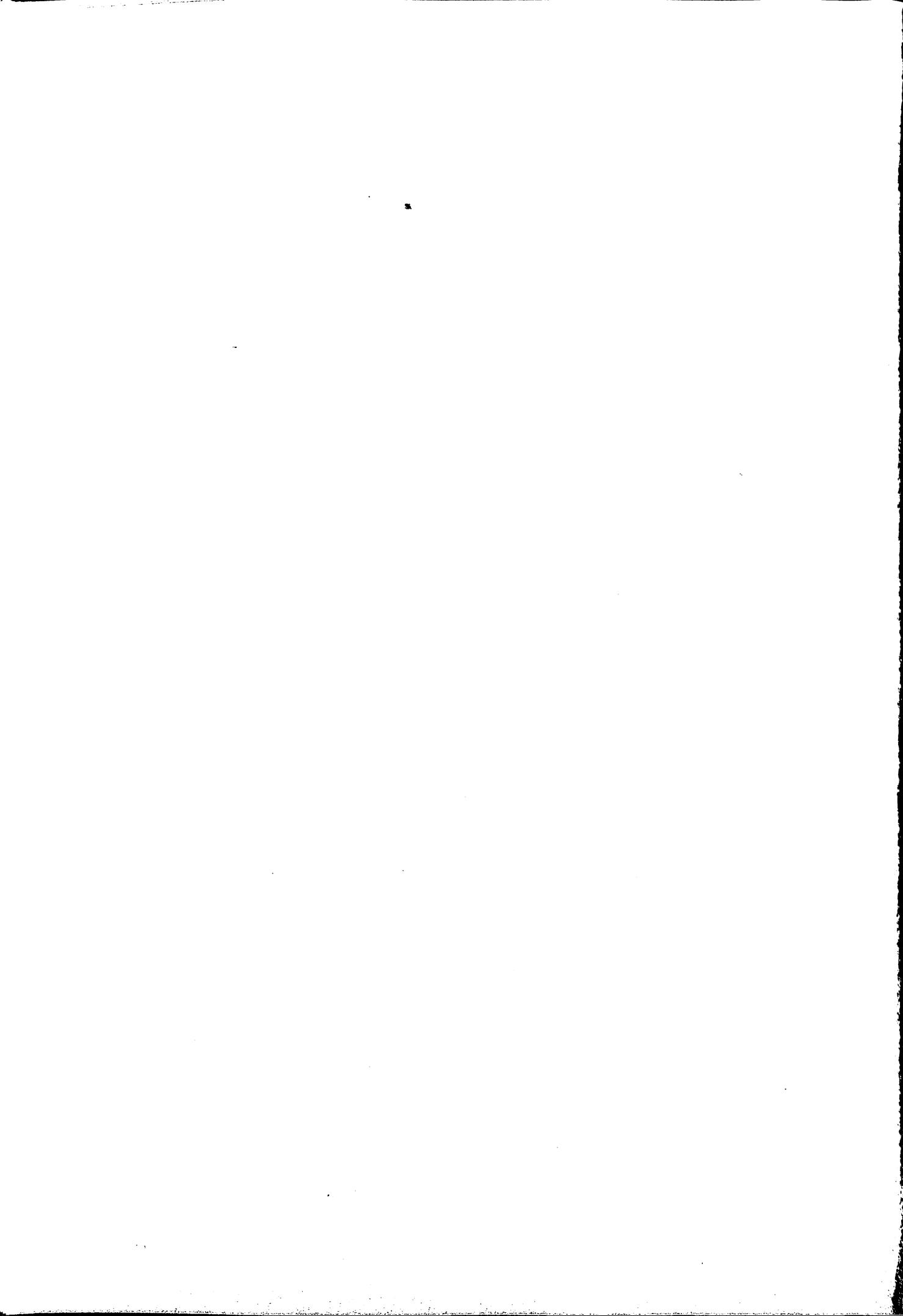


Neste dia de intensa vibração cívica, em que todos os quadrantes da grande pátria comum os corações palpitam, no ritmo empolgante dos mais nobres sentimentos de brasilidade, é com o mais acendrado júbilo que a Casa Barão de Melgaço se engalana toda, para marcar o *albo lapillo* esta data, com a posse de um novo sócio, na pessoa ilustre do Dr. Francisco do Amaral Militão, que ocupará a cadeira n. 18, patrocinada por Francisco Antônio Pimenta Bueno, figura luminar da nossa história cultural e política. Nesta cadeira vem o novel acadêmico suceder a um dos mais insignes filhos de Mato Grosso, o saudoso desembargador Alírio de Figueiredo, cujos dotes de caráter e de cultura constituem, sem dúvida alguma, um título glorioso da Academia Mato-Grossense de Letras.

E é para nós, na dignificante investidura da presidência deste sodalício, honroso e consolador verificar a presença de autoridades mais representativas da nossa terra... Numa época de controvérsias e de reformulações, quando as mais díspares aferições de valores se erigem em postulados, impondo-se às determinações marcantes e de consequências imprevisíveis, nós damos graças a Deus por iluminar os nossos homens públicos, fazendo-os compreender a importância de uma instituição como esta, que há quase meio século vem patenteando o valor cultural de Mato Grosso, a despeito de todos os percalços, que podem envolver as atividades literárias, em meio a uma sociedade cada vez mais utilitarista e preocupada com os problemas econômicos, que constituem a nota dominante dos nossos dias.

Estamos certos de que o ilustre Governador Pedro Pedrossian, aqui representado na pessoa do nosso eminente conterrâneo Coronel Olavo Duarte Mendes, está capacitado de que a cultura é aspecto imprescindível no complexo do desenvolvimento e do verdadeiro progresso a que todos aspiramos. E neste sentido, dentro do espírito progressista com que imprimiu uma nova cadência aos gloriosos destinos da nossa estremeada terra, saberá proporcionar às nossas Instituições culturais as atenções e o eficiente amparo de que elas necessitam para a concretização dos seus elevados objetivos, a fim de que possa, na plenitude de suas atividades, realizar o insigne papel que lhes compete no progresso do desenvolvimento a que todos fomos conclamados pela palavra paternal do sábio Pontífice Paulo VI.

Em nome desta Casa falará o nosso douto confrade Dr. Jayme Ferreira de Vasconcellos, que com sua palavra fluente e a lucidez da sua inteligência receberá o novo confrade. Está aberta a sessão.



DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO FRANCISCO DO AMARAL MILITÃO, PROFERIDO PELO ACADÊMICO JOSÉ JAYME FERREIRA DE VASCONCELLOS



Digníssimas autoridades civis, miliares, eclesiásticas. Gentis Senhoritas. Minhas Senhoras e meus Senhores. Nobre Presidente da Academia e meus confrades. Ilustre acadêmico Francisco do Amaral Militão.

Não sei que estranha obnubilação da autocrítica me levou a aceitar o convite deste douto e prestigioso sodalício para o representar nesta hora auspiciosa, em que recebe oficialmente seu novo imortal, o nosso distinto confrade Doutor Francisco do Amaral Militão, quando, nesta Academia, que o gênio fulgurante de Dom Francisco de Aquino Corrêa traçou os Estatutos e instalou, recebendo a láurea de ser Presidente de Honra. Tantos colegas ilustres melhor se desincumbiriam desta honraria. Mas, podia o mais obscuro, um dos mais idosos, dos membros da Academia Mato-Grossense de Letras – que o recebeu em 20 de janeiro de 1945 – recusar o convite recebido por intermédio do operoso, infatigável, brilhante secretário da entidade, o consagrado polígrafo Rubens de Mendonça? E não seria, também, um desprimor negar-se o orador a receber, em nome da Casa, essa mentalidade excepcional que é o novo Acadêmico?

E, finalmente, aqui estou, esquecido das minhas deficiências, mas cômico de que procurarei cumprir o honroso dever.

Doutor Amaral Militão: se os vossos diferentes e valiosos trabalhos no setor cultural, notadamente em assuntos tributários, não fossem suficientes, o elegante discurso com que acabais de encantar esta numerosa e seleta assistência, plenamente justificaria a consagradora unanimidade dos nossos votos, quando da vossa eleição. Homem de ação, professor de Humanidades e diretor de um Ginásio na fascinante cidade do Recife, autor de diversos trabalhos, notadamente no campo do trepidante direito tributário, trazeis ao Cenáculo da cultura mato-grossense o concurso poderoso de uma esclarecida inteligência, que se vem especializando num setor difícil, dia-a-dia mais impressionante, na vida agitada da nossa época; setor em que, na História do Brasil, um filho de Mato Grosso tanto a tanto se agigantou: Joaquim Murтинho! Dentre os livros do nosso eminente recipiendário, deve-se destacar o volume de cerca de 170 páginas *Assuntos Tributários*, em interessante edição da conhecida Livraria Ruy Barbosa, de Campo Grande-MT, no qual são magistralmente estudadas as teses: Cheques sem Fundos, Usura, Novação, Sigilo, Evasão de Impostos, com números, citações.

Pela profissão árdua, de representante do Poder Público, na esfera administrativa da fiscalização das rendas públicas, o nosso novo confrade deveria ser, dentro da opinião de Ruy, de que “*a obra homem com personalidade se confunde*”, um homem frio, inabalável às emoções, mas isto não ocorre com o Professor Amaral Militão, que é um lídimo beletista, o que alguns dos seus vários escritos revelam e a linguagem escorreita dos seus livros comprova e documenta.

Confesso-me, meus senhores e gentis senhoritas, passadista convencido, daquele a quem a vibrante e veemente *jovem guarda* classifica de *quadrados*. Sou daqueles que conservam das Academias de Letras a velha noção de serem *diretórios intelectuais que mantêm, ou devem manter, na literatura o gosto impecável, a delicadeza, a finura do tom sóbrio, a pureza da forma, o decoroso comedimento, todas as qualidades de distinção, de proporção e de ordem*, isto no dizer de Eça de Queiroz, em seu livro *Notas Contemporâneas*. E, a essa concepção, que considero ser o dever das Academias, tenho a apoiá-la estas palavras de Aloísio de Castro, ao tomar posse da presidência da Academia Brasileira de Letras: *Há para as Academias um programa universal: a defesa das leis do bem falar e escrever, da cultura, da língua e da literatura nacional*. E mais adiante acrescenta: *Considero pernicioso a tolerância graças à qual está medrando entre nós uma literaturazinha que pretende representar a vocação da nossa raça e a verdadeira inspiração do sentimento brasileiro. Quer se incorporar ao nosso vocabulário um outro de modismos e chatices outorgado por tocatas de violão... O sertanista entra nisso como salvo conduto para dar cunho nacional a tais produções. Com tais modelos, onde se sente o gosto e o cheiro da África*. E ainda o mesmo, citando Francisco de Castro, em defesa do espírito literário contra essa invasão:

Com o elemento medíocre começa a ação corrosiva da batalha dos vermes no corpo inanimado; o despenhamento profundo sob o martelo das raças decadentes. É o momento das aberrações literárias: os levitas abandonam o santuário poluído: fecham-se para a arte as perspectivas prementes de luz e de vida.

Nossa concepção das Academias – incrustada no nosso subconsciente de onde não conseguimos arrancá-la – é de que o precípua dever de uma Academia de Letras, e isto nos foi ensinado, entre outros pela clarividência e cultura do Príncipe das Letras Mato-grossenses, Dom Francisco de Aquino Corrêa, é zelar pela vernaculidade da linguagem, notadamente quanto aos escritos, *na beleza da forma e na beleza da matéria*, ressalvada a condenação proferida contra os excessos do parnasianismo, quando decadente, que pelo gênio de Euclides da Cunha, foi, por esse escritor, classificado de *idiotice do culto fetichista da forma*.

Dizemos que, antigamente, era esse o culto da perfeição da forma, a grande missão das Academias, mas o advérbio de tempo se nos impunha, pois que hoje, e esta constatação é para nós – passadista – constrangedora; o que vemos é coisa bem diferente, é a estarrecedora consagração do *palavrão* de que usam e abusam certos conhecidos escritores, em obras consagradas por Academias, como se em nosso vastíssimo idioma, de vocabulário rico entre os mais ricos, a *última flor do lácio*, no dizer de Olavo Bilac, não houvesse palavras limpas e corretas, capazes de expressar o mais realista dos pensamentos. Afinal, com estas inovações literárias, não podemos permitir aos nossos filhos, ou netos, a leitura de renomados livros de laureados escritores, para que neles, as crianças, não aprendam palavras que em casa proibimos-lhes pronunciar!

As letras, em cujo nome aqui nos reunimos, qual outrora, ao sopé do Parnaso, aqueles poetas do luminoso quadro de Rafael, não são outras que as belas letras, isto é, aquelas que mais de perto entendem

nas manifestações do belo: nem outro é o espírito que nos bafeja, senão aquele mesmo ideal de helênica beleza que anima a tela do grande Urbinate. (Dom Aquino, Terra Natal, p. 22).

São, ainda, desse espírito cintilante, que no Episcopado brasileiro, como na Academia Brasileira de Letras tanto elevou o nome de Mato Grosso, estas palavras sobre os fins do Centro Mato-Grossense de Letras, de que surgiu esta Academia:

Bem inspirado, se propõe a fazer uma literatura que não só respeita a moral, mas a edifique, exalte e sublime.

Não queremos esta literatura das pornografias, que desvirginam a pureza dos sentimentos e afrouxam a integridade dos caracteres, desencadeados a miúdo, sobre a família e a sociedade, os mais tremendos infortúnios. (Dom Aquino, Terra Natal, p. 35).

Possa, Sr. Amaral Militão, com a sua preclara inteligência cooperar para que esta Academia se mantenha fiel às tradições acadêmicas, zelosa ao seu primordial dever de defensora corajosa do vernáculo, não abrindo as suas portas a essa onda espúria de *soi disant* “escritores” que se esforçam, solertes, em lisonjear os baixos instintos de incientes leitores, ávidos de sensualismos, de erotismos, enfim, dos excitantes ministrados pela desprezível porneia, plumitivos que degradam a linguagem vermicular e para os quais foram escritas estas candentes expressões, por esse lumiar do pensamento nacional, já citado:

Já parece coisa de espanto amar as riquezas de nossa lídima linguagem, quando hoje ela por aí vai, desbotada, reluxada, desprezada, enquanto prosperam as chulices da gíria e o falar enxacoco. Pois quem mais se atreve à paciência de estudar por muitos anos e ainda a vida inteira? Isso de linguagem – ninharias, coisas de nonada. Se os erros gritam, vem por desculpa o uso, o uso que faz lei. Cômodo e simples. (Discurso de posse na ABL de Celso Vieira)

O notável poeta lírico italiano Leopardi, consagrado autor de *Canzoni*, *Odes* e de maravilhosas traduções comentadas da *Iliada*, *Odisséia* e *Eneida*, conta num dos seus poemetos satíricos que tivera um sonho curioso, no qual, em visita à oficina das Musas, uma delas lhe foi mostrar os principais instrumentos da Arte, explicando-lhe a serventia de cada um no preparo da prosa e do verso. E que ele, no final, indagou: mas não há uma lima para tirar as arestas e aperfeiçoar a obra realizada? Ah! Respondeu a Musa, sim, a lima, esta se quebrou, já não precisamos dela. E o poeta sugeriu que se poderia consertar, ao que a Musa respondeu: *isso se tivéssemos tempo...*

Triste verdade que de impõe ao estudo numa Academia de Letras. Não há mais tempo para procurar a perfeição. Não mais se quer saber que uma palavra, para um escritor, qualquer que seja o seu gênero literário, é um valor, que só deve ser utilizado com infinitos cuidados.

Sr. Amaral Militão: a parte do vosso discurso referente à crise externa que a Humanidade está atravessando é modelar e digna de figurar em antologia. Nela se refletem os profundos conhecimentos do novo Acadêmico da moderna Sociologia e das complexas ciências econômicas, em que o recipientário é mestre. Nas justas críticas aos defraudadores do fisco – que são os grandes capitalistas e não os pobres funcionários, pois estes são descontados em folha – fala com autoridade o zeloso representante da Fazenda Nacional. E na veemente reprovação dos Zoilos que atacam a Igreja e seu episcopado e deturpam o pensamento cristão das últimas Encíclicas, falam nobremente os sentimentos católicos do Professor Amaral Militão, manifestos já noutros escritos, como no seu formoso discurso em manifestação feita ao virtuoso Bispo de Campo Grande, Dom Antônio Barbosa. Suas referências à juventude são um hino de confiança em nossa vibrante Mocidade, que é, afinal o Brasil de amanhã, e sobre a qual, com brilhantismo e acerto, D. Aquino escreveu:

Façamos a literatura da esperança. Confiemos em Deus, na Pátria do futuro, nas grandes verdades que não passam.

E, pois, que a mocidade é a mais bela encarnação da esperança, façamos uma literatura que eduque e eleve, propinando-lhe no vaso de ouro filigranado e terso das letras, não o veneno róseo da porneia nem os perrixis do erotismo fácil e enervante, mas sim, as ambrosias e os néctares dos entusiasmos puros, das virtudes generosas, das crenças fortes, dos patriotismos sinceros e dos heroísmos que glorificam todo uma raça.

O novo membro deste augusto sodalício, Professor Francisco do Amaral Militão, que ora recebemos nesta bela solenidade, nasceu no Estado do Ceará, nesse magnífico Ceará dos “*verdes mares bravios*” onde nasceu também José de Alencar, que foi o primeiro romancista integralmente brasileiro, na consagradora opinião do imortal Machado de Assis, que sobre o genial autor do *Guarani* e de *Iracema*, em seu discurso de inauguração da estátua de Alencar, no Rio de Janeiro, escreveu:

O espírito de Alencar percorreu as diversas partes da nossa terra, o norte e o sul, a cidade e o sertão, a mata e o pampa, fixando-as em suas figuras, compondo assim as diferenças da vida, das zonas e dos tempos, a unidade nacional da sua obra. Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. A imaginação, que sobrepuja nele o espírito de análise, dava a tudo o calor dos trópicos e as galas viçosas da nossa terra.

Ceará glorioso, de Alencar, de Clóvis Beviláqua, dos Aciolys, do misticismo desse inesquecível Padre Cícero, de Francisco de Sá, de Raquel de Queiroz, de Humberto de Alencar Castelo Branco e de Francisco do Amaral Militão. Ceará que tão dignamente representais, e de que sereis, entre nós, embaixador da cultura cearense.

A Vida Pública do Novo Acadêmico

Bem cedo começou Francisco do Amaral Militão a sua fecunda vida pública. Contava apenas 17 anos de idade, quando, em Fortaleza, capital do seu belo Ceará, começou a lecionar matemática em cursos especializados para o ingresso nas Academias Militares. Também começou, por essa época, já bem distante, sua eficiente cooperação na vida jornalística da formosa e adiantada capital do fascinante Ceará. Em 1946, concluiu o seu curso de Bacharel em Ciências Econômicas, pela Universidade do seu Estado. Em 1950, fundou e dirigiu, durante alguns anos, em Recife, o conceituado Ginásio Farias Brito, no qual exerceu a cátedra de matemática. Em 1953, fez concurso para Fiscal do Imposto de Consumo, sendo aprovado e nomeado. Em Recife publicou o seu primeiro livro: *Teste de Direito Comercial*, em 1952. Em 1963, publicou o livro *Assuntos Tributários*; em 1964, deu a lume o livro *Banco e Fisco*. Desde 1965, é Catedrático de Direito Tributário, na Faculdade de Direito de Campo Grande.

Na sua fase de jornalismo, de 1940 a 1949, também publicou versos, mas destes não conseguimos obter cópias, por entender o nosso atual confrade que não se harmonizava o título de poeta com o de financista...

Na sua operosíssima carreira de funcionário público – auxiliar prestimoso da arrecadação das rendas da União – a correção da sua conduta, inflexível na exigência ao cumprimento das complicadas leis tributárias, mas bondosamente sempre mais disposto a aconselhar do que punir, o seu prestígio pessoal e funcional elevou-o até as alturas de inspetor, e durante a sua trajetória conquistando-lhe a aprovação ministerial para poder aceitar as pesadas atribuições de Presidente do nosso Banco do Estado de Mato Grosso, com que honrara o preclaro Governador Pedro Pedrossian, funções que as extremadas exigências de partidatismo não permitiram exercer por muito tempo, mas que voluntariamente deixou com a reconhecida hombridade com que as aceitou, *sans peur et sans rancune*, retornando às suas atividades na fiscalização das leis da União referentes ao Erário.

As coisas do espírito, nesta trepidante segunda metade do século XX, estão sendo afugentadas pelo ruído ensurdecidor das máquinas, dos aviões a jato e supersônicos, dos foguetes teleguiados, das pesquisas estratosféricas e dos aparelhos nucleares.

Como que a famosa desintegração do átomo e as mortíferas irradiações dos nêutrons e prótons e elétrons está perturbando a espiritualidade humana, deixando-nos a todos atônitos, ante a complexidade dos problemas que as conquistas da técnica e da ciência nos apresentam. As mais estranhas concepções da inteligência humana fazem a nossa frágil percepção debater-se na ansiedade e na confusão. Não querendo aceitar o confucionismo das teorias de Herbert Marcuse, não podemos nos furtar a perplexidade que elas nos acusam, principalmente as expostas no seu recente livro *Ideologia da Sociedade Industrial*, onde o autor de *Eros e a Civilização* desenvolve a tese alarmante de que a tecnologia e a automatização reduzem cada vez mais o homem à condição de coisa, que é, diz Marcuse, *a forma pura de escravidão*.

E é o reconhecimento, ou pelo menos o reflexo, dessa verificação – de que no terreno espiritual o homem nada tem obtido – com os progressos imensos, eston-

teantes, da mecanização até a cibernética – que está provocando as assoberbantes crises sociais, num anseio de reformas estruturais e de incontida revolta da mocidade contra as lideranças de um passado imprevidente. O individualismo do século XVIII fracassou; o liberalismo econômico, do século XIX, pelos abusos dos detentores do poder econômico, também se esboroa lentamente, ante a vitória do dirigismo estatal e das coordenações de atividades econômicas, em benefício do povo, que são conquistas do Direito Social, mas contra as quais se erguem os potentados, assestando contra elas as poderosas armas da propaganda pela imprensa falada ou escrita, que está em suas mãos.

Como poderão as massas populares, em sua grande maioria, pouco alfabetizada e muito suscetível, a aceitarem o que lhes diz o artigo do jornal ou o locutor do seu rádio, furtar-se à aceitação das tiradas demagógicas dos poderosos, rebelados contra as autoridades que lhes exigem o pagamento dos tributos, para que o Estado possa atender as crescentes necessidades do Povo?

Só podemos, segundo nosso fraco entendimento, fugir desse materialismo que nos vem asfixiando com um supremo esforço para o renascimento do espiritualismo cristão, o que às elites cumpre pregar e praticar, mormente numa Academia de Letras.

A humanidade (diz Haroldo Valadão) já está cansada de falsos profetas, o povo já está fatigado de demagogos ignaros. Não quer mais discursos, senão exemplos. Tem os ouvidos cheios de palavras e os olhos vazios de realidades. Quer homens sinceros e corajosos, que saibam proclamar e praticar, na sua vida pública e particular, a verdade, a justiça e a caridade.

Sem essa volta ao espiritualismo, sem uma viva reação contra os manipuladores da escravização intelectual, a que o domínio da máquina está reduzindo o homem, que deixou de ser um valor para ser uma insignificante peça da dominadora automatização, sem o que nos estremos transformando, passivamente, em mesquinhos autômatos, dirigidos por poucos, mas solertes beneficiários das descobertas da ciência, que acionam todas as máquinas, inclusive as norteadoras do pensamento. Com essa tremenda situação em que as próprias conquistas da ciência se voltam agressivamente contra o Homem, aumentarão a intensidade e de violência todas as crises dos nossos dias. Crises desoladoras, pois são crises do pensamento universal, angustiadas pela indecisão dos rumos a seguir. Observamos, e mesmo sentimos, as nossas deficiências, os nossos erros, mas o materialismo não nos mostra como os corrigir, levando essa perplexidade a veemente juventude para a revolta da sua justa insatisfação, na incontida ansiedade de reformas, urgentes, universitárias, econômicas e sociais, nas quais se reconheça o drama do que esse iluminado Presidente Kennedy disse, em memorável discurso: *Se a sociedade livre não conseguir ajudar os muitos que são pobres, não poderá salvar os poucos que são ricos*. Porém, as reformas ambicionadas, cuja necessidade todos reconhecemos, têm de ser planejadas. E por quê? Pelos líderes desse mesmo poder econômico, logicamente interessados na conservação dos seus privilégios! E Kennedy foi assassinado.

Ainda há dias, e isto concorda, quanto à degradação das cousas do espírito com o nosso pensamento, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, cenáculo quase centenário que congrega os melhores valores da intelectualidade paulista, aprovou, por unanimidade, uma moção de solidariedade ao velho matutino *O Estado de São Paulo*, que lhe foi apresentada pelo consagrado estilista Alfredo Gomes, e da qual constam estas palavras, profligando os abusos da linguagem do chamado “teatro novo”.

Elementos do teatro que atuam na capital paulista decidiram devolver ao jornal “O Estado de São Paulo” o troféu Saci a eles atribuído pela vivência, desempenho e interesse artístico, porque o grande periódico não pactua, não se compromete nem defende a imoralidade, a obscenidade e a deturpação da linguagem, tipicamente comerciais, sordidamente, comerciais, que desfiguram, mutilam e aviltam as manifestações superiores da sensibilidade humana.

No afã de cortejar clientela ou público, sob a camuflagem de popularizar mensagens, estranhamente esotéricas, no cripto sentido que se lhes pode emprestar, o teatro vem se esvaziando de sua riqueza cultural, de sua missão enobrecedora do homem, de seus altos objetivos psicológicos, visando ao mundo melhor. O que há num espetáculo, ou pseudo espetáculo, é o naufrágio no submundo, num mundo enlameado, onde o próprio ouro da inteligência cobre-se da ganga impuríssima de palavras que, mesmo como interjeições explosivas em situações difíceis ou não, são evitadas pelos que se respeitam a si mesmos ou aos outros; onde a inteligência se degrada pela exploração de temas que refletem a desorientação dos que só podem compreender o mundo – o pior mundo – subversivamente desordenado.

A vossa fulgurante passagem pelo setor das belas letras – Sr. Dr. Amaral Militão – comprova que outra não tem sido a vossa orientação mental. Vosso discurso há tempos dirigido ao nosso confrade Antônio Barbosa, o confirma plenamente. Daí o vosso ingresso por honrosa votação unânime, na Casa do Barão de Melgaço, e nesses vossos pendores intelectuais, repousa a nossa confiança, de que ajudareis a Academia Mato-Grossense de Letras a, dia a dia mais eficiente, cumprir os postulados que lhe traçou a palavra aurifugente de D. Aquino Corrêa, no discurso inaugural. Sede, pois bem-vindo, ilustrado e novel confrade.



DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FRANCISCO DO AMARAL MILITÃO



Senhores Acadêmicos.

O destino tem às vezes estranhos caprichos: ora precipita na obscuridade, sem transição, aqueles que na véspera brilharam no palco do mundo, ora inopinadamente chama para o primeiro plano, a fim de os cobrir de glória imortal, aqueles que a princípio, conforme tudo indicava, deviam desempenhar na história tão somente um papel apagado ou secundário. (Henri Robert. Os grandes processos da história. Tradução de Juvenal Jacinto – III, Série 3. Editora Globo).

Quis iniciar o meu discurso com estas palavras de Henri Robert sobre Catarina a Grande, por sabê-las se ajustarem a mim.

Quando conheci a fachada deste Templo, lá fora, disseram-me ser a *Casa Barão de Melgaço*, sede da Academia Mato-Grossense de Letras. Lembro-me que parei por instantes e por momento alimentei a ideia de vir a ser um dos eleitos desta casa; mas logo soltei o pensamento, ante meus apoucador méritos, por ser o meu labor intelectual mais técnico que literário e pelo fato de que o meu nascimento não se dera nesta fabulosa terra que o meu coração adotou (Modéstia à parte, sou cearense).

Vêm-me agora, à lembrança, fato da minha meninice: vários intelectuais, entre eles o Professor Martinz de Aguiar, sumo pontífice da língua portuguesa, aqui e no além mar, o capitão Walter Pompeo e outros – reunidos na sala de meu pai, falaram, trocaram ideias, discutiram, mas os meus dois lustros não me permitiram entender o de que cuidavam, apenas malicieei trata-se de política, tal o calor na defesa dos pontos de vista. Fiquei sabendo, logo depois, ser o assunto sobre a reorganização da Academia Cearense de Letras e, informado do seu significado, pensei de mim para mim: hei de ser acadêmico, um dia serei imortal...

O tempo foi passando, tomei o rumo das ciências exatas e depois entrei no campo do Direito.

Na mocidade andei delinquindo contra a arte, escrevi uns versos que logo os destruí e hoje não me envergonha a juvenília; talvez, presentes aqueles arroubos da juventude, dificultassem o meu ingresso na vossa Arcádia.

O único contato que tive a respeito foi com essa figura brilhante de intelectual e político que é o Doutor Lenine de Campos Póvoas; encontrei o Lenine no jardim, recebendo dele o seguinte boa tarde: *Recebi seus livros, já os li, gostei e vou votar em você, mas veja meus sapatos como estão surrados!* Qual é o seu número? – Responde ele, 41; na mesma tarde comprei na Loja Ayoub um bom par de sapatos e encarreguei o Dr. Ênio Póvoas – meu amigo e primo dele – de fazer a entrega de apenas um pé, deixando o outro para depois da eleição. Sim, não o sou eu, porém, é ele político e dos melhores desta terra.

Apurado o pleito, qual não foi a minha alegria, surpresa mesmo: Fora eleito por unanimidade de votos.

E aqui estou Senhores Acadêmicos com a alma prosternada e o coração exultante; a alma se confrange porque não me reconheço méritos para tão ilustre convívio, regozija-se o coração porque é enorme a mercê.

Feito o introito, que as palavras seguintes sejam de agradecimento por me terdes aceito, honra altíssima, por me terdes tonado em um dos vossos. Ah! Se eu fosse aquele melro de Guerra Junqueira (*O Melro*, de Guerra Junqueira) para, numa linguagem vossa própria dar *verdadeiras risadas de cristal*, dizer em prosa e verso, dizer completamente o meu sentir; Ah! Se eu fosse aquele *assombroso ourives literário* de quem nos fala Humberto de Campos (Olavo Bilac em *Carvalhos e Roseiras*, p. 21. W. M. Jackson, editores, 1945) para, com filigranas de linguagem, engastar numa peça literária o meu coração rubro de alegria. Senhores, perdão para o artífice que ele não tem culpa de não ser artista.

Francisco Antônio Pimenta Bueno

José Antônio Pimenta Bueno, o Marquês de São Vicente, brasileiro de São Paulo, doutor em direito e político, juriconsulto e autor de várias obras foi um vulto distinto que ocupou vários cargos e funções de importância. Administrava a Província de Mato Grosso quando, no dia 10 de novembro de 1836, nasce-lhe um filho que recebe o nome de Francisco Antônio Pimenta Bueno, o patrono da cadeira n. 18 da Academia Mato-Grossense de Letras que venho ocupar.

Aluno da antiga Academia Militar, Francisco Antônio Pimenta Bueno, bacharelou-se em Matemáticas e Ciências Físicas, chegando mais tarde ao posto de coronel.

Pimenta Bueno foi mato-grossense dos mais ilustres e, como seu pai, exerceu inúmeros cargos e funções de realce.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, oficial da Ordem da Rosa, cavaleiro da Ordem de Aviz e do Cruzeiro foi ainda agraciado com a medalha de Guerra do Paraguai.

Pimenta Bueno era um estudioso apaixonado dos problemas brasileiros da sua época, dirigindo a sua inteligência e o seu patriotismo para as boas soluções; cuidou da implantação de ferrovias, elaborou trabalhos sobre navegação fluvial e tornou-se técnico em assuntos de portos. Autodidata no setor, pela sua obra, vê-se que foi eminente economista.

Escreveu memórias e pareceres sobre os mais variados assuntos e deixou inédita uma História da Província de Mato Grosso que consta ser obra de alta valia.

Ligou-se ao meu Estado escrevendo uma *Memória sobre o porto do Ceará*, ou *Estudo para a construção de uma doca de embarque e desembarque na Província do Ceará*.

Cartógrafo, elaborou uma carta da Província de Mato Grosso e, em colaboração com o Barão Homem de Melo, realizou um *Atlas do Império do Brasil* com vinte e três mapas.

É pena, ingratidão mesmo, que o seu nome seja pouco lembrado entre nós.

Acabava de administrar a Província do Amazonas quando a morte o acolheu, aos cinquenta e dois anos, no dia 7 de dezembro de 1888. Perdia assim a Pátria um filho dedicado e valoroso, desfalcando-se Mato Grosso de um de seus varões mais ilustres.

O seu nome é legenda, o seu exemplo é fanal; Francisco Antônio Pimenta Bueno pode e deve ser apresentado às novas gerações como paradigma.

Alírio de Figueiredo, o antecessor

Aos 25 dias do mês de abril de 1893, nascia em Cuiabá Alírio de Figueiredo; filho do casal Coronel Antônio Cesário de Figueiredo e de Dona Luísa de Matos Figueiredo.

Fez seus primeiros estudos na sua querida Cuiabá de onde seguiu para o Rio de Janeiro em cuja faculdade de direito recebeu o diploma de bacharel.

Retornando aos pagos, foi quase tudo, de delegado da capital a secretário geral; foi ainda consultor jurídico do Estado, além de professor de português da Escola Normal e de sociologia do Colégio Estadual. Onde emprestou o brilho da sua inteligência, deixou as marcas do seu talento e do seu caráter. Homem sério e digno, mereceu a admiração, o acato e o respeito dos seus concidadãos.

Foi membro do Instituto Histórico de Mato Grosso e ocupava a cadeira n. 18 da Academia Mato-Grossense de Letras, vaga pela sua morte em 25 de abril de 1965.

Escreveu: *Poemas*, Rio, 1920; *Poemas e Poeiras*, Cuiabá, 1930; *Brasília*, Cuiabá, 1960; e *Sonetos e Epigramas*, inédito.

O Poeta

Pensamento claro e dirigido a uma ideia sempre bem expressa no título do poema ou soneto; a fidelidade ao tema dá a sua obra um sabor clássico, arcaizante mesmo. Daí porque é simples o seu canto sem a preocupação do hermetismo, do *bruiller le message*.

O extravasamento de sua emoção estética é simples e desintencionado, a linguagem é sóbria e escorreita, decorrência do filólogo que era.

Fiel ao modelo antigo, não sofreu a sua produção artística que ressalta da sua obra? Não creio, mesmo porque a poesia, por mais subjetiva que seja, por mais individualista que se apresente, por mais apego que tenha a uma escola ou a um estilo, é sempre uma forma de comunicação, pressupõe necessariamente um destinatário, importando apenas que seja bem lavrada.

E poetar é dizer, não é apenas sentir. E Alírio sentiu e disse, e disse brilhantemente, por isso foi poeta, e um bom poeta; embora apegado à época e ao meio, sabia usar a palavra com bonito colorido musical e o melhor sabor semântico.

É necessário situar o poeta no tempo e no espaço, saber o de que dispunha ele, onde e quando.

O Tempo e Espaço de Alírio:

Esta venusta e vetusta Cuiabá:

Cuiabá de há meio século, suave e quente, quente também, e ainda de calor humano;

Cuiabá do *Tempo da Cadeirinha* (Coletânea de contos do Acadêmico José de Mesquita, v. 5 da Estante Mato-grossense) das serestas de amor;

Cuiabá das festas juninas, do jardim agradilado;

Cuiabá das festas do Divino, de São Benedito, da Senhora do Rosário;

Cuiabá da lenda do ouro, aos pés de São Benedito, escorrendo nas enxurradas pelo córrego da Prainha;

Cuiabá em que todos se conheciam e o forasteiro era o *pau rodado*;

Cuiabá do lendário Coxipó, manso e coleante;

Cuiabá das pingas do Aricá, do gostoso bolo de arroz;

Cuiabá de alma ingênua, do bonito *Dom Por do Sol* (poema de Rubens de Mendonça);

Cuiabá pacata, isolada, que dava ao poeta ensejo de ouvir o canto da cigarra;

Cuiabá do Senhor Bom Jesus, a quem peço a bênção;

Foi nessa Cuiabá – como eu te quero Cidade Verde!

Foi nessa Cuiabá – como me sinto bem impregnado da sua terra, da tua gente, do teu passado!

Foi nessa Cuiabá – e como estou feliz por ver-me acolhido no teu mais alto Templo de Cultura!

Foi nessa Cuiabá que nasceu e faleceu, viveu e poetou Alírio de Figueiredo.

Adolfo Casais Monteiro não aceitava a crítica que Antônio José Saraiva e Oscar Lopes fizeram da obra de Camilo Castelo Branco na História da Literatura Portuguesa (*O Romance* [Teoria e Crítica], Livraria José Olímpio Editora, p. 277); aqueles autores concluíram que o criador de *Amor e Perdição* foi um atrasado e Casais Monteiro vai ao âmago do caso para dizer, com a sua autoridade de grande analista, que atrasado não foi Camilo mas o norte de Portugal dos meados do século XIX, tempo e espaço do gênio.

Com a palavra Casais Monteiro:

Na realidade, onde a análise de A. J. Saraiva e O. Lopes falha é precisamente ao considerar Camilo em atraso (o que “está certo” do ponto de vista da história da cultura e da sociedade) relativamente à literatura europeia sua contemporânea, e ao registrar como contradição de Camilo a persistência de formas arcaicas de vida social e econômica de Portugal dos meados do século XIX. Ora, aquele atraso e esta contradição não definem Camilo, mas Portugal. Por que haveria a sua obra de “representar”, de corresponder a uma situação europeia de fato inexistente no mundo em que o seu espírito se formou, pois foi precisamente esse referido Norte de Portugal? Por que haveria ele de ser “fiel” a uma Europa a cuja evolução, senão Portugal, pelo menos a vida portuguesa nortenha era ainda total ou quase totalmente alheia pelo menos nos anos de formação do romancista?

Com abono de tal quilate, pergunto? Como seria possível essa Cuiabá – Centro-Oeste brasileiro do princípio deste século – inspirar outra obra poética que não

aquela produzida por Alírio? Mas, entenda-se, toda a sua poesia é digna de figurar nas antologias, peças que são de primores de arte, tornando-se quase impossível dizer-se de algumas delas que sobrepõe às demais.

Quantas vezes o progresso assombrou até aos espíritos lúcidos! A locomotiva perturbou gerações de trabalhadores; o gramofone – a máquina falante de Édson – era coisa de bruxos; o automóvel foi temido, sobretudo pela população do ar. A cada nova invenção ou descoberta, contrapunha-se uma legião de assombrados (e ainda!).

Alírio não fugiu à regra; mesmo as raras investidas que o progresso fazia a sua cidade o violentavam. Em *Canto Eterno* sai o desabafo, o protesto: *Velhos já, nos irrita o que é moderno; rádio, cinema, avião, estranhas gentes, produtos, certamente lá do inferno.*

Parece que o poeta se feriu na vida. E quem não teve os seus dias fastos e nefastos? Mas, foi feliz, era poeta, sabia extravasar as mágoas assim:

Não me feriu a vida; a vida é boa;
Ah! a maldade dos homens, a maldade...
Bem os deixei, por isso, e fui à toa
Longe deles viver na soledade

E noutro lugar, atordoado pela relatividade do tempo:

Uma existência – 70 anos!
Ah! bem valera não viver
Que prazo longo para enganos!
Que dois minutos para ler

Alírio foi cristão que sabia distinguir os valores efêmeros dos eternos, qualidade que é galardão, que avulta nestes tempos de materialismo. É dele o pensamento: *E só na fé se encontra a alta verdade.*

Não foi descrente nem pessimista o que distancia, de muito, do velho e querido Machado de Assis. Quando se entristecia por ser o sonho um sonho, ainda assim acalentava-o o fato de poder sonhar.

Embora estese, ressumbra da sua obra o anseio da alma que vê a vida fruir sem conseguir eternizar os bons momentos; parar o tempo... *o grande sonho dos românticos!*

As alternâncias, os altos e baixos, são frequentes; em *A Confissão da Cigana* declara: *Fui hino, fui canção, nunca elegia.*

Verdade é que, aqui e ali, o ânimo decai, perplexo ante os paradoxos da vida, dando a impressão de que aplaude de Castro Alves ... *Neste arquejar de vida, que me pesa;* o que aprova Casimiro de Abreu que *A vida é um deserto aborrecido;* que aceita de Álvares de Azevedo que *A vida é uma comédia sem sentido.*

Entanto, num levantamento da sua obra, numa visão de conjunto, encontra-se a fé como característica; fé em Deus, fé nos valores morais, fé na família, fé em tudo que é bom. Conclui um soneto retratando-se: *Doutor em lei, e mais doutor em fé.*

Não foi um eremita; o seu “refúgio” era simbólico, era a revolta de um espírito bom e sensível às formas várias da “maldade dos homens”.

Se não, como explicar:

E habitei nova vida, sem saudades.

Mais:

E agora, de tal forma-hábito ou gosto
Desta nova existência que me encerra
Que por outra nenhuma viro o rosto.

E ainda:

... E fui, à toa
Longe deles viver na soledade.

Símbolo, alegoria; o poeta foi homem integrado na sociedade, cultivava amizades e foi querido. E foi feliz porque, poeta, sabia curar-se dos arranhões da vida fazendo versos.

A seguir, vou brindar o auditório com a joia cinzelada por Alírio: A Oposta Margem

Deste rio que corre assim tão doce,
Contemplo a oposta margem, tão florida,
Que a vejo, linda assim, como se fosse
De outro rio, outras plagas, outra vida;
Pois, do lado em que estou, cheio de abrolhos,
De abelhas venenosas e de espinhos,
Não tem a luz o brilho dos teus olhos,
Nem tem os ramos pássaros nem ninhos.
Perdão, se as vezes te comparo, em sonho,
Ao rio, de outro tão risonho,
E do lado em que estou, triste e bravio.
Mas deixa-me ficar nesta miragem,
Que será sempre, longe ou perto, a margem,
Bem como a oposta margem deste rio.

Dos poucos sonetos introvertidos do poeta, a paisagem é visionária, confunde-se com a ideal – o rio não é simplesmente o que *corre assim tão doce*, nem a distância física das duas margens é real. Imagens que se enriquecem semanticamente de conotações metafísicas. Os contrastes dão ao soneto uma expressão de claro-escuro, uma luz-e-sombra que avulta pela alternância de vogais abertas e fechadas. As imagens são dinâmicas, percorrendo em todo o soneto um frêmito de vida alegre e triste, florido e lamentoso.

Como é sublime ser poeta! Sentir e dizer num soneto o dualismo da vida.

A fundação de Brasília deslumbrou o nosso poeta que sentiu ser a nossa Capital o início da interiorização, que a nação começava a integrar-se, a apossar-se do seu território; que a civilização antes periférica, ia abranger o todo. Criou o poema *Brasília* em que canta bem alto o arrojo de pioneiros e se espanta ao ver ser feito no nada o tudo; avulta no poema a figura singular do candango simbolizada em Joaquim Sutil, emblema do *heroísmo da raça*.

Fidelino de Figueiredo, na *História da Literatura de Portugal*, ensina (Editora Fundo de Cultura, p. 175-6):

O poeta épico não é o criador da matéria épica, não tem sequer o poder de colorir de tom épico a matéria comum ou já de si heroica; a matéria épica é-lhe anterior e é de criação coletiva está cristalizada na mente da coletividade, quando o poeta, com seu gênio da expressão, a chama à perpétua presença.

Brasília é um poema épico! O fato histórico consumara-se, a cidade monumento estava pronta para receber os aplausos do mundo inteiro e Alírio traduziu em versos primorosos o feito grandioso onde o heroísmo se confunde com o patriotismo, onde o trágico marca a sua presença. E não faltou ao poema o protagonismo exigido pelas epopeias: o Aquiles, o Eneas, ou o Ulisses, ou o Vasco da Gama de *Brasília* é Joaquim Sutil.

Bastaria *Brasília* para consagrar o poeta à imortalidade, se já não o fora.

Hélio Serejo considera Alírio um tanto parnasiano! Como? Pela sua composição em forma de soneto? O poeta, parece, compôs versos alexandrinos por pudor de se derramar em lamentações sentimentais. Nas principais características ensinadas pelos mestres não vejo como enquadrar perfeitamente o nosso poeta no parnasianismo; creio, não habitou ele o monte Liacura.

Alírio foi clássico nas ideias e no temperamento, tradicional e despreocupado na forma e a par de numerosas rimas há versos brancos. Prefiro não definir o seu estilo e dizer apenas que ele foi um vate de imensos recursos e grande sensibilidade.

Alírio, não fora a tua modéstia de Homem de Bem, não fora o recato do teu espírito – ornamentos da tua personalidade – por certo dirias, repetindo de Aristófanes o que disse um dos seus personagens: *Morto, mas sobrevivo pela obra poética*.

Senhores Acadêmicos.

Sinto que já devo pingar o último ponto final, mas ainda vos peço alguns instantes para que vos diga, de mistura com tanta alegria, das minhas apreensões com o quadro da atual humanidade.

A insatisfação existe, aqui e ali, acolá e além, por toda a parte, em todas as classes, nos Estados Unidos democrático e na Rússia comunista. A atitude é a mesma, sempre o desejo de mudança do que é arcaico, desumano e anticristão. O mal-estar é geral e inquietante, vê-se divulgado na imprensa mundial, indicando que algo ou muito errado na atual filosofia de vida dos povos. E essa ânsia não mais latente, embrionária, já é explosiva; o movimento espontâneo não é mais um esboço, um projeto já está na rua.

E qual a causa ou complexo de motivos de tudo isso? Seria que os homens não estavam preparados moral, social e psiquicamente para o formidável avanço da técnica e da ciência, para o usufruto da desintegração do átomo, dos meios eletrônicos de comunicação, da cibernética? Ou o que nos falta é o Amor na sua expressão mais pura, aquele que está nos evangelhos e condensado encíclicas dos grandes Papas?

O protesto está nas ruas do mundo, indicando não ser mais possível segurar a onda indefinida e que marcha sem que saibamos para onde.

Os jovens, que já são 70% do todo, estão nas ruas pedindo mais e melhores escolas.

Os trabalhadores de todas as categorias estão nas ruas pedindo salário condigno, compatível com a criatura humana.

O clero também está nas ruas, apoiando as teses cristãs e rompendo com o insustentável.

Não é possível que essa maioria absoluta esteja laborando em erro, não creio mesmo porque *Quando tout le monde a tort, tout le monde a raison*, dizia La Chaussé.

Vivemos no século XX e, vergonha nossa, o trinômio maldito peste-de-fome-e-guerra impera em todos os quadrantes da terra, continua uma constante nas aflições da humanidade: Guerras são feitas *por qualquer motivo e até mesmo sem motivo*; as endemias e epidemias grassam por toda a parte, dizimando vidas preciosas; a fome é imposta à metade da população da terra.

Embora realista, não sou desiludido, creio no futuro do Brasil, creio no futuro da humanidade, coerente com Goethe que sabia ser a esperança o último bem que o homem perde.

Mas, por que este quadro horrendo se é ele incompatível – e inexplicável – com o estágio atual do desenvolvimento?! Há de dizer-se que a fome de que padece parcela ponderável não é coisa só atual, que vem do passado; aceito a contradita porque verdadeira, porque o *dolce far niente* de nossos avós não lhes permitiu planejar e executar administrações eficientes. Não aceito, porém, que se deixe projetar para o futuro toda essa gama de incongruências, fruto de inércia, do despreparo, da falta de altruísmo, de ausência do Amor.

A fome vigente, face aos velocíssimos meios de divulgação, frente às ideologias ateias e ateisantes, é uma ameaça permanente à Democracia. Quantas vezes já se levantaram à procura do despertar das consciências! Quantos pensadores têm procurado alertar sobre o perigo da subversão total da ordem! Tudo sem ressonâncias! Ainda assim, não é demais repetirmos aquelas palavras proféticas deste vulto excepcional que foi o Presidente Kennedy: *Se a sociedade livre não ajudar os muitos que são pobres, não poderá salvar os poucos que são ricos*.

Verdade é que a fome existe, não há como negar, mais da falta de produção e abastecimento que da distribuição da riqueza, é a lição que se aprende dos bons mestres da ciência econômica.

A história registra apelos dramáticos à boa vontade, ao Amor. Faz pouco mais de vinte anos, as Nações Unidas fizeram editar a Declaração Universal dos Direitos do Homem, peça da mais alta significação, mas que tem tido decorrências práticas apreciáveis.

JUVENTUDE: Se os pais, os mestres e as autoridades quiserem conduzir a juventude a bom destino, rumo à verdadeira Democracia, se a intenção é esta, só há um caminho: armar-se poderosamente, armar-se até os dentes, sem o que nada será conseguido de positivo. Mas, senhores, armados e municiados com aquela única arma usada por Dom Bosco: o Amor. Eles, os jovens, só entendem esta linguagem, são refratários a outro tipo de falar.

Interrompe-me a voz rouquenha do senhor balofo, que esquecido de que não veio ao mundo já em idade madura e ostentando porte supostamente grave como para esconder vícios irreprimidos, contesta: – Eles são baderneiros e estão infiltrados de comunistas...

É pena, é lastimável, que se denomine de baderna a Alegria, o Entusiasmo, a Pureza da juventude; Jorge Amado – o adulto jovem – disse que: *Se há alguma coisa no mundo, bela e grande, além do amor, é a juventude.*

Infiltração comunista? Se sim, ainda aí a culpa é nossa que propiciamos a medração do mal, que faltamos com a nossa vigilância, que não cimentamos em bases sólidas o regime: a culpa é nossa.

Com a palavra o imortal Padre Belchior Maia d'Atahide:

Foi época terrível para a história da Grécia. Atenas vira desertar da sua acrópole soberba a ciência, o bom senso, o gênio político, a estrutura segura de suas leis. E o marasmo, a decadência, a corrupção, o desânimo se tinham apoderado dos homens e das instituições. E os velhos senadores, os respeitáveis da pátria, maneavam a cabeça dizendo: – não há mais jeito. Tudo está perdido! Foi quando um velho senador, dando de mão a um fruto – o gesto é demosteniano – o atirou de encontro ao pavimento. O fruto era um pêssego. Estava em estado de putrefação e esborrachou-se sem mais ao solo. De dentro, porém, saltou, viçoso e rijo, o caroço, intacto, incorrupto. Trazia em seu cerne, latente, o segredo da vida, a força criadora, o poder reprodutivo. E a semente era a promessa encantadora de outras árvores e de outros frutos. E o experiente senador, apontando com o dedo o caroço explodindo em vida que ali se achava, exclamou: – Nem tudo está perdido! A semente está intacta, incorrupta. A pátria está salva. A semente é a mocidade. (Clama. Escola Salesiana de Artes Gráficas, Recife, p. 59-60).

Não é de agora – faz tempo dilatado – que a Igreja vem mostrando ao mundo livre os perigos a que está exposta a Democracia. As encíclicas são apelo e advertência, são marcos históricos. Mas, incompreensão ou má fé, nalguns casos, incompreensão e má fé noutros casos, as cartas papais têm sido agredidas por gregos e troianos, principalmente por aqueles a quem a Igreja procura salvar. E, com a atitude insólita dos deseducados, chegam por vezes a usar a linguagem foscenina dos banheiros! Escrevedores de aluguel são recrutados para deturpar e confundir a letra e o espírito dos documentos santos, com passos de magia, quais malabaristas apresentam ao público imagens deformadas da verdade. E a quem aproveita essa atitude criminosa senão os inimigos da Liberdade?!

Prelados que se mostram sensíveis à miséria são atassalhados na sua dignidade, ora apresentados como fascistas, ora como comunistas, nunca como cristãos.

Que há excessos na atitude de alguns padres? Sim, é verdade, mas isto se eleva à conta da revolta que a criatura humana sente ante a miséria injustificada.

Sua Santíssima, o Papa Paulo VI, em discurso proferido em junho último deplorou o surgimento de uma “teologia da violência”, criação de mentes doentias. Há quem pretenda até que Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico, tenha pregado o derramamento de sangue na *Suma Teológica* e no opúsculo *Da Autoridade dos Chefes*, quando, o que ali se contém, se muito, é a aceitação da resistência passiva aos tiranos, aos oligarcas, aos demagogos.

À força maciça da publicidade, em que de roldão entram homens respeitáveis embora “inocentes”, vemos aqueles que procuram identificar o catolicismo com o comunismo. Chegando à afirmação de que existe um conluio entre a Igreja e os fiéis. Farsantes, sabem que estão mentindo; inteligentes, sabem que não se une água e azeite; sabem das diferenças fundamentais dos respectivos alicerces. De um lado está a palavra de Deus: una, indivisa, vivificante, salutar, eterna; do outro lado está o materialismo absoluto em todas as suas formas e acepções.

O que ocorre efetivamente – e todos sabem, e escamoteiam a verdade propositadamente – o que se passa é que a Igreja tem procurado ardentemente, por todos os meios ao seu alcance, a conquista da Justiça Social e o fato irrita como assombra àqueles que, parasitas impenitentes, temem verem-se despojados dos privilégios sempre espúrios. Luta inglória do mal contra o Bem em que surge o papel gaiato dos escribas sem ideias próprias misturados com a suspicácia de alguns donzelões! Mas, a despeito disso, continua a ação da Igreja com bravura cristã; Nietzsche está sendo desmentido na sua afirmação de que Deus morrerá.

A Igreja condena o comunismo porque é ideologia ateia como condena o mau capitalismo porque é ateizante. Note-se que aquilo que se condena não é o capitalismo sadio – base de todo sistema democrático – e sim o que é escorchante, mau ganho, impedidor da derramagem econômica; condena o mau rico, e o exemplo que temos entre nós, que tem na conta bancária a expressão maior, na acepção mesma de divindade.

Os maus capitalistas, indígenas e alienígenas, fazem o seu suporte na legião imensa dos venáveis que assim o são não por uma necessidade biológica mas pela força envolvente da corrupção; e se comprazem de fazer tábua rasa de suas pretensas vitórias graças ao volumoso número de imaturos fabricados por uma publicidade quase subliminar. Teúdos e manteúdos, indiferentes ao sofrimento dos semelhantes, primam ainda por se mostrarem bondosos, munificentes, confundindo caridade com esmola.

Nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, este o nosso caso, a sonegação fraudulenta de impostos – crime contra a coletividade por eles promovida – campeia a largos passos, num expressão tão alta que não deixa margem aos governos para contingenciarem as despesas mais prementes da administração.

É contra este quadro desolador, nada civilizado, nada cristão, que se levanta a Igreja, não aceitando nem a estupidez dos materialistas que tudo destroem, nem a morbidez dos reacionários que nada constroem.

O que o mundo inteiro quer, o brasileiro com certeza, não são as ideologias já postas à prova, já fracassadas; o mundo viu a grande Rússia sair do calcanho da aristocracia czarista e cair na tirania ateia; viu o nazifascismo impor duras penas aos povos alemão e italiano. O que a humanidade exige é um regime em que direitos e deveres sejam respeitados, regime que se fundamente no Amor e isso não é utopia.

A imagem não é minha, mas é pertinente; não creio que um povo como o brasileiro, cujo primeiro ato histórico foi o fincamento da Cruz de Cristo nas suas praias, não creio que esse povo aceite o materialismo.

Destas observações, sente-se que já não há mais lugar para os acomodaticios, os contemplativos, os neutrais; a atitude de ficar em cima do muro é própria dos emasculados; já passou a época dos que opinavam dizendo: *Não sou contra nem a favor, muito pelo contrário* (da peça *Oh, Oh, Oh Minas Gerais*, de Jonas Bloch e Jota Dângelo) que nem mais a gente das montanhas usa. O momento é de indefinições claras e precisas.

Somente os esforços de todos os homens de boa vontade – e os há em grande número no mundo inteiro – e juntos, qual São Paulo percorramos a Estrada de Damasco. O que falta – entendimento, boa vontade, renúncia, numa palavra: Amor – não é muito, é apenas uma sombra como aquela que perturbava o Bucéfalo de Alexandre da Macedônia. Mas o esforço terá que ser conjunto porque não há mais como aceitar o nacionalismo exaltado, canhestro; chega de xenofobias inoperantes. Agora só é possível pensar e agir em termos globais, aceitando que todos somos irmãos e nós devemos Amor.

Senhores, nem Marx, nem Sartre, mas Paulo VI; nem Mao, nem Fidel, mas Paulo VI; nem Marcuse, nem ninguém, mas Paulo VI; que só na Igreja encontramos a saída para a Nova Era. Assim, o século XX não será malsinado pelo século XXI como todos os séculos foram censurados pelos seus pôsteres.

Como nos ensina Franco Montoro (*Ideologia em Luta* Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, Rio, 1960, p. 139-40), não com os *braços cruzados da indiferença*, nem com os *punhos fechados do ódio*, mas com os *braços abertos da fraternidade*, liquidaremos com essa fase anticristã da humanidade e do caos surgirá a Nova Era, quando atingirmos esse estágio; Voltaire, lá no seu túmulo se pejará de ter dito: *L'Histoire n'est que le tableau des crimes et des malheurs*.

Senhores Acadêmicos.

Muita razão tem quem disse que a felicidade está mais no dar que no receber; e o que eu tenho para vos dar é um infinitésimo diante de muito que me destes. Marcastes a minha posse para este bonito dia 7 de setembro e designastes para me receber a figura que é um troféu de Mato Grosso, o Eminentíssimo Professor Doutor José Jayme Ferreira de Vasconcellos. Embora sejamos ambos catedráticos da mesma escola de direito, é o Doutor Jayme o meu Mestre, o homem de cultura imensa, a criatura de coração enorme.

Senhores Acadêmicos.

Quando os reis magos visitaram o Menino Jesus na manjedoura, depositaram aos pés do Salvador o ouro, o incenso e a mirra; era a gratidão esboçada por toda humanidade.

Retirando do íntimo de mim mesmo – simbolicamente – depositado à nossa mesa do saber, o ouro, o incenso e a mirra da minha gratidão.

CADEIRA 18

PATRONO

Francisco Antônio Pimenta Bueno

OCUPANTES

José Magno da Silva Pereira

Alírio de Figueiredo

Francisco do Amaral Militão

Hélio Serejo

Marta Helena Cocco

SESSÃO POSSE DO ACADÊMICO HÉLIO SEREJO

Cuiabá, 19 de outubro de 1973

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DE HÉLIO
SEREJO, PELO PRESIDENTE GERVÁSIO LEITE**

**DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO HÉLIO
SEREJO, PELO ACADÊMICO RUBENS DE MENDONÇA**

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO HÉLIO SEREJO

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO HÉLIO SEREJO, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, GERVÁSIO LEITE



Abrem-se, festivamente, nesta noite, os portais desta solarenga Casa Barão de Melgaço para que a Academia Mato-Grossense de Letras possa receber com alegria e efusão de alma o ilustre confrade Hélio Serejo cuja recepção, que queríamos brilhante, de há muito estava preparada.

Creio que para o público pensante de Mato Grosso e para o culto auditório aqui presente seria exagero pretender apresentar o nosso eminente confrade que hoje vem – depois de longa espera – agasalhar-se sob o teto desta Casa de Cultura para trazer a todos nós as luzes da sua formosa inteligência e os fulgores do seu espírito de escol.

Autor consagrado e escritos festejadíssimo pela sua obra apurada e fecunda, Hélio Serejo vem prestigiar este sodalício com a sua presença de artista e de *gentleman*, com a sua insinuante personalidade, com os resultados da sua larga experiência e da sólida cultura que possui.

É a Academia que se sente honrada em recebê-lo em seu seio e todos nós nos sentimos orgulhosos tendo-o em nosso convívio. Infelizmente, aquele que era longamente esperado não pode vir, em luta que se encontra com insidiosa doença já agora quase debelada, mas que nos priva de sua presença que seria o arremate final para as galas desta noite de sua consagração literária.

O Acadêmico João Antonio Neto se encarregará da leitura do primoroso discurso do novel Acadêmico, no qual sentirão todos a pujança do talento e as qualidades peregrinas desse nobre espírito que hoje toma assento, para sempre, entre os membros deste sodalício.

Para saudá-lo, o nosso confrade escolheu o Acadêmico Rubens de Mendonça que por certo bem interpretará a alegria fraternal de que estamos possuídos e que con-dignamente recepcionará o companheiro que ausente fisicamente, encontra-se presente no seu discurso, e na nossa admiração e estima.

Está aberta a sessão.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO HÉLIO SEREJO, PROFERIDO PELO ACADÊMICO RUBENS DE MENDONÇA



Nesta noite festiva, a Academia Mato-Grossense de Letras abre as suas portas para receber um novo imortal.

Infelizmente, por motivo de saúde, Hélio Serejo não pode comparecer nesta solenidade, mas solicitou ao nosso brilhante confrade de academia João Antonio Neto a fineza de ler a sua oração de posse, que faz o acadêmico se tornar imortal de fato e de direito.

Hélio Serejo é um nome bastante conhecido nos meios intelectuais do país, autor de 16 livros.

Nascido em Nioaque, neste Estado, Hélio, por motivo de saúde, passou a residir em Presidente Wenceslau, no Estado de São Paulo, mas mesmo assim tem sempre o pensamento voltado para o seu Estado natal. Hélio nasceu em Nioaque, mas passou os melhores dias da sua mocidade na cidade de Ponta Porã, na fronteira da República do Paraguai.

O Acadêmico que ora se empossa pertence a várias sociedades culturais. É membro da Academia de Letras “José de Alencar”, de Curitiba-PR; do Centro Cultural “Euclides da Cunha”, de Ponta Grossa-PR; da Casa “Humberto de Campos”, de Carolina-MA; da Sociedade de Intercâmbio Cultural de Guiratinga-MT, instituição esta fundada pelo nosso saudoso confrade Raimundo Maranhão Ayres, que pelo grande volume de sua correspondência fez daquela simpática cidade do Leste, um grande centro cultural, conhecida no mundo inteiro. Raimundo Maranhão levou o nome de Guiratinga aos confins do mundo, prestando, assim, um grande serviço ao nosso Estado.

Hélio Serejo pertence também a outras sociedades culturais: Associação Mato-Grossense de Folclore; Instituto de Cultura Americana, do Rio de Janeiro; Associação Paulista de Imprensa e União Brasileira de Escritores, tendo feito reportagens sobre o Brasil no Paraguai e Bolívia e no concurso de Poetas Moços do Brasil, realizado no Rio de Janeiro, onde se sagrou em primeiro lugar com *A Cacimba*, soneto perfeito, muito apreciado pelos entendidos.

A única obra que não conheço de Hélio Serejo é *Tribos Revoltadas*.

Se a Academia Brasileira de Letras é denominada *Casa de Machado de Assis*, certo a Academia Mato-Grossense de Letras deveria ser também denominada de *Casa de José de Mesquita*, porque foi ele o seu legítimo fundador e seu Presidente por 39 anos.

José de Mesquita foi um homem que viveu intensamente a vida cultural de Mato Grosso. Era o estimulador dos jovens e foi poeta, historiador, romancista, *conteur*, cronista, jornalista e jurista.

José de Mesquita foi um homem que viveu a vida cultural de Mato Grosso e um dia há de chegar em que se lhe faça justiça e coloquem em praça pública o seu busto

em bronze, ao lado de Dom Aquino, Marechal Rondon e Estevão de Mendonça. Pelo muito que fez pelo nosso Estado, José de Mesquita não pode ficar no esquecimento.

Pois bem, José de Mesquita prefaciando o livro de contos de Hélio Serejo, *Prosa Rude*, assim se expressou: “*Seus contos são pedaços de vida, recordados na carne sangrenta da realidade. Vivem neles, palpitanes e frementes – como em músculos sadios – o sangue que jorra mais forte, os tipos e costumes, o fraseado e paisagens da nossa interlândia maravilhosa, sobressaindo de todos, como a animá-los a alma simples e impetuosa do caboclo, avessa à dobléz e aos oportunismos, às convenções, e às mentiras da pseudo-civilização de que se jactam os litorâneos.*”

O diálogo é vivo e realístico, registrando a par dos modismos curiosíssimos, aquele falar característico dos caipiras, que não tem papos nem palpos de aranha da língua de que dá mostra mais de um passo, como aquele de ‘Tragédia Rústica’ nos comentários do povo de Brejão ao assassinio de Pedro Clarimundo”

Hélio Serejo é um excelente prosador. Não é como ele se proclamou “homem desajeitado de gesto xucro”.

Vimos o prosador. Agora vejamos o poeta. Além de *conteur*, Hélio Serejo também é um ótimo poeta sertanejo da têmpera e fibra do grande Catulo da Paixão Cearense. Seus versos são espontâneos e simples, mas a beleza está na simplicidade.

Catulo, não se pode negar, no seu gênero foi o maior poeta do Brasil.

Falava das nossas coisas, nossos sertões, nossas matas, das noites enlugaradas dos sertões do Nordeste: *Quando a lua nasce / por detrás da verde mata / mais parece um sol de prata / prateando a solidão!*

Hélio também exalta as coisas mato-grossenses e por isso diz nos versos *Velha Senzala*:

*Uma angústia sem fim meu peito invade
Quando vejo deserta e abandonada
Essa senzala iluminada
pelo clarão da Lua da Saudade...*

A sua poesia é pura, não poesia sofisticada, forçada, artificial. O poeta é espontâneo e não como aquele poeta da cidade de quem nos fala Catulo:

*Excelso, divino poeta
que levas um mês inteiro
beliscando no tinteiro
para um soneto compor,
deixa um momento a Avenida
vai lá nos matos sombrios
ouvir esses desafios
de um cabra improvisador.*

Hélio retrata bem, em seus livros, a vida da nossa fronteira meridional.

Alceste de Castro tem um livro muito interessante. Descrevendo os antigos costumes de uma cidadezinha do interior, conta o poeta corumbaense em *Crônicas de um Romance*, o seguinte episódio:

“Encontrei este convite entre os papéis antigos de um chefe político, diz Alceste: e o transcrevo, ocultando o nome do festeiro e da cidadezinha onde o Senhor Divino é venerado. ‘Convite para os festejos do Senhor Divino em casa do Coronel...

Quinta-feira: Kermesse

Sexta-feira: Procissão da Bandeira

Sábado: Baile

Domingo: Comunhão na Matriz, Kermesse e baile grandioso

Comissão de Festa:

Comissão de revistar os cavaleiros para ninguém entrar armado

Comissão de revistar as damas.

Comissão de apartadores de briga

Comissão de velórios e enterros,

Parece que esta cidade foi a primeira do Brasil que usou a incineração de cadáveres. Os mortos eram incinerados no forno de um oleiro, isso quando a morte era estranha e poderia causar sérias suspeitas”.

Hélio também descreve um fim de festa, como que para afirmar a crônica de Alceste:

*Agora é madrugada. O galo canta;
seu coronel vai dar por finda a festa,
só porque o Juca, irmão do Chico Panta
quebrou do Anselmo a luminosa testa
e a barriga rasgou de Zé Queixada,
Com traiçoeira e rápida facada...*

Esses fatos, se é que se deram, foi antes de 1930.

Quem percorrer a bibliografia de Serejo vê que ela é extensa. Publicou o acadêmico que ora empossa, nada mais, nada menos que 16 obras: *Tribos Revoltadas* foi a primeira. Depois vem *Caboclo da Minha Terra* (Prêmio Obras Completas de Felipe de Oliveira, sob julgamento do grande poeta modernista Carlos Drummond de Andrade, Augusto Meyer, romancista Graciliano Ramos e Álvaro Moreyra (da Academia Brasileira de Letras); *Homens de Aço* (a luta nos ervais de Mato Grosso); *Prosa Rude* (contos); *Buenas, Chamingo* (saudação xucra de campeiro mato-grossense ao gaúcho do sul-riograndense); *Poesia Mato-grossense* (Antologia e crítica de Poetas Mato-grossenses); *Modismo do Sul de Mato Grosso* (Linguajar do Povo. Hábitos de pronúncia); *Carreteiro de Minha Terra* (versos em homenagem ao heroico carreteiro desbravador

do sertão); *Lobisomem* (estórias do bruxo horripilante metade lobo, metade homem); *Pialho Bagal* (lendas, imagens do sertão, evocações sertanistas, fagulhas literárias, crioulisto e tradições campeiras); *Rincão dos Xucros* (crioulismo, paisagens das estâncias, tradicional charrua); *3 Contos*; *4 Contos* e *Ronda Sertaneja* (campereada pelos pagos crioulos, a vivência dos crioulos).

O poeta que há em Hélio Serejo não destoa do prosador.

A poesia sertaneja não é fácil de se fazer, porque se o poeta não tem talento cai na vulgaridade.

Foi por isso que Catulo era considerado um grande poeta sertanista, o maior do Brasil.

Os versos de Hélio registram profundidade de conhecimento dos costumes da fronteira. Lembram Vargas Neto. Os costumes das nossas fronteiras são quase idênticos aos do Rio Grande do Sul. Aliás, o Sul do Estado, conforme escreveu o Dr. Memos-thenes Martins, foi colonizado por gaúchos e mineiros, quanto o Norte por paulistas, e o Leste pelos nordestinos.

Mato Grosso é um Estado de costumes e cultura mais diversificados. Quem o estudar sociologicamente verificará que o Norte conserva a cultura e os costumes tradicionais dos primeiros povoadores; o Sul, a dos mineiros e, a zona da fronteira, a influência marcante do Rio Grande do Sul.

A influência dos gaúchos na formação de Ponta Porã, por exemplo, uma das cidades mais importantes da fronteira, diz o Sr. Pedro Ângelo Rosa, no seu bem feito trabalho *Anais Pontaporenses*: “Ao terminar a revolução de 1893, teve início a saída das caravanas que se dirigiam para o Sul de Mato Grosso. A luta tinha causado devastação de vulto nas fazendas, com matança desordenada de gado, incêndios e saqueio, reduzindo os proprietários à situação de completa miséria. E ainda muitos se achavam comprometidos perante o partido dominante”.

O Marechal Juarez Távora no seu livro *Memórias*, registra um fato bem expressivo de como eram as revoluções no Rio Grande do Sul, contando de uma visita que fez à genitora do seu Comandante de Brigada, uma senhora já octogenária. São Palavras do Marechal Juarez: *Ao declinar-lhe o meu nome fui brindado com a seguinte e veemente declaração: Já conheço a sua fama de protetor dos chimangos (nome dado no Rio Grande do Sul aos partidários de Borges de Medeiros, por seus adversários políticos – os maragatos). Perguntei-lhe, meio perplexo, porque me atribuía tal fama. Replicou-me a velhinha, em tom amuado: Porque o senhor acha que os chimangos podem degolar soldados maragatos, mas os nossos maragatos não podem degolar chimangos.*

Só então me lembrei de minha conversa com o General Honório Lemos, após o combate de Saiacã, em que reprovava, veementemente, a degola de vários ‘Provisórios’ no pude observar no campo de combate. As revoluções lá eram pra valer. (Memórias. Juarez Távora, p. 170-171).

Daí a razão porque os rio-grandenses vieram para Mato Grosso.

Continua Pedro Ângelo com suas observações: *Foi então que esses brasileiros, levados pelas notícias e cartas recebidas daqueles que já se achavam em Mato Grosso, soube-*

ram que aqui havia lugar para todos, e tomaram a resolução de deixar os seus pagos e buscar outro rincão dentro da nossa Pátria.

A partir do ano de 1895, começaram a aportar às fronteiras de Mato Grosso, as levas de rio-grandenses, que vinham se radicar neste recanto do solo brasileiro. Desde então o Sul começou a crescer e a povoar-se, com a integração desses elementos, que definitivamente se afixaram ao solo.

Partiam do Rio Grande do Sul, as levas que se dirigiam a Mato Grosso, qual novas 'bandeiras' que não mais voltariam aos seus pagos, mas iam ser recolhidas no seio da mesma Pátria, preenchendo os claros que os esperavam nas fronteiras despovoadas do extremo Oeste do Brasil, em Mato Grosso. Em quase todos os municípios do Rio Grande do Sul, e principalmente em São Luiz Gonzaga e São Borja, organizavam-se as comitivas compostas de cinquenta, cem e mais pessoas, onde vinham famílias inteiras, conduzidas por carretas puxadas a bois, e às quais se agregavam cavaleiros e até gente que, desprovida de recursos, viajavam a pé.

Aqueles que possuíam casas, terras e outros bens, vendiam-nos, invertendo tudo na compra de animais cavaleiros e formando tropas de mulas, que conduziam através de longa e penosa jornada, atravessando territórios da República Argentina e Paraguai, para entrar em Mato Grosso.

Os itinerantes atravessavam o Rio Uruguai, dizendo o último adeus a seus pagos, e entravam na Argentina, pela Província de Corrientes seguindo pelo território de Misiones, até a capital Posada. Dali, transpondo o rio Paraná, entravam no Paraguai, em Vila Encarnación. De Vila Encarnación, alguns subiam o rio Paraná e desembarcavam em Porto Adela para entrar em Mato Grosso.

Os rio-grandenses faziam essa penosa travessia e vinham se estabelecer dentro de sua própria pátria.

Daí, os costumes e a cultura que adquiriu a fronteira. As festas populares e a alimentação, sobressaindo o churrasco e o chimarrão, que no dizer de Vargas Neto: 'Desculpa boa para eu apertar os dedos da chinoca, quando, horas a fio, ela me alcança esse amargo, que é tão doce!'

*Companheiro do rancho e do crioulo,
esquecimento e prazer!
Vício que é remédio do campeiro...
amargo que derrete as amarguras...
meu amigo também...*

A influência também da vizinha República do Paraguai criou o gosto pela polca paraguaia e da dança de Santa Fé.

No Norte, os bandeirantes trouxeram os costumes de São Paulo, danças de congos, marujadas, siriri, cururu, na alimentação o cuiabano adicionou o célebre guaraná ralado, que segundo Nunes Pereira, o guaraná é bom para fazer chover, para proteger a roça para curar certas moléstias e prevenir outras, para fazer vencer na guerra, nos amores, quando dois rivais pretendem a mesma mulher. Se Nunes Pereira via assim

o guaraná, Dom Aquino Corrêa, como bom cuiabano, via a bebida milagrosa. Por isso ele disse no soneto *O Guaraná*:

*O avô amanhecera, aquele dia,
Taciturno e tristonho, entanto airosa,
A neta vai, à flor de fina grosa,
Ralando o guaraná, com maestria.*

*E feita assim, por suas mãos de rosa
Numa salva de prata luzidia,
Quão pura e perfumada não sorria,
No cristal, a bebida milagrosa.*

Agora vejamos os costumes e maneira da alimentação do Leste. Suas festas populares são Cosme e Damião e São João. Como alimentação o jabá, a jaca; as festas: a dança do Coco.

Pode parecer que os costumes e a alimentação não tenham influência na literatura, mas têm. Alimentação, clima, tudo isso pode influir na formação literária de um povo, daí a razão de Hélio Serejo retratar uma festa na fronteira:

*“Semana Santa. Dia de festança
no vilarejo dantes sossegado!
Vibra no espaço o som da acordeona,
toda enfeitada, geme uma guitarra!*

*Heis o arrieiro bem chumbado e alegre
de poncho-pala e lenço no pescoço.*

*Dança arrastado... pisa a dama agora;
cospe, resmunga, bate os pés e grita.*

*De tudo compra e não pergunta o preço;
come sardinha, bebe canha e vinho...*

*Quando retorna para o erval distante,
pesada conta, satisfeito leva!*

*Boêmio doido, não maldiz a sorte;
Foi grande o gasto... mas bem linda a farra!*

.....
*Se lhe perguntaram: e que tal Dom Bento?
responde logo, orgulhosamente:*

- Pobre, muito pobre... pero bien contento!...

Quando Hélio Serejo me deu para ler os originais do seu livro de poemas sertanejos *Canto Caboclo*, em 1951, eu escrevi esta apreciação: “Os poemas de *Canto Caboclo* lembram por sua inspiração o grande poeta do Sertão, Catulo Cearense, porém

Hélio Serejo é o cantor dos sertões do Oeste, e porque não dizer, o Catulo Mato-grossense. Seus poemas *Sodade*, *Boi Vêio* e tantos outros tem a alma poética da fronteira mato-grossense, o entusiasmo e o regionalismo vivo”.

Apresentando *Canto Caboclo*, diz Hélio Serejo, versos como estes:

*Oia... é a garça morena
bunita... sortano pena;
aquele preto... o chupim
o cô da terra... o sem fim.*

*E essa doida choradeira
é o ronco da cachuera;
Como pará, seu Antão
Bote a mão no coração.*

*Agora tire o chapéu,
têmo chegano no céu*

*É ali meu Mato Grosso
Esse gigante colosso...*

E o poeta tem razão, É mesmo preciso tirar o chapéu para visitar esse gigante que já despertou no Oeste da Pátria.

Quem escreve versos assim, não pode ser tão fraco e tão pequeno.

Portanto, Senhor Hélio Serejo, não concordamos com a sua modéstia, não é fraco nem pequeno, quem tem 16 livros publicados, e é por esse motivo que eu saúdo o poeta e prosador Hélio Serejo, no ensejo do seu ingresso nesta tradicional Academia de Letras.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO HÉLIO SEREJO



(Lido pelo Acadêmico João Antonio Neto, por ausência do empossado)

As minhas preces de amor e gratidão ao nosso Deus Onipotente e os meus respeitos infinitos a esta assistência nobre, na hora maior da minha emoção crioula.

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o fronteiro que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites deste vento, vadio e aragano que no afirmar da lenda avoenga nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o antiplanalto boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias mato-grossenses. Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do por do sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. Eu sou filho da *jungle*, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos ao galpões da terra. Eu vim de longe, sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as cançadas, o vargado. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo.

Os ventos do destino – maus e bons – levaram-me a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilharam muitos caminhos.

Fui, no perpassar inexorável do tempo, obreiro de crença, fé e esperança, como o fui, também, imagem viva de esperança, revolta e sofrimento.

Revolta, pela gritante desigualdade existente entre os seres humanos – criação sublime de um mesmo Deus e rebanho sofredor de um mesmo Pastor.

Trilhei, num passado distante – vivência que se me en crustou no sensível coração caboclo – muitos ermos e muitas paragens.

Fui surrado da vida e sofrido do destino. Mas os olhos indagadores estiveram sempre voltados para o Alto, porque é do Alto, da Casa do Senhor, que vem a força, a verdadeira luz.

Eu vim, em verdade, dos charcos e da poeira revolvente dos tempos, mas com o conforto grandiloquente de ter sido guiado por essa luz mirífica, que é o farol divino que indica, neste tormentoso vale de lágrimas, aos bons e aos puros de espírito o caminho certo da vida.

Procurei cantar com ternura e suavidade as belezas incomparáveis do sertão e, tanto quanto possível, procurei descrever com fidelidade as paisagens coloridas das estâncias.

Fui gemido de carreta manchega no estirão da serra íngreme e, o fui também, envaidecido, tropel de tropilha crioula e índio aragano, trilhador de todos os caminhos.

Amei, imensamente, o vazio aberto. Nele, sempre vi, orgulhoso e confortado, a obra incomensurável do Senhor.

Absorto e contemplativo – no giro sertanejo – quantas vezes não dormi sobre um baixeiro, debaixo da árvore agasalhadora, coberto pelo poncho azul do céu!

O chão era minha cama, e a mata milenária, a catedral crioula da minha oração xucra.

Sorvi, com os olhos indagadores, essas paisagens campeiras, em seus mínimos detalhes e delas me tornei escravo submisso e voluntário.

Vi, assim, embevecido como um anacoreta, a tapera da estrada, palco sangrento no passado bravio da penetração, de muitos entreveros:

Uma angústia sem fim meu peito invade
Quando vejo deserta e abandonada
Essa velha tapera iluminada
Pelo clarão da lua da saudade.

Na caminhada incessante – ao sol, à chuva e aos ventos – deparei numa tarefa silente, com o preto velho encarquilhado, cismarento e cachimbador.

O verso caboblo saiu nesse feito:

Velho cansado, trôpego, tristonho,
Jogando, da vida, a última cartada,
ele, Pai João, o cantador risonho,
cachimba triste ao sopro da nortada...

Pai João cisma, no seu olhar vidrado,
Cheio de angústia pela nostalgia,
Há uma nesga de dor do seu passado,
Ou talvez o temor da terra fria...

Anda sempre sozinho, resmungando,
Do galo, ao clarinar, já nem presente,
E nem mais ouve o jaguapeva uivando.

Nada mais resta do vaqueiro “chada”
Pai João, o guapo, o peleador valente,
É um caco véio que num vale nada...

Foi na hora fogo do crepúsculo, que eu vi Mãe Preta abichornada num canto – cabeça branca de algodão batido – olhos cismadores pregados no passado distante, cantando, em forma de soluços, a cantiga enternecedora das recordações:

Tudo está pronto... e o misto povaréu

Vai conduzir o andor pela senzala;
Um foguete ribomba e varre o céu
e há confusão enorme pela sala.

Seu Vigário, na frente puxa a fila,
todo contrito entoa um coro suave;
o cão ladra, lá em baixo, que horripila
e ouve-se, bem longe, o grito de uma ave.

Um pequerrucho, impaciente chora;
para o cortejo... vão rezar agora;
velas se acendem, já a luz é escassa.

Longe, na serra, nasce bela a lua!
e passo a passo, desce um vulto à rua
é funda a festa... seu Vigário passa.

Dentro do meu peito – coração pulsando afitivamente – sertão fez
morada.
Fui criado por Deus para que nele sonhasse, sofresse e corresse.

A festa na roça ficou assim na imaginação:

Toca a besta Maneco... e ocê, Donata,
sarga e pendura a carne no varal;
e o vendaval, lá em baixo, pela mata,
rebenta e vence o denso taquaral...

Pega o sebo Firmino... sova o tento,
arcance o laço grande pru Tião,
enquanto o Pé-de-Cabra... mais o Bento,
sangram o Tigre e e o tosam o Alasão.

Chega o Juquinha, alegre, do potreiro...
Traz a malhada... e o filho da Cigana,
E ergue-se denso, o pó, lá no terreiro.

O Paulino, na rede dorme e sonha!...
e sinhá Marcelina, o arroz abana,
enquanto a Genoveva faz pamonha...

Reproduzo os versos de cadência matuta, tão estropiados de emoção – seixos autênticos das enxurradas – para poder dizer aos meus valorosos confrades – ouro e diamante desta augusta Casa – que o lugar do índio gaudério, de coração abaqueado e xucro, mas bom em terno como prece de mãe amorosa, é nos galpões das estâncias charruas, ao pé do fogo estralidante, onde, na hora evocadora do mate-amargo, as lendas e as tradições campeiras se entropilham.

Sinto, porém, que a Casa é minha. Fui chamado e aqui estou. Para ficar, até o dia do juízo final...

A honraria – para um homem caboclo – é grande por demais.

Afogar-me-ei em responsabilidade, mas sei que possuo forças suficientes para no momento psicológico, com mãos firmes e seguras, atirar o laço para o pialo grande da gratidão campeira sem limites.

Senhores Acadêmicos.

Meus queridos e polimáticos irmãos de ideais.

A Casa é minha também, não por merecimento, mas pela extrema bondade de muitos.

Serei aqui caboclo rústico, de gestos desengonçados, homem fronteiriço que foi embalado na infância pelo vento aragano vindo de terras distantes, índio cruzador de todos os pagos e enamorado de todas as querências, e minúscula gota d'água formada pelo orvalho da madrugada, e vós, ínclitos Acadêmicos – centelhas aurifulgentes da sabença da terra do genial Cândido Rondon – o mar bravio, revoltado e tempestuoso.

Que a gota d'água pequenina e insignificante, não envergonhe nunca esta Casa tradicional, de estudo, hospitalidade, amor pátrio e cultura.

Vim, meus irmãos, dos entreveros da fronteira, dos ervais sombrios, dos caminhos perdidos, do por-do-sol que magnetiza, dos balcões das estâncias, do chão poeirento e das encruzilhadas; vim conduzido pelas mãos bondosas, amigas e piedosas do eternamente lembrado José de Mesquita, o estilista suave, cuidadoso e brilhante, Rubens de Mendonça, historiador fecundo e poeta de permanente inspiração, e de tantos outros vultos preeminentes das letras de Mato Grosso, que fazem parte deste sodalício.

Vim, meus impolutos e nobres confrades, para ficar ao lado de todos, indistintamente, e de todos receber, diuturnamente as lições de cultura, que forjarão no coração do prosador rude, a compreensão de sabedoria.

Com a ajuda cristã de todos – formador do mar bravio, revoltado e tempestuoso da cultura – a gota de orvalho, pequenina e insignificante, crescerá também.

Que o Onipotente me dê forças para acompanhar-vos na grande caminhada cultural!

Sou tão fraco e tão pequeno, mas desejo crescer amparado, piedosamente, pelos luminares da cultura mato-grossense.

Tudo por Mato Grosso, hoje, amanhã e sempre, mestres de muita sabença e irmãos bondosos de ideais literários.

O Patrono

Não poderia eu, de forma alguma, deixar de proferir neste momento de grande significação para a minha vida de menestrel sertanejo e de prosador crioulo, algumas palavras a respeito do erudito Patrono da Cadeira n. 18, Francisco Antônio Pimenta Bueno, inteligência viva e brilhante que tão assinalados serviços prestou a sua terra natal.

Nasceu Francisco Antônio Pimenta Bueno em Cuiabá, a 10 de novembro de 1836, bacharel em Ciências físicas pela antiga Academia Militar; Coronel do Corpo de

Estado Maior de primeira classe; foi um estudioso do nosso passado, era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Oficial da Ordem da Rosa; Cavaleiro das Ordens de Aviz e do Cruzeiro, e condecorado com a medalha da campanha do Paraguai.

Diz Sacramento Blacke, em seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*: “Acabava de administrar a Província do Amazonas e de ser nomeado para elevado cargo, quando a morte o arrebatou e, como exprimiu em seu discurso o orador do Instituto Histórico ao fazer o elogio: ‘em todos os degraus da nobre e digna carreira militar sustentou com brilho, quer nos encontros da luta armada, quer nos labores da ciência, o venerando nome que carregava como filho do nunca olvidado estadista Marquês de São Vicente’. Escreveu Pimenta Bueno várias obras sobre a sua província natal, destacando-se ‘Estrada de Ferro de Mato Grosso à Bolívia’ e ‘História de Mato Grosso’”.

A província de Mato Grosso muito lhe devia.

A gloriosa Casa Barão de Melgaço pagou, em parte, essa dívida sagrada, escolhendo o seu nome ilustre, para Patrono da Cadeira n. 18, deste sodalício.

Dr. Francisco do Amaral Militão: o antecessor

Vai aqui a minha singela homenagem ao último ocupante da Cadeira n. 18, sob cuja memória seguirei, humildemente, a grandeza de seus passos.

Nasceu Francisco do Amaral Militão na gloriosa terra de Iracema, a 27 de março de 1923 e faleceu a 20 de julho de 1969, tragicamente, em acidente rodoviário na estrada Campo Grande-Rondonópolis, justamente no dia em que o primeiro homem pisou na lua.

A propósito do seu falecimento, o nosso confrade Rubens de Mendonça escreveu uma crônica de saudade:

“Domingo. 20 de julho. 5 horas. Toca o telefone. Minha senhora o atende. Era o Dr. Elpidio Gonçalves Preza, Delegado Fiscal do Tesouro Nacional, que desejava falar-me. Perguntou: - Rubens, já está acordado? Desejo falar-lhe. Pensei em tudo, menos naquele trágico acontecimento. Atendi imediatamente e ele me disse: - Há uma notícia triste. Acabam de chegar e estão expostos aqui na Delegacia os corpos de Militão e Paulo Sapucaí, falecidos ontem, em Rondonópolis. Desastre de automóvel. Fiquei como se houvesse levado uma forte pancada na cabeça, somente lhe perguntei: mas, o Militão, tem certeza? Ele respondeu-me afirmativamente: estão aqui. Lá chegando, o Dr. Preza me disse: escreva os dizeres para as coroas que nós, seus colegas da Delegacia Fiscal, vamos oferecer. Sentei à minha mesa e não sabia como escrever a palavra saudade.

Sai de automóvel com outro amigo, Nestor Saliba, e fomos procurar o Zelador da Academia Mato-Grossense de Letras para mandar hastear a bandeira pelo luto da Casa, dada a perda de um seus mais brilhantes membros.

Ao colocar a Bandeira, lembrei-me da frase de Gervásio Leite sobre a precariedade da imortalidade acadêmica. Revi Militão no dia 7 de setembro do ano passado, quando tomava posse na Cadeira n. 18, naquela Casa. Ele era um homem cheio de vida e de alegria de viver.

A sua risada, uma risada franca, alta e leal; recordei o poeta português João Penha:

*'Não sei se diz o Evangelho
Quem é triste, morre cedo,
Quem muito ri, morre velho'.*

Os versos não condiziam com o momento, porque se assim fosse, ele viveria 200 anos”.

Militão foi professor de matemática no Recife. Era economista, Inspetor Fiscal das Rendas Internas e Professor da Faculdade de Direito de Campo Grande e foi Presidente do Banco do Estado de Mato Grosso. Publicou as seguintes obras: Teste de Direito Comercial, Recife, 1952; Assuntos Tributários, 1ª ed. Campo Grande, 1952, 2ª ed. São Paulo, Editora Fulgor, 1963; Banco e Fisco, Campo Grande, 1963. Esparsos: Discursos, Conferências e Crônicas e Discurso de Posse, 1968. Revejo-o lendo o seu discurso de Posse na Cadeira n. 18, na Academia, quando ele, falando de seu antecessor Alírio de Figueiredo, dizia:

É necessário situar o poeta no tempo e no espaço, saber o de que dispunha ele, onde e quando.

O Tempo e Espaço de Alírio:

Esta venusta e vetusta Cuiabá:

Cuiabá de há meio século, suave e quente, quente também, e ainda de calor humano;

Cuiabá do Tempo da Cadeirinha (Coletânea de contos do Acadêmico José de Mesquita, v. 5 da Estante Mato-grossense) das serestas de amor;

Cuiabá das festas juninas, do jardim agradilado;

Cuiabá das festas do Divino, de São Benedito, da Senhora do Rosário;

Cuiabá da lenda do ouro, aos pés de São Benedito, escorrendo nas enxurradas pelo córrego da Prainha;

Cuiabá em que todos se conheciam e o forasteiro era o pau rodado;

Cuiabá do lendário Coxipó, manso e coleante;

Cuiabá das pingas do Aricá, do gostoso bolo de arroz;

Cuiabá de alma ingênua, do bonito Dom Por do Sol (poema de Rubens de Mendonça);

Cuiabá pacata, isolada, que dava ao poeta ensejo de ouvir o canto da cigarra;

Cuiabá do Senhor Bom Jesus, a quem peço a bênção;

Foi nessa Cuiabá – como eu te quero Cidade Verde!

Foi nessa Cuiabá – como me sinto bem impregnado da sua terra, da tua gente, do teu passado!

Foi nessa Cuiabá – e como estou feliz por ver-me acolhido no teu mais alto Templo de Cultura!

Foi nessa Cuiabá que nasceu e faleceu, viveu e poetou Alírio de Figueiredo”.

Esta página é um hino evocativo com que o filho da terra de Iracema decantou a terra de Dom Aquino Corrêa.

Era assim o meu antecessor.

Militão foi o acadêmico que menor tempo gozou da glória da imortalidade acadêmica. Dez meses apenas esta casa teve o seu amável convívio.

Dia 7 de setembro de 1968. Festa, luzes e flores. Um acadêmico se empossa. Recebe-o em nome da Academia o saudoso acadêmico José Jayme Ferreira de Vasconcellos, notável e brilhante jornalista, designado para falar em nome da Academia Mato-Grossense de Letras. Jayme de Vasconcellos sobre o abuso de linguagem de certos escritores atuais, assim se pronunciou: *“A vossa fulgurante passagem pelo setor das belas letras – Sr. Dr. Amaral Militão – comprova que outra não tem sido a vossa orientação mental. Vosso discurso há tempos dirigido ao nosso confrade Antônio Barbosa, o confirma plenamente. Daí o vosso ingresso por honrosa votação unânime, na Casa do Barão de Melgaço, e nesses vossos pendores intelectuais, repousa a nossa confiança, de que ajudareis a Academia Mato-Grossense de Letras a, dia-a-dia mais eficiente, cumprir os postulados que lhe traçou a palavra aurifugente de D. Aquino Corrêa, no discurso inaugural. Sede, pois, bem-vindo, ilustrado e novel confrade”.*

Ocupo hoje a cadeira deste portentoso estilista. Cadeira que ele tanto honrou, elevou e dignificou.

Não sei, em verdade, meus iluminados confrades, como agir e proceder para ser digno da mesma e da soberana Casa Barão de Melgaço que me recebe e me abriga – farol grandioso e imensamente belo da cultura mato-grossense.



CADEIRA 18

PATRONO

Francisco Antônio Pimenta Bueno

OCUPANTES

José Magno da Silva Pereira

Alírio de Figueiredo

Francisco do Amaral Militão

Hélio Serejo

Marta Helena Cocco

SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA MARTA HELENA COCCO

Cuiabá, 31 de outubro de 2014

DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA MARTA
HELENA COCCO, PELO ACADÊMICO EDUARDO MAHON

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA MARTA HELENA
COCCO

**DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA MARTA HELENA COCCO,
PROFERIDO PELO ACADÊMICO E PRESIDENTE DA ACADEMIA
MATO-GROSSENSE DE LETRAS, EDUARDO MAHON¹**



O novo sempre vem

O artista Pablo Picasso que rompeu com escolas anteriores e promoveu a desconstrução do tradicional belo, simétrico e coerente, ao chegar à velhice, afirmou: *Quando eu tinha 15 anos sabia desenhar como Rafael, mas precisei uma vida inteira para aprender a desenhar como as crianças.* De forma concisa, o espanhol nos legou uma grande lição – não é difícil ser prolixo, criptografado, apelar para o clássico e sua interminável erudição bibliográfica e icnográfica, sacralizando as formas em altares barrocos: difícil mesmo é ser simples.

O artista, e por que não?, o escritor, começa querendo impressionar os círculos íntimos com a acuidade excessiva no academicismo. Muita tinta, muito rigor. Letra amarrada, engessada, autocensurada. Pinturas difíceis, sentidos densos, palavras obesas. Depois, ao vencer o tempo, procura a sofisticação, lapidando excessos, castrando o rebuscamento até que, galgando maturidade – não a velhice, mas a maturidade real – percebe que deve comunicar-se para além do espelho: volta as costas para o que fez e se refaz novo, livre, aberto. Para não morrer afogado de si, rejeita o Narciso. Humaniza-se. Condensa-se. Simplifica-se. Vira criança.

A escritora Marta Cocco chegou madura a esta Academia de Letras: não quer a ovação erudita, porque já trouxe com ela as palmas das crianças. Esta Casa de Letras, por sua vez, ao sufragar Marta Cocco, oferece uma mensagem esperançosa: não aceita a “lanterna da popa”², como diria nosso saudoso confrade Roberto Campos. Não se limita apenas a acompanhar a evolução da sociedade. Assume a condição de vanguarda. Quer lançar luz pela proa, convidando para brincar o que há de inovador em cada um de nós. Essa é a mensagem: viver é invenção e manter-se vivo é se reinventar. Aliás, até os mortos estão entre nós por força do imaginário. Quem não sonha, não cria, não inventa, morreu e não sabe.

Deixemos aos jovens a missão de identificar o ponto de ruptura – superar o romântico complexo da *era de ouro*, pelo qual o passado é percebido sempre melhor do que o presente. Não é verdade. A eleição de uma escritora que transita pela poesia e tem a coragem da simplicidade infantil indica que *belle époque* acadêmica não ocorreu num passado mágico, congelado na memória afetiva. A *belle époque* é um estado contínuo, dependendo de como nos sentimos defronte à contemporaneidade. Estaremos saudosos? Estaremos satisfeitos? Estaremos felizes? Convém não conjugarmos em demasia

1 Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, biênio 2013/2015.

2 CAMPOS, Roberto. Lanterna na Popa - Memórias. 1ª edição. Topbooks. 1994.

o pretérito imperfeito e, com ainda mais acuidade, o mais que perfeito. Nosso tempo não foi, não seria, nosso tempo é. Um tempo zap, um tempo chip, um tempo clic, um tempo de concentração descontraída³.

Há muito romantismo rondando instituições. Estas devem mesmo ser defendidas, não somente pela força da tradição. A Academia Mato-Grossense de Letras deve ser abraçada pela sociedade porque representa diálogo, respeito, abertura e conservação. Não são valores mutuamente excludentes e sim complementares. Evidentemente que o tempo é relativo numa instituição de caráter vitalício. Todos nós não abrimos mão das tradições, mas não queremos viver enclausurados no passado autorreferente. É por isso, senhoras e senhores, que a imortalidade não pertence senão à Academia Mato-Grossense de Letras. O resto é lembrança e encantamento.

Há crítica. Como não haveria? Não raro, o cultivo da língua e das regras gramaticais é apontado como reduto aristocrático. Um sofisma, todavia. Dominar a regra culta não significa dobrar-se a ela. Muito ao contrário: há um gosto especial em subvertê-la. Quero lembrar o início da fala: o artista que pintava como criança não só dominava a pintura clássica como transcendeu as convenções em nome da identidade própria. Há maturidade nos pássaros de Miró, reflexão nos touros de Picasso, genialidade em Kandinsky, técnica irreverente em Andy Warhol, enfrentamento semiótico em Roy Lichtenstein: a simplicidade não significa o desconhecimento da regra culta e sim a opção do artista culto.

A mirada crítica sobre o conservadorismo não vê que ele já foi modernidade e a própria linguagem moderna passará a ser, no futuro, cânon literário. O contemporâneo de hoje é alterar as relações de poder para relações de saber. Que venha o amanhã nos desdizer e reinventar o que julgamos ser bom e belo. O único pecado que não devemos nos permitir é o imobilismo. Ouçamos Pedro Abrunhosa: *De que serve ter o mapa, se o fim está traçado?! de que serve a terra à vista, se o barco está parado?! de que serve ter a chave, se a porta está aberta?! De que servem as palavras, se a casa está deserta?!*⁴. As poses contemporâneas revelam o incerto, o desconhecido, o imprevisível. E essa incompletude é essencial para a literatura contemporânea. Acaso não está certo o poeta: *Alguém me gritava/ com voz de profeta/ que o caminho se faz entre o alvo e a seta*⁵?

Na ponta oposta, há quem busque a perfeição da forma, idealizando romanticamente o passado. Citemos Cazuzza, o poeta exagerado: *eu vejo o futuro repetir o passado/ eu vejo um museu de grandes novidades*⁶. Será? Será que estamos condenados como a ninfa Eco a viver repetindo a si mesma? Há quem pense que não. Há na própria música

3 Referência à obra de Paulo Leminski. O poeta usou a expressão originalmente cunhada como “concentração desconcentrada” em *Distraídos Venceremos*, São Paulo: Brasiliense, 1987.

4 ABRUNHOSA, Pedro Machado. *Quem me Leva os Meus Fantasmas*. Álbum Luz, ano 2007.

5 Ibidem.

6 CAZUZA. *O Tempo Não Para*. Álbum de mesmo nome, ano 1988.

popular brasileira o contraponto no qual se inspira essa peroração: *“minha dor é perceber/ que apesar de termos feito tudo, tudo o que fizemos/ ainda somos os mesmos e vivemos/ ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais/ nossos ídolos ainda são os mesmos/ e as aparências não enganam não/ você diz que depois deles/ não apareceu mais ninguém./ Você pode até dizer/ que estou por fora/ ou então/ que eu tô inventando/ Mas é você que ama o passado e que não vê/ É você que ama o passado/ e que não vê/ que o novo sempre vem”*⁷.

Na sátira *l'Optimisme*, Voltaire nos conduz pela decepção do protagonista com as lições filosóficas que estavam em voga plasmadas no mentor Pangloss. Dizia o eterno otimista: *tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos possíveis*. Cândido, ao perceber desolação no caminho, dá uma guinada na percepção da realidade e evolui para concluir: *precisamos cultivar o nosso jardim*. Noutras palavras: o que nos resta é o presente. Não vivíamos num passado melhor e nem tampouco o presente é decepcionante. Tenho certeza em afirmar que a homenagem aos que nos precederam é a produção inovadora e não o contínuo molde estético. Como cantou Chico Buarque, até mesmo Deus não é narcisista: *Ao Nosso Senhor/ Pergunte se Ele produziu nas trevas o esplendor/ Se tudo foi criado - o macho, a fêmea, o bicho, a flor/ Criado pra adorar o Criador// E se o Criador/ Inventou a criatura por favor/ Se do barro fez alguém com tanto amor/ Para amar Nosso Senhor/ Não, Nosso Senhor/ Não há de ter lançado em movimento terra e céu/ Estrelas percorrendo o firmamento em carrossel/ Pra circular em torno ao Criador*⁸.

Nossa Academia já fez felizes ensaios renunciando a festa do tempo-presente: o sufrágio de Silva Freire, por exemplo, coloriu de irreverência o mundo literário mato-grossense por consagrar a assimetria, o concretismo, a ruptura com o sisudo erudito e, sobretudo, valorizar a linguagem popular, subversiva e subterrânea. Afinal, o que são as ‘letras’ de uma Academia de Letras? A posse de Marta Cocco nos dá uma resposta: são todas as letras. Dos jornalistas, dos romancistas, dos cronistas, dos poetas, dos críticos, dos historiadores, dos juristas. Há espaço para mais, muito mais. Aqui terá assento a criança que chora, que ri e que brinca na novel acadêmica, assim como escorre das paredes a sopa de letras grafitadas nas mais diversas fontes.

Ao contrário do que pensam alguns, não vivemos nós num olímpico parnaso. Atrevo-me divergir da semiótica de D. Aquino ao consagrar o retrato de beletristas. Os acadêmicos compõem uma polifonia intelectual, polimorfia estética, policromia temporal, formando um caleidoscópio em que o novo é sempre uma cor a mais na composição. Nem sempre a letra é bela. Pode ser triste, pode ser feia, pode ser dissonante. Não temos o compromisso da simetria métrica, da narrativa-epopeia, da poesia-monumento. Em literatura, como se sabe, o “certo” quase sempre não é o “exato”. Refletindo com vagar, o literato verdadeiro tem muito de antiolímpico.

As letras que Marta Cocco vai nos acrescentar também são plurais. Professora, debatedora, agitadora cultural, participou com capítulos em livros e artigos em revistas científicas, comentando a obra de vários autores mato-grossenses, como é o caso da

7 BELCHIOR. *Como os Nossos Pais*. Álbum Alucinação, ano 1976.

8 BUARQUE, Chico. *Sobre todas as coisas*. Álbum Paratodos, ano 1993.

Antologia Poética Nossas Vozes, nosso Chão, na qual analisou a obra da recém empossada Lucinda Persona. No voo solo, enriqueceu Mato Grosso com os livros: *Partido*, de 1997; *Meios*, de 2000 obra vencedora do Prêmio Mato Grosso Ação Atual; *Sete Dias*, de 2007; *Sábado ou Cantos para um dia só*, de 2011; *Lé e o Elefante de Lata*, de 2013; e finalmente *Doce de Formiga*, de 2014, cuja provocação é evidente: *No meio do caminho tinha uma pedral e daí eu tropecei e caí./ Tinha uma pedra no meio do caminho e eu andando distraído.../ Ai, Que foi que eu fiz?/ Tem sangue no meu nariz/ No meio do caminho uma pedra tinha - socorro, mamãezinha, /me cuida senão eu morro!! - Foi só um arranhão/ lava com água e sabão/ No caminho do tinha pedra uma meio/ acho que o susto é que foi feio*⁹. Eis o notório compromisso de reinventar o que já chamamos de “passado moderno”. Nas frestas do velho, surge o novo a abrir janelas sobre o clássico que já foi, no passado, contemporâneo. É uma provocação, uma homenagem, uma desconstrução ou tudo de uma única vez?

Os livros de Marta Cocco meditam, interrogam, duvidam: são eles o anti-clímax do classicismo. A escritora que recebemos hoje toma partido, agita o mundo em derredor, busca a superação. Revolta-se com aparências, com as sujeições, com o desconforto do pós-moderno, flerta com a euforia e a crueza existencial. Eis as palavras dela: *Aos que ignoram o preço/ a taxa, o rótulo, a intenção/ e vivem diluídos/ numa infame poção/ submetendo-se aos feitiços./ E aos que se rebelam/ chamando a nossa atenção para a vida/ à custa da própria./ Porque da mais ingênua alegria/ à mais profunda tristeza/ é turva a clareza/ é infinita a poesia*¹⁰.

Nossa nova acadêmica enxerga o mundo por três prismas: o científico, porquanto o curriculum é balizado com mestrado e doutorado em letras e linguística, o infantil e o poético. Verso livre e contemporâneo, mas sempre inquieto: *Incendiar o rio/ que noites e dias/ me atravessa/ Alvejar o ponto/ o desequilíbrio/ a fresta por onde a claridade indicia/ um cheiro de vida./ Arder em ondas e correntes/ chegar à grandeza/ desembocar:/ bocas e dentes na impetuosidade/ expressa/ do teu olhar*¹¹. A poeta segue exigente, exigindo, panfletando com coerência por toda a obra que produziu. Cobra de si, cobra do mundo. No poema “requisito”, temos as condições existenciais dela: *Que seja assim/ imprevisível/ inconstante/ inaudível/ inquietante./ Ansioso/ sem ser pontual/ Displacente/ sem deixar de agradar./ Como o vento./ E os melhores desejos*¹². Daí exsurge uma intelectual rebelde com as formas, os limites e as convenções, afeta a uma nova estética, mais elástica e menos estática.

Marta Cocco pisca para o mundo, como diria Monteiro Lobato. Piscou para nós da Academia de Letras. E nós para ela. Quer viver, não sem questionar, o presente,

⁹ COCCO, Marta. *Doce de Formiga*. Tanta Tinta, 2014.

¹⁰ COCCO, Marta. *Sete Dias*. Edições Galo Branco, 2007. p. 19. Oferenda.

¹¹ COCCO, Marta. *Meios*. 2000. A Autora. p. 66, Desejo.

¹² COCCO, Marta. *Partido*. 1997. Tempo Presente Editora. 1997, p. 24. Requisito.

o imediato-agora, o tempo-já. Lembra em tudo a irreverente boneca Emília – *A vida, senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem pára de piscar chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos – viver é isso. É um dorme e acorda, dorme e acorda, até que dorme e não acorda mais [...] A vida das gentes neste mundo, senhor Sabugo, é isso. Um rosário de piscados. Cada pisco é um dia. Pisca e mama, pisca e brinca, pisca e estuda, pisca e ama, pisca e cria filhos, pisca e geme os reumatismos, e por fim pisca pela última vez e morre. – E depois que morre?, perguntou o Visconde. – Depois que morre, vira hipótese. É ou não é?*¹³. Então, pisque para nós, Marta Cocco e se una ao piscar para a sociedade da nossa Academia de Letras.

Senhoras e Senhores, das várias formas de imortalidade acadêmica, da meramente protocolar à verdadeira consagração popular, quem escreve para crianças leva vantagem: toca o coração, cria sonhos, entrega capa e espada a pequenos heróis, arquiteta paixões improváveis entre nobres e plebeus, diálogos impossíveis entre formigas gulosas, batalhas etéreas entre sapos e elefantes de lata. Enfim, no fértil imaginário de autores infantis, “reinações¹⁴” são inventadas e se tornam mais reais do que a realidade. Quem fica na memória do jovem, esse sim, vira imortal. Tudo passa – o viço da pele, a agudeza mental, a potência da carne – mas não a emoção: o humanismo sempre sobreviverá na humanidade.

Façamos uma barganha, senhora acadêmica Marta Cocco. Eis o abrigo que a V. Excelência escreveu que deseja: *Nesse instantel que eu desejei profundamente/ eternol uma luz foi acesa./ Cantos surgiram voandol/ janela adentrol/ uma mão afável e boal despre- gou certa água em meu rostol/ el com voz de pai e mãe/ soltou as palavras:/ volta/ pra casa*¹⁵, do livro *Sábado ou Cantos para um dia só*. Eis aqui sua nova Casa. Fique à vontade em todos os cômodos: no estar do passado, no hall do presente, na varanda para o futuro.

Para V. Excelência, dedico uma poesia: *Imprecisol não sabia nada/ O quanto/ Nem o quão/ Quanta coisa há/ Quanta coisa não/ Tanta palavra havia/ Para cada qual/ Como dizia o quêl/ Quanto fulava quão/ Qual nominava/ Quando calava/ O quão men- tial/ Impreciso não sabia nada/ Quanta palavra/ Que sentido tinha/ Qual precisava/ O quão impreciso havia*¹⁶. Pela acolhida, o que pedimos em troca? Empreste os seus olhos de criança para que brinquemos com nossa própria fantasia. Eis aqui a sua casa. Cumpre-se o presságio do poeta: *o novo sempre vem*. Traga-o consigo, ainda menino e sem compromissos; e que V. Excelência seja aqui tão bem-vinda como bem-vindo é o futuro.

13 LOBATO, Monteiro Lobato. 1936. 1ª edição. Memórias de Emília”.

14 Ref.: Reinações de Narizinho, publicado em 1931.

15 COCCO, Marta. *Sábado ou Cantos para um dia só*. Carlini & Caniato Editorial. 2011. Pg. 42.

16 MAHON, Eduardo. Da coletânea a ser publicada na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras em 2015.

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA MARTA HELENA COCCO



Para Estela, minha afilhada, que quer ser escritora.

Viver para repartir

Senhor Presidente Eduardo Mahon, Acadêmicos e Acadêmicas, Autoridades Presentes, Sr.^a Helita Fontão, filha de Helio Serejo a quem sucedo nesta noite, Familiares, Amigos, Colegas, Estudantes, Senhores e Senhoras.

Quando uma casa centenária abre suas portas e nos convida a entrar, muitas sensações acompanham o trajeto da decisão até a chegada.

A honra é uma delas. Afinal, esta Instituição foi edificada há muitos anos, num momento histórico especial, por um grupo de intelectuais e ativistas da cultura que se empenhavam em construir uma identidade para Cuiabá e Mato Grosso. Por essa época, maio de 1921, portanto, há 93 anos (por isso podemos chamar esta Academia de centenária), eram comuns construções discursivas que estigmatizassem como lugares-sertão, bárbaros e não civilizados, locais distantes das metrópoles litorâneas. Estávamos nas primeiras décadas do século XX marcado pelo espírito revolucionário importado da Europa e que se pautava, de um lado, pela euforia de conquistas tecnológicas as quais mudavam sensivelmente a experiência humana neste planeta; de outro, pela depressão causada no interstício de duas guerras mundiais. O espírito de Dom Aquino, um dos fundadores desta casa, estava conectado com a urgência de estabelecer, em terras mato-grossenses, um espaço apropriado às ações culturais que já aconteciam por aqui de modo intenso e com peculiaridades que não necessariamente coincidiam com as de outros locais. Nessa época, a par do que se fazia canônico pelo gosto do público letrado de então, produzia-se, em Mato Grosso, uma poesia modernista muito afinada com as propostas de inclusão de temas populares e de revisão das concepções de brasilidade. É o caso de Lobivar Matos, autor resgatado na Coleção *Obras Raras*, publicada na gestão do acadêmico Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, momento que marcou minha aproximação com esta Instituição. A sensação de honra é porque esta Casa alberga em suas paredes de adobe, uma riquíssima história que, estudada em seus meandros, revela aspectos importantes da constituição de nossas identidades.

Outra sensação foi a de responsabilidade. Pertencer a uma Instituição significa filiar-se aos seus códigos, aos seus compromissos e pensar na sua representação neste vasto lugar a que chamamos Mato Grosso. Motivada pelas ações da atual diretoria, decidi que poderia entrar e contribuir. Para isso, contei com a avaliação e aprovação dos senhores e senhoras que compõem esta Academia, dentre os quais muitos se fazem presentes hoje, a quem externo minha gratidão. Peço licença para registrar, especialmente, a aprovação de Yasmin Nadaf, cuja trajetória como pesquisadora é respeitável, bem como sua generosidade. Se hoje, as nossas universidades contam com um forte grupo de pesquisadores que estudam e divulgam a literatura regional, é preciso dizer

que, senão todos, grande parte se valeu do riquíssimo acervo da Prof^a Dr^a Yasmin, bem como de sua acurada leitura de dissertações e teses.

Outra sensação, ou melhor, atitude, que me acompanhou até aqui, foi a da reflexão. O que é a imortalidade? Imortais são os deuses, são as boas obras que atravessam os tempos. Nós, humanos, somos feitos de matéria finita, como bem assinala em seus versos a poeta Lucinda Persona: *Se fosse o caso, eu seria nem vegetal, nem animal apenas pedral que não desova e nem precisa jamais dizer: 'por que me destes um corpo mortal, ó Senhor?* No limite de minha reflexão, penso, ainda, que até a matéria ou o suporte em que se imprime a obra, e, por fim, o próprio planeta, um dia se extinguirão. Não pude me furtar à influência dos versos do poeta português, Fernando Pessoa: *...Mas o dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta. Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada e com o desconforto da alma mal-entendendo. Ele morrerá e eu morrerei. Ele deixará a tabuleta, eu deixarei versos. A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também. Depois de certa altura, morrerá a rua onde esteve a tabuleta e a língua em que foram escritos os versos. Morrerá também o planeta girante em que tudo isto se deu. Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas, sempre uma coisa defronte da outra...* Se a morte fosse o fim último, entretanto, não teríamos por que nos mover; o que nos anima a seguir em frente, é a certeza do recomeço, do eterno ciclo que se refaz, como pontuou o poeta Aclyse de Mattos: *tudo o que é belo, foi um dia estranho./ Tudo o que é velho foi um dia novo/Tudo o que é verso, foi um dia sonho.* Dessas reflexões extraio o sentido de que a imortalidade de uma obra depende do que ela repercute no coração de quem a lê. Não são mensuráveis, estão fora do tempo os momentos em que a substância das palavras nos alimenta. Assim, a imortalidade é um desejo de que a escrita possa ter algum proveito a pelo menos um leitor, por um instante que seja, breve no relógio, mas inefável e infinito na alma. Os desdobramentos de uma linguagem que nos toca são imprevisíveis e podem se dar a qualquer momento da vida, influenciando nossas ações, posturas, discursos e sentimentos. A palavra é um mar, e nela estamos sujeitos a aventuras, a descobertas, a calmarias, a tempestades, a naufrágios. Nela podemos imergir e vir à tona mais informados sobre as profundidades. Como marinheiros, somos finitude e pequenez, diante dela e do universo. Somos um nanoscópico ponto, não há lugar para a vaidade, apenas para a coragem dos desafios e para o empreendimento de que, se for merecedora, a obra possa perdurar enquanto fizer sentido, enquanto puder ser chama, invocando a bela metáfora de Vinícius de Moraes, para o tema do amor.

Meu filho, agora com nove anos, me falou, convicto: Mami, você deve entrar para a Academia, porque quanto mais você for lembrada, mais você vive. Não sei de onde ele tirou essa frase, estávamos apenas os dois em casa e ele me apanhou num daqueles momentos em que fico olhando para o nada, alheia ao que se passa ao redor. Dessa fala, do pequeno Ivan, e por que levo muito em conta o que as crianças dizem, é que parto para a lembrança daqueles que já ocuparam a cadeira nº 18.

Seu patrono é Francisco Antonio Pimenta Bueno. Nascido em Cuiabá, em novembro de 1836, foi bacharel em Ciências Físicas pela Academia Militar e Coronel

do corpo do Estado Maior de Primeira Classe. Foi estudioso da História de Mato Grosso, prestou relevantes serviços ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Também foi oficial da Rosa Cruz e Cavaleiro das Ordens Aves do Cruzeiro. Escreveu as obras: *Estrada de Ferro de Mato Grosso à Bolívia e História de Mato Grosso*.

Ocupou a cadeira nº 18, o Coronel José Magno da Silva Pereira, nascido em novembro de 1847. Foi um destacado jornalista político, prestando relevantes serviços com uma escrita que se opunha a governos tirânicos e despóticos. Por conta de sua lavra, foi preso a bordo do navio de guerra Antonio João, em 1890, juntamente com Manoel Murtinho e, quando liberto, viu-se obrigado a refugiar-se em casa de amigos, diante das perseguições dos políticos autoritários da época. José Carlos Magno da Silva Pereira foi o chefe de redação da Província de Mato Grosso e redator dos jornais: *O Matto-Grosso*, *O democrata* e *O Correio do Estado*, além de ser colaborador de outros. Ocupou também os cargos de Diretor de Typografia e de Secretário do Governo, tendo sido membro da Constituinte Mato-grossense.

Também ocupou a cadeira 18 o advogado Alírio de Figueiredo. Nasceu em abril de 1893. Desempenhou as seguintes funções públicas. Delegado de Polícia da Capital, Consultor Jurídico do Estado, Procurador Fiscal da Fazenda Estadual, Promotor Público, Procurador Geral do Estado, Secretário Geral do Estado, Professor de Português e de Sociologia, Desembargador Aposentado do Tribunal de Justiça e Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Publicou as obras: *Poesias e Poemas e Poeiras*.

Depois foi a vez de Francisco do Amaral Militão. Nascido no estado do Ceará, em 1923, foi professor de Matemática no Recife. Era economista, Inspetor Fiscal de Rendas Internas e professor da Faculdade de Direito de Campo Grande. Foi presidente do Banco do Estado de Mato Grosso, o extinto Bemat. Publicou as seguintes obras: *Tese de Direito*, *Assuntos Tributários* e *Banco é Fisco*.

Por último, quem ocupou a cadeira nº 18 foi o poeta Helio Serejo. Vou me demorar um pouco mais sobre este acadêmico, porque os anteriores já foram referidos em outros discursos de posses. Sobre Helio Serejo, entretanto, esta é, obviamente, a primeira alusão em texto deste gênero. Dos ocupantes da cadeira 18, Serejo é o que figura na Historiografia da Literatura Mato-grossense de Rubens de Mendonça. Nascido em Nioaque, hoje Mato Grosso do Sul, em uma fazenda, no ano de 1912, era o sétimo filho de Francisco Serejo e Ernestina Batista, dentre nove irmãos. Com intuito de estudar engenharia, alistou-se no 3º Regimento de Infantaria, no Rio de Janeiro, e foi preso em 1935, durante a Intentona Comunista. Até provar inocência, permaneceu detido na Ilha das Flores por seis meses, sendo excluído do Exército, onde tinha a formação de sargento.

Retornando a Mato Grosso, trabalhou como fiscal, escrivão e jornalista. Por causa de uma doença nos olhos, mudou-se para Presidente Venceslau, São Paulo, em 1948. Depois, voltou para Campo Grande, e passou a trabalhar como ervateiro. A produção da erva-mate permitiu-lhe conhecer o universo e o folclore de sua gente, os quais retratou em suas obras.

Foi membro de diversas instituições e academias, dentre as quais o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e esta Academia Mato-Grossense de Letras. Também pertenceu a instituições estrangeiras, como o Centro Folclórico Sul-Americano de Bogotá, o Cultura Crioula de Paissandu, do Uruguai e a Sociedade de Pesquisa Folclórica de Lisboa.

A obra de Helio Serejo tem sido revisitada por pesquisadores de várias universidades que nela reconhecem o importante atributo de multiculturalista. Publicou vinte e sete livros. Fazendo uma síntese da rica bibliografia de Helio Serejo, pode-se afirmar que se trata de uma literatura que congrega experiência multiétnicas e fronteiriças, onde sobressai uma linguagem que matiza com o nosso idioma, palavras e expressões da língua espanhola e de línguas indígenas. Nesse aspecto, interessei-me de imediato pela escrita desse autor, pois vi muitos pontos de contato com uma das literaturas que fizeram parte da minha formação como leitora, a literatura do Rio Grande do Sul. Também lá os espanholismos são frequentes, assim como temas ligados à vida campeira. A comunhão com os povos latinos com que o Brasil faz divisas é assunto de relevância para nós, e, também por isso, a obra de Serejo torna-se ainda mais instigante. Por fim, colho de suas próprias palavras, o seu autorretrato: *Eu sou o homem fronteiroço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e aragano que nasce em terras incaicas, num recônvaco do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado (...) arrebentar cortante e gélido na cidade de Ponta-Porã (...) sentinela avançada das terranias mato-grossenses. Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos entreveros dos bolichos (...) Sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo. (...) Procurei cantar com ternura e suavidade as belezas incomparáveis do sertão e, tanto quanto possível, procurei descrever com fidelidade as paisagens coloridas das estâncias.*

Suceder a Helio Serejo, diante de tão vasta produção, é uma responsabilidade e uma alegria, dadas as afinidades culturais. Também nasci em ambiente rural, também provei de frios ventos, também sorvo da boa erva-mate e já morei em vários lugares. Nasci em Pinhal Grande, uma colônia de italianos no interior do Rio Grande do Sul, e para fins de estudo, também residi em Tupanciretá e Santa Maria. Em Mato Grosso, minha primeira morada foi Diamantino, depois Cuiabá e hoje Tangará da Serra. Andar por diversos lugares nos dá a experiência da relação com o outro a quem temos de conhecer e com quem havemos de conviver e de aprender.

Destas andanças, além do rico convívio com pessoas, registro a importância de algumas Instituições que fizeram parte da minha jornada: Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, Prefeitura de Diamantino, Colégios Salesianos Santo Antonio e São Gonçalo, Universidade Federal de Mato Grosso, Univag Centro Universitário, e hoje, a Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, onde posso viver a literatura, no ensino, na extensão e na pesquisa. Também destaco a importância do Sesc

Arsenal, onde lancei livros, fiz recitais de poesia e participei de vários eventos ligados à literatura.

O meu envolvimento com a literatura produzida em Mato Grosso começou em 1997. Naquele ano, ainda residindo em Diamantino, obtive aprovação de projeto submetido à lei de incentivo à cultura e, graças à generosidade de Ivens Scaff e Wander Antunes, meu livro de poemas foi acolhido para um lançamento conjunto de obras infantis de Ivens, Wander e Lucinda, com a presença do ilustrador Marcelo Velasco. Começou ali uma amizade profícua. Percebi que havia pessoas envolvidas com a difusão das letras desta terra. Fiquei impressionada com a qualidade da escrita de vários autores e, em gratidão à acolhida, passei a ler, a conhecer e a divulgar cada vez mais os nossos escritores. Em seguida conheci alguns integrantes de um grupo performático chamado Caximir, com quem partilhei importantes momentos de divulgação do verso. Antonio Sodre, Toninho, Eduardo Ferreira, Ana Amélia, Luiz Renato, Amauri Lobo. Por essa época também conheci Aclyse de Matos, Juliano Moreno, Lorenzo Falcão, Gabriel de Matos, Ricardo Dicke. Depois as poetas Marilza Ribeiro, Luciene Carvalho, Marli Walker. Ainda Santiago, Paulo Sesar Pimentel, Robson Rocha, Rômulo e tantos outros. Li também os que não conheci pessoalmente: Silva Freire, Dom Aquino, Alfredo Marien, José de Mesquita, Manoel de Barros, Pedro Casaldáliga, Manoel Cavalcanti Proença e outros, e ainda há muitos para descobrir. Em minhas aulas, palestras, recitais, os autores da terra sempre tiveram espaço. Por quê? Por que é importante, na formação de uma pessoa, que ela reflita sobre a realidade do seu entorno. Se boa parte de nossa população tivesse lido e debatido o romance *O berro do Cordeiro em Nova Iorque*, por exemplo, de Tereza Albues, quem sabe o trabalho aos moldes da escravatura já pudesse ter sido erradicado em Mato Grosso. Se tivéssemos lido os romances de Ricardo Guilherme Dicke, quem sabe teríamos outras opiniões sobre o estabelecimento de feudos e coronelismos, e sobre relevantes questões filosóficas acerca da existência humana. Por que a literatura, senhoras e senhores, expressão da alma humana, nos faz olhar para a realidade também sob a perspectiva do outro. E se não formos totalmente endurecidos, podemos nos comover com a dor do outro, com os fracassos do outro, com as injustiças cometidas contra o outro, e podemos nos alegrar com o que sucede de bom com o outro. Na relação com a alteridade de carne e osso e de papel é que cumprimos a grande jornada da vida, que é a do autoconhecimento e aprimoramento interior. A literatura não existe para falar apenas das coisas boas. Ela é como a vida. Em determinados momentos nos põe diante de situações difíceis. Já aconteceu com Drummond, sempre tão atual, sempre vivo em seus versos: *provisoriamente não cantaremos o amor, cantaremos o medo, que esteriliza os abraços*.

Senhor Presidente, Acadêmicos e Acadêmicas, que esta casa possa, cada vez mais, selar parcerias com outras Instituições para ações de incentivo à leitura. Temos bons livros, boas editoras, mas não temos circulação. Estufamos o peito para ostentar os índices da produção econômica, enquanto os índices de leitura e de desempenho escolar estão entre os piores do Brasil. Faltam ações públicas e privadas que compreendam que uma sociedade sustentável começa pela educação.

Antes de encerrar, agradeço a presença e o incentivo dos meus familiares, da minha e da família do Angelo, e especialmente a ele, que me acompanha há 16 anos e me apoia incondicionalmente. Ao Ivan, que me inspira e me faz desejar vida longa para vê-lo crescer. Aos amigos que tem colaborado ou participado comigo de ações culturais. Aos meus colegas de Unemat, de todos os campi, e especialmente os de Tangará da Serra. Aos colegas e professores que tive em toda vida escolar. Aos estudantes que se fazem presentes, inclusive meus queridos alunos, a quem desejo que descubram a literatura como possibilidade de ampliar a visão de mundo e de encontrar a alteridade que pode nos fazer melhores.

A todos os que estão aqui hoje, por causa da poesia. Diferentemente da linhagem de homens que sucedo nesta cadeira, militares, alguns filhos de coronéis, jornalistas, ocupantes de cargos distintos na vida pública, sou uma mulher, migrante, professora. Neta de avós italianos exilados da guerra e da fome, filha de pai e de mãe com alfabetização primária. Talvez venha deles a vontade de crescer, de persistir apesar das adversidades e de conquistar pelo esforço. Talvez venha deles uma sensibilidade aguçada para o sofrimento e a injustiça. E é certo que vem deles o exemplo do trabalho, em favor, também, da comunidade. Fui alfabetizada numa pequena escola rural, lá tive o meu primeiro contato com a poesia escrita, que é quem me traz a esta casa, hoje. Espero, quando for minha hora, que ela possa ficar, se merecer, um tanto mais. Por enquanto, por ela quero viver e repartir, porque ela surge da vida e se propõe comunhão. Ela, conforme Antonio Sodrê, *é uma ordem da vida*, que vale a pena, como disse Antonio Carlos Lima, o Toninho, *se há alma e ao menos um poema*. Num mundo tão afetado pelo consumo e pela coisificação do ser humano, é preciso *reencantar o verbo*, como alertou Marilza Ribeiro. É preciso confiar que temos a opção de modificar o sofrimento, tal como expressou Santiago Vilela Marques: *o sol aponta em todos os caminhos sua redonda luz. E cada um se conduz, com seu arco, ou sua cruz*. E, combinando com a letra da música, com que entrei nesta sala, hoje, invoco os últimos versos do livro *Partido*, que dizem: *Como rebento e forçal a palavra é sempre/ tentativa/tentação/ e procura. Salvação*.

Senhores e senhoras, hoje, 31 de outubro, dia do aniversário de Carlos Drummond de Andrade, que faleceu há 27 anos, eu entro nesta casa e peço licença para me sentar na cadeira 18. Aos poucos deverei conhecer melhor as entranhas dessas memórias e intuir os passos futuros. Aos poucos deverei conhecer melhor os ocupantes das quase completas quarenta cadeiras e, com eles, somar a esperança de acolher cada vez mais pessoas para repartirmos as dádivas da criação.

Muito obrigada.

CADEIRA 20

PATRONO

José Estêvão Corrêa

OCUPANTES

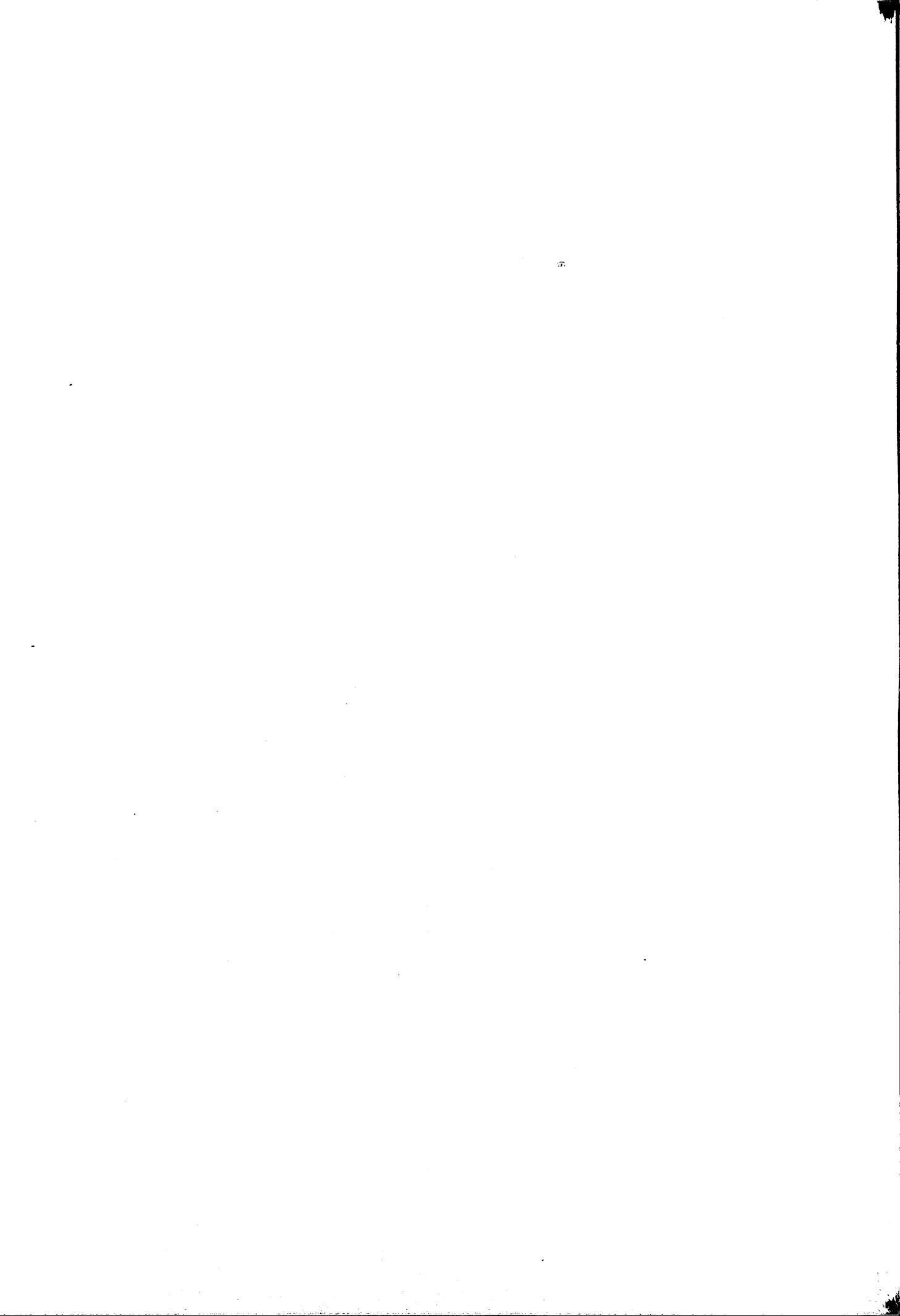
Philogonio de Paula Corrêa
José Adolpho de Lima Avelino
Domingos Sávio Brandão Lima
Benedito Pereira do Nascimento

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO BENEDITO PEREIRA DO NASCIMENTO

Cuiabá, 8 de dezembro de 1995

**DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO BENEDITO
PEREIRA DO NASCIMENTO, PELO ACADÊMICO JOÃO
ANTONIO NETO**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO BENEDITO
PEREIRA DO NASCIMENTO**



DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO BENEDITO PEREIRA DO NASCIMENTO, POR JOÃO ANTONIO NETO



Sob o signo da Justiça

Faz exatamente um ano, quando aqui recepcionamos o ínclito juiz Leopoldino Marques do Amaral, falávamos que os advogados, promotores e juízes estão muito bem nas Academias de Letras e que a nossa, nas suas sete décadas, já soma quase meia centena de juristas no seu quadro titular. É, aliás, uma consequência natural da absorção da cultura humanística pelo Direito, na vastidão de sua abrangência e consequências positivas da civilização.

Direito, na classificação famosa de Augusto Comte, estaria na 6.^a e última escala de complexidade decrescente, no campo da Sociologia. De fato, se imaginarmos que cada ação judicial é diferente de qualquer outra que tenha existido antes dela e que cada caso é um caso distinto, embora a hipótese seja igual ou semelhante, teremos a estrutura do Direito, tão variado quanto o tempo, o espaço, os fatos, valores e sujeitos envolvidos. A propósito, não há quase nenhum ato humano que escape às regras jurídicas, desde a certidão de nascimento, com que ingressamos na vida civil, ao atestado de óbito, com que dela nos despedimos. O simples arremesso de uma pedra, ao léu, pode gerar consequências legais. Se compro um quilo de arroz, realizo, em tese, sem o perceber, um contrato de compra-e-venda, tão completo como se adquirisse uma fazenda de mil hectares, com a implicação do consentimento, da coisa, do preço e da tradição do objeto. Se tomo o ônibus, perfaz-se, aí, automaticamente, um contrato de transporte, entre mim e a empresa concessionária do serviço. Se se casa, contrata-se; contrata-se se descasa... E por aí poderíamos ir adiante, indefinidamente, para mostrar que o Direito é mesmo aquela conduta, como queria o mestríssimo Carlos Cossio.

Assim, tendo como anteparo o Direito, o acadêmico está como que em seu elemento natural e pode mover-se livremente e reproduzir-se nas diversas formas da ciência, das letras e das artes, que a nenhuma delas é estranho. O artista que criou o grupo escultórico da nossa Avenida Coronel Escolástico foi o desembargador Deocleciano Martins de Oliveira e o maior dos nossos juristas destes dias, Pontes de Miranda, era também grande matemático e físico ilustre; um dos pais desta casa, José de Mesquita, além de jurisperito, é também um dos nossos grandes poetas.

E nem se diga que há aqui juristas que não escreveram livros, como há gerais que não travaram batalhas e que, todavia, cabem perfeitamente bem nesta galeria de notáveis.

Ademais, teria o jurista, necessariamente, que produzir livros e literatura para ingressar nestes sodalícios? Ou o próprio trabalho especializado seria suficiente para qualificá-lo como escritor? Creio que a segunda hipótese é inteiramente aceitável. Há sentenças, ou votos, que são verdadeiras obras de arte, pela forma e pelo fundo, assim como há tratados de direito que constituem expressão acabada de estética literária.

É sabido que Pothier e Troplong, entre outros, escreveram direito maravilhosamente bem; quem não se encanta de Jhering, do Maître Maurice Garçon ou do encantador Edmond Picard? Os temas jurídicos tratados por Piero Calamandrei não perdem, em nada, para as mais belas páginas da literatura italiana. E, entre nós, como não saborear o direito literário de Roberto Lyra, sênior e mesmo o suave Clovis Beviláqua, o hoje injustamente esquecido Lafaiete Rodrigues Pereira? Quem pode ignorar o estilo lapidar e renovador da linguagem do imenso jurisconsulto que foi Orozimbo Nonato? Daí, não poder-se condenar pela raiz os juristas como escritores simplesmente formais, pétreos e insensíveis, sem aquelas três virtudes básicas da escrita literária: a força, a clareza e a graça.

Assim, que há uma estética jurídica é fato indiscutível e facilmente verificável, especialmente da parte dos advogados do Júri, como entre nós o velho Otávio Cunha e o nosso contemporâneo Silva Freire. E é também oportuno lembrar que muita vez o jurista não possui a chama do estilo florido - mas é o mestre da linguagem correta e sóbria, a qual vale pela exatidão e limpidez dos conceitos e da expressão linguística.

E é neste ponto que se situa o novel acadêmico, cuidadoso da expressividade, manejando a língua com desenvoltura e penetração, claro de ideias, nunca superficial, procurando a fundamentação precisa, para conclusão convincente.

Depois, convenhamos que o Direito, se é ciência e filosofia, é também técnica e arte e, quando levado às suas conseqüências mais profundas, é ainda uma forma de perfeição e êxtase. Que espetáculo notável é assistir ao triunfo de uma causa justa! Que de esplendor existe em se chegar subitamente à consumação da verdade postulada! E se formos avaliar o ofício de julgar, esse ofício-sofrimento, que é procurar na crepitação dos conflitos aquele fio de luz que tece a rede sutil da Justiça - estaremos diante de um desses momentos humanos que se aproximam do eterno e do divino. No II livro das Crônicas se diz aos juizes: *Vede o que fazeis, pois não é como os homens que administrais a justiça, mas em nome de Deus* (19,6).

E o senhor Desembargador e Acadêmico Benedito Pereira do Nascimento tem sido, desde seus vinte e poucos anos, o filósofo e o artista e esse agente determinado da ciência do Direito, que julga e ordena, mas também conduz o indivíduo e a sociedade pelos caminhos desimpedidos para o bem, a comunhão e a paz.

O senhor Benedito Pereira do Nascimento vem marcando sua vida, por pontos positivos e relevantes, só alcançados por homens excepcionais.

Começemos pela produção do jurista: mais de duzentos dos seus votos, proferidos no nosso tribunal, estão estampados nas principais publicações jurídicas do país, como os Anais Forenses de Mato Grosso; Revista dos Tribunais; Revista Trimestral de Jurisprudência dos Estados; Revista de Direito Civil; Revista de Direito Civil, Imobiliário, Agrário e Empresarial, todas de São Paulo; Revista Brasileira de Direito Processual e Revista Forense, do Rio de Janeiro e mais Revista de Jurisprudência Brasileira, do Paraná. Estes trabalhos versam todos os ramos do Direito, notadamente Direito Processual Civil e Direito Civil - e estão todos tecidos em linguagem de escritor consumado - e isto sem falar das diversas manifestações em discursos, comunicações, debates e confe-

rências. Desde o curso acadêmico da Faculdade o estudante de Direito foi personagem líder entre seus colegas, sendo dirigente do Centro Acadêmico e do Departamento de Imprensa e Publicidade e dirigiu o jornal *Tribuna Acadêmica* e a *Rádio-Jornal Acadêmico*, além de o *Arauto da Mocidade*. Aliás, ainda aluno do Colégio Estadual de Mato Grosso, foi fundador do jornal estudantil *O Colegial*, do Grêmio “Sete de Setembro”. Data, pois, de muitos anos sua familiaridade com as letras e as atividades de comunicação e jornalismo.

Formado pela Faculdade de Direito de Mato Grosso, exerceu a advocacia de 1963 a 1965, ingressando, depois, no Ministério Público, sendo Promotor de Justiça de Santo Antônio de Leverger e de Cuiabá. Ainda como Promotor, exerceu várias vezes a Procuradoria Interina da República no Estado, a Procuradoria Geral da Justiça e a Procuradoria Regional Eleitoral.

Ingressando na Magistratura, através de excelente concurso, que este orador teve a honra de presidir, foi Juiz de Direito de Rosário Oeste e, em seguida, durante dez anos, da Comarca de Cuiabá, tendo sido, aqui, Diretor do Fórum por duas vezes, de 1975 a 1979.

Serviu junto ao Tribunal Regional Eleitoral, por dois períodos, como representante da classe dos juízes e, finalmente, ascendeu ao cargo de Desembargador, provido por merecimento, tomando posse a 08 de março de 1979. Na Corte Maior Estadual, foi Vice-Presidente em 1981/1983, chegando à Presidência em 1983/1984.

No Tribunal, afora os cargos acima referidos, exerceu ou exerce as funções de membro ou Presidente: do Conselho da Magistratura; da Comissão de Biblioteca e Publicação; da Comissão de Organização e Divisão Judiciárias e Regimento Interno; da Comissão de Concursos para Juiz e da Comissão de Doutrina.

Atualmente, integra a 2.^a Câmara Cível, as Câmaras Cíveis Reunidas e já funcionou perante as Câmaras Criminais Reunidas, de 1986/1988.

Em 1987-1988 foi Vice-Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, passando a exercer, por duas vezes, a Presidência da mesma Corte.

Em todos estes cargos e comissões, o Desembargador Benedito Pereira do Nascimento teve atuação singular e excepcionalmente fecunda. Como Presidente do Tribunal de Justiça, deu impulso a várias inovações relevantes e, como Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, concretizou um ambicioso plano de modernização, consistente na informatização dos serviços daquela Instituição Federal.

Ao mesmo tempo em que desenvolvia sua imponente carreira e exercia os principais cargos da Magistratura, o novo acadêmico frequentava cursos de aperfeiçoamento e especialização, seminários e encontros, comparecia a congressos de âmbito nacional e internacional, exercia representações em vários Estados - e ainda integrava o corpo docente da Universidade Federal de Mato Grosso. Vindo do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, onde ensinou História Política do Brasil, na Universidade, como professor titular, lecionou Direito de Família, Direito das Sucessões, Instituições de Direito Público e Privado. E, entre parênteses, seria imperdoável esquecer sua cooperação ao ensino de 2.^o grau, no exercício do qual foi professor de Organização Social

e Política do Brasil, Geografia e História Geral do Brasil e da América, no Colégio Estadual de Mato Grosso.

Toda essa folha de serviços à Educação, ao Ministério Público e à Magistratura está marcada pela mais cuidadosa constância, competência, seriedade e senso renovador - que são as marcas características da sua personalidade.

E vejam bem que, aqui, não levanto hipóteses, mas enumero fatos que timbram a caminhada ascensional de uma das figuras mais preclaras da nossa constelação profissional e cultural.

E o reconhecimento destes superiores predicados patenteia-se, além do mais, no respeito que Benedito Pereira do Nascimento infunde aos seus pares e jurisdicionados e colegas de fora do Estado. O professor e o juiz vêm sendo consagrados pelos sucessivos paraninfados e patronados que têm recebido da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso, que lhe conferiu o título do Grande Oficial da sua Ordem do Mérito; do Tribunal, que o galardoou com o Colar do Mérito Judiciário e da Assembleia Legislativa, que o premiou com a Ordem do Mérito Legislativo. Ainda em reconhecimento a seus merecimentos, tornou-se membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, estando igualmente integrado aos quadros da Associação dos Magistrados Brasileiros, Associação Mato-grossense dos Magistrados e Instituto dos Magistrados do Brasil.

Todavia, senhor acadêmico, estou certo de que o galardão maior de sua preferência é aquele que é, também, o mais alto a exornar os homens de bem - a posse incontestada de uma consciência honrada, na dedicação ao trabalho e a sua função, à família, aos amigos e ao Estado a que serve e a que sempre serviu com sabedoria e sensibilidade.

Aí tem, senhores acadêmicos, o novo titular que elegemos para nosso quadro e que temos a alegria de receber nesta noite, com a presença desta assembleia seletíssima, a confirmar a felicidade da nossa escolha e admiração que o povo mato-grossense lhe tributa.

Senhor Acadêmico, a Justiça, que Vossa Excelência representa tão bem e superiormente, vive momentos de angústia e sobressaltos. Propala-se que a Justiça está em crise, quando o certo é que ela sempre esteve em crise, entre nós, pelo menos, desde quando deixamos a tutela de Portugal.

Ainda no meu tempo de estudante, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, ouvia do mestre insigne, Aliomar Baleeiro, que o Judiciário era um grande desconhecido (*Esse outro desconhecido* é o título do seu livro de 1968). No império, durante o reinado do déspota e pseudo-democrata Pedro II, fôramos relegados à situação secundária; a inamovibilidade dos juízes vivia ao sabor das injunções mais insignificantes. E as coisas não melhoraram muito, com a República; e essa desconsideração ao Judiciário acontecia, sem embargo da existência de juízes da categoria internacional de um Amaro Cavalcanti ou Pedro Lessa, em quem a competência e integridade subiam ao mais alto grau.

Durante o Estado Novo do Sr. Getúlio Vargas, as coisas pioraram e em toda a parte, inclusive em Mato Grosso, tivemos magistrados atingidos pelo artigo 177 da Constituição de 1937, cassados sumariamente.

Houve, depois, um interregno mais tranquilo, com a comedida Constituição de 1946. Sob o governo Castelo Branco ocorreu também um bom momento, quando os Tribunais de Justiça adquiriram a competência de elaborar as Organizações Judiciárias, mediante resolução do Plenário. Mas, logo depois, viria Costa e Silva, com o AI-5, que guilhotinou até três dos mais ilustres Ministros do Supremo Tribunal Federal, sem falar das dezenas de juízes derribados em todos os Estados da Federação. Com a Constituição-Retalhos, de 1988, nada melhorou na verdade, pois a chamada *autonomia do Judiciário* é apenas uma expressão vazia que, de fato, nunca funcionou.

Agora, entre outras coisas, acusam-se os juízes de *marajás*, esquecidos os acusadores de que viveram eles, os juízes, pelo menos 150 anos de indigência salarial plena. E agora também há outro refrão, mais estrondoso e ainda mais impertinente, que é o chamado controle externo do Judiciário. Armou-se, em torno do tema, a maior balbúrdia política dos últimos tempos, a envolver a Justiça Brasileira. Mas os arautos da novidade esquecem-se do principal, ou seja, de ler a lei e observar com atenção mínima os fatos. Com efeito, é a própria lei que mostra que esse controle já existe, de forma abrangente, enérgica e explícita e o que querem, ainda mais, não é controle, mas estrangulamento.

Abra-se o Código do Processo Civil e veja-se o que estabelecem os artigos 125 a 138, onde estão expressos os poderes, deveres e responsabilidades do juiz - e isto sem falar de dezenas de disposições outras em que se vê o juiz controlado externamente, ainda e sempre, pelo advogado, pelo promotor de justiça, pelo defensor público, pelos assistentes, pela Procuradoria do Estado, pelos auditores, pelos peritos, pelos pareceristas doutos. E o que está no Código do Processo Civil também se distribui pelo de Processo Penal - e silencia-se aqui sobre o controle interno do Tribunal, da Corregedoria, do Conselho da Magistratura, de toda a Lei de Organização Judiciária e do Estatuto Nacional da Magistratura e da própria Constituição Federal, que tem até poderes para decretar o *impeachment* do Presidente do Supremo Tribunal Federal.

Que são os recursos, senão instrumentos afirmativos e hábeis de controle jurisdicional? Que são as petições dos patronos, senão formas de limitar os poderes decisórios da Justiça? Que é o Júri, senão o controle total do juiz togado, substituído pelo julgamento dos leigos? E fora da lei ordinária e dos regulamentos, que diz a Lei Maior Constitucional, no capítulo das garantias individuais, senão que as autoridades - e entre elas a judiciária - não podem abusar do seu poder?

E como ignorar aquelo outro controle, a que outros poderes estão muito menos sujeitos? Aquele que é o controle, além de rigoroso, assustador e sempre presente, que acompanha o juiz como sua sombra, tenaz, penetrativo e perquiridor! - É o controle externo da sociedade. O juiz nunca é encarado e seguido como o Secretário de Estado ou o Deputado; sempre segue-se o juiz mais persistentemente. Suas mínimas atitudes, seu comportamento mais rotineiro, onde vai, com quem está, tudo acompanhado a cada hora, e se lhe não perdoa até que seja como o comum dos mortais.

Não é isso controle externo?... Mas quer-se um órgão controlador que, naturalmente, vai terminar por exigir quem o controle!...

A nossa Constituição Estadual, nos artigos 121 a 123, inventou um denominado Conselho de Justiça, felizmente fulminado pelo STF, por evidente impropriedade de competência constitucional. Mas ficou a tentativa e o registro do corpo de delito... Pelo referido Conselho, nada menos que 13 entidades e pessoas poderiam fiscalizar os órgãos da estrutura do Poder Judiciário, desde o Presidente do Tribunal até um serventuário da Justiça!

Mas, na verdade, o que se quer não é o controle **externo** do Judiciário; mas o **interno**. Ultimamente, a Justiça brasileira tem adotado certas opções, como o chamado Direito Alternativo, ou tomado medidas que afrontam conveniências políticas do Poder Executivo e das elites dominantes. Não faz muito, sentiu-se o Governo ofendido em seus brios majestáticos, quando a justiça determinou desbloqueio de contas. As instituições financeiras também se sentiram atingidas por determinações judiciais sobre correção monetária e outras restrições - e ninguém ignora que o Judiciário vem contrariando, cada vez mais, grandes interesses, ao exigir o respeito a normas de defesa do meio ambiente e dos direitos do consumidor. Tudo isto e vários outros fatos, em que o Executivo teve que dobrar-se diante de decisões dos Tribunais, têm contribuído para excitar suscetibilidades contrariadas e pretensões contestadas.

Contudo, ao Poder Judiciário o que falta, realmente, não é nenhum controle, pois o que já existe é inteiramente idôneo. O que faltam são condições para um funcionamento ao menos razoável. O Poder precisa de reformas de caráter legislativo, para sincronizá-lo com o desenvolvimento moderno. As estruturas socioeconômicas têm gerado problemas novos, a exigirem formas diferentes de enfrentamento de questões como as ligadas aos direitos coletivos, aos interesses difusos e tratamento adequado aos segmentos mais pobres da população. E para tal acúmulo de material *jurisdicionável*, dispomos de uma máquina inteiramente superada, servida por recursos humanos impossibilitados de dar conta do volume de trabalho, que cresce geometricamente.

Levantamentos e números **deste ano** provocam calafrios e são uma das causas do mascaramento das questões básicas, pelo Governo, que incentiva o subterfúgio do controle externo. Em outras palavras: não tendo vontade política para promover as reformas, o Governo estimula e patrocina o controle, para amordaçar a Justiça e por-lhe o cabresto.

Mas vejam os números:

O Brasil precisa desesperadamente de, no mínimo, 50.000 juízes e possui pouco mais de 6.000! Mato Grosso, por exemplo, necessita de mais de 50 juízes, e há dois anos temos 20 aprovados em concursos e nem um só nomeado! Paralelamente à falta de magistrados, cresce o número de processos. Os Tribunais Regionais Federais, compostos de, no mínimo, 7 juízes, têm, em média, 5.000 processos para cada julgador. O Supremo Tribunal Federal recebe cerca de 300 processos **por dia**, ou seja, mais de 100.000 por ano, enquanto a Corte Suprema dos Estados Unidos, em igual período, registra 5.000 processos; e são apenas 11 Ministros. A Corte de Cassação da Itália, correspondente ao nosso Superior Tribunal de Justiça, compõe-se de 300 juízes, enquanto o nosso tem 33.

Estatística, também deste ano, mostra que temos 29.542 habitantes para um juiz. Na Alemanha, a proporção é de um juiz para 3.500 pessoas; na França, 7.200; 7.700, na Itália. A Áustria, dez vezes menor do que o Brasil e com menos de dez milhões de habitantes, dispõe de 9.000 juízes. Sabem os senhores quantos processos a Justiça brasileira recebeu somente em 1990? - Simplesmente, quatro milhões, o que não é brincadeira para 6.000 juízes!

Daí ver-se que a justiça brasileira não é **morosa**. É **impossibilitada** de funcionar. Como produzir adequadamente, nessas condições? E o Governo não se move para modificar as estruturas superadas pelo tempo e pela técnica. Mas quer **controlar** e controlar o quê?

Temos, aproximadamente, 120.000 leis em vigor e muita vez a decisão se vê embaraçada, por não se saber qual lei aplicar! Os Códigos principais estão caducos. O Código Civil é de 1916 e o novo projeto está no Congresso há 20 anos, sem ser aprovado! O Código do Processo Civil de 1973 já nasceu decrépito, não tendo conseguido superar as mil formalidades e os recursos protelatórios. Se avaliarmos pelo tempo, o processo civil de 1850 era muito superior ao atual. E vejam bem que, no Direito Brasileiro, a falibilidade dos recursos é espantosa, pois só dez por cento conseguem reformar as sentenças recorridas. Estatísticas, ainda deste ano, indicam que os inquéritos policiais mal feitos, nestes dez anos, acarretaram 300% de arquivamento de processos-crime!

E devemos parar por aqui, do contrário não terminaríamos de desfiar o novelo de complicações que querem resolver com o bendito controle e não com a renovação organizacional, com equipamentos, pessoal capacitado e suficiente, modernização, enfim. Pasmem de saber que foi somente em abril deste ano que o Fórum Central de São Paulo recebeu o primeiro computador! É imprescindível a informatização de toda a máquina judiciária; é indispensável que se atualizem os códigos fundamentais, para acabar, principalmente, com a indústria dos recursos, amplamente cultivada pelo Governo, para protelar o pagamento de obrigações impostas pela Justiça!

Vejam um exemplo simples, colhido em julho deste ano: Em Maryland, nos Estados Unidos, quem quer recorrer tem, antes, de depositar no juízo o valor total definido na sentença - e daí que somente 5% dos casos terminaram em apelações; os outros 95 morreram no nascedouro...

Finalmente, senhores acadêmicos, a nossa esperança é que todos os que amam a Justiça, como aquela **prudência** que os escolásticos chamavam de *recta ratio factibilium*, a saber - medida do que importa ser feito - a nossa esperança é que se deixe de lado o novo *brado retumbante*, que por aí ecoa, clamando por controles e se apliquem os governantes a resolver os problemas verdadeiros da Justiça e não ilusões que, por definição, não passam de figuras abstratas, que encham os olhos e deixam vazios os espíritos bem informados.

Não precisamos de mais peias e cangas para sufocar ainda mais os instrumentos das demandas sociais e democráticas. A Justiça está, isto sim, abandonada à sua própria sorte e ainda é, mesmo assim, uma esperança realizável e salvadora. Ela não é composta somente de santos; há corruptos e prevaricadores. Mas a maioria esmagadora

é de homens íntegros, abnegados, vigilantes, estudiosos e inteiramente integrados aos altos padrões da mais límpida moralidade e da busca incessante do acerto e da conformidade com os apelos da condição humana.

Vossa Excelência substitui na Academia aquele fenômeno humano sísmico, que se chamou Domingos Sávio, um trabalhador insaciável, um soldado impávido na defesa do judiciário - e o maior publicista de Direito de Mato Grosso, ao lado de Corsíndio Monteiro da Silva. Sobre ele, falará V. Ex.^a, que foi um dos seus melhores amigos.

E aí ficou, senhor Acadêmico, o quadro da sua - e nossa - Justiça. Que ela se salve, algum dia, pelas mãos que ainda a seguram, como as de Vossa Excelência, ou naufragaremos todos na insegurança, na anarquia e na desordem!

E permita-me que, como consolo a suas eventuais contrariedades e estímulo a seus atos meritórios; como satisfação às injúrias de que a justiça é vítima; como repulsa aos apedrejadores e como homenagens aos homens bons - permita-se que, ao dar-lhe as boas-vindas da Academia, conclua com os versos iluminados de Luís Carlos da Fonseca:

*Sofre, mas não declines da confiança
que, sereno, pusestes no futuro.
Se és bom, tens o caminho mais seguro.
O bem é uma subida que não cansa.*

*Sofre, que o sofrimento é uma esperança
em quem deseja revelar-se puro.
Que fôra o claro, se não fôra o escuro?
Sem sofrimento, a glória não se alcança.*

*Não te assustem pedradas. Olha o mundo
com os olhos virgens dos relances da ira.
Vê, que o solo ferido, é mais fecundo.*

*E se tens n'alma o céu, por que temê-las?
- as pedras que o homem, contra Deus atira,
ao contato do céu, tornam-se estrelas!*

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO BENEDITO PEREIRA DO NASCIMENTO



Feliz coincidência marca, neste momento alto de minha existência, a realização desta solenidade de posse.

É hoje o Dia Nacional da JUSTIÇA e, como tal, de louvores e agradecimentos a Nossa Senhora da Conceição Imaculada.

Permiti, Senhores Acadêmicos, ao ingressar neste venerando Sodalício, após generosa escolha vossas, repetir, com emoção, as palavras que proferi quando assumi o honroso cargo de Presidente do Colendo Tribunal de Justiça do Estado.

Sob o suave eflúvio da fé, arraigada na alma brasileira, genuflexo perante o altar da força redentora da cruz, suplico pela suprema e divina benevolência.

Senhor, eu não sou digno!

Alegro-me em dizer aos Senhores Acadêmicos que aí está a razão da minha demora em chegar.

Caminhei e parei. Refleti o quanto a sabedoria do tempo permitiu, até trazer-me a decisão de, hoje, estar entre vós.

Profundo é o meu reconhecimento pela benevolência da espera.

Peço a Deus me faça digno de tamanha ventura.

Senhor Presidente, Autoridades, Acadêmicos, Senhoras e Senhores.

Venho das terras desbravadas pelos bandeirantes, venho da seiva haurida das raízes do solo querido, venho de Cuiabá, cidade da hospitalidade, asilo da integração e da unidade do território nacional.

Cuiabá, Senhores, como berço e matriz, é síntese do espírito bandeirando da Nação brasileira.

O bandeirantismo, traduzindo expansionismo geográfico, é um fenômeno histórico-social genuinamente brasileira e que fez resultar em direito internacional público no *uti possidetis*.

O preço deste amor é algo de envaidecer a gente mato-grossense pela sabedoria em defender as fronteiras de nosso imenso território.

Não falo só da preservação da unidade do País.

Pertenço a uma geração que cresceu embalada pelos valores perenes que informam as letras e a alma desta Instituição.

Sempre que venho a este Sodalício, renovo aqui o meu compromisso com a Pátria.

Por estas paredes, endurecidas pela História, recebemos o ânimo do brio e o estímulo do civismo.

Aqui compareço, Senhores Acadêmicos, pobre de ideias, mas rico em ideais.

Nada vos trago, mas chego consciente das tradições desta augusta Casa e do valor dos vultos que por aqui passaram e dos que atualmente a compõem.

Mato Grosso não é apenas seu passado construído com lutas e sacrifícios, é também seu rico presente.

Nada floresce sem que o passado tenha legado a semente.

Sempre tive dois princípios norteadores da minha vida: a fé e o respeito ao passado.

A fé, porque guardo na memória as palavras evangélicas de Santo Agostinho: *A fé é crermos no que vemos e a recompensa da fé é vermos em que cremos.*

No campo poético de Mário Quintana, “*O passado não conhece seu lugar. Está sempre no presente*”.

Ou, ainda, consoante a expressão feliz de Carlos Xavier Paes Barreto, membro da Sociedade Brasileira de Filosofia, ao escrever sobre Joaquim Nabuco: *Há mortos que falam do túmulo e cuja voa é preciso escutar. Isso depende de nós, porquanto a vida dos mortos reside na memória dos vivos.*

Urge, portanto, extrairmos do passado as lições para o futuro, pois somos todos homens com os mesmos sonhos, as mesmas esperanças nos destinos do Brasil.

O Patrono

Não creio possa haver na vida de um homem dignidade mais enobrecedora do que a de educador.

Somente as boas ações tornam o homem imortal, ou como afirma Diderot: *A imortalidade é uma espécie de vida que adquirimos na lembrança dos homens.*

Assim, projetou o seu nome no cenário do ensino mato-grossense, como um dos expoentes, o nosso Patrono, Professor José Estevão Corrêa, da Cadeira n. 20. Nasceu no dia 2 de agosto de 1840, em Cuiabá e aqui faleceu em 12 de outubro de 1917.

Espírito vivamente consagrado ao magistério.

Desenvolvi ação no sentido de mudar o panorama do ensino em consonância com a realidade brasileira.

A educação nacional, nessa época, passou a receber influência dos ideais da Revolução Francesa.

De sua privilegiada existência, dedicou quarenta e sete anos à atividade educacional, ensinando *mais como exemplo do que com a doutrina*, como diria João Mangabeira ao referir-se ao paladino do Direito e da Legalidade, Ruy Barbosa.

José Estevão Corrêa foi educador que, pela fecunda atuação na cátedra, deixou indelevelmente ligado o seu nome à causa da educação.

Foi jornalista, exerceu o cargo de Inspetor Escolar, Diretor Geral da Instrução Pública, Diretor do Liceu Cuiabano e foi eleito Deputado à Assembleia Provincial.

Homem superior e de consciência iluminada.

Ao suceder ao nosso Patrono, dele disse Philogonio de Paula Corrêa: *Durante quase meio século da sua permanência na atividade do magistério, não houve, no Departamento de Ensino, uma só iniciava, uma reforma, uma nova fundação que não tivesse a sua sempre acatada colaboração.*

O Professor José Estevão Corrêa alçou à condição de Patrono da Cadeira n. 20 deste Areópago. Legando aos pôsteres exemplos que sugerem reflexão e, como sementes benfazejas, ademais quando, no Brasil, o analfabetismo perdura afrontosamente.

Philogonio de Paula Corrêa e José Adolpho Lima Avelino, este foi Juiz de Direito, ao depois, primeiro Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Cuiabá.

Lima Avelino, segundo Luis-Philippe Pereira Leite, teve uma vida devotada às letras jurídicas, sendo orador eloquente.

Do Professor Philogonio, na infância ouvi, repetidas vezes, a minha saudosa mãe, também educadora, afirmar envaidecida: *Fui aluna de Philogonio e Nilo Póvoas.*

Da incorruptível toga do eminente Desembargador António brota o seguinte testemunho: *Os que tiveram a ventura de ser seus discípulos sabem do encanto com que ele conseguia transmitir as lições.*

Philogonio de Paula Corrêa não foi apenas educador exemplar, mas homem de fidelidade a princípios, fidelidade a sua gente, fidelidade à alma nacional.

Distinguiu-se, igualmente, como orador, parlamentar e jornalista.

Jamais faltou aos princípios para se amoldar às conveniências.

Por ocasião de seu ingresso neste Sodalício, o Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima deu a dimensão da sua moral: *Lisonjeado pelo Senador Azeredo com o convite para ensinar no Colégio Pedro II, teve a hombridade de dizer-lhe um não. E indagado sobre o que iria fazer, retorquiu: "Política contra Vossa Excelência".*

Deixou-nos marcas de sua personalidade e inteligência.

Como iniciar a falar do homem de letras que realçou a Cadeira que a partir de hoje passarei a ocupar?

Recordo-me, neste instante, da frade de Latino Coelho na *Oração da Coroa* que diz: *Não me enleia o faltar-me o que contar de ti e dos teus; enleia-me o não saber por onde começar.*

Senhores Acadêmicos, Senhoras e Senhores, volto ao passado longínquo, ao tempo em que estudava no tradicional Liceu Cuiabano e contemplo num quadro, emoldurado pelo farfalhar das imponentes palmeiras cuiabanas e pelos majestosos coqueirais nordestinos, a figura do Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima.

Conheci-o na minha juventude de pedagogo e Auditor da Polícia Militar. Foi meu professor de História Geral.

Mereceu, desde logo, a admiração dos seus discípulos que o consideravam sábio e justo. Aliás, o ensinamento platônico define que *não há justiça sem homens justos.*

Entre os mestres e os alunos surgiu uma amizade fraterna. Dessa relação amistosa, que se estendeu até as residências amigas e aconchegantes do poeta Carmindo de Campos e do humanitário médico Dr. Agrícola Paes de Barros, recolhemos valiosas lições do professor Sávio.

Embora se gabasse de seu estado de celibatário, o Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima não se rendeu, apenas, à hospitalidade cuiabana, mas aos encantos e virtudes da queridíssima Professora Universitária Josephina Paes de Barros Lima. A melodia *only you* embalou-lhes o namoro, o noivado e a vida conjugal. Uniram-se por casamento e tiveram dois filhos, o advogado Domingos Sávio Brandão Lima Júnior, próspero empresário, e Luiza Marília de Barros Lima, bacharela em Comunicação Social.

Serviu-lhe de berço a cidade de Maceió, onde foi aluno do Seminário; Domingos Sávio foi funcionário público federal. Colou grau, em 1955, na Faculdade de Metropolitano e, após, na Escola Técnica, cursou Contabilidade e Administração. Na terra do romancista Graciliano Ramos, que bem conheceu os sertões nordestinos, Direito de Alagoas. Fez o Curso Superior de Guerra (1972) e Cursos de Atualização (1977 e 1982), também, na Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro. Foi jornalista, advogado e professor em Alagoas e São Paulo. Em Mato Grosso, exerceu o magistério no Liceu Cuiabano, na Escola Normal Pedro Celestino e Professor Catedrático de Direito Romano na Faculdade Federal de Direito em Cuiabá. Nomeado pelo Ministério de Educação e Cultura, presidiu a Comissão destinada a instalar a Faculdade de Direito de Campo Grande. Operosa e brilhante foi a sua trajetória na Magistratura de Mato Grosso.

Homem que, segundo Machado de Assis, tinha *a virtude de não esmorecer com as vazantes, nem alucinar-se com as enchentes*, pela cultivada inteligência, instituição jurídica e senso prático.

O egrégio varão, cuja memória hoje reverenciamos, viveu a plenitude de todos os seus instantes.

O Padre Antônio Vieira disse com a sabedoria do gênio: *Uma coisa é contar os anos, outra é vive-los; uma coisa é viver, outra é durar. As nossas ações são os nossos dias; por ela se contam os anos, por estas se mede a vida, enquanto obramos racionalmente, vivemos; o mais do tempo duramos.*

Ou, como proclamou Ruy Barbosa, referindo-se a Oswaldo Cruz, posso asseverar que o Dr. Sávio *tinha o senso de sua vocação e esta não lhe consentiu hesitar.*

Autoridade sem violência, era trabalhador infatigável e zeloso do exato cumprimento do dever. A pontualidade era-lhe qualidade intrínseca. Logo fez sentir a sua influência e o seu exemplo. Em tudo deixou as marcas de um idealista convicto.

Participou de campanhas cívicas em prol da instalação da Universidade Federal em Cuiabá.

Exerceu, ao lado dos Desembargadores Leão Neto do Carmo, João Antonio Neto e William Drosghic, força renovadora do Judiciário de Mato Grosso. Desempenhou o cargo de Auditor da Polícia Militar do Estado. Foi Juiz de Direito nas Comarcas de Diamantino, Santo Antônio de Leverger, Poconé e Primeira Vara da Comarca de Cuiabá.

Senhores Acadêmicos, Deus me concedeu a graça de trabalhar, ainda aos meus 23 anos, como Promotor de Justiça, com exceção de Diamantino, nas Comarcas onde Dr. Sávio julgava. Dele recebi estímulo e conselho. Sou-lhe todo grato.

Desde Juiz de Primeira Instância, Desembargador, Corregedor Geral de Justiça, Presidente, por duas vezes, do Tribunal de Justiça, o Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima dignificou a magistratura, notabilizando-se como julgador independente e modelar, percuciente e culto.

O mourejar incessante desse grande homem vem demonstrar, como bem realçou o Ministro Moreira Alves, do Supremo Tribunal Federal, que *só os médiocres não desagradam, porque não incomodam*.

Sólidos os seus conhecimentos de filosofia e sociologia. Habituará ao trato dos clássicos da língua e revelou pendor pelos estudos históricos, características marcantes nos seus trabalhos jurídicos.

Senhoras e Senhores, substancioso e vasto é seu currículo, que espero, ainda mais, sintetizar.

Participou de Congressos nacionais e internacionais, representou o Tribunal de Justiça em Encontros de Desembargadores e Simpósios sobre o Código Civil.

A aposentadoria não lhe foi ponto final.

Representou Mato Grosso em Encontros Nacionais de Secretários de Justiça e Segurança e, ainda, nas reuniões da Escola Superior de Guerra. Membro de inúmeras Associações e Instituições; presidiu a Conselhos e Comissões. Parainfou bacharelados em Direito.

Recebeu vários títulos de cidadania, diplomas, medalhas e comandas, destacando-se o Colar do Mérito Judiciário Nacional, Comendador da Ordem do Ipiranga, São Paulo, e Grande Oficial da Ordem do Mérito de Mato Grosso.

Perito na arte de falar.

Proferiu conferências em Faculdades de Direito, inclusive na do Largo de São Francisco.

Estudava diuturnamente. O livro era o seu amigo predileto. Em boa verdade, tinha razão, pois o admirado pregador sacro Vieira asseverou em pensamento lapidar: *O livro é um mudo que fala, um surdo que ouve, um cego que vê*.

Livros publicados, monografias, artigos, discursos, votos, acórdãos, sentenças, revelam uma inteligência limpa e vertical, rica de ciência e de bondade.

A obra do jurista é a única que permanece quando cessa o tumulto das revoluções, ensina Georges Ripert.

Deixou às gerações futuras aquela lição suprema de Sêneca à humanidade: *O bem único, o mais precioso que lhe restava: a imagem de sua vida*.

Testemunhei, com lágrimas nos olhos, o desvelo dispensado pela Professora Josephina e filhos ao Dr. Sávio.

Visitava-o frequentemente e era doloroso vê-lo sofrer quando queria viver. Disse-me, em certa feita: *É bom, doce e suave morrer ao lado de Josephina*.

Por fim, soube aceitar com confiante resignação e conforto da família e amigos, as provações que os misteriosos desígnios da Providência lhe fizeram chegar ao coração.

Só a morte, que lhe aveio aos cinquenta e sete anos, deteria a beleza de sua vida. Ainda bem que *a morte é o começo da imortalidade*, como exclamou Robespierre.

Faleceu em Cuiabá, na manhã do dia vinte e sete de dezembro de 1985, véspera do aniversário do seu casamento.

Quando um grande homem, ornado por virtudes paradigmáticas, suscita admiração, temos de citá-lo, de invocá-lo sempre.

Bendita a Magistratura de Mato Grosso que tem o Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima como exemplo digno de ser imitado!

Reservou a mim o destino, no imponderável de suas impreviões, de vir ocupar a Cadeira que o imortalizou.

Como Jefferson disse de Franklin, um homem de tal envergadura, nesta Academia, *eu apenas o sucedo. Ninguém poderá jamais substituí-lo.*

Recordo e exalto as figuras maiores de Dom Aquino Corrêa, José Barnabé de Mesquita, Rondon, Joaquim Murtinho, Francisco Mendes, Nolo Póvoas, Cesário Neto e Rubens de Mendonça.

Recordo com saudade de Gervásio Leite, Archimedes Pereira Lima, Virgílio Alves Corrêa Neto, João Moreira de Barros, Octayde Jorge da Silva, Agenor Ferreira Leão, Silva Freire e Hélio Jacob.

Vivemos no dealbar do terceiro milênio, num mundo que celeremente se transforma, que não basta andar, porque é necessário correr para acompanhar o ritmo vertiginoso das mutações que a era tecnológica enseja.

Essa assertiva informa a missão maior da Universidade Federal de Mato Grosso, da qual sou Professor Fundador, que vem caminhando, desde 1970, para assumir uma mocidade de vinte e cinco anos de existência, neste 10 de dezembro. Rendo-lhe a minha homenagem.

Obrigo-me a homenagear Luis-Philippe Pereira Leite, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e, ainda, representante nosso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A vocação literária e sentimento de Pátria acordaram nele, quando adolescente. Espírito esclarecido e culto, religioso e humanista.

Discute com lucidez, através de amiudadas tertúlias telefônicas, questões históricas e atuais com erudição, que nem a privação visual foi capaz de prejudicar lhe.

Na sua figura, homenageio os servidores do Poder Judiciário de Mato Grosso e, particularmente, os do meu gabinete, exemplares na dedicação ao serviço público.

Lenine de Campos Póvoas, Presidente anterior da Academia Mato-Grossense de Letras, cinco vezes reeleito, é mestre do Direito no meu tempo.

Exímio cultor do vernáculo. Estilo fluente e conciso. Linguagem conscientemente trabalhada. Como apaixonado investigador, busca a exatidão histórica.

Clóvis de Mello, também Presidente deste Sodalício, antecedendo o Presidente de hoje, Juiz da Justiça Federal aposentado e ainda Doutor em Direito, no magistério superior. Admirado desde jovem, pelo vigor da oratória. Granjeou admiração nos auditórios forenses e literários.

Tenho-os como herdeiros e repassadores de tradição e cultura, honradez e abnegação da Casa Barão de Melgaço.

Na figura da Acadêmica decana Maria de Arruda Müller, homenageio, por inteiro, todos os Acadêmicos deste Silogeu.

Os parentes são os amigos que Deus nos dá.

Os amigos são os parentes que damos a nós mesmos.

Reconheço, antes e durante a minha vida pública, a amizade de Benedito Pedro Dorileo, Mauro José Pereira, Atahide Monteiro da Silva, José Vidal, Marildes Sant'Ana da Costa, Djalma Duarte Metelo Caldas e Luiz Vidal da Fonseca.

Não posse esquecer-me, nesta hora, de José Monteiro de Figueiredo, Dr. Zeli-to, que há pouco nos deixou, exemplo digno e vivo de médico, político, cidadão, chefe de família e amigo.

Que este momento, também, me seja propício para evocar, com imperecível saudade, a memória da minha Mãe que, juntamente com meu pai, legaram a seus filhos e netos exemplos de dignidade e sacrifício, de vida e amor.

Reconheço o gesto da Presidência na pessoa do Acadêmico João Alberto Novis Gomes Monteiro, em proferir referências bondosas a mim dirigidas, reflexo da convivência fraterna nesta Casa.

Agradeço as palavras sumamente generosas proferidas pelo coração amigo do eminente Desembargador – Acadêmico João Antonio Neto, cuja toga foi sempre cerzi-da pela austeridade e pela poesia.

Honraram-me e encheram-me a alma de emoção, nas suaves reminiscências de anos que já se vão longe.

Sua Excelência, na jornada da vida, sempre brilhou. Brilha na modéstia a ocultar grande saber. Brilha pela fulgurante inteligência. Brilha, sem ar doutoral. Brilha como mestre emérito, jurista, filósofo do Direito, escritor, historiador, pensador, poeta, crítico literário e humanista. Brilha por seu espírito público, trato fidalgo, sedimentada cultura e inesgotável capacidade de trabalho. Brilha pelo bom sendo e coração, espalhando afeições.

Gente e coisas, casas e pássaros, perfumes e sons desta terra cuiabana me po-voam de indeléveis lembranças.

Descendente, pelo lado materno, de família cristã. Inteiramente voltada para o magistério, recebi formação religiosa de missionários salesianos modelares.

A minha infância, no poema de Vinícius de Moraes, foi *humilde mas linda, tão linda que mesmo longe continua em mim ainda*.

Agradeço ao Criador que veio ao meu encontro e me deu forças e diretriz para palmilhar na incompreendida missão de julgar. E somente assim não temer, jamais, os obstáculos do ofício.

À Odete, minha diletta esposa, por seu incondicional apoio e orações incessantes. Renan, Jorama e Jordam, filhos queridos, herança do Senhor, envolvendo de alegria a nossa existência, compõem o encanto de nossa vida.

Alegram-me e confortam-me as presenças dos colegas de Judicatura, das Autoridades, dos parentes, dos amigos e dos ex-alunos.

Agradeço aos que vieram de longe, num gesto de amizade.

Agora, com maior prazer, deponho aos pés da querida Cuiabá, em que nasci e não posso deixar de amar, o carinho orvalhado, para poucos méritos, que recebi nesta inesquecível noite.

Que assim seja!



CADEIRA 21

PATRONO

Manuel Peixoto Corsino do Amarante

OCUPANTES

Luis-Philippe Pereira Leite

Luiz Orione Neto

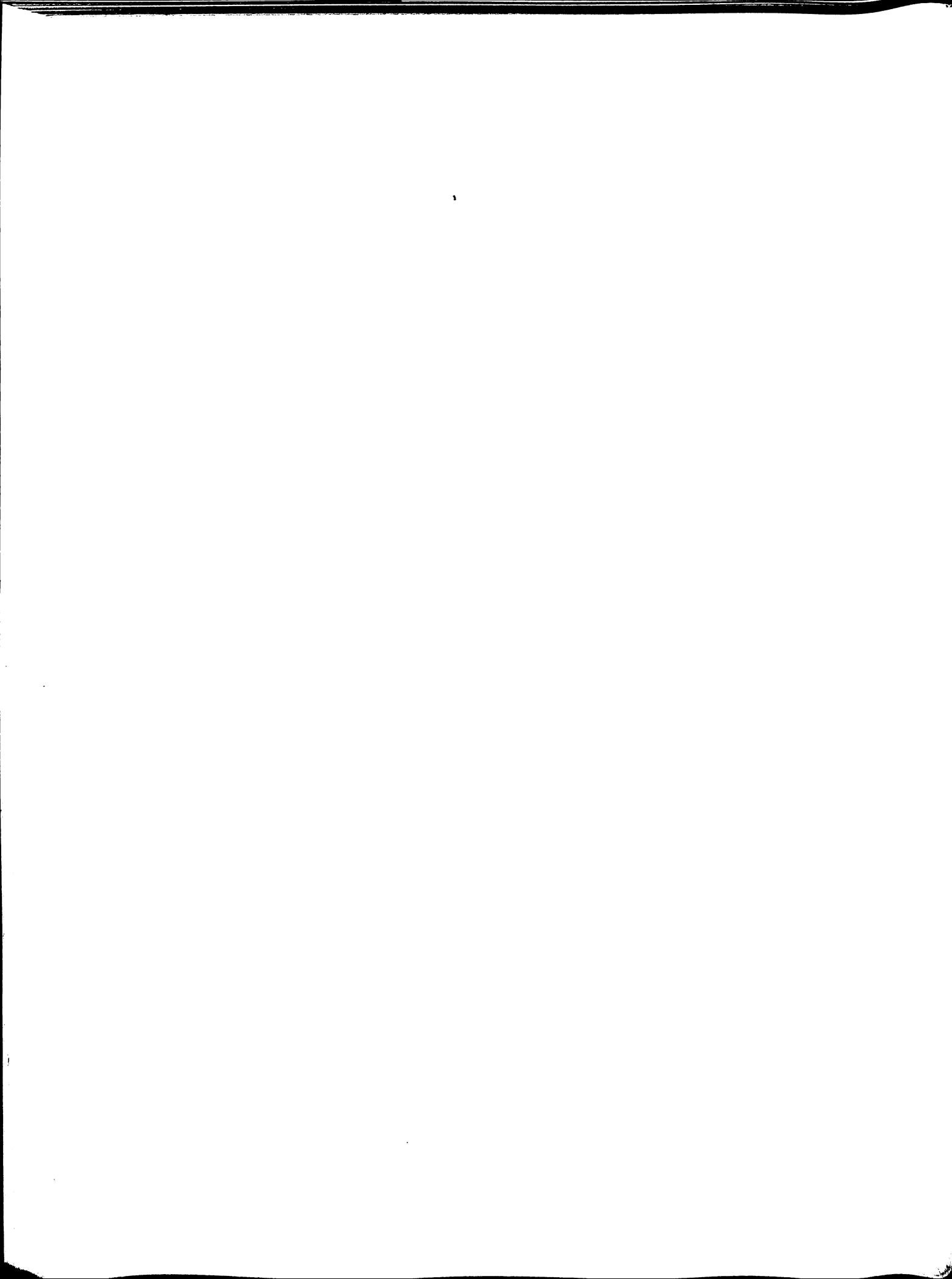
SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO LUIZ ORIONE NETO

Cuiabá, 15 de junho de 2000

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO
ACADÊMICO LUIZ ORIONE NETO, PELO PRESIDENTE
DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, JOÃO
ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO LUIZ ORIONE
NETO, PELO ACADÊMICO UBIRATÁ NASCENTES ALVES

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO LUIZ ORIONE
NETO



ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO LUIZ ORIONE NETO, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO



A Academia Mato-Grossense de Letras promove mais uma sessão festiva para acolher novo membro. Assim são as Academias: uns partem... Outros chegam... Em um processo no qual ninguém é substituído, apenas sucedido, pois os que se vão continuam - por princípio institucional e pelas suas produções intelectuais -, a serem lembrados e reverenciados, como se entre nós ainda estivessem em presença física. Nisso reside o sentido da imortalidade acadêmica: uma resultante, pois, de normas estatutárias - que nos fazem elos de uma cadeia - e do desempenho, do próprio acadêmico, como intelectual; então, sob este aspecto, quanto mais rica tiver sido sua produção acadêmica mais marcantemente será lembrado.

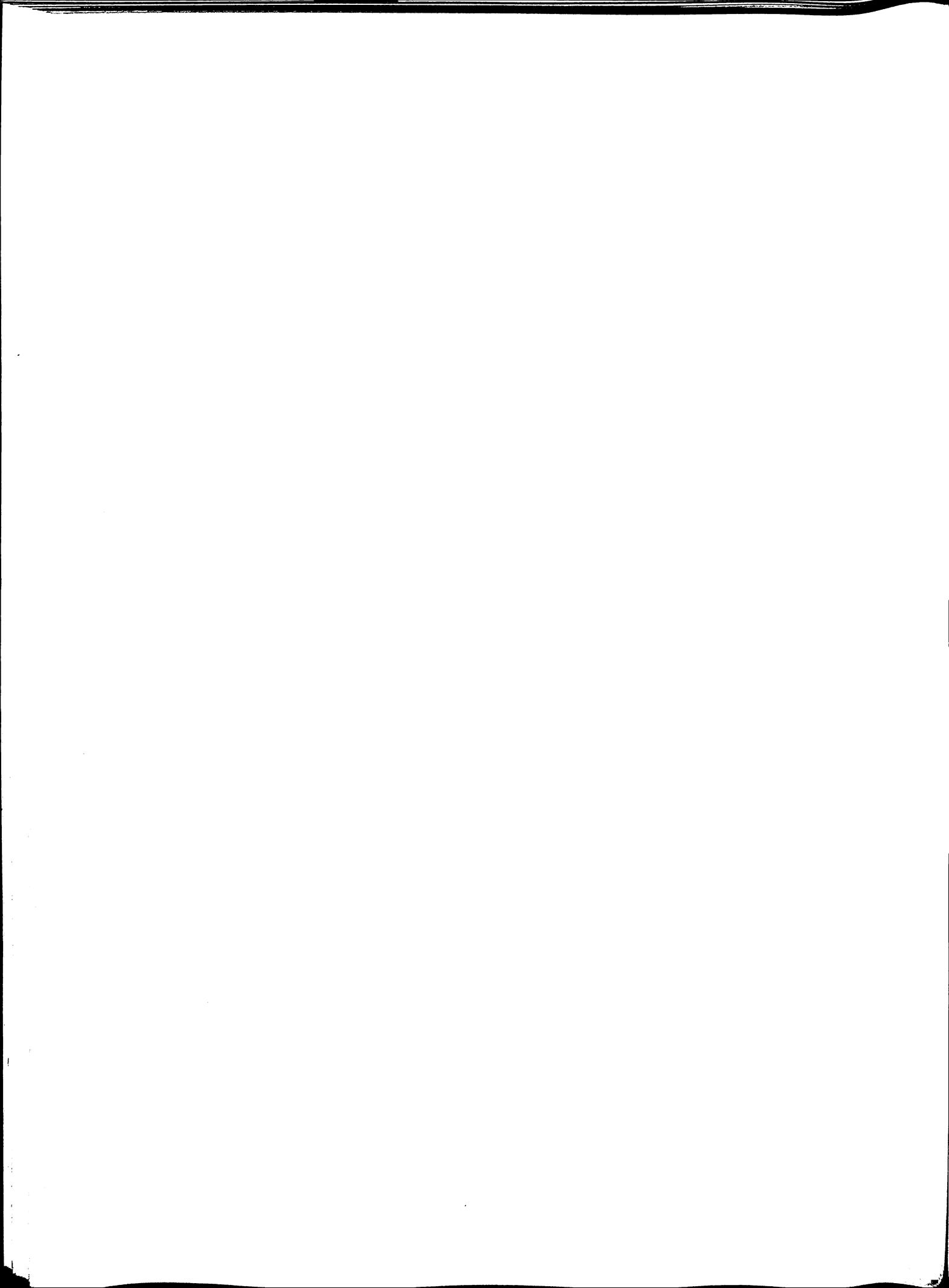
Receberemos, neste evento, um jovem e brilhante advogado.

Desde sua fundação, esta Casa tem recebido, como membros efetivos, as mais expressivas figuras da ciência jurídica de Mato Grosso, que aqui aportam, pelos méritos da inteligência e da cultura, atendendo à exigência de terem tornado públicos trabalhos literários e/ou científicos de reconhecido valor. Assim, desde José de Mesquita - um de seus fundadores e presidente por quatro décadas, a Academia Mato-Grossense de Letras tem abrigado um autêntico grande elenco de notáveis dentre os que, em juramento de formandos, se comprometeram com a defesa das Leis e do Direito.

São 41 nomes, dos quais, para ser breve, citarei apenas os que atingiram, e dignificaram a Suprema Magistratura mato-grossense. Além de José de Mesquita, aqui tivemos nomes da envergadura de Alírio de Figueiredo, Amarílio Novis, Domingos Sávio Brandão de Lima, Ernesto Pereira Borges, Francisco Bianco Filho, Gervásio Leite, Olegário Moreira de Barros, Oscarino Ramos, Otávio Cunha Cavalcanti e Palmyro Pimenta. Do mesmo gabarito, ainda fulguram entre nós António de Arruda - também ex-presidente deste silogeu -, Benedito Pereira do Nascimento e João Antônio Neto.

Sucedendo Luis-Philippe Pereira Leite, hoje aqui se apoltrona Luiz Orione Neto: aquele, apesar da limitação física que, por uma fatalidade, o privou da visão, nos deixou um dos mais edificantes exemplos de responsabilidade e dedicação a esta Academia; e, este, um promissor companheiro nos trabalhos para que ela continue seguindo, triunfante, seus nobres objetivos. Sempre credor de nossa viva lembrança e carinhosa saudade, Luis-Philippe, hoje estará vendo - com os olhos de sua boníssima alma -, a, antes sua, Cadeira 21 ser ocupada por um confrade já despontando como um acadêmico que muito bem compreende seus deveres para com este venerando sodalício. Estou certo, Luis-Philippe, que isto o alegrará.

Está aberta a Sessão.



DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO LUIZ ORIONE NETO, PROFERIDO PELO ACADÊMICO UBIRATÁ NASCENTES ALVES



A PRIMEIRA DO MILÊNIO – BRASIL 500 ANOS

Olha aí. Olha aí, o Guri!

Olha aí, distinto casal Eduíno Jácomo Orione e Célia Maria Soares Orione, o resultado do fruto de vosso amor, adentrando à imortalidade, penetrando no Olimpo, falando com os Deuses, vivendo livremente os maiores sonhos e ideais, saboreando o prazer de sentir-se eterno. Abrindo uma janela no tempo, desejo fazer uma retrospectiva, lembrar, D. Aquino Corrêa ao recepcionar nesta Casa o Grande Luis-Philippe, Pereira Leite, outro baluarte em ascensão na época, fazendo destas, minhas palavras, duplicando-se a justa homenagem que agora presto:

Trata-se de inaugurar nesta Academia Mato-Grossense de Letras, a cadeira 21, que tem como patrono a figura fidalga e simpática de Manoel Peixoto Corsino do Amarante, cuja individualidade inteiriça bem representa as tradições honradas duma das mais preclaras famílias cuiabanas, e cujo nome nos lembra instintivamente aquelas clássicas e famosas galerias, em que Plutarco, Suetônio, Cornélio Nepote, São Jerônimo e outros, immortalizaram os varões ilustres, de cujas luzes se ilumina, ainda hoje, a civilização: De viris illustribus. Mais adiante ... “O Novo Acadêmico”

E tanto mais benigna se mostrou a sorte, quanto mais fácil a recepção do neo-acadêmico. Se fosse o caso de velho escritor, oriundo já do século passado, arcado sob o peso de vasta bagagem literária, imaginai os embarços do arcebispo, uma vez que, como se sabe, é coisa muito séria, nos domínios do direito canônico, a crítica ou censura dos livros.

Mas, ao contrário, devo dar boas vindas a um jovem letrado, que todos conheceis, e que veio à luz, há menos de seis lustros, ...

... Senhores, tanto a superior mentalidade do recém-matriculado aluno das Musas, quanto a minha satisfação em servir-lhe de introdutor ao florido parnaso dos nossos beletristas.

De Volta ao Futuro

Rejubila-se esta Casa em receber, de roupa nova, o empossando desta noite, para abrihantiar esta cerimônia, até por singular coincidência cuidou o Estado de liberar verbas para, como se pode notar, a primeira etapa de uma grande reforma que ora tem início: Material e Humana.

Material, ao se perceber, para gáudio do povo desta terra pantaneira, o Estado ergue-se para defender o maior valor que possui, a sua cultura. Gente sem formação,

jamais chega a lugar algum, esquece o passado, permanece na sombria escuridão das letras, tornando-se presa fácil. Por esta razão, o destemor e saudável ousadia da atual presidência, que partiu para o embate, no propósito de retomar nosso patrimônio, espaços que antes integraram originalmente Casa Barão de Melgaço, com o fito de criar-se um centro cultural, digno da pujança deste Estado. Nos termos do convênio celebrado, caminha para rápido desfecho a recuperação do prédio vizinho, cedido a outrem no tempo do arbítrio. Virá, ainda, a reintegração de amplo auditório para mais de 400 pessoas, hoje ocupado tão somente como depositário de papéis, arquivo morto. Ainda através de entendimentos com a Universidade Federal, o prédio que abrigou a Secretaria de Educação e Cultura, completa esse resgate.

Finalmente teremos criado um grande centro à imagem da Academia Brasileira de Letras, desfrutando até de jardim interno, informatização, biblioteca pública já em andamento, inclusive a transformação deste espaço, no "Museu Casa Barão de Melgaço", com belo acervo garantido.

Registrar nosso agradecimento e confiança ao "Homem das Diretas-Já", nome que surge na sucessão presidencial, de aceitar maiores desafios, Governador Dante Martins de Oliveira, destacado Mecenaz das letras, e no futuro, aguardaremos otimistas sua eventual disputa a uma cadeira. Deposita-se neste projeto, nossa total confiança no eficaz e diligente Secretário de Administração do Estado, Dr. Fausto de Souza Faria que, junto à tão inteligente quanto formosa, Procuradora-Geral do Estado, Dra. Suely Solange Capitula, aportaremos no solo firme das realizações. Neste sentido, recebeu-se espontânea oferta do grupo Rede CEMAT, que se propõe a custear a parte financeira desse projeto de imenso valor social, brindando nesta louvável atitude, em geral, toda sociedade.

Humana com aquisição de novos valores que chegam aos umbrais deste Sodalício, a força de um poeta como o nobre acadêmico Odoni Gröhs, o confrade articulista Avelino Tavares, aqui, agora, um jurista de primeira linha reconhecido nacionalmente, que por seus valores intelectuais merecidamente ganha lugar nesta Academia de Letras. A Cadeira 21, antes ocupada por um mito como Luis-Philippe Pereira Leite, de raras qualidades humanas e considerável produção literária, merece ser substituído à altura, respeitado a forma e o tempo de cada um. Ele deve estar sorrindo em sua tradicional cadeira de balanço, acompanhando com satisfação o acolhimento deste que irá sucedê-lo. Relatando sua partida em artigo, cuidei de registrar certas minúcias, particularizando o cortejo, a missa, e os amigos presentes. Curiosamente hoje, no caminho inverso, faço a saudação para receber outro dentre os Luízes de inegáveis valores, desta feita, Orione Neto. Esta posse tem sabor especial para a minha pessoa, eis que estou em instantes, prestes a perder o título "Cacula" desta Academia de Letras, para o "Noviço" confrade Luiz Orione Neto, sendo ainda escolhido para saudá-lo, ora bugalhos, que grande confrade nos avizinha senhores!

Outras peculiaridades merecem lembrança, não apenas pela juventude, mais ainda a singularidade por haver recebido na disputa, o voto do segundo representante desta Casa na Academia Brasileira de Letras o embaixador Roberto de Oliveira Cam-

pos, fato que não se repetia desde os idos tempos de um dos fundadores deste Silogeu, o Arcebispo Dom Francisco Tomás de Aquino Corrêa, o primeiro a ingressar na Casa de Machado de Assis, *Le Petit Trianon*.

Cumpra destacar uma particularidade para este neófito confrade, o Lema deste Sodalício, encontrável em Eclesiástico, Capítulo 44, versículo 6:

Homens ricos de virtude,
Solícitos do decoro
– Que tinham gosto pela beleza
pulchritudinis studium habentes
e viviam em paz em suas casas

Consagrado na forma predominante, *Estudiosos da Beleza*, na inspiração de D. Aquino, um dos doze fundadores do Centro Mato-Grossense de Letras em 7 de setembro de 1.921, hoje Academia. Antecipando-se, ao movimento artístico de maior expressão no país, o Modernismo, sendo este iniciado com a Semana de Arte Moderna, evento realizado na Capital de São Paulo no decorrer do ano de 1922. Atualmente, é na Casa Barão de Melgaço, onde se localizam as duas mais tradicionais Instituições Culturais do Estado, sendo esta compartilhada pelo Instituto Histórico e Geográfico, um pouco ainda mais antiga.

Conheci o Mestre Oriane ainda na Escola Superior de Magistratura. Apresentou-o, o então Coordenador, nosso igualmente confrade João Antônio Neto. Chegava com toda sua típica energia despejando conhecimentos em incrível velocidade, amortecendo dedos dos alunos na vã tentativa de copiar-lhe as palavras disparadas, e ao fim da primeira aula era imediatamente chamado de “metralhadora rotatória”. Com esta poderosa arma de notável saber jurídico forjava-se o berço, de um novo tempo, hoje consumado na Escola Superior de Direito – ESUD, que segue preparando profissionais para as carreiras jurídicas.

Mergulhando no passado, oportuno alinhar as origens de sua formação, havendo o menino inicialmente recebido aulas, sentado ao colo da Prof.^a Carmem. Idolatrada maestrina, na antiga fórmula de aprendizado a poucos dedicado, lhe ensinou o a-b-c das letras, seu primeiro passo. Depois cursou o primário e ginásial, portanto, o ensino fundamental, no Colégio Comercial de Contabilidade – Luiz Oriane, nada mais que apenas o saudoso avô. Iniciava assim, a trajetória consolidando a fibra de um campeão dos estudos, pesquisador incansável, profícuo escritor.

O científico, equivalente ao 2º Grau, fê-lo experimentar mudança para o Estado de São Paulo, frequentando o Instituto Americano de Lins. Vale salientar conforme informações obtidas junto de sua estimada madrinha, Sra. Geralda Soares de Oliveira, que não tardou lembrar que o garoto sempre obteve aprovações em primeiro lugar de sua turma, e gosto para o estudo, preferindo a boa leitura que uma pelada na rua. Peladas desfrutou mais tarde, aproveitando os dias da livre juventude, logrando com essa experiência, chegar a um casamento sem reclamos.

Retornando aos estudos, o vestibular não foi diferente da trilha anterior, neste aspecto, aproximando-nos do ritualismo, oportuno lembrar as transformações havidas no jovem e promissor estudioso, nas palavras de Euclides da Cunha em *Constrastes e Confrontos*, o operário:

(...) esverdinhado pelos sais de cobre e de zinco, paralítico delirante pelo chumbo, inchado pelos compostos de mercúrio, asfixiado pelo óxido carbônico, ulcerado pelos cáusticos de pós arsenicais ... e a máquina ... íntegra brunida.

Superando os sacrifícios a máquina, sua obra, assim polida, brilha. Abdicava o esmerado estudante aos chamados próprios daquela idade, cinemas, diversões, até passeios com prazerosas e belas companhias. Entretanto, todas essas provações experimentadas valeram, vindo a recompensá-lo a categórica, retumbante, e tríplice vitória no vestibular. Logrou destacada aprovação disputando com milhares de candidatos devidamente preparados no grande centro, a fervilhante da São Paulo. Foi aprovado na PUC-Campinas, Universidade Mackenzie, e PUC-SP. Recaindo a escolha, por considerar a melhor Faculdade na PUC-SP, reiniciando sua trajetória no curso de direito, conforme sentia vocação. Ao final do curso, dentre um universo de 300 alunos, o menino que deixou Guiratinga, pequeno ponto desconhecido daqueles, sagrou-se em primeiro lugar, fato este que ainda lhe valeu um prêmio, assim iluminando seu torrão que emergia na Pauliceia, através do dileto Filho.

Incorporando operário e máquina, a simbiose começava a funcionar em pleno vapor, ingressando num caminho sem volta, compensando as noites dedicadas ao estudo e leitura, lapidando a gema da boa lavra. Perceba-se que, independente de qualquer auxílio externo, disputando na inóspita e concorrida metrópole, onde em ambiente imparcial experimentou o reconhecimento, pois foi o primeiro acadêmico de direito do País a publicar trabalho em revista especializada da área. Se não apenas isso fosse necessário aos incautos e despercebidos, vejamos que não foi resultado do mero acaso ou um bafejar da sorte. Ainda na vida universitária, continuam despontando os seus méritos, resultado natural da brilhante inteligência, bem direcionada ao estudo, pois recebeu o prêmio de "Melhor Comentário de jurisprudência", vencendo o concurso idealizado na Faculdade de Direito da PUC-SP!

Seguindo a trilha de sua produção intelectual, sem acomodar-se às vitórias iniciais, que decerto o levariam para um anonimato improdutivo, com espaço e reconhecimento na Editora RT – Revista dos Tribunais, na Revista de Processo, publica uma série de elogiáveis matérias:

- Litisconsórcio Necessário – RePro 31 / 287
- Sentenças Mandamentais e Determinativas
- RePro 45 / 54
- Sucessão e Substituição Processual:
- Traços Distintos – RePro 46 / 220

- Assistência: Impossibilidade de Inexistência de Interesse Jurídico de Credores de uma Co-Ré p/ Ingresso em Ação Pauliana – RePro 47/287

Neste momento, é oportuna a citação do cientista José Venâncio Pereira Leite, reproduzida na obra de seu irmão de Luis-Philippe Pereira Leite, ocupante inicial da consagrada cadeira 21, hoje em festa, inaugurando vida nova, mãos firmes na decolagem ao futuro, **Estudos Científicos:**

Todos saboreiam o fruto e ninguém vê a semente germinar; os que veem a riqueza não veem a economia; os que veem a obra não veem a labuta; os que veem o sabor não veem o estudo; os que veem a propriedade não veem o trabalho e os que veem a recompensa não veem as privações.

Neste diapasão, publica seu primeiro livro com a Editora Lejus, hoje em segunda edição, portanto, devidamente aprovada pelo público nacional. Este sucesso não poderia ser diferente ao se observar que esta foi a tese de Mestrado do candidato, sabatinado por uma criteriosa banca também da PUC-SP, presidida por reconhecido lustre da cultura jurídica da nação, o Prof. Dr. Arruda Alvim, composta ainda pelos valorosos Prof. Dr. João Batista Lopes e Prof. Dr. Nelson Nery Júnior. Esta obra lhe trouxe o título de Mestre em Direito, havendo obtido nota máxima acrescida de **Distinção e Louvor**, distinção para uns poucos.

O mais recente trabalho do autor, *Liminares no Processo Civil e legislação processual civil extravagante*, Editora Lejus, 1999, trata-se de obra com valor inquestionável para obter a pronta prestação jurisdicional, verdadeira tábua de salvação para advogados. Por outro lado, mostra um estilo peculiar abordando temas de extrema multiplicidade de encaminhamentos, sem perder de vista o aspecto cultural onde se pode aprender não apenas o direito puro e simples. Mostra também sua evolução histórica, desde o latim até inúmeros idiomas, onde se envereda explicando, dentro do mais amplo universo, questões jurídicas exemplarmente dissecadas, com ímpar sensibilidade.

Nestas 686 páginas ficam bem marcados os traços de um estilo farto, trabalho precioso, como bem registra o idôneo apresentador:

Jurista de boa cepa, o Dr. Luiz Orione Neto coloca-se entre os mais brilhantes advogados do nosso Estado. Em seu mister, sempre teve em conta as regras éticas da profissão, sabendo que não foram elas instituídas no interesse privado do advogado, senão da coletividade, da verdade e da Justiça

A obra, intitulada **Liminares no Processo Civil e legislação processual civil extravagante**, indubitavelmente, é a mais completa sobre o tema que já brotou das mãos dos homens de letras jurídicas deste país. Constitui ela verdadeiro manancial de conhecimentos sobre as liminares para todos quantos necessitarem recorrer à sua consulta, pela extensão, precisão e profundidade com que o autor tratou os assuntos que ali se encerram.

A obra, elaborada por mão experimentada e inteligência lúcida, revela todo o fulgor do pensamento do seu autor.

Assina o arguto Des. Orlando de Almeida Perri.

O último dos seus trabalhos é desafio para poucos que desejam enveredar na infinda, esgotante, labuta dos Tratados, havendo de uma só tacada, lançado os dois primeiros volumes, finalmente na previsão atual de apenas quatorze volumes, representa quase um metro de obra, cerca de vinte quilos. E diziam: – cultura não pesa nem ocupa espaço! Entretanto, o mais importante de sua obra é justamente a praticidade. O autor busca o caminho mais hábil e célere para especializar-se, ante uma Justiça abarrotada. As partes continuam sem poder esperar. Este trabalho, tão grandioso quanto extenso, ainda irá consagrá-lo em definitivo no cenário jurídico nacional, abrindo ilimitadas perspectivas. Parabênzo esta Academia que, ao abrir suas portas para recebê-lo, rende em tempo hábil, justo e merecido reconhecimento ao jovem autor. Contudo, para referendar minha posição que poderia restar isolada, adstrita à conduta de um benévolo receptor, valho-me de reconhecido valor no cenário jurídico, este decerto, não jogaria palavras ao vento:

Escrito em linguagem simples, mas direta e sólida, o livro se baseia na mais moderna e autorizada doutrina do direito processual civil e dos demais ramos do direito material que têm interferência no tema das liminares, bem como na jurisprudência de nossos tribunais. Os dotes intelectuais do autor, de pesquisador e de homem da ciência do Direito, estão reafirmados no **Tratado das Liminares**. Examina as teses que existem sobre determinado assunto, sem furtar-se de emitir sua opinião, sempre abalizada na doutrina e jurisprudência.

Mais adiante ao encerrar complementa...

Deixamos aqui a nossa sincera impressão de que não só o Tratado das Liminares será um sucesso científico e editorial, como também a própria “Coleção Tratado das Medidas Urgentes”, da lavra do Dr. Luiz Orione Neto. Estão de parabéns a Editora Lejus, o autor e o público leitor, destinatário primeiro da excelência do conteúdo do livro que ora apresentamos. Nelson Nery Júnior – Prof. Doutor Titular da Faculdade de Direito da PUC-SP. Procurador de Justiça do Estado de São Paulo, Jurista Nacionalmente Consagrado.

Não difere, jovem valor da Magistratura Estadual que, certa feita, quando tão apenas juiz de primeiro grau, vislumbrei-o no ápice do Judiciário Estadual, fato que, seguramente em breve irá se concretizar nem que seja somente durante as férias do titular. Vejamos a profecia:

O alto valor da obra “Tratado das Liminares” – composta de dois volumes – conferirá ao autor merecido reconhecimento nacional, trazendo-nos o orgulho de tê-lo como filho desta terra. Sua magnitude repercutirá, sem favor, como uma das mais procuradas e consultadas na literatura jurídica pátria. A crítica não regateará efusivos aplausos ao autor. Des. Orlando de Almeida Perri – Eleito há pouco, Vice-Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça de Mato Grosso.

É de bom alvitre também registrar, que o autor ainda publicou um outro livro “*Da Contracautela no Processo Cautelar*”, realizado em coautoria, do qual participou a Dra. Doralina Mariano da Silva, brilhante advogada.

A outra generosa faceta de Luiz Orione Neto indica ser ele Mestre e Doutorando em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de SP. Mais ainda, professor concursado de Direito Processual Civil da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso, professor de Direito da União das Escolas Superiores de Cuiabá - UNIC, leciona ainda Direito Civil e Processual Civil na Escola Superior de Direito do Estado de Mato Grosso – ESUD, sendo esta própria, figurando isolada como o maior empreendimento na área do direito, dispendo para seus alunos de uma seleta e atual Biblioteca, formada por cerca de 10.000 títulos. Nesta, o fruto de um sonho idealista materializado, como seus escritos. É também professor na Escola Superior da Magistratura e da Fundação Escola Superior do Ministério Público, além de diretor Presidente da Escola Superior de Advocacia, esta da Ordem dos Advogados do Brasil. Na defesa do Direito, é advogado militante em Mato Grosso e outros Estados, além de realizar diuturnamente palestras em diversas capitais.

O seu ingresso na Academia, na estrita forma dos Estatutos da Academia Mato-Grossense de Letras – Art. 6º, alíneas **a** e **b**, registra: ... *que tenham publicado trabalhos de real valor literário ou científico*. Percebe-se que o mesmo atendeu as exigências, reside por tempo superior a cinco anos nesta urbe, ademais, como visto publicou bem mais que um único trabalho, apenas de ocasião, todos de real valor científico, em revistas especializadas ou livros, iniciando um Tratado. Portanto, apesar de ser oculta a verve poética, é um cientista do direito.

Gostaria de traçar um paralelo com o empossando desta bela noite, dizendo até que, de forma saudável, o invejo, pois não tive sua estrela, deveria eu ter nascido em Guiratinga, pois aqui não tive a boa sorte. Sendo filho de médico militar, perambulei pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Recife, Brasília, Estados Unidos – Texas, alternando sempre com o Rio de Janeiro, lugares onde tive bom reconhecimento. Viajando pela Europa, na Dinamarca, sem pensar de voltar para o Brasil, o amigo americano colocou para tocar um LP que, por alguma razão indescritível, não quebrara na mochila que muitos trancos e revistas sofrera de Hamburgo até a friorenta terra dos Vikings em Kopenhague. Pude ouvir assim, uma música até então desconhecida, Morro Velho de Milton Nascimento, que fala de um rapaz que saiu da fazenda para estudar e que depois voltou para a fazenda, trazendo até uma mocinha.

Fiel aos princípios de um considerado poeta como Vinícius de Moraes, que dizia “ganhar dinheiro com poesia” e “viver cada segundo como nunca mais”, *carpe diem*; envolto no clima de profunda nostalgia boreal, vagando no mundo, captei de imediato a mensagem da música: voltar. Mas voltar para onde? Fazendo da vida minha poesia, alegre ou triste, para o Rio, este já havia antes abandonado. Era minha terra, Cuiabá. Fechado o primeiro curso, Administração, recolhi as amarras e parti. Faltava ainda a mocinha, mas pensei, esta arrumo uma por lá mesmo, pego uma gata de família tradicional. Casei com uma pobretá capixaba. Iniciava-se o mais duro trecho de

minha vida, animado com a vitória inicial do trabalho sobre história de Mato Grosso, a situação logo muda. Perseguições políticas durante o regime de exceção, para um pepista, depois fundador do PMDB, significavam uma eterna corda no pescoço. Sem estabilidade, não podia nem família montar. Vivi os bares emotéis. Depois de assessorar um Governador e três chefes de Poder Judiciário, finalmente consegui a segurança para o meu primeiro filho – Irapuã. Aprovado em concurso público para a Procuradoria-Geral do Estado, a nova euforia teve vida breve, logo arrumaram uma verdadeira cilada: não efetivação após o probatório, sob alegação de inexistente consulta a magistrados junto aos quais trabalhara, *honni soit qui mal y pense*. A farsa alegava ainda, falta de conhecimentos jurídicos e do vernáculo, apesar de ter sido aprovado no certame em 3º lugar, valendo a capital. Dentre os ilustres pares, acredito haver tão somente um que tenha publicado um livro, e seguramente nenhum deles adentrou a este Silogeu. Adveio tremenda conturbação, mulher grávida de Inajá, contas a pagar. Enterrado meu sonho, a satisfação restrita aos trabalhos na defensoria, criando vínculos no fórum que chegando por fundar até um Triunvirato, no cume, a promessa do Judiciário Estadual, futuro Desembargador, Dr. Rui Ramos Ribeiro, no outro extremo da base, o já acolhido no segundo grau, abnegado pela justiça, o Dr. Nivaldo Fernandes Moraes.

Encaminhado o desabafo, caro Luiz Orione, gozas uma predestinação, escrita nas estrelas, que nenhum duende ou humano poderá mudar, brilharás sobres os demais, e teu trabalho será profícuo e reconhecido. Não é de se comparar Barabás a Cristo, neste, o puro foi sacrificado, ajustado às plagas tropicais, um Tiradentes preste a ser esquartejado, que jamais conseguiu qualquer Liberdade, e obrado do Imperador Pedro.

Neste momento é oportuníssima a Lição da Águia Rui, Barbosa:

Amigos e inimigos estão amiúde em posições
Trocadas. Uns nos querem mal e fazem-nos bem.
Outros nos almejam o bem, e nos trazem o mal.

Ilustre confrade, assim passo a chamá-lo, pois vislumbro seu futuro, muitas perspectivas se lhe apresentam, cujo caminho inicia nesta Casa, Academia Nacional de Letras Jurídicas, até mesmo sem ufanismo, na própria Academia Brasileiras de Letras, onde percebo tendes atributos para ingressar, além de já suprido o pré-requisito da Estadual.

A postura do incansável mestre contribui efetivamente para eliminar o obscurantismo, tática contra os princípios da Liberdade e Verdade, tendência de manter a escuridão das mentes, com objetivo de manter o povo afastado do conhecimento de sua realidade econômico-social. Afinal, bem mais fácil dominar-se uma classe de analfabetos, que obter o consenso em uma reunião, com apenas meia dúzia de intelectuais. Tática absurda que vem produzindo o que denomino neo-colonialismo, exploração geral por uma aristocracia democrática, “os imprescindíveis”. Afinal estes diletas personalidades estão tutelando nossos interesses, temos Fujimore indo para um terceiro governo, na terra *Brasilis* por enquanto no segundo, se a constituição não for outra vez adulterada, em função das vontades dos acastelados, desprezando-se o coletivo. Jamais vi neste País tantos escândalos escabrosos seguidamente, lotando às páginas dos jornais, ocupando aos espaços da televisão. Vazamento

de informações sobre o *dollar*, contratações ilícitas, compras superfaturadas, tudo acoberado no fraternalismo político. Quem aceita tamanha carga tributária, que tão somente serve para engordar os cofres públicos, para logo sofrerem vilipendiosos saques? Pior, ninguém vê esses artistas recolhidos. A capital paulista encontra-se cansada do vai e vem do Sr. Prefeito, deixando todos boquiabertos. Enquanto isto, o Chefe Executivo Nacional, segue em constantes viagens pelo exterior, posa com o perigoso Bill Clinton em suas costas exibindo largo sorriso, coisa para uma experiente Mônica ter receios. Foto publicada na capa da Folha de S. Paulo, que circulou em 03 deste. A sequência de omeletes demonstrou que a insatisfação popular, começa a sair do passivismo, inobstante a tentativa de ignorar a difícil situação que atravessamos curiosa forma de solucionar a questão. Parece que o País está revivendo, os momentos últimos da Bastilha, em que Maria Antonieta ignorando o povo faminto nas portas do palácio pedindo pão, e na falta deste, recomendou que então comessem bolo! Afinal o filho de quem, há pouco, teve objetado por corajoso membro do Ministério Público, os custos para realizar uma exposição internacional? Registraram os jornais de ontem, quarta-feira, que após um sequestro, havido no Jardim Botânico, bairro nobre no Rio de Janeiro, após atrapalhada ação policial, terminou com a morte de uma inocente refém. Depois o ilustre se diz em estado de choque e “passou o dia deprimido por ver cenas de violência e a incapacidade de uma ação mais eficaz”.

Total desprezo para a realidade atual, parece que vive em outro planeta. Entretanto, que tens feito de objetivo para reverter o drástico quadro? Não será como estavas, na mesa do 53º Congresso Mundial de Jornais, difícil resolver a questão evidenciada, mas pode melhorar sua imagem. Melhor trabalho faz o jovem presidente nossa sigla, Luiz Vitório Soares, percorrendo o interior, auscultando a base da pirâmide, onde o povo está.

O antigo Eldorado da fácil lavra de Sutil e corajosos pioneiros evoluiu, não mais ouro, nem brilhantes oferecidos pela natureza, lavoura ou gado. Mato Grosso vem iniciar sua maior jornada, cumprindo magna tarefa, ao liderar a produção nacional de soja, algodão, e com forte pecuária, aguarda apenas a ligação ao Pacífico, para inverter o eixo comercial. Inaugura a posição de exportador, agora através da produção intelectual, esta auspiciosa fase representa a mais valorosa de todas as contribuições.

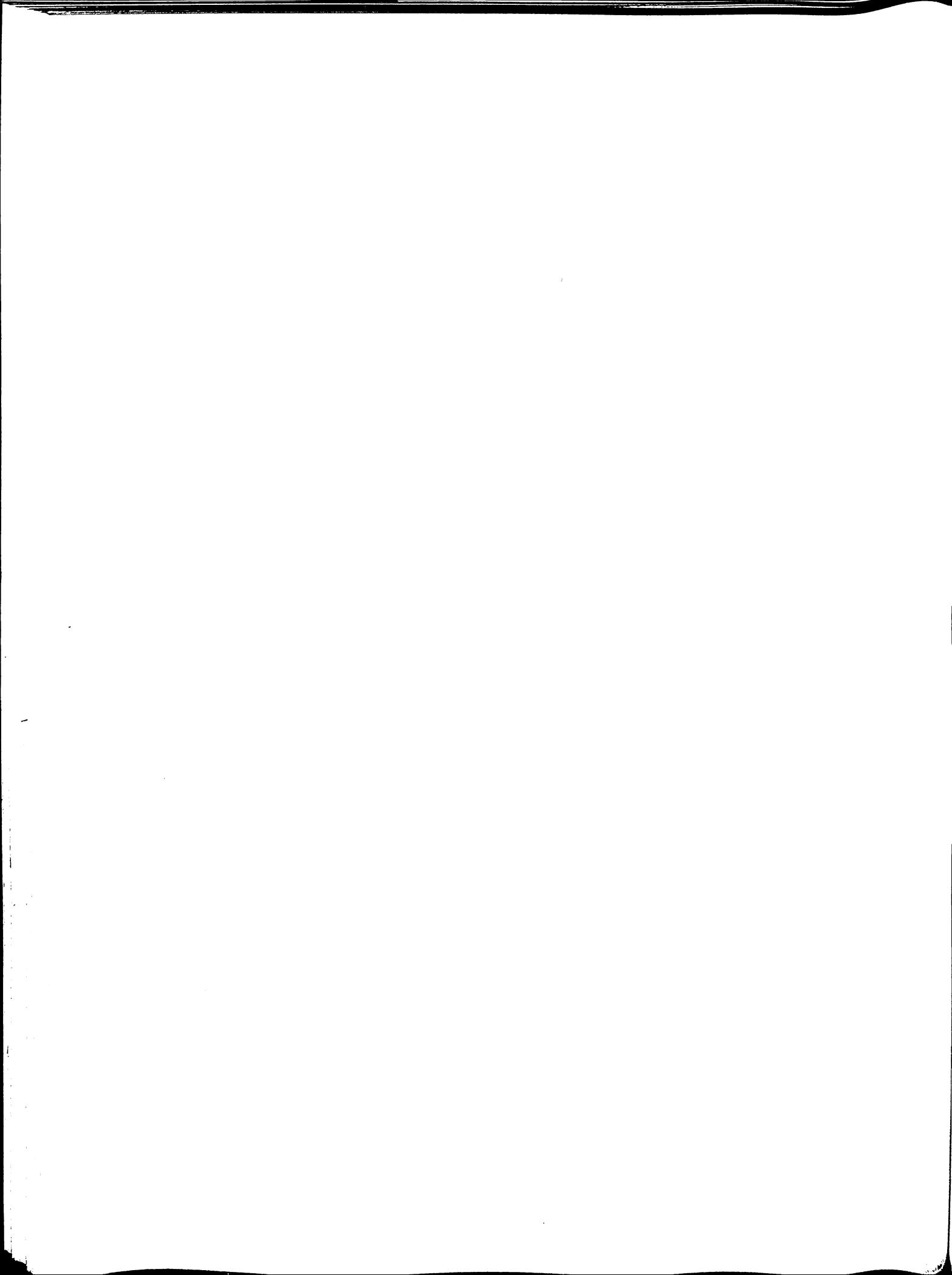
Eis seu papel jovem confrade, catalisar através de sua cátedra, mudanças de consciências que nos levem a uma melhor realidade – *nec temere, nec timide* – nem com temeridade, nem com timidez. Rompendo barreiras do conservadorismo, ultrapassado e sem razão, verdadeiro revolucionário das letras através do direito, pois numa pátria sem justiça, seus filhos crescem sem liberdade e não tem perspectivas.

O mestre pessoa de forte personalidade, pai de bela e radiante família, Sra. Séphora Dioz Orione, Marília e Raphaella, 5 e 4 anos nessa ordem, adentra neste Sodalício para somar nas batalhas que seguramente iremos diuturnamente pelear, erguendo templos à virtude e cavando masmorras ao vício, desempenhando relevante papel, é chegado a hora.

Alons enfants de la patrie

Le Jour de Gloire est arrivé.

Benvindo, Luiz Orione Neto.



DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO LUIZ ORIONI NETO



Pulchritudinis studium habentes
Vós sois os estudiosos da Beleza

Com desmedida reverência, possuído da mais intensa emoção, penetro na “Casa Barão de Melgaço”, silogeu mais venerando e majestoso da Cultura mato-grossense, para tomar assento na Cadeira nº 21 da Academia Mato-Grossense de Letras, que tem, como Patrono, Manuel Peixoto Corsino do Amarante e teve, como único ocupante, o inolvidável Luis-Philippe Pereira Leite.

Experimentei já, em outras ocasiões, momentos grandiosos e soberbos, não tanto especiais como este, e que me foram também de estranhas emoções.

Recordo-me da solenidade de formatura no Palácio do Anhembi, em São Paulo, onde recebi o diploma de Bacharel em Direito, em noite festiva; da defesa de dissertação do opúsculo *Posse e Usucapião de Linha Telefônica — Direitos Autorais — Energia Elétrica e Direitos Pessoais*, para obtenção do Título de Mestre em Direito pela PUC-SP, ocasião em que, após as arguições orais, a Banca Examinadora, através de seu Presidente Dr. José Manoel de Arruda Alvim Netto, me distinguiu com nota máxima; e, mais recentemente, da solenidade de lançamento da Escola Superior de Direito de Mato Grosso, no Cuiabá Tênis Clube. Foram momentos de intensas alegrias e singulares emoções.

Para esta solenidade, tinha-os imaginado fosse como estou a senti-los, motivo por que, de proêmio, tento registrá-los nestas laudas ao encetar minha oração.

Como protagonista principal desta noite, tenho o privilégio de assomar a este tribunal, onde, aos borbotões, a verve dos poetas e as luzes dos prosadores marcaram, com suas eloquências e notável saber, momentos sublimes para esta Casa Barão de Melgaço, na qual mais de uma centena de intelectuais ocuparam cadeiras desde os idos de 1921.

A sete de setembro de 1921, no Palácio da Instrução, nesta cidade, por iniciativa de D. Aquino Corrêa, foi fundado o Centro Mato-Grossense de Letras, que teve como primeiros sócios: o próprio D. Aquino, Antônio Fernandes de Souza, Estevão de Mendonça, Carlos Gomes Borrvalho, José de Mesquita, Philogônio de Paula Corrêa, José Raul Vilá, Virgílio Corrêa Filho, Otávio Cunha Cavalcanti, Lamartine Ferreira Mendes e Cesário da Silva Prado.

A 15 de agosto de 1932, passou o Centro Mato-Grossense de Letras a denominar-se Academia Mato-Grossense de Letras, que teve aumentado, para trinta, o número de sócios. Por essa ocasião já contava em seus quadros, além dos fundadores, com os nomes de: Palmiro Pimenta, Maria de Arruda Muller, Francisco Alexandre Ferreira Mendes, Isac Póvoas, Nilo Póvoas, Oscarino Ramos, João Cunha, Franklin Cassiano da Silva e Olegário Moreira de Barros. A instalação da Academia se deu a sete de setembro do mesmo ano.

Em 1944, para enquadrá-la nas normas da Federação das Academias de Letras do Brasil, o número de membros efetivos foi aumentado para quarenta.

Nesta data, tenho a honra de ser o 119º ocupante da Academia Mato-Grossense de Letras. Por este augusto Sodalício, já passaram 81 (oitenta e um) Acadêmicos, cujas memórias reverenciamos a todo instante.

O braço da ceifadora inexorável arrancou do nosso convívio algumas das figuras mais expressivas do universo cultural do nosso Estado. Acadêmicos da grandeza de Benjamin Duarte Monteiro; Gervásio Leite; Rubens Mendes de Castro; Padre Raimundo Pombo; Rubens de Mendonça; Estevão de Mendonça; Archimedes Pereira Lima; Nilo Póvoas; Ulysses Cuyabano; Padre Wanir Delfino César; Domingos Sávio Brandão de Lima; Demóstenes Martins; Lamartine Ferreira Mendes; Isác Póvoas; Olegário Moreira de Barros; João Moreira de Barros; Benedito Sant'Ana da Silva Freire, Luís-Philippe Pereira Leite, a quem tenho a honra de suceder na Cadeira n.º 21, dentre outros vultos notáveis, não mais se encontram em nosso meio. A eles, que honraram as tradições da "Casa Barão de Melgaço", projetando-a no cenário nacional e internacional, a nossa imorredoura saudade.

Há tempos tenho observado que reina por aí, na opinião de alguns, uma ideia de que nas Academias só deveriam entrar literatos, como tais entendidos romancistas ou poetas e que tenham dezenas de obras publicadas.

Essa não é, no meu entender, uma visão correta do fato.

Di-lo, com inexcedível propriedade, o festejado confrade LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, no seu discurso de recepção ao brilhante orador e eminente Acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA, um dos luminares desta Casa, que, assim como eu, é professor e jurista: *As Academias — a não ser o caso de algumas expressas exceções — não se denominam Academias de Literatura, mas sim de Letras, o que nos revela que devam acolher poetas, prosadores, literatos de todos os matizes, inclusive os que se ocupam da literatura jurídica ou médica, todos os que lavram a seara das letras, todos os que, enfim, convivem no mundo da intelectualidade.*

Outro não foi o entendimento dos franceses ao darem ao seu mais alto núcleo de cultura o simples e abrangente título de *Academia Francesa*, sem qualquer restritivo.

Também não comungo da ideia de que se deva exigir do candidato ao ingresso nas Academias a apresentação de dezenas de obras publicadas como prova de sua capacidade intelectual.

Num país como o nosso, no qual publicar um livro é um ato de coragem, reservado quase sempre aos que possuem recursos financeiros, e num país de cerca de 150 milhões de habitantes que só possui 600 livrarias, no qual, portanto, quase ninguém lê, acho absurdo cobrar-se de alguém tal prova.

Ressalte-se, ainda, que nem sempre a edição de um livro comprova a cultura de quem o escreveu. Muitos existem, por aí, que melhor seria nunca tivessem sido escritos.

A vingar esse critério, nesta Casa não teriam ingressado, na época em que aqui ingressaram Dom Aquino Corrêa, José de Mesquita, Virgílio Corrêa Filho, nem Luis-Philippe Pereira Leite, que produziu a maior parte de sua extraordinária obra depois que aqui entrou e depois de cego.

A vingar esse critério não deveríamos reconhecer em Gregório de Mattos Guerra um dos fundadores da literatura nacional, nem em Frei Francisco de Mont'Alverne um dos maiores oradores que passaram pelas tribunas sacras ou profanas, no Brasil, em todos os tempos.

E a Academia Mato-Grossense de Letras, prestes a completar 80 (oitenta) anos de existência, tem permanecido fiel ao seu elevado objetivo: *PULCHRITUDINIS STUDIUM HABENTES*: estudiosos do belo, cujo lema vem estampado na pelerine envergada por todos os Acadêmicos.

Intelectuais e escritores das mais variegadas profissões por aqui passaram e ainda aqui se encontram, como estudiosos do belo.

Nesta casa tomaram assento *juristas* como José de Mesquita, Olegário Moreira de Barros, Amarílio Novis, Oscarino Ramos, Otávio Cunha Cavalcanti, Gabriel Vandoni de Barros, José Couto Vieira Pontes, Corsíndio Monteiro da Silva, João Antônio Neto, Benedito Sant'Ana da Silva Freire, Domingos Sávio Brandão Lima, Gervásio Leite, João Villasboas, João Moreira de Barros, José Ferreira de Freitas, Clóvis de Mello, Satyro Benedicto de Oliveira, Ubiratã Nascentes Alves, Benedito Pereira do Nascimento, Gilmar Ferreira Mendes, Luis-Philippe Pereira Leite, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, Adauto Dias de Alencar; *militares*, como Firmo José Rodrigues, Joaquim Justino Alves Bastos, Frederico Augusto Rondon, Lécio Gomes de Sousa, Cyro Furtado Sodré, Othayde Jorge da Silva, Ubaldo Monteiro da Silva; *religiosos* como Dom Aquino Corrêa, Padre Raimundo Pombo, Padre Wanir Delfino César e Padre Firmo Duarte; *engenheiros*, como Virgílio Corrêa Filho, João Barbosa de Faria, Miguel Carmo de Oliveira Melo; *historiadores*, como Estevão de Mendonça, Rubens de Mendonça, Vera Randazzo, Lenine de Campos Póvoas e Elizabeth Madureira Siqueira; *professores*, como Leovegildo de Melo, Philogônio Corrêa, Isac Póvoas, Nilo Póvoas, Franklin Cassiano da Silva, Antônio Cesário de Figueiredo Neto, Maria de Arruda Müller, Maria Benedita Deschamps Rodrigues; *jornalistas*, como Archimedes Pereira Lima, Demóstenes Martins, Rosário Congro, Castro Brasil, Ronaldo de Arruda Castro, Nilza Queiroz Freire, Pedro Rocha Jucá, Avelino Tavares; *autores de literatura*, como Hélio Serejo, Tertuliano Amarilha e Moisés Mendes Martins Júnior.

Os *médicos* também constituem uma tradição na Casa Barão de Melgaço. Dos discípulos de Hipócrates, muitos já ocuparam e ainda ocupam Cadeiras neste silogeu: Lécio Gomes de Sousa, Cyro Furtado Sodré, Francisco Ayres, Jary Gomes, Humberto Marcílio Reynaldo, Nicolau Fragelli, Virgílio Alves Corrêa Neto, Clóvis Pitaluga de Moura, João Alberto Novis Gomes Monteiro e Odoni Gröhs.

Toda essa plêiade de cintilantes intelectuais constitui um orgulho para este augusto Sodalício e um patrimônio inestimável da cultura mato-grossense.

Também não prospera a crença de que, para entrar nas Academias, é necessário ter idade avançada e cabelos grisalhos. A minha presença neste Areópago, bem como de inúmeros outros Acadêmicos, são uma prova de que esse critério não tem nenhuma valia nesta Casa.

O mérito de um homem não é aferido pela sua juventude ou velhice. O mérito está no trabalho, no amor aos estudos e na vocação pela produção intelectual.

É bem de pensar com Henry Logfellow, em *The Ladder of St. Augustine: As culminâncias conseguidas pelos grandes homens não foram alcançadas com um rápido vôo; durante a noite, enquanto seus companheiros dormiam, eles foram abrindo caminhos para cima.*

O insuperável poeta Castro Alves faleceu aos 24 (vinte e quatro) anos, e, não obstante isso, deixou uma obra literária imorredoura, da qual destaco a poesia *A Luís*, numa modesta homenagem ao xará e único ocupante da Cadeira n.º 21 — Luis-Philippe Pereira Leite, escrita por Castro Alves no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1868:

A LUÍS

Como um perfume de longínquas plagas
Traz o vento da pátria ao peregrino,
Ó meu amigo! que saudade infinda
Tu me trazes dos tempos de menino!

É o ledão enxame de sutis abelhas
Que vem lembrar à flor o mel d'aurora...
Acres perfumes de uma idade ardente
Quando o lábio sorri... mas nunca chora!

Que tempos idos! que esperanças louras!
Que cismas de poesia e de futuro!
Nas páginas do triste Lamartine
Quanto sonho de amor pousava puro!...

E tu falavas de um amor celeste,
De um anjo, que depois se fez esposa...
— Moça, que troca os risos de criança
Pelo meigo cismar de mãe formosa.

Oh! meu amigo! neste doce instante
O vento do passado em mim suspira,
E minh'alma estremece de alegria,
Como ao beijo da noite geme a lira.

Tu paraste na tenda, ó peregrino!
Eu vou seguindo do deserto a trilha;
Pois bem... que a lira do poeta errante
Seja a benção do lar e da família.

Senhores Acadêmicos!

Pouco ou nenhum significado teria o ingresso, neste cenáculo, de homens já desinteressados da labuta intelectual e dispostos apenas ao isolamento e ao repouso na chamada “Torre de Marfim” da imortalidade acadêmica, carregando um título que apenas serviria para alimentar-lhes a tola vaidade pessoal.

De minha parte, posso afiançar aos eminentes confrades e ilustres confreriras que a minha produção intelectual no universo do Direito está apenas começando. Por ora, só apareceu *a ponta do iceberg*. O projeto da Coleção *Tratado das Medidas de Urgência*, previsto para ter 14 (quatorze) volumes, é uma prova incontestada da manutenção do meu interesse diuturno na produção científica.

Além da publicação do *Tratado das Liminares*, volumes I e II, lançado em dezembro de 1999, tenho programado para este ano o lançamento do *Tratado das Medidas Cautelares*, volume III, da Coleção *Tratado das Medidas de Urgência*; da publicação dos artigos *Produção Antecipada de Prova e Tutela cautelar e obtenção de efeito suspensivo no recurso especial e no recurso extraordinário*, em trabalhos a serem lançados pela Editora Revista dos Tribunais, sob a coordenação dos ilustres Professores Nelson Nery Júnior e Teresa Celina de Arruda Alvim Wambier.

Em agosto do vertente ano, começo a escrever a obra *Dos Recursos no Processo Civil*, que será composta de 05 (cinco) grandes capítulos: Teoria Geral dos Recursos — Princípios Fundamentais — Dos Recursos em Espécie — Tutelas de urgência no âmbito recursal e Da Ordem dos Processos nos Tribunais, com término previsto para fevereiro do ano 2001.

Ao tomar posse na Cadeira nº 21, da Academia Mato-Grossense de Letras, devo, em primeiro lugar, agradecer a magnanimidade dos meus ilustres confrades, a cuja frente destaco as personalidades de nosso Presidente, Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro, e da Dra. Elizabeth Madureira Siqueira, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, amigos diletos que incentivaram minha presença na “Casa Barão de Melgaço” e, pois, os maiores responsáveis pela honra desta consagração acadêmica.

Nesta hora de tão grande arroubo espiritual, o meu espírito volta-se para a cidade de Guiratinga, antiga Lajeado, nossa formosa “Garça Branca”. A cidade de Guiratinga tem tido presença marcante neste agosto Areópago. Além da presença do filho que ora ocupa esta tribuna, merece destaque a figura proeminente do Acadêmico João Antônio Neto, a estrela mais fulgurante de nossa terra natal, que brilha neste Silogeu como mestre emérito, jurista, filósofo do Direito, escritor, historiador, pensador, poeta, crítico literário e humanista.

Também carece destaque o ilustre Acadêmico Odoni Gröhs, que, não obstante oriundo da terra dos pampas, fixou domicílio na cidade de Guiratinga, onde reside há mais de 30 (trinta) anos. Foi Guiratinga que o imortalizou como médico notável e poeta em fulgurante ascensão.

Volto os olhos estremecidos pela saudade para os meus avôs Alencar Soares, Alice Vilela Orione e, mui especialmente, para o único avô que não conheci e cujo

nome eu herdei: Luiz Orione. O meu saudoso avô, Luiz Orione, homem de educação refinada, poliglota, foi o fundador do primeiro cinema na cidade de Guiratinga. Em reconhecida homenagem ao seu infatigável trabalho, Guiratinga mantém acesa a sua memória através de um estabelecimento educacional que leva o seu nome: Colégio Comercial de Contabilidade Luiz Orione.

Nesta noite de luzes, reverencio, carinhosamente, o Colégio Comercial de Contabilidade Luiz Orione, onde dei os primeiros passos para o mundo encantado do conhecimento e do saber; o Instituto Americano de Lins, onde cursei o 2º grau e moldei o meu caráter e a Pontifícia Universidade Católica do Estado de São Paulo, onde cursei a Faculdade de Direito em nível de graduação e pós-graduação.

Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo recebi uma educação esmerada de Professores do mais elevado gabarito e alto saber jurídico, valendo destacar, entre outros, os Professores Nelson Nery Júnior, Donald Armelin, Arruda Alvim, Theresza Alvim, Maria Helena Diniz, Paulo de Barros Carvalho, Roque Carrazza, Nelson Luiz Pinto, Sérgio Shimura e Carlos Alberto Ferriani, nosso Professor durante um lustro na cadeira de Direito Civil e Paraninfo da minha Turma de Bacharelados de 1985.

Em virtude dessa sólida formação jurídica, tive a oportunidade de contribuir para a difusão do ensino jurídico no Estado de Mato Grosso, seja como Diretor da Escola Superior de Advocacia da Ordem dos Advogados do Brasil — Seccional do Estado de Mato Grosso, que exerci em 1989-1990; como Professor da Escola Superior da Magistratura, onde leciono há mais de um decêndio; como Professor da Escola Superior do Ministério Público, e, em dezembro de 1999, preocupado com a baixa qualidade do ensino jurídico no Estado de Mato Grosso que, de resto, reflete a sofrível qualidade a nível nacional, fundei a instituição denominada ESUD- Escola Superior de Direito do Estado de Mato Grosso, onde tenho imprimido o meu toque pessoal consistente na obsessão com a qualidade do ensino jurídico. Não é à toa que o lema da ESUD é *Um Centro de Excelência na geração do conhecimento jurídico de ponta.*

Como Diretor da Instituição, tenho valorizado os Professores e incentivado os alunos, inclusive, colocando à disposição do Corpo Docente e Discente a minha biblioteca pessoal com mais de 10.000 livros, que conta também com obras consagradas da literatura nacional e estrangeira, para uso comum de todos. Dessa forma, aquilo que era individual, tornou-se coletivo.

Como Professor, que é a minha grande predileção, ministro com desvelo e assídua frequência minhas aulas, sempre atento às advertências do consagrado magistrado e professor Dr. Edgard de Moura Bittencourt, registradas na oração dirigida aos bacharelados da Faculdade de Direito de Bauru, em 1962, estampada em seu opúsculo *O Juiz*:

(...) A didática deve desvencilhar-se dos arcaicos métodos de abstração do aluno pelo mestre, substituída pela comunhão constante e completa e pela curiosidade vazada no convívio fora e abaixo da cátedra. ... Nunca deixo de procurar compreender meus alunos nos pontos básicos de suas personalidades. Não procuro

sufocá-las, mesmo quando os entendo errados. A opinião honesta, por mais ousada ou arrojada que seja, é sempre digna de respeito. Já se foi o tempo em que o preceptor impunha e o discípulo ficava na alternativa de aceitar o dogma ou fracassar no aprendizado. Ninguém mais se tranca no argumento da experiência, nem na autoridade do mais velho. A cátedra não é meio de politização, mas de ilustração e de comunhão. Nela, todas as ideias podem ser expostas; nenhuma, porém, pode vestir-se com as armaduras das injunções. E quanto mais o mestre deseja acreditar-se perante o aluno, tanto mais deverá revelar-lhe, nos pontos polêmicos, o argumento da corrente contrária à sua predileção. Quem escolhe é aquele que aprende, não aquele que ensina.

O progresso de uma Escola Superior de Direito deve alicerçar-se nos *valores de excelência*. Os mesmos *valores de excelência* valem para arrostar os problemas do Poder Judiciário e para resgatar o prestígio da Justiça. *A Justiça*, dizia Bossuet, *é o bem sagrado da Sociedade*.

Ruy Barbosa assinalou com a eloquência de seu verbo: *Não há nada mais relevante para a vida social que a formação do sentimento da Justiça, e este resultado é, na sua maior parte, uma função da cultura jurídica*.

Há mais de um século, em 1896, perante o Senado da República, a “Águia de Haia”, produziu este formoso *CREDO*: *CREIO na liberdade onipotente criadora das nações robustas; CREIO na lei emanação dela, o seu órgão capital, a primeira de suas necessidades; CREIO que, neste regime, não há poderes soberanos, e soberano é só o Direito, interpretado pelos Tribunais; CREIO que a própria soberania popular necessita de limites. E que esses limites vêm a ser as suas constituições por ela mesma criadas, nas suas horas de inspiração jurídica, em garantia contra seus impulsos de paixão desordenada; CREIO que a República decaí, porque se deixou estragar confiando-se ao regime da força; CREIO que a Federação perecerá, se continuar a não saber acatar e elevar a Justiça: Porque da Justiça nasce a confiança; Da confiança a tranquilidade; Da tranquilidade o trabalho; Do trabalho a produção; Da produção o crédito; Do crédito a opulência; Da opulência a responsabilidade; a duração; o valor; CREIO no governo do povo pelo povo; CREIO, porém, que o governo do povo pelo povo tem a base da sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, para o qual as maiores liberdades do Tesouro constituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública; CREIO na tribuna sem fúria e na imprensa sem restrições, porque CREIO no poder da razão e da verdade; CREIO na moderação e na tolerância, no progresso e na tradição, no respeito e na disciplina, na impotência fatal dos incompetentes e no valor insuperável das capacidades*.

Daí a afirmação de Kant: *Se a Justiça chegasse a desaparecer, não teria mais valor a vida do homem sobre a terra*, e daí este passo maravilhoso de Del Vecchio: *Só a Justiça é farol seguro que serenamente indica, por cima do tumulto das paixões, o caminho a seguir*; e tal é a pureza do seu esplendor que, segundo a feliz imagem de Aristóteles, nem Vênus, a estrela da tarde, nem a estrela matutina brilham tão maravilhosamente.

Sem Justiça, a vida seria impossível. Pelo menos, ainda que biologicamente possível, perderia o sentido humano e não mereceria ser vivida. Eis porque, em todos os tempos, espíritos eleitos souberam e quiseram combater e morrer por ela.

A História da humanidade deve-lhes a suprema nobreza. Quem verdadeiramente consagra a vida ao ideal de Justiça, ultrapassa-se como indivíduo, identifica-se universalmente com o próximo, com os outros, para além da esfera das aparências sensíveis. E seguindo aquela vocação íntima, imposta pela lei do espírito à sua natureza de ser racional, penetra no reino do Absoluto e da Eternidade.

Infelizmente, o julgador está sujeito, como todo o homem, ao engano, ao erro; alicerça os seus juízos sobre dados fornecidos por outros homens. A falibilidade humana é uma lei a que ninguém pode fugir, por mais sábio, honesto e reto que seja. A verdade é transmitida pelos sentidos e estes podem ser doentes ou perceberem deficientemente; a verdade é submetida à luz do pensamento, da inteligência, e esta pode estar fatigada, não dominar convenientemente o que lhe foi transmitido pelos sentidos; a verdade é acalentada pela sensibilidade e esta pode não ser sabiamente dirigida. Seja S. Francisco de Assis ou Kant, o homem é sempre homem e, como tal, falível!

Ora, se é certo que a justiça não é composta somente de santos, pois há corruptos e prevaricadores, não menos certo é que a maioria esmagadora é de homens íntegros, abnegados, vigilantes, estudiosos e inteiramente integrados aos altos padrões da mais límpida moralidade e da busca incessante do acerto e da conformidade com os apelos da condição humana.

Como já clamava o confrade João Antônio Neto, no seu discurso de recepção ao Acadêmico Benedito Pereira do Nascimento, exemplo de retidão da Justiça mato-grossense, *a nossa esperança é que todos os que amam a Justiça, como aquela prudência que os escolásticos chamavam de **recta ratio factibilium**, a saber — medida do que importa ser feito — a nossa esperança é que se deixe de lado o novo “brado retumbante”, que por aí ecoa, clamando por controles e se apliquem os governantes a resolver os problemas verdadeiros da Justiça e não ilusões que, por definição, não passam de figuras abstratas, que enchem os olhos e deixam vazios os espíritos bem informados.*

Como advogado integrante do quadro da valorosa instituição Ordem dos Advogados do Brasil — Seccional do Estado de Mato Grosso, acredito serenamente na Justiça como bem supremo de uma sociedade democrática.

Ilustres confrades!

A Cadeira n.º 21, que assumo, está imantada pela personalidade carismática do patrono Manuel Peixoto Corsino do Amarante e foi ocupada pela excelsa figura de Luis-Philippe Pereira Leite, a que venho suceder.

Como Jefferson disse de Franklin, um homem de tal envergadura, nesta Academia, *eu apenas o sucedo. Ninguém poderá jamais substituí-lo.*

Como segundo ocupante, tornam-se ainda mais intensas a satisfação e a honra da investidura por encontrá-la em estado de conservação quase virginal, intocada na sua pureza radiante em razão da excelsitude das qualidades morais, intelectuais e espí-

rituais de seu primeiro titular, que a elevou e dignificou ainda mais, deixando-me bem mais próximo da imagem fulgurante do patrono — Corsino do Amarante.

De comum acordo com o presidente da Casa, limitar-me-ei às citações absolutamente necessárias, tanto no caso do patrono como no do fundador da Cadeira, que a leitura do texto completo espicharia o tempo e seria abusiva à paciência dos caros assistentes.

Em 4 de fevereiro de 1842, na lendária cidade de Cuiabá, na então Província de Mato Grosso, nascia o patrono da Cadeira n.º 21 Manuel Peixoto Corsino do Amarante, filho de Antônio José Zeferino e Ana Balbina do Amarante.

Três grandes acontecimentos marcaram a vida de Corsino do Amarante. O primeiro foi a Guerra do Paraguai. Chamado à guerra, interrompe seus estudos e à vanguarda do exército e nas fileiras do 1º regimento de artilharia a cavalo, segue para os campos de luta. A fé de ofício de Corsino do Amarante é um rol de bravura. Seu nome figura em inúmeras citações elogiosas referentes às mais árduas batalhas e aos mais importantes combates da guerra contra o Ditador Solano Lopes. Ferido gravemente em combate mereceu louvor especial de Duque de Caxias, conhecedor de sua bravura militar.

O segundo foi o convite feito pela Princesa Isabel para auxiliar o Barão de Ramiz na preceptoría dos príncipios, filhos da Princesa Isabel.

Na preceptoría dos príncipes, durante o regime da monarquia, o encontrou o advento da Proclamação da República, a 15 de novembro de 1889. E aqui reside o terceiro acontecimento que retrata o fulgurante caráter do Patrono da Cadeira n.º 21. Em razão da Proclamação da República, julgando a sua situação de oficial incompatível com o novo regime, discordando da atitude do Exército, que lhe parecera eivada de negra ingratidão para com o regime da Monarquia, não hesitou um momento. Tomou da pena e traçou o seu requerimento de demissão do serviço do Exército e do cargo de lente da Escola Militar. Aos íntimos, que tentaram demovê-lo desse passo, que tanto iria prejudicar o seu futuro e o bem estar da família, declarou com firmeza ser irrevogável a sua resolução. Numa idade quase impossível de recomeçar a vida, preferiu a perspectiva de um futuro incerto e ameaçador, à triste adesão de um suspeito aos olhos dos triunfadores, a ter de transigir com as suas velhas crenças e ter que desobedecer aos ditames da consciência, a sua boa amiga, tão branca e pura.

Benjamim Constant, que se achava à testa do movimento republicano, seu colega de magistério e amigo íntimo, ao ter conhecimento do duplo pedido de demissão, que, uma vez deferido, viria afastar do Exército um militar brioso e do magistério um homem de cultura e saber, procurou demover Corsino do Amarante do seu propósito. Amarante, porém, insistiu e o fundador da República propôs-lhe uma solução conciliatória e razoável. Concordaria em conceder-lhe a demissão do posto de coronel do Exército; não o dispensaria, entretanto, da cátedra da Escola Militar, porque, dizia, *estava em causa, não o regime político, mas a educação da mocidade*. Diante do patriotismo e sincero apelo que lhe era feito, Corsino do Amarante acedeu e, despido de todas as honras, vantagens e regalias militares, restava-lhe agora, somente, a sua situação de

professor na Escola, cujo caráter meramente científico lhe permitia a permanência, sem **desaire**, e com real proveito para o ensino, em vista de suas luzes e larga experiência.

Ilustres confrades! Senhoras e Senhores!

Reservou a mim o destino, no imponderável de suas imprevisões, de vir ocupar a Cadeira deixada por um Luís, o xará Luis-Philippe Pereira Leite.

Aliás, é impressionante as coincidências que tenho com o Patrono Corsino do Amarante e o único ocupante da Cadeira n.º 21 — Luis-Philippe Pereira Leite.

A coincidência com o Patrono Corsino do Amarante reside no seguinte aspecto: em julho de 1993, após o enlace matrimonial com a minha dileta esposa Séphora Dioz Orione, fui morar, em Cuiabá, na Rua Corsino do Amarante, num Edifício próximo à residência do emérito confrade Clóvis de Mello.

Já as semelhanças com Luis-Philippe são ainda mais marcantes. Além do nome em comum — Luís — o xará também era sagitariano. Luis-Philippe nasceu no dia 12 de dezembro; eu nasci no dia 15 de dezembro, uma módica diferença de 03 dias; Luis-Philippe também era advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional do Estado de Mato Grosso, onde obteve o número 105.

E uma última e drástica coincidência: no dia do meu aniversário — 15 de dezembro — Luís-Philippe Pereira Leite, em estado delicado, foi internado no Hospital Jardim Cuiabá, com o agravamento súbito de sua saúde, vindo a falecer logo em seguida.

Todas essas semelhanças e incríveis coincidências: morar na Rua que leva o nome do Patrono; o nome em comum com o único ocupante da cadeira n.º 21; o mesmo signo e a mesma profissão, traços estes que dificilmente seriam encontrados em outra Cadeira, sob certa medida me confortam, pois fico com a honesta sensação de que o destino imponderável da vida me reservou a Cadeira n.º 21, que teve como único ocupante o inesquecível Luis-Philippe.

O imortal Luis-Philippe Pereira Leite é um exemplo dignificante de pessoa humana, pelas suas virtudes morais e cristãs.

Falar sobre Luis-Philippe Pereira Leite é discorrer sobre a própria cidade de Cuiabá. Sobre tudo o que essa cidade tem de mais importante, mais tradicional, mais culto e ilustre. Reserva moral da cuiabanidade, homem de exemplar dignidade, soube conduzir a sua vida sempre dentro de padrões morais os mais rígidos e com uma simplicidade e humildade quase franciscanas. Sim, a vida simples, o amor ao próximo, o cultivar dos amigos, a firmeza de caráter, a preocupação com a salvaguarda dos registros históricos, são as tônicas exemplares de sua longa existência.

Por mãos do venerável Dom Francisco de Aquino Corrêa, em 1946 foi chamado para a Academia Mato-Grossense de Letras, entidade cultural das mais prestigiadas em Mato Grosso. Tornou-se acadêmico imortal ocupando a cadeira de Corsino do Amarante.

Luis-Philippe Pereira Leite nasceu em Cuiabá em 12 de dezembro de 1916, filho de João Pereira Leite e Jovita Valladares Pereira Leite. Nasceu num casarão antigo situado na avenida Murtinho, hoje Presidente Vargas, esquina com a Rua Barão

de Melgaço. A antiga casa paterna, já demolida, é hoje a agência central do Banco do Brasil em Cuiabá.

Teve dois irmãos, Hermínia e José Venâncio. A primeira veio a se casar com Cirilo Mariano de Carvalho, cuiabano, oficial do exército, mudando-se para o Rio de Janeiro onde veio a falecer em 8 de outubro de 1973.

José Venâncio formou-se em Medicina no Rio de Janeiro, e tornou-se professor titular de Fisiologia na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Faleceu em São Paulo em 26 de dezembro de 1980.

A vida de Luis-Philippe Pereira Leite foi brilhantemente retratada pelo eminente historiador Paulo Pitaluga Costa e Silva, na obra há pouco tempo lançada nesta Casa intitulada *Philippeanas — A produção Intelectual de Luis-Philippe Pereira Leite*.

A produção intelectual do único ocupante da Cadeira n.º 21 é impressionante. Na obra referida, Paulo Pitaluga catalogou a produção de 82 trabalhos publicados por Luis-Philippe, valendo destacar, entre outros: *O Príncipe de Nassau; Tristão de Ataíde – Mestre e Apóstolo; Elogio de Corsino do Amarante; Dom Francisco de Aquino Corrêa; A Glória de Rondon; Capitães Gerais de Mato Grosso; Coração Peregrino; O Engenho da Estrada Real; Exaltação da Humildade; Louvor à Bondade; O Garoto, o Jurista, o Cristão e o Estadista; Senhor de Engenho; Três grandes mulheres cuiabanas; O Arraial das Monções; Monumentos de Mato Grosso; Agência 46 do Banco do Brasil*.

Além dessa vasta produção, Luis-Philippe Pereira Leite foi o maior Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso de todos os tempos, conforme ressalta e reconhece Paulo Pitaluga, que o sucedeu na Presidência em 1996: *Praticamente sozinho, pedra sobre pedra, deu grandeza, deu destaque, deu importância ao Instituto Histórico. Fechado, quase desaparecido, o Instituto reviveu com Luis-Philippe. Sem sombra de dúvida, a mais profícua gestão de todos os presidentes que passaram pela instituição. Suas vinte revistas, em especial, deram ao Instituto o mérito da publicação de toda a imensa produção histórico-cultural mato-grossense enfeixadas em duas décadas de edição. Deu a oportunidade e espaço editorial, prestigiando os sócios. Graças ao seu trabalho diário, incansável, resoluto, conseguiu transformar o Instituto Histórico. Dando-lhe nova vida, proporcionou-lhe serenidade. Os presidentes que se seguiram estão fazendo cada um a sua parte, um pouco de cada vez, para dar continuidade à essa obra perene realizada por Luis-Philippe ao longo de vinte anos de sua gestão à frente da instituição. Se o Instituto não fechou definitivamente as suas portas, não acabou no esquecimento, como aconteceu com inúmeras instituições culturais que se criaram pelos tempos, foi graças exclusivamente ao trabalho, ao denodo e à força de vontade de Luis-Philippe Pereira Leite. Se Estevão de Mendonça, Dom Aquino e outros fundaram, Luis-Philippe Pereira Leite não deixou fechar.*

Em 27 de maio de 1947, casou-se com Neuza da Silva Pereira, a 10ª filha de Humberto da Silva Pereira e Mariana Viegas Pereira. Desse casamento não houve filhos.

Em 31 de outubro de 1947, foi nomeado Procurador Geral do Estado, no governo Arnaldo Estevão de Figueiredo. Passou a ter assento junto ao Tribunal de Justiça de Mato Grosso. Essa procuradoria fazia as vezes da atual Procuradoria Geral de Justiça, não existente à época.

Em 1970, Luis-Philippe Pereira Leite ficou cego, em virtude de uma polio-retinite grave. Mas a falta de visão só o atingiu fisicamente, pois continuava a enxergar com a luz do coração, pautado pelo compasso de sua prodigiosa memória.

Tanto que em 1976 foi eleito Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. O historiador Rubens de Mendonça, então com o cargo de Secretário Perpétuo do Instituto, querendo que o desembargador Domingos Sávio Brandão de Lima fosse o Presidente, trabalhou contra sua eleição. Mas no dia da votação, Luis-Philippe foi eleito com o voto unânime de todos os presentes, inclusive de Rubens de Mendonça.

Na sua posse, o discurso do ex-presidente Francisco Alexandre Ferreira Mendes era interminável. Lá pelas tantas, Luis-Philippe, puxando-o pela manga, lhe diz: *Olha, me passa logo a presidência que eu já fui eleito, preciso assumir para terminar a reunião. Ninguém aguenta mais esse discurso.*

Para não correr o risco de ser puxado pela manga do paletó, passo à parte final da minha oração.

Exmas. Sras. e Senhores:

As regimentais alusões ao Patrono Manuel Peixoto Corsino do Amarante e ao único ocupante da Cadeira n.º 21, Luis-Philippe Pereira Leite, cujas lembranças refletem a imortalidade terrena, contrista-me o fato de já perceber que um dia aqui também serei lembrado.

Importante, contudo, é a imortalidade das ideias.

Como ensina Wil Durant: *a sabedoria mostra que a decomposição é parcial, atinge vidas, não atinge a Vida.* Morrer não é o fim para nós, que aqui somos imortalizados, porque nossas ideias não morrerão com nossas mortes. Sim, pois, as Academias existem para que os seus eleitos e as suas obras, nunca sejam esquecidas, mesmo depois da total extinção física, a exemplo do nosso patrono — Manuel Peixoto Corsino do Amarante — e do único ocupante da Cadeira n.º 21 — Luis-Philippe Pereira Leite que, neste momento, estão sendo lembrados por nós.

Imensa é a minha satisfação de ser recepcionado nesta Academia pelo jurista e historiador Ubiratã Nascentes Alves, meu diletíssimo amigo e principal incentivador da minha presença nesta Casa.

O ilustre Procurador do Estado Ubiratã Nascentes Alves é figura de destaque na Academia Mato-Grossense de Letras. Desde que assumiu a Cadeira n.º 1 neste Areópago, em 05 de novembro de 1998, tem contribuído de forma notável para o progresso desta Casa, onde, atualmente, ocupa com desvelo e assiduidade o importante cargo de Secretário Geral.

O estimado confrade Ubiratã Nascentes Alves é um mato-grossense de bagagem internacional; viveu na Europa boa fase de sua juventude de sonhos, entre a Suécia e a França, anos que serviram de tempero no aprimoramento do seu requinte intelectual e lhe permitiu o domínio de diversos idiomas, entre eles o inglês, o francês e o italiano.

Somando todas as experiências acumuladas, Ubiratã buscou na Procuradoria do Estado, em especial nas atribuições de Defensor Público junto à Vara Especializada da Infância e da Juventude da Comarca de Cuiabá, o seu verdadeiro apogeu.

Como “obreiro” eterno do Direito, esteve dia-após-dia ouvindo as pessoas, conhecendo suas fraquezas, forças e virtudes, que culminou no lançamento do fecundo livro *Manual Prático Para Adoção & Medidas de Proteção*, sua trajetória no mundo literário forense.

Além desse importante trabalho sobre Adoção, o emérito confrade Ubiratã Nascentes Alves lecionou Direito Tributário, Administrativo e Constitucional na Universidade de Cuiabá (UNIC), escreveu o livro *Mato Grosso em História*, premiado pela Secretaria Estadual de Educação, criou o primeiro Livro de Autoridades do Poder Judiciário do Estado de Mato Grosso, além de ser membro fundador do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Agradecimentos especiais aos ilustres confrades João Antônio Neto, que declamou o poema *A Justiça*, feito especialmente para esta noite festiva; e Moisés Mendes Martins Júnior, que declamou o poema *Lágrimas* e nos brindou com as apresentações de *O Lago dos Cisnes*, de Tcheicovsky e *Rancho Fundo*, de Ari Barroso.

O talento multifário, a cultura polimorfa e a genialidade grandiosa dos confrades João Antônio Neto e Moisés Mendes Martins Júnior são uma pequena amostra da pujante intelectualidade que permeiam as personalidades altaneiras e magnificentes dos membros da Academia Mato-Grossense de Letras.

Grato à multímoda frequência de convidados, autoridades, acadêmicos, amigos, companheiros, professores, alunos e familiares que obsequiosamente prestigiaram festiva reunião, tão brilhantemente conduzida pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras — Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro, que, no múnus da Presidência, vem lutando heroicamente — juntamente com a Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso Dra. Elizabeth Madureira Siqueira, pela recuperação do patrimônio pertencente à Casa Barão de Melgaço que, desde os primórdios de sua fundação, inicia na Rua Barão de Melgaço e vai até a Rua Comandante Costa, de molde que ela continue sendo a mais representativa entidade cultural de Mato Grosso.

Reconhecimento, fidedigno, exteriorizo a quem generosamente sempre me acompanhou, dando-se uma educação esmerada, com incentivo especial aos estudos, meus estimados pais Eduino Jácomo Orione e Célia Maria Soares Orione. A honradez do meu pai e a ternura da minha mãe me bastam. Aos meus irmãos Antônio Carlos, Sara e Luciana pela fraterna amizade.

Permiti-me, Senhores Acadêmicos, que os louros desta consagração eu os oferte, como um ramalhete de flores, à minha querida esposa, Séphora Dioz Orione, e as queridas filhas, Marília Dioz Orione e Raphaella Dioz Orione, ternuras de lar venturoso.

Sobre a ventura encontrada no lar, faço minhas as palavras de José de Mesquita: *Encontrei a mulher que me servia. Amorosa, fiel, meiga e, sobretudo, pura, virgem de corpo e alma. Desfrutei o amor em todas as suas modalidades, em toda plenitude. Se*

morresse ao cabo de uns dias de casado, poderia dizer: Gozei a vida em toda a sua essência, do amor o capítulo sumo.

Permita-me, Senhoras e Senhores acadêmicos, tomar assento na cadeira n.º 21 desta Casa de Dom Aquino, de Augusto Leverger e José de Mesquita, ombrear convosco a alta responsabilidade de guardiães da nossa cultura, de guerreiros da nossa paz e de paladinos da nossa história!

Faço-o sob a invocação irreprimível do santo nome de Deus — A Suprema Inteligência — fonte eterna da Beleza e da Sabedoria, da Justiça e do Amor.

E quero encerrar com estes versos, lema da vida de José de Mesquita:

*Vive
Como se cada dia
fosse o primeiro de uma vida nova
— da tua vida construtiva e boa,
mas vive, igualmente,
como se todo o dia
fosse o final da tua vida,
o último dia aproveitado
para fazer o bem, embora apenas colhas
ingratidões, aleives e injúrias!*

Muito obrigado!

CADEIRA 26

PATRONO

Joaquim Duarte Murtinho

OCUPANTES

Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa

Oscarino Ramos

Benedito Pedro Dorileo

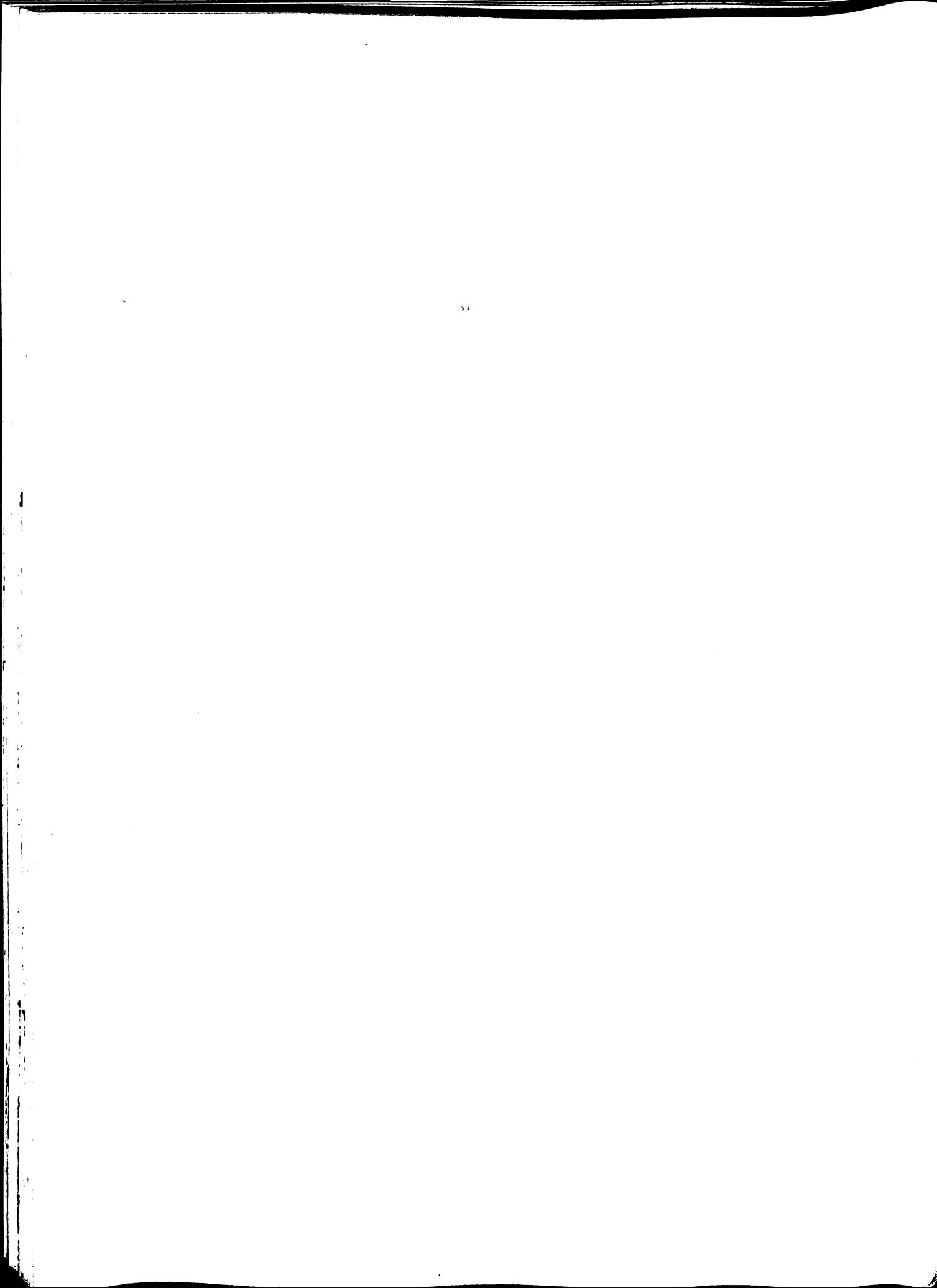
SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO BENEDITO PEDRO DORILEO

Cuiabá, 8 de dezembro de 1987

**ABERTURADA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO
BENEDITO PEDRO DORILEO, PELO PRESIDENTE DA
ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, LENINE DE
CAMPOS PÓVOAS**

**DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO BENEDITO
PEDRO DORILEO, PELO ACADÊMICO JOÃO ANTONIO
NETO**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO BENEDITO
PEDRO DORILEO**



ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO BENEDITO PEDRO DORILEO, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, LENINE DE CAMPOS PÓVOAS



A Academia Mato-Grossense de Letras abre mais uma vez, festivamente, suas portas para acolher outra expressão do nosso mundo cultural, o Professor Benedito Pedro Dorileo.

Vem ele ocupar a Cadeira nº 26, que tem como Patrono a figura nacional de Joaquim Murtinho, uma das maiores glórias de Cuiabá e de Mato Grosso, que pela sua inteligência e postura de estadista salvou o Brasil de uma de suas mais graves crises periódicas, ocorrida nos albores da República.

O Professor Benedito Pedro Dorileo, sobre cujos méritos vai falar, em nome da Casa, o Acadêmico João Antônio Neto, é, sem favor algum, uma das eminências mais evidentes no panorama da cultura mato-grossense contemporânea.

Sem ter nascido em berço de ouro, subiu as escadas da vida pelo seu próprio valor e pelo seu próprio esforço, sem qualquer auxílio ou impulso paternalista.

Estudioso, tornou-se um dos mais perfeitos conhecedores dos segredos da Língua Portuguesa.

Meu pai, Nilo Póvoas, mestre do idioma pátrio, que deixou sólido renome aqui em Mato Grosso e nos meios intelectuais da antiga Capital da República, o Rio de Janeiro, não costumava distinguir alunos pela cor da pele nem pela condição social, mas só os distinguia pela devoção aos estudos e pelo amor que dedicavam à língua materna que ele tanto amou e por cuja pureza zelou como poucos.

Muitas vezes ouvi meu pai tecer os mais francos elogios a Benedito Pedro Dorileo, em quem ele via um autêntico cultor do vernáculo.

Posteriormente ingressou o nosso recipiendário de hoje na antiga Faculdade de Direito de Mato Grosso, onde realizou brilhante curso, do qual eu próprio, como seu Professor, posso dar testemunho.

Indo integrar a excelente equipe que implantaria a Universidade Federal de Mato Grosso, Dorileo se tornaria a pedra angular da organização, a força motora do empreendimento, o homem em cujas mãos passavam todos os papéis do *fazejamento*, numa demonstração de que temos valores para todas as iniciativas, bastando apenas querer reconhecê-los.

Sua posterior ascensão à Reitoria daquela Instituição foi uma decorrência natural dos fatos, um desses eventos inevitáveis que muitas vezes nem mesmo forças contrárias são capazes de impedir.

A sociedade cuiabana, aqui representada pelo que tem de mais expressivo, oferece-lhe as galas desta noite, na Casa de Melgaço, Sr. Benedito Pedro Dorileo, como um preito de reconhecimento à sua cultura, à sua dignidade de homem público e ao muito que já fez pelo progresso da nossa terra comum.

Está aberta a sessão.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO BENEDITO PEDRO DORILEO, PELO ACADÊMICO JOÃO ANTONIO NETO



As três balizas: honestidade, competência e trabalho

É natural que o mar recolha as águas fluentes e que a flor arraste as abelhas para sua corola.

O mar não existiria, sem o tributo dos rios, nem se multiplicariam os frutos, sem a volúpia e o deslumbramento dos alados polinizadores.

Há de sempre haver uma cumplicidade necessária entre o que deve sobreviver e o que assegura a sobrevivência.

Só nos engrandecemos, pelo que nos engrandece.

Só nos perpetuamos pelo que nos transfunda substância e vitalidade.

Nós somos o outro lado do que nos fazem.

É, pois, uma violência contra a natureza e uma injúria contra os valores, deixar à margem do congraçamento e da comunhão, as forças que se integram e as revelações que se completam.

E uma das causas constantes dos desencontros e das injustiças, para não dizer das omissões criminosas – reside, precisamente, no calarmos o chamamento e o apelo, para que se harmonizem e se entreteçam as forças e os destinos que se completam.

Jamais alcançaremos a plenitude dos momentos que marcam as realizações propícias e as bravuras afortunadas, se não selarmos o pacto entre o que deve dar e o que deve receber.

O compromisso maior continua sendo o do sábio Ulpiano: *jus suum cuique tribuere* – a cada um o que lhe deve ser atribuído.

Sim, o cálice da rosa não passaria de um tálamo estéril e o mar não iria além de um pélagos vazio, não fosse o afluir das asas fecundantes e a fartura generosa dos grandes estuários!

Senhor Benedito Pedro Dorileo.

O que aí está dito, vem bem a propósito de sua trazida para esta Casa.

Fixada nos seus méritos, sentiu a Academia que seria para desmerecimento seu, deixar de atraí-lo para cá. Consciente dos seus superiores atributos de cidadão, de homem, mentor e realizador de ideias e atos relevantes, competia-lhe chamá-lo e, vencendo suas relutâncias, confirmá-lo no lugar que estaria vazio, sem a presença do seu pensamento e da sua ação.

Completa-se, assim, aquele ciclo harmonioso em que se entrelaçam a disponibilidade de aptidões exímias e a vocação para aproveitá-las, a enriquecer muito mais quem as recebe do que quem as oferece.

Aqui é, muito exatamente, o seu anfiteatro próprio e o seu idôneo proscênio, porque nesta Casa estarão ao seu lado outros que também têm, como Vossa Senhoria, olhos para outras visões, disposição para outros experimentos e alma para outros sentires.

Todos, de uma forma ou de outra, voltam-se para os altos desígnios que têm norteado sua vida e sua atividade múltipla de professor e jurista, historiador e jornalista e, acima de tudo, de educador insigne e construtor, com Gabriel Novis Neves, da Universidade Federal de Mato Grosso.

E, é neste último ponto que avultam de forma extraordinária os seus merecimentos, já antes reconhecidos em todas as tarefas que desempenhou e pôde levar ao sucesso final, escudado na sua pertinácia viril e plena avaliação da responsabilidade dos homens de prol.

Senhores.

Três são as balizas que podem definir as individualidades de escol, os homens públicos de que necessitamos para redimir-nos de todas as misérias que nos afetam.

Na oportunidade em que a Nação espera dos seus representantes a outorga de uma nova Constituição e em que se anuncia e apregoa que precisamos passar a limpo este País, lavando-o das ignomínias e indigências que o enfeiam e degradam – é bom que se realce acontecimento como este, em que se magnificam e se proclamam as qualidades de um homem que encarna, como poucos, aquelas três balizas, a que antes me referi.

São elas: a honradez, a competência e o trabalho.

A primeira é a luz que ilumina as outras duas e exprime a presença das mãos limpas e do comportamento ileso de mácula e descréditos.

A competência é a aptidão própria para saber fazer eficazmente os encargos e responsabilidades – e talvez mais que isto, possuir a inspiração autêntica para a realização integral, como destinação exata e legitimidade intangível.

Por último, o trabalho, essa fantástica expiação – dor e glória – que transformou o homem em instrumento vivo das transformações e transfigurações da humanidade.

Trabalhador competente e honrado – eis a definição de Dorileo, a que mais fielmente o retrata e o faz esplender na galeria das nossas individualidades maiores.

É o administrador escrupuloso e exigente. Não o manipulador e milagreiro que dissemina benesses, para alimentar a insaciabilidade da demagogia inconsequente. É aquele lidador, como o do mestre português, capaz de ir aos últimos riscos, a fim de não deixar para depois o que deve ser feito agora.

É o professor ilustrado e eficiente – não o estelionatário da educação, que pode, quem sabe, deslumbrar, mas, afinal, deixa as mentes embotadas e vazias. Nesse ponto, é a alma e a flama do memorável Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, criado em 1966, e que depois passou, com seus doze cursos superiores, a compor a Universidade, em 1971.

É aquele Defensor Público dos anos sessenta, quando labutávamos no porão infecto do velho Palácio da Justiça. Ali, no patrocínio oficial dos acusados pobres, ia até à exaustão, na defesa das causas mais difíceis, postulando pela vida, pela liberdade e pela justiça.

É ainda o perito, de aguda percepção, arquiteto da estruturação da Universidade, para a qual elaborou pessoalmente, ou colaborou na feitura de praticamente todos os atos normativos básicos, necessários ao seu funcionamento.

É o historiador objetivo e cronométrico da saga dessa mesma Universidade – levantamento meticuloso, vívido e vivido, já agora instrumento indispensável à posteridade, sobre o que fizeram, e o que se fez, na criação e consolidação das nossas Escolas Superiores.

Aliás, seu desempenho no campo da Educação, vem desde quando professor militar, de 1957 a 1960, passando pelo Colégio São Gonçalo, lecionando no Ginásio Dom Aquino e ainda na Escola Técnica Federal de Mato Grosso, onde foi membro do Conselho de Professores e da Caixa Escolar. Professor de Português, Problemas Brasileiros e Direito de Família, do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, do qual, por sinal, foi Presidente; também Presidente de honra da Associação Mato-grossense de Professores Primários; membro do Conselho de Ensino Superior do Estado; professor, Vice-Presidente, Vice-Reitor, Reitor-Substituto e, por fim, Reitor da Universidade... E por aí iríamos, até mais longe, no arrolamento dos títulos que mostram o professor Dorileo lecionando, compondo ou chefiando, no âmbito dos programas de ensino, de todos os graus, em nosso Estado, durante quase 30 anos seguidos!

Como amante e praticante das belas-letras, está Dorileo muito bem representado, nas inúmeras crônicas com que engalana a nossa literatura, e que foram estampadas em jornais, como a *Folha Matogrossense* e *A Cruz*, de 1963 a 1968. E para confirmação dos seus excelentes predicados de narrador eminente, aí está esse livro comovente e revelador sobre Zulmira Canavarros – a *Egéria Cuiabana* – a grande dama da música e da arte, que ilustrou as instâncias do nosso bom gosto e dos nossos mais amáveis pendores estéticos.

Mas, Dorileo, foi, também, um dos nossos mais conspícuos debatedores de problemas sociais, graves e sérios, tendo, a propósito, escrito sobre menores abandonados; edificação da família; guarda-mirim; carências da justiça; cuidou zelosamente do prestígio da Polícia Militar, da qual foi membro patenteado, e percutiu a questão penitenciária do Estado.

Político, vereador e Presidente da Câmara Municipal de Cuiabá traçou oportunas considerações sobre o verdadeiro caráter do homem público, expressando pensamentos incisivos e precisos, que sempre tiveram como tônica os resguardos éticos da atividade política.

É toda essa matéria, complexa e vária, é tratada com uma seriedade pouco comum, para o jovem de então, porém já senhor desse feitio determinado, forte e inexpugnável, que revelaria, ainda mais, como um dos principais dirigentes da Universidade Federal de Mato Grosso.

Mas, acima de tudo, sobrelevando a tudo, em Dorileo, vejo o arauto da nossa Educação Superior, a qual ele edificou, nos últimos tempos, com essa figura esplêndida de Gabriel Novis Neves que, como o outro Gabriel foi o anunciador oficial da Boa-Nova, para a Fundação e para a Universidade.

Se, com relação a Dorileo, outros títulos o engrandecem aos nossos olhos; se outras notas consolidam sua reputação de homem de ação e pensador – este é o seu timbre heráldico e heroico, que nenhuma conspiração – nem do tempo nem dos homens – pode obscurecer o Educador.

Insistindo nisto, se abrimos, por exemplo, *Miçanga*, livro seu, publicado em 1970, e cujos tópicos iniciais se reportam a 1961, veremos, exatamente, que o primeiro capítulo tem por epígrafe, *Reflexões sobre a Educação e o Ensino*. Já era, então, seu deslumbramento!

Ali, o escritor já faz história para a Educação Mato-grossense e nos conta o que foram as primeiras lutas, revezes e triunfos, da velha e sempre lembrada Faculdade de Direito de Mato Grosso, onde pontificou durante tanto tempo a querida e franciscana figura do nosso querido Alcedino Pedroso da Silva.

E, em várias páginas do mesmo livro, tece comentários e faz estudos e análises, sobre a missão e os deveres do professor; do patriotismo e da cidadania na Escola; dos recursos para a educação; da associação de professores; do ensino fundamental.

Já é ali, igualmente, que estão, como crisálida, prestes a emergir do casulo, os primeiros estremecimentos da futura Universidade.

Em artigo estampado na *Folha Matogrossense*, de 15 de junho de 1967, portanto, quatro anos antes da Universidade vir à luz, Dorileo protesta pela criação dessa Instituição, exaltando e difundindo o pensamento de que ela iria *formar a infraestrutura cultural e técnica* da frente de penetração da Amazônia.

Daí em diante – a Universidade! – a grande meta, a paixão, o quase delírio de Benedito Pedro Dorileo.

Nela se fundiu como numa obsessão permanente, como Vice-Reitor e como Reitor.

Esteve presente, feito operário, na sua construção, consagrando-lhe todas as suas obras, plantando nos seus postos, como um farol que determina rumos. Enfrentou procelas e colheu ventos de feição. Jamais se lhe viu essa vacilação dos tímidos e pusilânimes. Nas emergências, foi sempre consistente e sólido – e, se não fez milagres, cumpriu fielmente seu dever, o que já é um prodígio, especialmente nesses dias de frouxidão física e moral e de conveniências com facilidades comprometedoras.

E aí está a obra, ainda inacabada, porque a perfeição está no se fazer sempre. Agora – já transposta a fase de ousadias e afoitezas, – vicejante e prometedor, empedrada nas raízes atléticas que Dorileo e Gabriel Novis fecundaram.

E aqui é lugar para se fixar, nem que seja momentaneamente, a representação desses dois, Cosme-e-Damião da criação, implantação e realização da nossa Universidade.

Gabriel, o primeiro Reitor e Dorileo, o Vice, constituem uma verdadeira integração sinfônica, em que, muitas vezes, não se sabe onde um começa e o outro termina...

Impossível dissociar os dois protagonistas da epopeia – verdadeira cosmogonia ciclópica e obscura, não raro surpreendente, tantas horas dramática e quase sempre épica.

A Universidade foi uma gigantesca improvisação racional!

Vejam bem: Racional. Sabia-se que era assim, e queria-se que assim fosse e, dessa forma, concebia-se tudo, dentro do plano próprio, somando parcelas, conjugando encaixes e modelos, para se formar uma fisionomia definida e embutir-se ali uma alma adequada à conveniência dos objetivos e segurança das determinações assumidas.

Quando Dorileo fala que o *desígnio histórico não permitiria o luxo do planejamento empapelado, encadernado, pintado, lubrificado* – pinta bem o quadro dos empreendimentos iniciais. Realmente, *Fazer foi a decisão*.

Tem-se, ainda, obrigatoriamente, que contar essa história de desafios e petulâncias. Dorileo já o delineou no seu livro *Universidade – o Fazejamento* – mas, a meu juízo, o fez, muito impessoalmente, como o engenheiro que mede ângulos, mistura argamassa, ajunta coordenadas, e configura regras secas e sumaríssimas.

Nós queremos essa história, de outro jeito, sob o calor com que foi forjada, com chispas e alucinações, tudo combinado com montes de sonho e de utopia. Aquela mesma utopia que foi objeto de um dos mais belos pronunciamentos de Gabriel Novis; utopia que também Dorileo cultivou e estimulou, no silêncio das suas horas de vigílias multiplicadas, trabalhando como um aracnídeo, que tece a teia, amarrando todas as saídas, soldando pontos frouxos e derramando o visgo coletor de todas as migalhas úteis.

Considere-se que a utopia é o lugar nenhum – mas a que está aqui não é apenas o desejo vão e o projeto imaginário. É a fixação do ideal, enquanto caminho para a realização; é a linha que liga concepção ao ato permanentemente inacabado, fazendo com que o sujeito avance sempre, não pare nunca e, assim, de salto em salto, autoestimulado, galgue todos os patamares e vença os anfratos da subida, em busca de totalidades maiores. E isto está expresso até no símbolo da Universidade, que foi criação de Vladimir Dias Pino, e representa as encíclicas, que se cobrem, circularmente, para o infinito.

E foi esta mesma utopia que se concretizou, por força de sua íntima compulsão, na Instituição hoje reconhecida e florescente.

Claro que a Universidade é uma obra coletiva, mas houve um centro coordenador, não só de decisões, mas de ideias, que iam sendo drenadas, factualizadas por Gabriel Novis e Dorileo.

Todos sabem que, no momento da implantação da Universidade não havia nenhuma experiência concreta específica, entre nós, capaz de servir de modelo; não se dispunha, principalmente, de recursos humanos adequador à empresa; tinha-se apenas o denodo e o equilíbrio natural da proporção das coisas.

Certo mesmo era apenas o espaço físico, a bravura dos pioneiros e o apoio irrestrito da comunidade.

O mais veio depois, feito com raça, arrancando a força.

Instituir uma Universidade, há 20 anos, num Estado subdesenvolvido, como Mato Grosso, nem era coisa de se pensar, avaliar ou deliberar. E se, se executou tal projeto, é porque se fez de dentro para fora – e não se esperou ser feito de fora para dentro.

E nesse sentido do *fazejamento*, expressão muito feliz, criada por Dorileo, para significar esse fazer meio improvisado e meio loucura, mas todo consciência; algo muito audacioso, quase temerário, mas pensado e calculado em seus desdobramentos.

Mas o certo é que a Fundação aí está, e nunca será ocioso insistir no que fizeram as administrações de Gabriel Novis e Dorileo, transformando o campo em *campus*; extraindo do quase nada esse complexo organizado e atuante. Gabriel e Dorileo são os pressupostos da Universidade.

A partir daquela série de alvéolos, à maneira de barragens de hidroelétricas, que são os famosos Blocos A, B e C, as edificações se foram expandindo. Nasceu o majestoso Ginásio; o Teatro; a Biblioteca; o Centro de Letras e Ciências Humanas. Instalou-se a Gráfica, onde se editaram livros de professores, em todas as áreas; realizaram-se concursos para várias disciplinas; preparou-se o Regulamento do Pessoal Docente; construiu-se o Restaurante Universitário; fundou-se o Museu Rondon; veio o Núcleo de Processamento de Dados; o Herbário Central; Laboratório de Línguas; o Núcleo de Documentação Histórica; Centro de Saúde Escola; Fazenda Experimental; o Coral; a Orquestra Universitária; Assistência ao Estudante; expansão do Ensino, para fora de Cuiabá, com os *Campus* Avançados de Cáceres e até de Rondônia e os Centros Pedagógicos de Barra do Garças e Rondonópolis. Tudo isto, sem falar do ensino puro, em todas as suas dimensões, da pesquisa em toda a natureza; da ampliação e redimensionamento de inúmeros e importantes órgãos internos.

A incompleta enumeração, aí feita, de roldão, ao correr da máquina, é apenas para citar exemplos, entre muitos outros – mas aí fica, certamente, a medida do que é, na realidade, o todo construído sob as duas anteriores administrações da Universidade, sendo a última do professor Dorileo.

Perguntaríamos agora: que mais seria necessário para apontar o novel Acadêmico, recebido com esta solenidade, como um dos mais altos padrões do movimento educacional de Mato Grosso?

Certamente, a conclusão não pode nem deve ser outra, sob pena de se querer empanar uma obra magistral – criada e sustentada por homens de excepcional envergadura intelectual e moral.

Aí está, Senhores, esboçado em linhas, no caso, inacabadas, o perfil de Benedito Pedro Dorileo. Para medi-lo suficientemente, não seria bastante um discurso de recepção, mas um trabalho muito mais exaustivo e abrangente. Porém o que aqui delineamos dá para avaliar-se, ao menos para o momento, a estatura singular do recepcionado.

Por isto mesmo a Academia experimenta nesta noite uma satisfação enorme em recebê-lo e, de público, apresentá-lo, mais uma vez, à consideração da comunidade, ao mesmo tempo em que a convoca para refletir sobre a importância deste ato, que consagra um dos seus pró-homens.

Não se faz aqui um simples elogio protocolar, desses que esbanjam referências amistosas e emprestam fulgurações a ídolos de barro, por conta da etiqueta.

O que aqui se comete é o dever da verdade e a pura manifestação de reconhecimento ao mérito – mérito que não foi tomado de empréstimo nem tecido com flores de retórica – mas garantido e avalizado pelo valor real e documentado da honradez, da competência e do trabalho.

Senhor Benedito Pedro Dorileo,

Sabemos que nessa ingente caminhada, por Vossa Senhoria empreendida, a par das horas gloriosas e ufanas, dos instantes rútilos e solares, tropeços e insídias tiveram que ser arrostados.

Ninguém, que tenha galgado os degraus mais altos da ascensão, deixou de enfrentar ventos adversos e precipícios ameaçadores, perfídias e ingratidões.

Sei, de ciência própria, dos seus sofrimentos e até desilusões. Da sua dor, pelas incompreensões e desagradecimentos.

São as asperezas naturais a enfrentar, de quem trilha muitos caminhos. Aí estarão conveniências rescindidas; ambições refreadas; indignidades vulgares e sórdidas traições.

Mas para os espíritos intrépidos, esses acidentes não passam de estímulo para novas arrancadas e impulso para vôos mais altos ainda.

E é neste ponto que desejo lembrar um dos mais insignes oragos desta Casa, o inolvidável José de Mesquita, que em *Ascensão*, dá o toque divino para esses momentos de tribulação, quando diz:

Hás de sempre encontrar urzes pelos caminhos;
serpes por sob a relva e nas rosas espinhos,
mas nunca te pareça o teu esforço vão

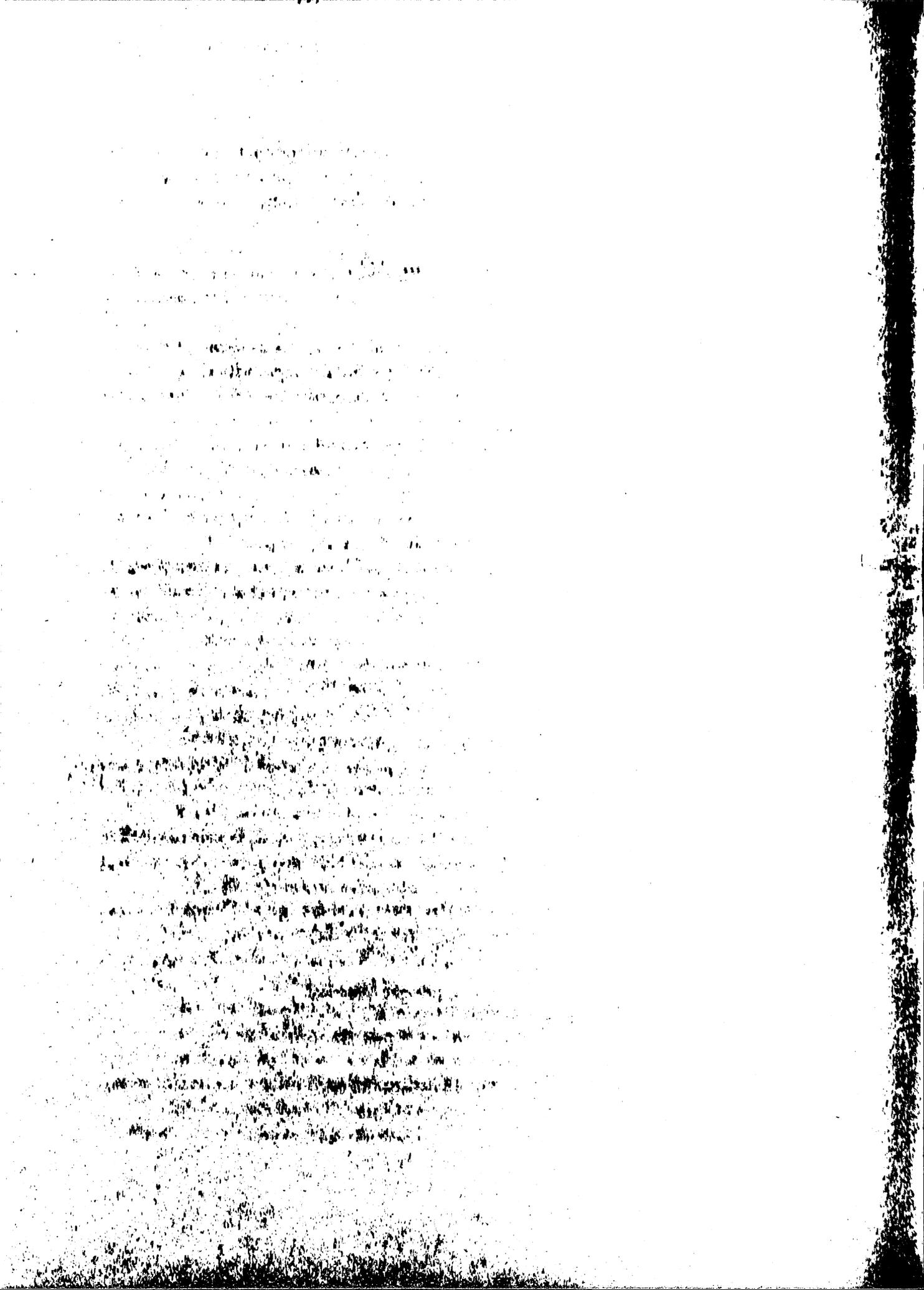
Lá, bem alto, cintila a estrela da bonança
e, além, teu coração mais do que a vista, alcança
límpido e claro o azul da eterna perfeição!

E, para epílogo, invoco, também uma das vozes mais puras da poesia brasileira de todos os tempos – a de Luiz Carlos da Fonseca, ao advertir:

Não te assustem pedradas. Olha o mundo
com os olhos virgens dos relances da ira.
Vê que o solo ferido é mais fecundo.

E se tens na alma o céu, por que temê-las?
As pedras que o homem contra Deus atira,
ao contrário do céu, tornam-se estrelas.

Seja bem vindo, senhor Acadêmico Benedito Pedro Dorileo e tenha um tempo longo e feliz nesta Casa.



DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO BENEDITO PEDRO DORILEO



De quando em quando, apenas o ruído de uma carroça trepidante, com rodas de madeira e aro de ferro, quebrava a monotonia da Rua Nova de terra vermelha. O veículo motorizado era raro.

O menino de calças curtas está sozinho na calçada, que tem pouca sombra no início da tarde, enquanto a gurizada não se reúne. O seu olhar, terno e ao mesmo tempo tristonho, tinha, embora, os olhos buliçosos.

A calma era santificada pelo ecoar das vozes dos jovens do Seminário da Conceição, que entoavam o *Tantum Ergo*, na majestosa Igreja de estilo gótico, no outeiro que divide o Mundeio da Prainha. Infância plena de ingenuidade em cidadezinha serena e terra de respeito.

Logo mais, após cumprir as tarefas de Latim e decorar estrofes do Navio Negro, estava a menina pronta para bater bola. Apanhar mangas e jenipapos no grande quintal do Seminário era a alegria das tardes.

Mal chegava a noite e o alarido juvenil dominava a rua, iluminada de ponto em ponto, onde o clarão amarelo era uma proporção pobremente aumentada do facho que caía de uma lâmpada em poste muito alto. Cantavam alegres as meninas, pulando e batendo palmas, enquanto à distância estavam na esquina grupos de meninos.

A taipa de barro socado do Seminário, revestida de são-caetano, em noite escura, parecia mais um pano de boca bordado de pequeninas safiras ou esmeraldas, tal o número de vaga-lumes, os magníficos besouros alados.

A fosforescência das interessantes criaturas atraía-nos para um espetáculo singular, que nenhum artifício humano substituiu o seu lugar em minha saudade: a virgindade da nossa alma aliada à natureza simples e esplendorosa.

São imagens da minha vida de menino, na outrora bucólica cidade verde de Cuiabá, no tempo primeiro da fantasia, que enfeitava ingenuamente o meu pensamento.

Na infância e na juventude o livro e a argamassa estiveram constantemente em minhas mãos, estudava e empilhava mosaicos na pequena fábrica de Pedro Gratiano Dorileo, o meu pai.

E antecipo que não são nos dias de hoje que me debruço no passado. O passado para mim é vivo sempre. Revejo nas minhas crônicas de tantos anos atrás a mesma recordação, forte impressão marcada indelevelmente para sempre.

Não creio que alguém por mais metropolitano que seja não possua o seu bairro predileto, ou mesmo a rua dos seus sonhos vividos. Dir-se-ia do bairrismo; isto até que é bom. Ninguém atinge o macro, desprezando o micro. O cosmo compõe-se de partículas, de átomos divisíveis.

Na Avenida Dom Aquino, ou Rua Nova, teve início o meu magistério. Ainda adolescente, reunia crianças e adultos para as aulas de alfabetização, à noite, com luz

elétrica ou luz de lamparina. Sentados na cadeira ou no chão, eu brincava de ensinar e houve surpresa quando percebera o resultado satisfatório.

Moço, eis-me feito instrutor do Centro de Instrução Militar, Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Estado, como o seu oficial. Depois, professor do Liceu Salesiano São Gonçalo, quando, em 1960, conquistava aprovação no CADES—Ministério da Educação e Cultura para lecionar Língua Portuguesa, em provas ministradas pelos mestres do Colégio Dom Pedro II, do Rio de Janeiro. Ou professor da Escola Técnica Federal, com admissão mediante concurso público, ou no Ginásio Dom Aquino; até atingir o Instituto de Ciências e Letras, em nível superior em 1968, onde desempenhei os cargos de Chefe do Departamento de Letras e Presidente da Instituição, mediante eleição de colegiados.

Antes, em 1962, decorrido um quarto de século, quando me bacharelava em Direito, era eleito vereador da Câmara Municipal de Cuiabá, exercendo função de líder da maioria, e cargos de secretário, vice-presidente e presidente. Afastei-me da vida política com a extinção compulsória, em 1965, dos partidos políticos, então existentes; e ainda decisão para abraçar o Direito e o Magistério.

O ingresso no Ministério Público, feito através de dois concursos públicos para Promotor de Justiça e para Defensor Público, seria o caminho para exercitar o direito, após o período de advocacia, e atingir finalmente por tempo de serviço o cargo de Procurador de Justiça.

Nos cargos docentes de Vice-Reitor Acadêmico, de Vice-Reitor, ou de Reitor-Presidente da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso, mediante eleição direta da comunidade universitária, dirigi a implantação acadêmica e dei continuidade à organização global, com tarefas de propensões cativantes pela emulação criadora e fecunda.

A partir do paralelo 18º começa o Mato Grosso amazônico, e no centro geodésico da América Meridional, no sul do Estado, está a Universidade. Aqui, foi plantada a Unisselva em meio aos rudes cascalhos da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá, por entre as tortuosas lixeiras do cerrado coxiponés, próxima dos pântanos, onde a natureza tem a sua reserva biológica mais extraordinária; ou da selva onde a mística do desconhecido desafia a ciência.

Daqui, outrora, ouvíamos os rumores da marcha para Oeste, tão decantada em 1939, mas que não passaram até 1960 de belos cânticos dos poemas épicos de Dom Aquino Corrêa. Ouvíamos exultarem os visitantes estrangeiros por conhecer o Brasil nas praias de Copacabana; aqui, resistimos à invasão paraguaia, sofremos a solidão do isolamento, debatendo-nos com a doença tropical e com a miséria.

Porém, com a têmpera de Rondon, aprendemos a abrir picadas na selva, a conviver com os nossos irmãos índios, a morrer sem abandonar a terra, a estender os meios de comunicação, a organizar uma civilização, a guarnecer as fronteiras e a fortalecer o espírito de brasilidade.

Para a organização da Universidade dispúnhamos de uma lei especial, de 10 de dezembro de 1970, Dia dos Direitos Humanos, que propiciava relevante autonomia universitária. O Governo somente nomeou os membros do Conselho Diretor, sob a

presidência do Reitor Gabriel Novis Neves e depois sob a minha presidência, e tudo aqui se laborou. Tivemos liberdade para o fazer (O Fazejamento) e, posteriormente, para o pensar (Pensar para Fazer). O modelo de Mato Grosso poderia ter servido de exemplo.

Hoje, assisto constrangido a um retrocesso nas conquistas da vida universitária brasileira. Todas as universidades de regimes jurídicos fundacional ou autárquico estão enquadradas no mais requintado programa burocrático de controle central do governo.

São passados quase vinte anos da Reforma Universitária de 1968, sob os impactos da movimentação da intelectualidade brasileira na época. Porém, o crescente volume de decretos, portarias e avisos têm reduzido o alcance da autonomia das universidades, sob uma preocupação desarvorada de controle financeiro das entidades chamadas de “estatais”, ferindo ainda mais as de organização fundacional, cujos princípios caracterizadores deveriam ser respeitados.

Se autonomia é um valor a ser conquistado, esta conquista deve ser progressiva o quanto têm correspondido os valores acadêmico, administrativo, científico e tecnológico da universidade brasileira. A autonomia implica no direito de a Universidade exercitar a sua mais ampla missão social, formação integral do homem, com a prerrogativa de, com o apoio do Estado, orientar os seus programas de pesquisa, de ensino e de extensão. E, na extensão para o povo, prestar serviços e promover o alento da cultura.

Senhores,

Chego à Academia Mato-Grossense de Letras, lembrando passos do meu caminho, para ocupar a cadeira de nº 26, eleito que fui na 136ª sessão, de 9 de março de 1974, sob a presidência do cultíssimo Gervásio Leite, cuja ausência, hoje, por motivo de saúde, deixa-nos um grande vazio.

Aqui, eu já estaria, há 13 anos; preferi, no entanto, mourejar e refletir. Demorei para vir, aguardei descer à planície onde estou. Os acadêmicos foram generosos na eleição e na espera justificada e aceita.

Cultura e Língua Portuguesa

Encontramos na língua latina *cultura* do verbo *colere*, significar, inicialmente, o cultivo da terra, e ato de amanhar, semanticamente evoluindo para o sentido de aprimoramento do saber e do poder humano na excelência do espírito.

O homem é o sujeito do bem cultural. A pele de carneiro, preparada com alume, torna-se o pergaminho. A madeira e o couro dão forma ao oratório. O bem cultural é o ser da natureza transformado pelo homem. A ânsia de perquirir, combinar, fundir, transformar leva a mente humana ao infinito. José Ingenieros alude que *a cultura é o fruto da curiosidade, dessa inquietude misteriosa que convida a olhar o fundo de todos os abismos*. Assim, das profundezas dos vales alpinos aos misteriosos buracos negros das galáxias, haverá sempre uma mente angustiada, sondando o universo.

O homem concebe, cria, imprime a sua marca; se cria o bem, pode aperfeiçoá-lo e aperfeiçoar-se. E Spengler afiança ser a cultura *a alma viva de um ciclo histórico, o produzir de um povo, de que a civilização é o produto, o resultado da sua realização cria-*

dora. Insista-se, porém, que esta ideia-módulo deve ser adaptada à ideia-processo; isto é, o espírito precursor em movimentos permanentes, atravessando tantos ciclos vitais em transformação.

Daí a função da cultura não se restringir à preservação de valores, mas transmissão de acervo cultural com estímulos para a produção e aperfeiçoamento da criatividade.

No caso brasileiro, a preocupação começa pelos valores e potencialidades regionais, reconhecendo as diferenciações que somam as qualidades heterogêneas da nossa cultura. O amparo da educação e cultura, definido em política governamental, é obra deste findante século XX.

Teria sido o México o primeiro Estado a prescrever na Constituição de 1917 princípios e normas educativo-culturais, seguido pela constituição russa de dois anos após.

No Brasil, a Constituição monárquica de 1824 limitou-se, num clima generalizado de preconceitos e repressões em terras recém-colonizadas, a conceder: *Nenhum gênero de trabalho, de cultura, indústria ou comércio pode ser proibido*. E seguia logo a advertência: *...uma vez que não se oponha aos costumes, à segurança...* (art. 179, XXIV)

A primeira Constituição republicana, de 1891, apenas na declaração dos direitos, fala do ensino leigo em estabelecimentos públicos. Nada mais que isto, nenhuma consciência nacional sobre a educação, tampouco a cultura. Algo começa a despontar em 1934, quando a Constituição estabelece competir à União a fixação do plano nacional de educação, sob a responsabilidade, na época, do Conselho Nacional de Educação. E, aqui, pela primeira vez, a obrigação da União dos Estados e dos Municípios em *favorecer e animar o desenvolvimento das ciências, das artes, das letras e da cultura em geral, proteger os objetos de interesse histórico e o patrimônio artístico do país, bem como prestar assistência ao trabalho intelectual*. (art. 148). Têm início os primeiros ensaios estatais com respeito à Identidade Cultural.

Repetem-se na Constituição decretada em 1937 os mesmos princípios (art. 128) com proscrição da palavra cultura; implícita, no entanto, de maneira forçada na palavra arte. Pequena faceta que demonstra o desejo da cultura ilustrada, portador do código refinado da elite dominante – o ornamento, a máscara da sociedade aristocrática, burguesa. Entrementes, para o estado-novo, ou mais propriamente para a *intelligentsia* era a substância necessária.

A robusta Constituição de 1946, essencialmente democrática, no capítulo da Educação e Cultura, a par de outros princípios para o ensino, foi expressa ao preceituar: *O amparo à cultura é dever do Estado* (art. 174). Estava ali bem claro o mandamento para a proteção da cultura nacional, dando guarida ao povo para assumir a sua identidade, a fim de enriquecê-la, recriá-la permanentemente, através de palavras, atos e obras.

O mesmo princípio foi reproduzido na Constituição de 1967 (art. 172) e assim permanecendo em 1969, quando a Lei Maior (art. 180) sofreu impositivamente as modificações da Emenda Constitucional nº 1.

A proteção e a preservação dos bens culturais, como os de valor histórico e artístico e até o de valor natural, não tiveram lugar na Constituição do Império ou na primeira da República.

A Assembleia Nacional Constituinte de 1934 inseriu no primeiro capítulo da Constituição (art. 10, III) como competência concorrente da União e dos Estados: *proteger as belezas naturais e os monumentos de valor histórico ou artístico, podendo impedir a evasão de obras de arte*. Não se estendeu aos Municípios, o que foi corrigido na Constituição de 1937 (art. 134), considerando ainda a infringência um atentado contra o patrimônio nacional.

Particularizou ainda mais a Constituição de 1946 (art. 175), quando dispõe: *as obras, monumentos, e documentos de valor histórico e artístico, bem como os monumentos naturais, as paisagens e os locais dotados de particular beleza ficam sob a proteção do poder público*.

Guardamos os mesmos princípios e mudando levemente a construção frasal, a Constituição de 1967, bem como a sua versão emendada de 1969, introduziram expressamente a proteção às jazidas arqueológicas (art. 172 e 180 §§ únicos), dando azo de projeção à antropologia cultural.

Vivemos, hoje, os momentos ansiosos da Assembleia Nacional Constituinte, e teremos uma nova Constituição da República, até o ano vindouro de 1988. O projeto em tramitação elastece a amplitude de apoio, incentivo, proteção e produção da cultura brasileira, no Capítulo *Da Educação, Da Cultura e Do Desporto*.

Tomando a cultura como expressão-síntese de todas as atividades criadoras de um povo, capaz de reunir alentadas razões para integrar a Nação e fortalecer o Estado, o documento básico da soberania, que é a Constituição, deve conferir-lhe o espaço protetor em seu conteúdo.

Se soberania é o poder de reger livremente a autodeterminação, a cultura, através do fator histórico, confere coesão ao povo. É a consciência histórica, a salvaguarda eficaz contra as agressões culturais externas.

Crescem as observações de especialistas sobre a impotência da educação tradicional para as condições de aprendizagem de hoje, incompatível com uma alucinante realidade. O mundo mudou. A chamada *terceira onda* afoga conhecimentos estocados para o uso escolástico. Do ensino básico ao superior, questiona-se a defasagem.

Como providência emergencial, tem-se apelado para a Teleinformática ou Tecnologia Educacional, como tábua de salvação para um mundo em via de ser automatizado, requisitando meios de comunicação e de métodos combinados, que possam fecundar o desempenho da educação.

A educação tradicional vai cedendo lugar à educação informatizada, com surgimento da escola nova.

No entanto, a descontinuidade, cuja fenda no tempo distancia povos em sua cultura, mostra-nos gritante desigualdade em seus desenvolvimentos. Enquanto a Inglaterra adota a *open university* estimulada pela sua alta tecnologia, tribos africanas ainda conservam a simples tradição oral, transmitida de geração em geração, sem qualquer alcance aos recursos tecno-científicos.

Ainda assim, progressivamente, estas distâncias serão superadas e o globo terrestre tornando-se cada vez menor diante do poder da tecnologia. As naves espaciais rondam a terra espionando-a, penetrando em suas trilhas recônditas; os satélites tornam-se rotineiros em suas tentações de ver e ouvir os passos do homem.

E parece que é inevitável o acontecer da *aldeia global* de Marshall McLuhan, quando as nações interligadas pela televisão em escala mundial, ou pelas alucinantes interligações da Informática, com a Internet em uso militar e acadêmico nos Estados Unidos, podendo logo estender-se para a humanidade. Nos palácios ou nas choupanas, cidades e vilas, os seus sinais chegarão desconhecendo as simbólicas fronteiras.

São eufóricas as expectativas pela aproximação da hora do rompimento final dos lindes, quando não mais soarão, na comunicação caída dos satélites, os hinos de cada nação, quando os dísticos culturais estarão confusamente representados.

E assim acontecendo, evidencia-se, por outro lado, o enfraquecimento da individualidade cultural de cada povo, de uma nação, principalmente daquelas com menor poder de sedimentação social e vulnerabilidade econômica. E nem há de estranhar esta conotação pela visão de cultura ligada ao estágio de desenvolvimento. A educação terá na sua matéria-prima uma cultura mesclada pelas informações interchocantes.

Surge, então, a necessidade de fortalecimento da identidade própria, caracterizadora do ser-povo.

É evidente que não deve existir cultura fechada às demais, seria a própria esclerose. Uma cultura necessita da outra, com a obrigatoriedade de cada qual proteger-se e enriquecer-se permanentemente. Dessa forma, assegura-se o pluralismo e, competitivamente, lucram todas as nações.

A identidade cultural fortalece os elos da nação, dando-lhe condições de fazer prosperar o Estado, através de fatores histórico e linguístico.

O primeiro, envolvido da consciência histórica lastreada no passado, alimentada pelas lutas do presente e pelos anseios do futuro. A soberania nela se assenta para definir a unidade do povo, perante a pluralidade dos grandes agrupamentos sociais organizados.

O segundo destaca a importância da Língua como veículo de comunicação, mas, sobretudo, como patrimônio cultural. Charles Bally, em *La Langage et la Vie*, chega a sustentar: *a língua é o bem mais essencialmente próprio do povo, a manifestação mais viva do seu caráter, o bem mais enérgico da sua cultura.*

O grande instrumento de coesão na educação e na cultura é, portanto, a língua. A sua integridade é indispensável, isto é, integridade de vida, que naturalmente acompanha as mutações próprias das coisas dinâmicas.

No Brasil, temos a felicidade do cultivo de uma só língua, em comparação com nações que adotam dois, três ou mais idiomas como a Suíça (alemão, francês, italiano e o reto-românico). Ainda que se tenha a pretensão de uma língua brasileira pelas variações de uso, a sua estrutura é uma só, aqui, em Portugal ou na Guiné Bissau, como língua portuguesa.

Se nos ativermos, no entanto, aos aborígenes, vamos encontrar no território brasileiro, tantas nações indígenas e tantas línguas amplamente diversificadas. É motivo de estudo apropriado, salientando, desde logo, que temos, no Projeto da nova Constituição, expressamente, pela vez primeira, a definição da língua portuguesa como idioma nacional, bem como o reconhecimento das línguas indígenas.

O mau uso da língua vernácula sempre provocou reações. Estávamos em 1974, quando, no concurso vestibular de metade de ano, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro propôs aos candidatos uma redação (dissertação) sobre: *O significado do Movimento Modernista no Brasil*. Foi o grande fracasso, a começar pelo desconhecimento total do assunto ou por flagrante incapacidade de articulação de ideias na língua de berço, a língua portuguesa.

Na época, a repercussão foi acentuada na imprensa, atingindo o Ministério da Educação e Cultura, instituições como Academias de Letras e Universidades. Periodicamente, há um despertar ruidoso em defesa da língua pátria, ainda que o saldo seja quase irrelevante – ou o problema é tão tormentoso que provoca tantas investidas.

Em 1975, organizou-se a Campanha de Restauração da Linguagem, em Minas Gerais, com elaboração de um memorial ao Presidente da República, pedindo socorro para *salvar a língua portuguesa*. Após algum tempo, o documento fora analisado pelo Conselheiro Abgar Renault do Conselho Federal de Educação, que desabafou: *abastardamento do vernáculo*. Teceu críticas severas à escola, à imprensa, aos tradutores e aos outros setores responsáveis. Em seu Parecer concluiu pela redação obrigatória nos exames vestibulares.

A Universidade de São Paulo, em 1975, liderou a iniciativa, exigindo redação para todos os candidatos aos seus cursos de graduação. No ano seguinte, o MEC anunciou a obrigatoriedade da redação em todas as escolas oficiais, nas provas de ingresso em Instituição de Ensino Superior.

O Seminário Nacional de Assuntos Universitários de 1975, em Brasília, tratou do assunto e o MEC se viu obrigado a baixar Portaria coercitiva (nº 319/76) para incluir cursos de Língua Portuguesa nos projetos de treinamento de docentes do primeiro e segundo graus; e, ainda, revisão dos programas de habilitação de professores em nível de segundo grau.

A participação da Academia Brasileira de Letras veio logo. Em reunião, de dezembro de 1975, decidiu-se: *A Academia Brasileira de Letras tem acompanhado com extremo interesse os recentes pronunciamentos de entidades culturais e órgãos de informação, quanto à desídia com que a língua nacional vem sendo utilizada. Reconhecendo estar em causa algo relacionado com a própria sobrevivência da nacionalidade, considera de seu dever apontar algumas das mais relevantes providências para assegurar o domínio da língua portuguesa, como expressão de cultura e como instrumento essencial de comunicação. Importa resguardar o idioma como um bem comum, tanto mais de cada um quanto o mais o for de todos.*

Com tal providência, a Academia não se incorporou, propriamente, em lutas a favor da gramática normativa, listando erros ou condenando formas, porém propôs

um estudo da língua portuguesa, que faculte uma compreensão real do fato linguístico, capaz de destacar o caráter sistemático e a estrutura da linguagem.

A Academia, quando fala em expressão de cultura, não está agasalhando o pseudocientificismo estruturalista, tampouco sublimando o hermetismo literário. Está reafirmando o viço da língua portuguesa, que renasce constantemente no linguajar do povo, a necessitar, entretanto, de contornos sustentadores das suas raízes.

A deterioração do idioma é um dos componentes da crescente inversão de valores, neste fim de século XX, uma virada perniciososa, que comodistas tentam explicar: *é o tempo, é assim mesmo.*

Nada disso, onde está o brio nacional? Ninguém desconhece o dinamismo natural, ou a mutação natural da vida, mas valores permanentes da nacionalidade são preservados por todos os países civilizados, acompanhando cautelosamente o tempo. Na França, em 1976, o governo sancionou lei proibindo o emprego indiscriminado de palavras estrangeiras em publicidades, numa demonstração de que os franceses estão vigilantes em defesa do seu mais caro patrimônio cultural, que é a cantante língua francesa.

O que não pode haver da nossa parte é concessão diante do abuso. Talvez, os defensores dos arbitrarismos léxico e sintático não se dispõem a pesquisar o que acontece em outros países ciosos do seu patrimônio cultural.

Como também não se pode ignorar a assertiva de Michel de Certeau: *a cultura é absurdo se a língua – produto, instrumento, regulamentação – deixa de pertencer a quem fala, se se volta contra seus falantes, convertendo-se em arma de discriminação social.* Tão forte a asserção, contrasta com a postura de certos linguistas. O meio termo, o equilíbrio devem ser perseguidos na vigília de culto à língua. Cabem reflexões e vamos examinar os entendimentos da sociedade, principalmente dos jovens. Quais as influências sociais, econômicas, políticas, espirituais que estão sofrendo? A linguagem pode estar refletindo as suas próprias crises.

Possamos nós meditar sobre a língua portuguesa, cujo domínio estende-se por dez milhões de quilômetros quadrados, aproximadamente a sétima parte da terra, falada por cento e cinquenta milhões de pessoas, em quatro continentes. Ocupa o quinto lugar dentre as línguas mais difundidas, somente precedidas pelo chinês, o inglês, o russo e o espanhol.

Esta Academia Mato-Grossense de Letras, com as demais congêneres, por certo, haverão de substanciar com estudos e ações as bases vitais da língua portuguesa e fortalecer a nossa identidade cultural, como instrumento privilegiado do desenvolvimento individual e do desenvolvimento harmônico da sociedade. E fortalecendo a cultura do povo, promove-se a unidade nacional.

O Patrono

Joaquim Duarte Murtinho é o patrono da Cadeira nº 26 desta Academia. Terceiro filho do casal José Antônio Murtinho e Dona Rosa Joaquina Pinheiro Murtinho, sendo o seu nome uma homenagem ao avô materno Joaquim Duarte Pinheiro.

Nascido em Cuiabá, em 7 de dezembro de 1848, ontem, há 139 anos. Foi levado à pia batismal na Catedral do Bom Jesus, em 28 de setembro de 1849.

Privilegiado de inteligência, realiza os seus estudos no Seminário da Conceição em Cuiabá, e conclui o curso secundário no Rio de Janeiro. Enquanto os seus irmãos José e Manuel encaminhavam-se para as Faculdades de Medicina e de Direito, respectivamente, Joaquim Murtinho prefere a Escola Central, que se destinava *ao ensino das matemáticas das ciências físicas e naturais e das disciplinas próprias da Engenharia Civil*.

Entretanto, cursando as ciências exatas, a luz do seu espírito leva-o a matricular-se na Faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro, concluindo a Escola Central, em março de 1870, com distinção em Economia Política, como bacharel em ciências físicas e naturais. A complexidade das ciências em campos diferentes não lhe turvou a mente. Bacharelou-se em Medicina, em dezembro de 1873, defendendo a tese sobre o estudo patológico, em que sustentava os fundamentos da homeopatia.

Os pendores para o magistério foram revelados desde cedo na Escola Central, como professor de química orgânica experimental, lecionando até 1891, ainda, as disciplinas meteorologia, biologia industrial e zoologia.

Além da docência, Joaquim Murtinho dedicava-se intensamente às ciências médicas, interessando-se cada vez mais pela cura homeopática; a terapia de *similia similibus curantur*. E para os menos favorecidos, para os pobres, empenhava o seu maior esforço. O médico ia progressivamente assumindo o lugar do engenheiro.

Dentre os que escreveram, destaque o grande biógrafo de Joaquim Murtinho, o historiador Virgílio Corrêa Filho, em obra editada por ocasião do seu centenário de nascimento, em 1948, que trouxe a lume a sua vida nas mais diversas facetas. E sobre o médico, ressalta o *Jornal do Comércio: No fazer um diagnóstico, a sua intuição médica revestia às vezes um caráter quase divinatório, definindo logo o mal por uma afirmação categórica, que os elementos de pesquisa no laboratório e a própria marcha da doença não faziam senão confirmar. Assim se explicam as curas assombrosas, que obteve em muitas ocasiões em que a escola alopata desenganara*.

E a intelectualidade brotava-lhe na alma. Passa a escrever, produzir com intensidade para defender as suas convicções científicas, e uma série de trinta e quatro artigos refutam o parecer da Faculdade de Medicina, contrário à criação de cadeiras para o ensino da homeopatia.

O vigor científico de Joaquim Murtinho dava-lhe destaque internacional, assegurando-lhe posição de Homem de Estado.

Em 1889, dá-se o advento da República e Joaquim Murtinho é o político de alta projeção no cenário nacional, participando como Senador por Mato Grosso da primeira Constituinte Republicana, que resultou na Constituição de 24 de fevereiro de 1891, substituindo a do Império de 1824.

Como médico particular do Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, exerce poderosa influência na política do seu Estado, como se observou na nomeação do primeiro governador General Antônio Maria Coelho, bem como na sua exoneração, em momentos difíceis de rearticulações partidárias.

Deodoro da Fonseca governara o País até novembro de 1891, quando entregou o Poder ao Vice-Presidente Marechal Floriano Vieira Peixoto, que governaria até novembro de 1894. Prudente José de Moraes Barros é o terceiro Presidente, governando até novembro de 1898. Enfermo, Prudente de Moraes afastou-se no período de novembro de 1896 até março de 1897, assumindo nesse lapso o Vice-Presidente Manuel Vitorino Pereira, que promoveu reforma ministerial. Joaquim Murtinho é lembrado e assume o Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, permanecendo até outubro de 1897, quando Prudente de Moraes já novamente governava o País.

Nesta pasta ministerial, Joaquim Murtinho deteve-se de maneira aguda a examinar a situação da indústria nacional, *anômala, irregular e profundamente viciosa*. A Introdução do seu primeiro relatório era um programa de governo, abrangendo globalmente os problemas político, social e econômico do País.

Em novembro de 1898 assume a presidência da República Manuel Ferraz de Campos Sales, para governar até novembro de 1902.

A visão de estadista, demonstrada na pasta anterior, impressionou a Nação. Joaquim Murtinho torna-se Ministro da Fazenda de Campos Sales, em hora da mais séria crise financeira e econômica do Brasil, dobrando o século para permanecer até setembro de 1901, quando retornou ao Senado.

Campos Sales fazia questão de sustentar que pertencia ao grupo dos homens *que servem à República e não dos que se servem da República*. Joaquim Murtinho estava incluído no grupo do Presidente. O Ministro mato-grossense fez consistir na constituição econômica a base da regeneração financeira do País.

Quando, em novembro de 1902, assumiu o governo Francisco de Paula Rodrigues Alves, estavam as finanças brasileiras restauradas e estabilizadas.

Faleceu Joaquim Murtinho, com 63 anos de idade, em 19 de novembro de 1911, sendo sepultado no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro. Homem bom. Jamais lhe faltaram a humildade e a prudência. Em toda a vida pública ou no recolhimento privado, nunca desprezou a medicina, esforçava-se para curar sempre.

O Antecessor

Tenho por antecessor o Acadêmico, Desembargador Oscarino Ramos, que tomou posse, no Centro Mato-Grossense de Letras, em 7 de setembro de 1923, substituindo na época o Acadêmico Joaquim Gaudie Ley de Aquino Corrêa. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Filho de Mariano Ramos e de dona Rosa Pereira Leite Ramos, nasceu em Cáceres, Mato Grosso, em 1º de novembro de 1891, vindo a falecer, em Cuiabá, em 6 de março de 1969, com 78 anos incompletos.

Muito moço, bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais no Rio de Janeiro, para vir exercer cargos no Ministério Público e na Magistratura de seu Estado.

Honrou sobremaneira a toga que vestiu, crendo na Justiça, como *o Direito iluminado pela Moral, para facilitar o multifário desenvolvimento da vida social*. Atingiu a Presidência do Tribunal de Apelação e do Tribunal Eleitoral.

Nas letras, Oscarino Ramos tinha, desde a juventude, presença constante em jornais e revistas do Estado, principalmente na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, com publicação de contos, crônicas e poesias.

Quando se tornara Acadêmico, disse o poeta com humildade: *Nunca, jamais tive alguma pretensão literária. É certo que, em tempos idos, produzi alguns versos, chegando à temeridade a ponto de publicá-los. Desses pecados da minha juventude, não me penitencio. Eles são ressonância de uma vida que ficou lá longe, o único perfume de uma idade florida, toda pontilhada de amores, sonhos e loucuras.*

Na Academia, compôs com Dona Maria de Arruda Müller e Gervásio Leite, em 1948, a Comissão de Revista e Bibliografia.

De bom estilo, produzia peças oratórias admiráveis, como se lê no seu discurso de recepção ao Acadêmico Nicolau Fragelli, em 1947. Entregue ao romantismo, cantou belamente a vida:

Angelus
Pás de sombras no túmulo do Dia...
Horas de evocações... choram trindades...
A voz do sino é o echo de agonia
De alguém que anda morrendo de saudades (1ª estrofe)

Oscarino Ramos: na sua posse nesta Casa, José Raul Vila chamou-o de *suave artífice das musas*, da minha parte resta reverenciar o seu admirável talento criador.

Homenagens e Termo

Permiti, Senhores, que, ao cabo deste discurso realize homenagens:

I – Póstumas:

Wanir Delfino César – cuiabano, nascido em 26 de agosto de 1922. Sacerdote, sublimou o evangelho; poeta, cantou a fé; jornalista, pregou a verdade.

Morreu em 13 de julho de 1972, na Presidência da Academia Mato-Grossense de Letras, há três lustros. A sua obra é imperecível e deve ser cultivada.

Rubens de Mendonça – cuiabano, nascido em 27 de julho de 1915. O historiador por excelência dá a impressão de que passou a vida a pesquisar e escrever. O volume da sua obra torna-se fonte permanente na nossa história. Poeta e jornalista, impregnado sempre de altíssima convicção de garimpar a riqueza cultural do Centro-Oeste brasileiro. Morreu em 3 de abril de 1983, Domingo da Ressurreição, no cargo de Secretário-Perpétuo da Academia Mato-Grossense de Letras.

Meus Pais Pedro e Joaquina – Memória e culto eterno do filho que usa a palavra. Creio que vou reencontrá-los na outra vida.

II – Aos atuais Presidentes da Academia e do Instituto Histórico e Geográfico

Honoré Balzac assinala que os *homens são como os livros, muitas vezes apreciados tarde em demasia.*

O Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, doutor Lenine de Campos Póvoas – jurista, professor eminente de Direito, jornalista, escritor, político, é uma das mais lídimas expressões da inteligência mato-grossense. Dirige a Casa Barão de Melgaço com equilíbrio e elegância de maneiras. Estou com Sívio Curvo: *Lenine teria sido um grande Governador de Mato Grosso.*

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso – doutor Luis-Philippe Pereira Leite – homem do Direito, expressão do *homo totus*. Devoção à vida pública de 50 anos de trabalho honesto e abençoado pela sua vida espiritual, pois completa, também, 50 anos de Congregado Mariano. Historiador consagrado. Pôs a seu serviço todo o vigor de uma cultura aureolada por uma formação cristã inabalável.

III – Ao Acadêmico da Recepção–Está a recepcionar-me a figura respeitável de João Antônio Neto. Dele, afirmou o saudoso historiador Amidicis Tocantins, em seu último escrito antes de falecer recentemente:...*cujo talento de saber dá-lhe uma posição de grandeza entre os seus pares da judicatura conterrânea.* Referia-se à sua última obra *História do Poder Judiciário de Mato Grosso*, estimulada pelo Desembargador Benedito Pereira do Nascimento, então Presidente do Tribunal de Justiça do Estado.

João Antônio Neto é admirado na magistratura, no magistério, nas letras, na prosa ou na poesia. E acredito que somente um poeta poderia tolerar a incumbência de receber o pobre empossando.

IV – Ingresso nesta Academia, no dia 8 de dezembro de 1987, Dia da Conceição Imaculada, Dia da Justiça, Dia Nacional da Família. É a Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo a inspirar a justiça dos homens e o núcleo da sociedade.

Não poderia haver melhor ensejo, neste Ano Mariano, assim declarado por Sua Santidade o Papa João Paulo II, na Encíclica *Redemptoris Mater*. À Maria, protetora espiritual da humanidade, peço a intercessão para que nos proteja. A todos os presentes eu sou reconhecidamente grato.

Muito obrigado.

CADEIRA 27

PATRONO

José Barnabé de Mesquita (Sênior)

OCUPANTES

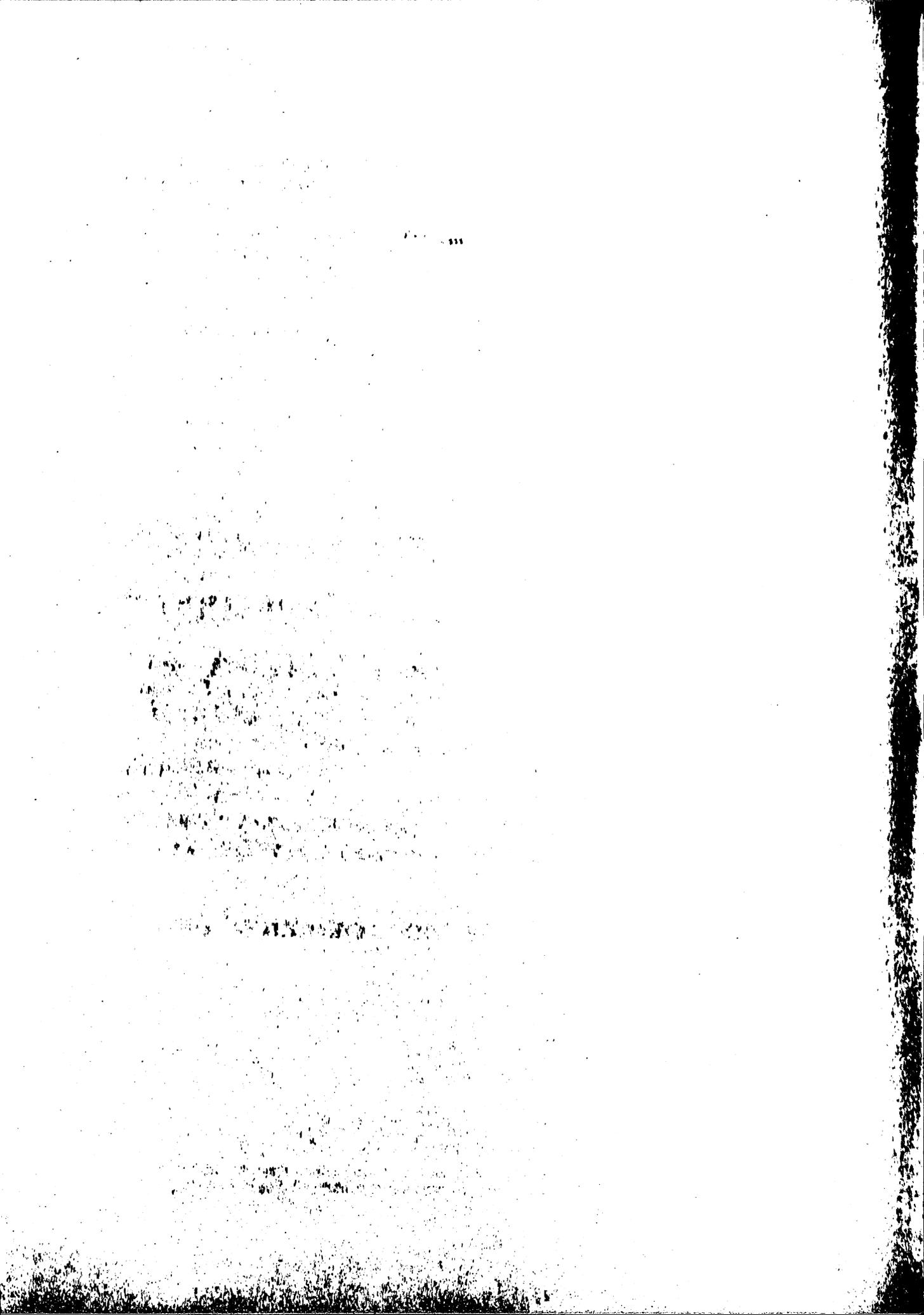
Ana Luiza Prado Bastos
Ubaldo Monteiro da Silva
João Carlos Vicente Ferreira

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO UBALDO MONTEIRO DA SILVA

Cuiabá, 18 de novembro de 1987

**DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO UBALDO
MONTEIRO DA SILVA, PELO ACADÊMICO PEDRO ROCHA
JUCÁ**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO UBALDO
MONTEIRO DA SILVA**



DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO UBALDO MONTEIRO DA SILVA, PELO ACADÊMICO PEDRO ROCHA JUCÁ



Há mais de cinco anos, quando a Academia Mato-Grossense de Letras comemorava seu 60º aniversário de fundação, o grande historiador Rubens de Mendonça me recebeu neste templo de cultura. Nos seus últimos dias de vida, durante minhas constantes visitas, ele me confidenciou que gostaria de ver nesta instituição dois ilustres confrades nossos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso: coronéis Octayde Jorge da Silva, já empossado, e Ubaldo Monteiro da Silva, que hoje recepciono, com muita honra, em nome dos meus pares nesta Academia. Aproveito a oportunidade para render minhas sinceras homenagens à memória do acadêmico Rubens de Mendonça, uma das maiores expressões da cultura mato-grossense.

O cérebro é um componente biológico que a natureza humana se encarrega de acionar. A inteligência, contudo, é uma dádiva divina. Poderíamos até dizer que a inteligência é uma forma de luz que o espírito projeta para se comunicar com aqueles que o rodeiam. Por isto, há uma forte energia espiritual neste recinto devotado à glória e à imortalidade do pensamento mato-grossense.

Tudo aqui pode ser simples ou modesto, expressão natural dos poucos recursos ao dispor da Academia Mato-Grossense de Letras, como também do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Mesmo assim, nada tira o brilho de um instante sublime como este, principalmente quando uma nova luz vem reforçar a energia espiritual que aqui permanece sempre viva, como a dizer ao romper dos séculos que a Casa Barão de Melgaço é uma trincheira permanente em defesa dos valores mato-grossenses.

Quanto mais me aprofundo em pesquisar a História de Mato Grosso, mais respeito devoto a esses valores. Desde seu período colonial até aos nossos dias, encontramos centenas e mais centenas de nomes que enriqueceriam a memória histórica e cultural de qualquer Estado brasileiro. Vejo neles um mérito a mais: o de terem se destacado longe dos grandes centros. Há neles ainda, vale ressaltar, um imenso amor às causas mato-grossenses. E o mais interessante: muitos deles não nasceram aqui, incluindo-se aí figuras exponenciais, como a do Barão de Melgaço, que era francês.

Há uma força superior acima do nosso entendimento humano que ilumina os caminhos que conduzem Mato Grosso para o seu próspero destino. Existem páginas da nossa História que merecem mais do que uma rápida leitura. Elas estão a exigir uma meditação, acima de tudo, porque somente assim entenderemos melhor aquela força superior já citada. Na sua *“Relação das Povoadoens do Cuyabá e Mato Groso de Seos Principios Thé os Presentes Tempos”*, o primeiro cronista cuiabano Joseph Barbosa de Sá narra um acontecimento histórico que merece a maior atenção pela mensagem nele incluída.

Iniciava-se o ano de 1728 e a Vila Real do Senhor Bom do Cuiabá vivia dias dos mais difíceis. A ação nefasta do capitão-general Rodrigo César de Menezes, que aqui permaneceu de 15/11/1726 a 05/06/1728, chegava ao seu ponto máximo e o futuro dos que aqui residiam era dos mais incertos. A decadência da mineração de

ouro era flagrante e ninguém suportava o excesso fiscal. Por isto, muitos se preparavam para nova jornada de esperanças em Goiás. Na Quaresma de 1728, uma Quinta-Feira Santa, os habitantes de Cuiabá foram abençoados com um milagre, confirmando sua capacidade de sobreviver, muito acima da nossa imaginação. Hoje, em pleno ano de 1987, testemunhamos outro milagre: Cuiabá cresce a quase 15% ao ano, ultrapassando as previsões.

Com Cuiabá, cresceu também a nossa querida Várzea Grande, antigo Terceiro Distrito da Capital mato-grossense. Cresceu e se projetou em todos os sentidos, inclusive no campo cultural, destacando-se entre os seus filhos o Coronel Ubaldo Monteiro da Silva, o primeiro várzea-grandense a chegar aos quadros da Academia Mato-Grossense de Letras. Estou aqui, Acadêmico Ubaldo Monteiro da Silva, para lhe receber em nome dos meus pares, com júbilo e honra, pois é importante a presença de Várzea Grande nesta Academia.

Os meus primeiros contatos com o novo Acadêmico mato-grossense ocorreram no seu tempo de deputado estadual, exercendo incontestemente liderança política no vizinho Município de Várzea Grande, onde sempre foi brilhante expressão cultural e cívica, mas foi no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, onde ele ingressou em 19/06/1976, que eu o conheci melhor.

“*No Portal da Amazônia*” é a mais completa História de Várzea Grande. Em “*Polícia Militar de Mato Grosso – História – Evolução*” o Coronel Ubaldo Monteiro da Silva externa todo o seu amor à histórica corporação a que ele dedicou quase toda a sua vida. Somente essas duas obras seriam suficientes, mas, por questão de justiça não podemos nos esquecer das suas crônicas em “*Cuiabaninhos*”, das suas poesias e das suas pesquisas históricas.

A Cadeira nº 27, hoje preenchida pela segunda vez, tem como Patrono o advogado e jornalista José Barnabé de Mesquita (o pai). No meu livro “*A Imprensa de Mato Grosso*” descrevo o Patrono da Cadeira nº 27 como sendo democrata, abolicionista e republicano. Bastaria o fato de ele ter sido o pai do desembargador, historiador, cronista e poeta José de Mesquita, que ocupou a Cadeira nº 19, para justificar a indicação do seu nome para ser o Patrono de uma das 40 Cadeiras desta Academia.

Acreditamos que chegou o momento de se implantar a Secretaria de Cultura do Estado, embora saibamos que problemas orçamentários existem. Mato Grosso recebe crescentes migrações. Existem hoje cidades na região Norte do Estado que apresentam um perfil cultural mais identificado com o de outras regiões do Brasil. Isso evidencia a necessidade de se criar, o mais depressa possível, a Secretaria de Cultura do Estado, como melhor solução para assegurar a divulgação e a preservação das raízes mato-grossense em todos os limites.

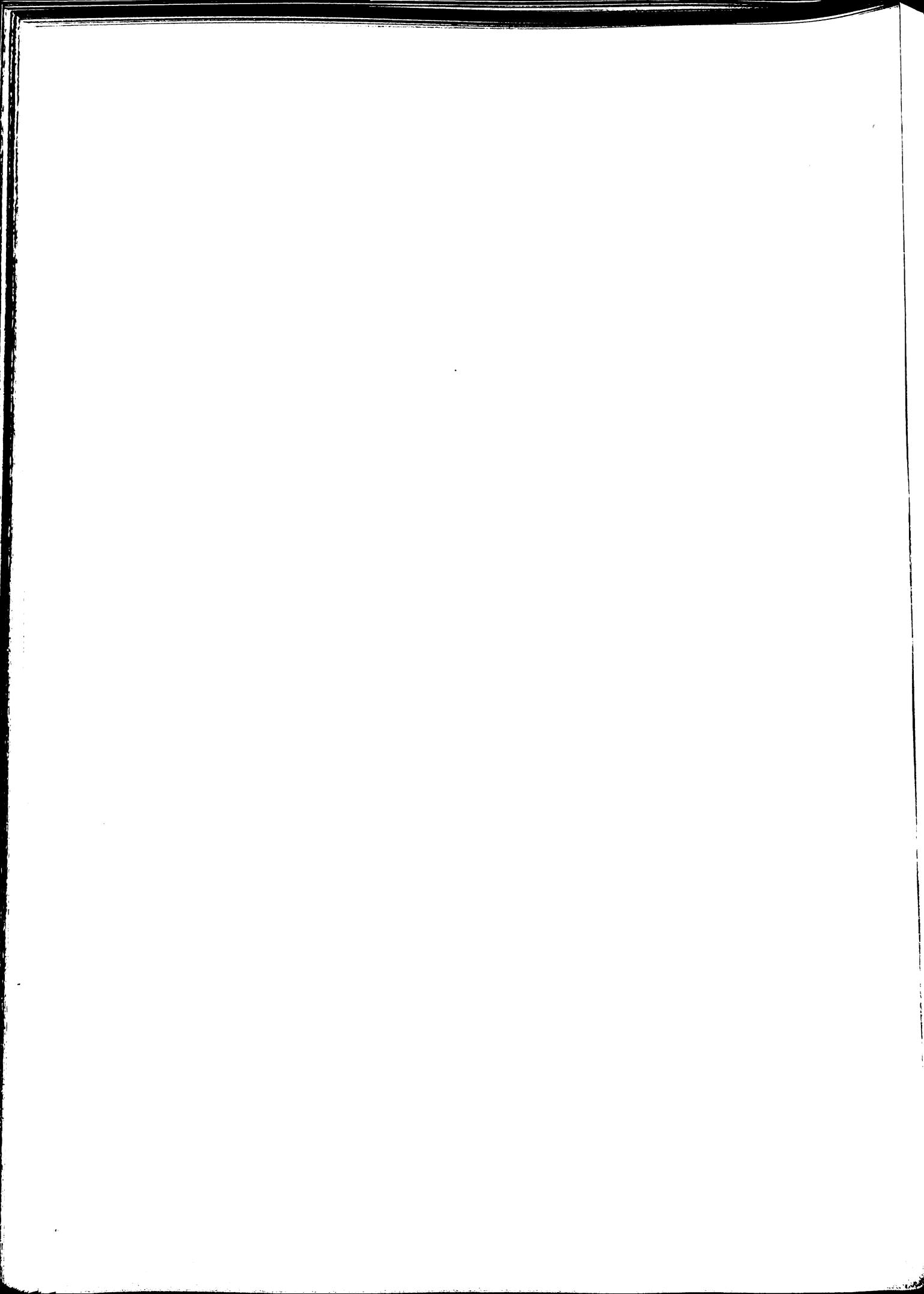
A memória mato-grossense é extraordinariamente rica. A Casa Barão de Melgaço, por exemplo, é uma relíquia. Aqui, a História vive em sua plenitude e nos permite a feliz oportunidade de conviver com ela. Neste salão imenso, adaptado para ser auditório, estava a aconchegante varanda da antiga residência do Barão de Melgaço, um dos governantes de Mato Grosso que mais tempo permaneceram no poder. Estas paredes

formavam o cenário de significativos fatos históricos enriquecidos pela marcante presença do “Bretão Cuiabanizado”.

Narra a História Helênica que Academo, herói ateniense, revelou a Castor e Pólux, quando estes invadiram a Ática em procura da irmã Helena, o local onde ela estava. As terras que pertenceram a Academo, na Grécia, foram preservadas em sua memória pelos lacedemônios. No local, Cimom, o herói de Salamina, construiu o Jardim de Academo que se transformou em Academia ao longo dos anos. Ali, Platão reunia os seus discípulos, consagrando-os como um dos grandes mestres do pensamento universal.

O sentido da imortalidade acadêmica surgiu depois, com a fundação da Academia Francesa, a mais antiga das cinco academias que formam o Institut de France. A pedido do Cardeal Richelieu, sete anos antes de morrer, a Academia Francesa foi criada, em 1635, pelo Rei Luís XIII, com a divisa: “*À l’Immortalité*”.

Na centenária Casa Barão de Melgaço, o ilustre confrade encontrará a imortalidade acadêmica invocada por Horácio: “*Construí um monumento mais duradouro do que o bronze e mais alto do que a sede real das pirâmides. Nem a chuva avassaladora, nem a cadeia infinita dos anos, nem o furioso Aquilão, nem a consumação dos séculos o poderão destruir. Não morrerei de todo. Será imorredoura parte do meu ser*”.



DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO UBALDO MONTEIRO DA SILVA



Experimentei já, em outras ocasiões, momentos sensacionais não tanto singulares como estes e que me foram também de estranhas emoções. Para esta solenidade tinha-os imaginado fosse como estou a senti-los, motivo por que, de proêmio, tento registrá-los nestas laudas ao iniciar minha oração.

Sou, e não há de negar, o protagonista do espetáculo, com todas as manifestações da crítica convergindo para mim, sem que possa fugir do palco, onde me cumpro encenar a peça prudentemente, para que não decepcione o auditório.

Assim me propus assomar esta tribuna, onde, por várias vezes, a verve dos poetas e as luzes dos prosadores marcaram, com suas eloquências e grande saber, momentos soleníssimos para esta Casa do Barão de Melgaço, na qual quase uma centena de intelectuais ocuparam cadeiras desde 1921.

Senhores!

Esta é uma semana destinada ao culto à Bandeira da Pátria e amanhã o clímax. Quando nos quartéis, ao meio dia, o auriverde pendão de nossa terra desliza-se com a driça até o topo do mastro, onde se enfuna e drapeja num alvoroço de agitações, que fará alvoroçar milhões de almas em frêmitos de patriotismo.

Amanhã, em mais quatro mil cidades brasileiras, milhares desses farrapos retangulares, simbolizando esta grande Nação, estarão hasteados nas fachadas das escolas e dos edifícios públicos, engalanando todos os recantos nacionais pelas imensas regiões desta Amazônia, pelos semiáridos sertões nordestinos, pelas alterosas de Minas, até assomar-se na lindíssima Guanabara, onde o Cristo Redentor, de braços abertos, vai receber nas alturas culminantes da capital fluminense, o sagrado símbolo desta terra.

E lá, na vastidão costeira do Atlântico Brasileiro, a Marinha postar-se-á com centenas de barcos, que estarão com os pavilhões desfraldados numa homenagem aos vultos de Tamandaré e de Barroso, exemplos maiores das nossas glórias nos mares e nos rios, quando dos conflitos do passado.

Em alguns lugares, os vexilários da Pátria estarão desfilando durante as paradas cívico-militares, com garbo, desprendimento, alvoroço nacional.

Mas, para homenagear a bandeira do Brasil não basta exaltá-la.

Preciso é sim, ajoelharmos junto ao altar desta Nação, num culto especial, numa visita simbólica ao Panteão dos heróis; daqueles que empunhando e desfraldando a bandeira dos bravos, lutaram e tombaram, tendo-a como mortalha, no instante supremo do sangue derramado em holocausto ao estremecido solo pátrio. Assim foi com Marcílio Dias, com Antônio João, com os imortais da Retirada da Laguna, odisseia esta descrita por Taunay, feitos exaltados e sublimados no verbo de D. Aquino Corrêa, naquela oração patriótica que proferiu em Mariana, quando da recepção da esfarrapada, velha e rica Bandeira do 17º Batalhão dos Voluntários de Minas. É dessa bandeira, pois, que posta ao sol e à tempestade, que das refregas voltou respingadas do sangue desses mártires, muito mais dela, cumpre-nos lembrar sua jornada amanhã, como

lábaro augusto que saiu da Pátria e voltou à Pátria, trazendo em suas dobras estrelinhas vermelho-escuras, gravadas a sangue nacional, mais se assemelhando lindas pérolas a condecorarem a bandeira dos bravos. E foi D. Aquino que, ao vê-la assim marcada a pingos rubros, que a enalteceu com mais pompas, com mais brilhantismo, com mais elegância, com toda a força do seu sentimento espiritual e patriótico. E, lembrar o príncipe, quando das exortações à mocidade, é reaviver o arrebatamento – a mística patriótica – é reforçar nossos incentivos às gerações novas, que em vez de se embriagarem nas tendas escuras dos tóxicos, onde se mercadeja a morte, melhor seria, nesta bela data de amanhã, afogarem-se todos esses jovens brasileiros, em ondas de patriotismo, com as bandeiras desfraldadas, desfilando pelos caminhos serenos do ideal, em defesa deste Brasil rico e sofrido.

Esta nossa esperança na juventude de hoje - esta nossa mensagem ao Pavilhão Nacional para as suas galas nas festas de amanhã.

Grato, sobremodo grato, pois estou à Mesa Diretora desta Academia pela escolha de tão magna data para consumação deste ato.

Senhores! Em mim é tudo simples – deveras modesto até na origem. Nasci no 3º Distrito Cuiabano, na Vila de Várzea Grande, mas passei toda minha juventude em Cuiabá, onde completei meus estudos preparatórios e servi o Exército Nacional. Desta quadra juvenil ficaram-me recordações de rapazes e moças que viveram no Porto de então e que se projetaram, sendo alguns, ainda hoje, eminentes membros desta Academia.

Regressando do Rio de Janeiro, onde concluí um curso de oficial na Polícia Militar, habituei-me a pesquisar, apegando-me aos livros, mormente de autores mato-grossenses. Por motivos que desconheço, havia obstinação em mim, que me levava a palmilhar aos tropeções, é certo, esse caminho que bem poucos têm percorrido, por ser ingrata a jornada, embora lindos e perfumados os renques floridos que bordam a estrada do nosso passado sobremodo lendário. O tempo levou-me a conhecer intelectuais que brilharam nesta Casa e que já partiram e, ainda hoje, estes que a enfloram e a engrace com suas produções literárias e singular representatividade... Depois escrevi alguns trabalhos e tentei incluir a genealogia dos Barros, dos Campos e dos Monteiros. Tropecei nos obstáculos. Não é fácil remonta-las através das pesquisas locais. Faltou-me bagagem cultural, paciência de um Luis-Philippe, esse abnegado Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso que, pervagando difíceis caminhos pode, com o insigne Dr. José de Mesquita, plantara árvore genealógica dos Pereira Leite, e publicando estudos sobre a genealogia dos Aquino Corrêa. Admirável também o zelo com que se houve a Acadêmica Maria de Arruda Müller, quando do lançamento do seu esboço genealógico “Família Arruda”. Assim, para citar estes exemplos, entre outros.

Continuava divulgando minhas produções modestamente, sem pensar na crítica, nem em méritos na área da cultura. Este ano, porém, sugeriram-me candidatasse a uma vaga na Casa, e o fiz. Relutara tanto e, repentinamente, tomava essa decisão.

E eis que, numa tarde morna de 6 de junho, os nobres membros desta Academia conferem-me o augusto direito de ocupar nela uma cadeira. Outorgada, pois, a graça, aqui estou entre a inibição e o júbilo, porém, emocionado e deveras agradecido.

Cumpriu-me ficar com os ensinamentos do passado: quem não se orgulha das promoções conquistadas e dos troféus recebidos, não os merece.

E, não há como negar, sinto-me envaidecido...

Continuarei rebuscando os arquivos, pois neles tenho garimpado pepitas que andavam enriquecendo a história do passado distante e que confirmavam a dura lide dos antigos e denodados bandeirantes, na conquista da terra; e dos capitães-generais, no domínio e administração das mesmas...

Tempos difíceis – velhos tempos... Gente que passou – brava gente...

Os historiadores do passado perlustraram esses itinerários e nas últimas décadas do século XIX, o Patrono da Cadeira 27, desta Academia, viveu a época do pós-guerra do Paraguai, da abolição da escravatura e da mudança do regime político no País, quando Deodoro proclamou a República.

Essa Cadeira n. 27 tem, pois, como Patrono, o Advogado José Barnabé de Mesquita (Sênior), que nasceu em Diamantino a 7 de março de 1855. Ele era filho do capitão Barnabé de Mesquita Muniz e de Dona Maria Rita de Mesquita.

Entretanto, este capitão desapareceu relativamente cedo, deixando a viúva, três filhas pequenas, e um garoto José Barnabé de Mesquita (Sênior).

Sendo este o único filho varão, ainda garoto teve que enfrentar a vida e então acomodou-se num emprego em casa comercial, sustentando mãe e irmãs. Mais tarde consegue trabalhar por conta própria, acumulando pequena economia.

Diamantino, a rica região mato-grossense, que o inesquecível professor e Acadêmico Francisco Alexandre Ferreira Mendes exaltou em suas crônicas, entrou em decadência, e José de Mesquita, mãe e irmãs transferiram-se para Cuiabá, onde o jovem foi guarda-livros e, a seguir, advogado provisionado, ocupando os auditórios da comarca da capital.

Nessa fase tornou-se político liberal, abolicionista e republicano, professor de latim, inspetor escolar, auditor de Guerra e procurador fiscal do Tesouro. Em maio de 1891, desposou ele a senhorita Maria de Cerqueira Caldas, e no ano seguinte nasceu seu filho, que recebeu o nome de José de Mesquita.

Cinco meses depois, com 37 anos de idade, falece este advogado diamantinense, que viria a ser, já neste século, o Patrono da Cadeira que, com muita honra, devo ocupar.

Seu filho recebeu esmerada educação, tornando-se uma das maiores expressões culturais de Mato Grosso, presidindo esta Academia por vários anos.

A primeira ocupante da Cadeira n. 27, a única até então, vinha sendo a professora Ana Luiza Prado Bastos, que, na década de 20, foi tesoureira do ainda Centro Mato-Grossense de Letras. Mas, em 1932, a entidade cultural passou a denominar-se Academia Mato-Grossense de Letras, com 30 membros e, para padronizá-la, mais dez cadeiras foram criadas, consumando-se a posse de acadêmicos residindo no sul do Estado, a esse tempo de transferência difícil, de cidade para cidade.

A Acadêmica Ana Luiza Prado Bastos prestava seus serviços em Campo Grande, durante as décadas de trinta e de quarenta, e só em 6 de dezembro de 1946 pode vir à capital, quando reafirmou sua posse.

Nasceu ela em Cuiabá, no dia 24 de agosto de 1898, e diplomou-se pela Escola Normal “Pedro Celestino”, em 1917, passando a exercer o magistério aqui, em Três Lagoas e, a partir de 1932, em Campo Grande.

Filha de Egídio da Silva Prado e de Dona Regina Leverger Corrêa Prado, revelou-se estudiosa e responsável, desde menina. Inclinada às letras, dona de um estilo delicado, cedo passou a colaborar com revistas e jornais de Mato Grosso, participando dos encontros lítero-musicais, contribuindo, mormente nos espaços culturais de Campo Grande, com palestras cujos temas fundamentais visavam a educação no seio de uma sociedade, que também fora outrora sóbria e requintada. Foi ela, com Maria Dimpina, Marianinha Póvoas, Maria de Arruda Müller, Regina Prado e outras, as fundadoras do Grêmio Literário “Júlia Lopes”, de elevado nível cultural nas décadas de vinte e de trinta, bem divulgado no âmbito da sociedade mato-grossense. Com o pseudônimo de Zilá Donato, colaborou Ana Luiza nas colunas da famosa revista “A Violeta”, que circulou nas décadas de 20, 30 e 40, quando suas tiragens esgotavam-se dada sua aceitação no âmbito das elites das principais cidades de Mato Grosso.

Em Campo Grande, como colunista da “Folha da Serra”, usava o pseudônimo de Delorme Vaz. Nesse órgão da Cidade Morena, divulgou, ela, trabalhos interessantes. Entre amigas e familiares, fora muitíssimo conhecida como a Professora Galega.

Na velhice fora a senhora austera, respeitada, de belos predicados, frutos da rígida educação de berço, a que a sociedade-elite de Cuiabá de outrora se sujeitava.

Das palestras que proferiu, mormente em Campo Grande, onde ela viveu por mais tempo, destacamos trecho de uma, programada para a Semana da Criança, em 1934. Ali, ela era esperada com interesse especial, pelas suas colegas campo-grandense e convidados.

O tema proposto era “Carinhos Maternos”, que a certa altura, ela assim descreve: “Carinhos maternos! revelação sublime do amor de mãe! desse amor incomensurável, desse amor indizível, desse amor inquebrantável que nasce com as primeiras manifestações vitais do ser; cresce aos primeiros vagidos da criança, fortalece e se aprofunda com o suceder dos dias, sejam eles bonançosos, de céu azul e mar de rosas, ou procelosos, de vagas encapeladas, toldadas de chumbo, desse amor que sobrevive à mudez marmórea do sepulcro, impotente na sua obra destruidora, para só desaparecer com o cessar do bater rítmico do coração de mãe, dessa fonte inexaurível de bondade e ternura, de paciência e abnegação, de amor e de perdão! Amor materno! sentimento divino concedido, prodigamente pelo Criador à espécie animal e tanto mais forte, profundo e intenso, quanto mais perfeitos são os seres por ele ligados! Ora, se o amor tem o poder mágico de transformar em altas qualidades os defeitos e senões do objeto amado, com o poder do amor materno que é o mais poderoso, o mais forte, o mais sincero, o mais sublime de todos os amores, é fugir a essa lei geral da psicologia humana”.

Palestras diversas foram proferidas pela Acadêmica Maria Luiza, mas, depois dela e de Maria de Arruda Müller, levou muito tempo para que outras mulheres viessem tomar assento numa Cadeira da Casa Barão de Melgaço. Assim, só na presente década, duas intelectuais voltaram a ocupa-las: as escritoras Vera Randazo e Maria Be-

nedita Deschamps Rodrigues, ambas de respeitáveis prendas e de muita produção na área da cultura mato-grossense.

A Professora Galega desapareceu, mas, já aos 82 anos de idade, estando no Rio de Janeiro, ainda escreveu uma poesia sobre o centenário de falecimento do Barão de Melgaço (seu bisavô), sob o título de “Augusto Leverger”.

Essa Acadêmica não deixou livros, eis que editá-los em tempos idos não era fácil e, ainda hoje, raramente nos é dado encontrar patrocínio. Nos seus anos de juventude, a capital mato-grossense era carente de tudo, menos de cultura, uma vez que a força de vontade desses cuiabanos e cuiabanas do passado garantiu, através de sociedades culturais e nas colunas de jornais e revistas, a continuidade do desenvolvimento intelectual de Mato Grosso.

Pode-se afirmar, não obstante agremiações outras que surgiram antes, que Cuiabá e todo o Estado conquistaram maiores e mais sólidos espaços culturais, depois do funcionamento do Liceu Cuiabano e o Salesiano, a despeito de já existir o não menos conceituado Seminário da Conceição, de 1854. Mais tarde, em 1911, a Escola Normal Pedro Celestino veio trazer luzes às jovens cuiabanas e o sexo feminino passou a conquistar espaços mais amplos no âmbito da cultura estadual.

Estevão de Mendonça, para citar um dos primeiros, em “Datas”, registra fases de fundações oriundas de épocas diferentes. Como ele, outros luminares da cultura mato-grossense citam exemplos de tertúlias que se transformaram em sociedades culturais, a partir das derradeiras décadas do século passado.

Ultimamente, Lenine Póvoas em “História da Cultura Mato-Grossense” reuniu aspectos (sínteses) do passado cultural em nosso Estado, eis que não podia fazê-lo detalhadamente num só volume impresso.

Em decorrência do funcionamento das três escolas citadas, o mais elevado grau de ensino no Centro-Oeste, até há poucos anos, muitos mato-grossenses ganharam os espaços litorâneos e frequentaram uma de nível superior. Assim, na última década do século XIX, alguns cuiabanos retornaram ao berço de origem, diplomados em Ciências Jurídicas, Medicina, Engenharia, Odontologia, e mais.

Várias inteligências brilhantes, oriundas dessas escolas secundárias do passado, não puderam prosseguir seus estudos em faculdades metropolitanas. Entretanto, muitos dos que ficaram tornaram-se revelações, a partir do início deste século de tantas transformações na face da terra e no mundo sidério.

Faltou-lhes uma escola superior, mas não lhes falecera a força de vontade e, como autodidatas, completavam-se para o exercício de suas profissões, e alguns deles imortalizaram-se como membros desta Academia de Letras.

Mas, além de Lenine e de Estevão de Mendonça, que escreveram a respeito do progresso alcançado na área cultural, no decurso deste século, vários Acadêmicos cuiabanos e outros aqui radicados promovem, na atualidade, a dilatação dos espaços culturais, mormente na esfera da história deste promissor Estado de Mato Grosso. Assim, nas colunas dos jornais da terra e nas revistas da Academia e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso encontramos, não raro, produções de António de Arru-

da, Luis-Philippe, Corsíndio Monteiro, Maria de Arruda, Archimedes Lima, Ernesto Borges, Octhayde Jorge, Benedito Dorileo, Silva Freire, João Antonio Neto, Raimundo Pombo, Sebastião Carlos, Dunga, Jucá, Aduino, Vera Randazzo, Natalino, Amarilha e outros, além de intelectuais pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Dos trabalhos publicados nesta década, reunidos em livros e opúsculos e nível cultural esmerado, mereceu destaque e a crítica acolheu, pela oportunidade e pela relevância, esse circulando pelo Brasil afora, falando do centenário de nascimento de D. Francisco de Aquino Corrêa, da lavra do ilustra Acadêmico Corsíndio Monteiro da Silva, datado de 1985.

Inserimos, aqui, homenagem especial a cuiabanos eruditos da “Terra Agarrativa e Linda”, que assinalados serviços prestaram à área da cultura desta heroica “Cidade Verde”, quando andavam eles na plenitude dos anos: Gervásio Leite e Benjamin Duarte, cujas penas continuam em recesso forçado...

Falamos dos vivos, eis que a folha de serviço dos imortais que passaram é sobremodo longa para ser mencionada na ocasião.

Todavia, deveu-se a consolidação dos eventos no campo das letras em nosso Estado, ao retorno à Cuiabá de suas proeminentes figuras do mundo intelectual: o padre Francisco de Aquino, em 1910, e o Dr. José de Mesquita, em 1913, ano em que a Professora Ana Luiza iniciava o curso secundário na Escola Normal, que a essa altura contava com primoroso corpo docente. Diplomada professora nos meses de após “Caetanada”, entrou ela para o magistério justamente quando o então Bispo D. Aquino Corrêa assumia o governo de Mato Grosso.

Criado o Instituto Histórico, em 1919 e, quase três anos depois, o Centro Mato-Grossense de Letras, cumpria preencher as cadeiras e nomes ilustres foram indicados. A seguir, vieram as inscrições e na foto dos 24 primeiros membros, posta em moldura pendente da parede da sala de entrada desta Casa Barão de Melgaço, figura a da Professora Ana Luiza Prado Bastos como Tesoureira da Entidade.

Entretanto, dois vultos eram responsáveis pelos eventos culturais: D. Aquino Corrêa (Arcebispo em 1922) e o Dr. José de Mesquita, que presidiu a Casa durante longos anos. Os dois Centros de Letras, realmente, vieram como que regulamentar e disciplinar a nossa cultura, até então dispersa, consolidando-a com a reunião de um acervo histórico que esteve prestes a desaparecer. Iniciadas as atividades do Centro, a professora Ana Luiza acompanhava-lhe a trajetória, escrevendo em jornais e revistas, participando dos encontros lítero-musicais e de outros afinados com a elite dos meios culturais da década de vinte. Eis, pois, a jovem professora, com pouco mais de vinte anos, dedicada, ao lado de outras intelectuais, dentre as quais despontavam, na época, a poetiza Maria de Arruda Müller, também diplomada pela Escola Normal “Pedro Celestino” e que, em 1931, tomou posse no Centro, ocupando a Cadeira n. 7, quando colaborava com o matutino “Folha da Serra” e a revista “A Violeta”. Assim, durante as décadas de 30 a 70, até 1982, somente essas duas Cadeiras (a de número 7 e a 27) foram ocupadas nesse Sodalício por intelectuais do sexo feminino.

Entretanto, durante essa fase vivida pelas duas Acadêmicas, numa Cuiabá pequena, mas dona de uma sociedade requintada e exigente, outras grandes professoras – a maioria falecida – foram renomadas mestras, que também cursaram essa Escola Normal, tornando-se responsáveis pela formação básica de muita gente culta dos nossos dias.

Senhores! Prezadas Senhoras!

A Acadêmica Ana Luiza Prado Bastos faleceu aos 87 anos de idade, em 7 de março de 1986. Ocupou ela esta Cadeira n. 27 durante cerca de seis décadas, mais de metade de uma longa vida de operosidade e de paz íntima, a serviço do magistério e das letras, nas duas maiores cidades do Mato Grosso de então: Cuiabá e Campo Grande. Segundo membros desse Sodalício, foi ela a primeira mulher a ocupar espaço num centro de Letras deste País.

Cumpriu-me, pois, tomar assento na mesma Cadeira ora vaga...

Li alhures, e bem não me recordo onde e quando, que nas Academias de Letras não há substituições, mas tão somente sucessões. “Que o valor, o brilho da pena do Acadêmico desaparecido continuará inapagável... mormente nos trabalhos literários que tenha produzido e que a posteridade possa preservar”.

E nem poderíamos falar em imortalidade se assim não fosse...

Aqui não estou, então a substituir a Acadêmica Ana Luiza Prado Bastos, mas a sucedê-la. Também não poderia falar como substituto, face aos peculiares dotes que exornam sua personalidade.

É que nela sobressaía sempre o sentimento religioso, manso e terno – a pureza de coração (talvez herança do bisavô herói, o Bretão Cuiabano Leverger – o Barão de Melgaço – nome que por si só me representa verdadeira odisséia ao longo da história do antigo e imenso Mato Grosso). Nela, pois, essas qualidades que, com a elevação do estilo natural, com toques de nobreza, fundiam-se numa unidade de profunda beleza espiritual.

Sucedê-la tem para mim significado especial – fora ela professora – pois a mim me coube esse privilégio de também exercer o magistério durante 17 anos.

Por mim também longo percurso foi já vencido nos estradões da vida. Quando das primeiras jornadas perdi rumos e entrei em veredas, não raro trilhadas por indivíduos marcados pela sordícia.

Recebi às vezes lições amargas, mas lá ficara um pouco da escola da vida, onde se aprendia muito, levando-me à meditação, quando na quietude dos aposentos.

Nesses instantes dir-se-ia estivesse emergindo das sombras, depois de uma espécie de metamorfose por que passava...

Por força do labor ou por motivos outros, exemplos existem, e que vêm de velhos tempos. Citemos apenas um.

Vitor Hugo imortalizou-se na França com suas poesias e outros notáveis trabalhos. Como poeta, não há de negar, foi grande entre intelectuais de sua época. Mas, no seio das camadas populares, a obra que o projetou deveras, foi seu romance “Os Miseráveis”.

Para escrevê-lo, porém, misturou-se com a plebe, imiscuiu-se no covil dos marginais, frequentando tavernas e prostíbulos, para poder imbuir-se da realidade no âmbito da gente humilde...

Como ele, outros escritores foram assim. Para inteirar-se do viver dos simples, ao escrever uma obra, o autor tem que subir morros de favelas e até chafurdar-se simuladamente na lama das tascas. Atrás das mesas dos escritórios, na doçura dos nossos gabinetes particulares, de história registramos somente o que já foi escrito.

Para rascunhar meu livro de história de Várzea Grande, “No Portal da Amazônia”, nos anos sessenta, misturei-me, durante meses, com gente humilde, velhos fundadores do povoado e, não raro, com indivíduos perniciosos. Naturalmente, nem sempre conseguia êxitos entre bastardos, mas interessavam-me as informações e ia busca-las onde se me afigurasse possível obtê-las, embora me decepcionasse, com frequência. Ora, dias nunca foram iguais para ninguém. Uma vez as vitórias – outras delas os revezes.

Nem as primeiras me envaideceram tanto, nem os segundos me desesperaram, eis que ambos são, para mim, ocorrências normais no encaminhamento dos nossos destinos na face da Terra.

Essa fase de experiência passou...

Hoje o tempo me vai sendo consumido nessa faina de pesquisar.

Continuo apegado à História, mormente na do meu berço natal, essa Várzea Grande que foi Cuiabá e que se desprende como a flor do galho, mas, milagrosamente, não se despetalou, nem perdeu o perfume, e ambas, soberanas, notavelmente enriquecidas, continuam banhadas pelas águas do velho, maltrapilho e já esgotado Rios das Bandeiras de outrora. Como foram belos os seus anos de navegação a vapor! Como foi pródigo e poético o seu vale! Como mudou tudo nos últimos anos!

Senhores Acadêmicos. Antes de finalizar permitam-me falar, simuladamente, com notável Membro desta Casa Barão de Melgaço que, embora ausente, assiste este Ato de Posse de um recanto qualquer dos espaços siderais. Assim creio...

Seria eu sobremodo ingrato não o fizesse – Rubens, caro amigo! Queria-o aqui, participando dessa cerimônia, trazendo no bolso a quadrinha alusiva ao acontecimento. Indiretamente, é você o responsável pela minha perenição, confirmada nesta noite de posse na Academia de Letras, que você honrou e na qual imortalizou-se como seu Secretário Perpétuo.

Quantos livros emprestou-me outrora?... Diversos. E neles me embebedei, como se fora em taças que, depois de esvaziadas, eu as punha em suas mãos. Há nove anos, desde 1978, depois de acompanhar a minha caminhada rude, mas firme e persistente, passou você a insistir, convencer-me de que urgia a minha inscrição... Relutei – fugi de você muitas vezes. Não via, como ainda não descobri méritos para tamanha investidura.

Eis senão que estando você de matéria desfeita, há quatro anos, outro amigo seu e meu, agarra a lira que você deixou e vem tocar nos meus ouvidos a mesma música que eu ouvi partindo, ora de lira ora de seus lábios insistentes: “Faça sua inscrição, homem – há Cadeira vaga na Academia”.

Aí está Jucá, esse Cuiabano-Cearense, muito mais de comer pacu e de ouvir o pio da perdiz lá “pras” bandas da Chapa; por gostar de histórias e lendas destes rincões do Oeste, de se exultar com o canto da jandaia nas encostas da Serra do Araripe; preferindo o banho frio do histórico Coxipó, a fazê-lo nas águas salgadas das belas e imensas praias da Terra de Iracema.

Este jornalista do velho “O Estado de Mato Grosso”, que o respeitável confrade Archimedes Lima fundou e honrou desde 1939, esse cearense-cuiabano teimoso como Rubens de Mendonça, forçou o cerco. Jucá continuava o trabalho do meu saudoso amigo, logo eu, um remendão das letras. E, tanto fez, que de repente me vi transpondo os umbrais deste vetusto templo, onde não faltou para comigo, a benevolência dos vinte cinco insígnies membros da Casa, que me elegeram no dia 6 de junho desde 1987.

Daí, pois, Jucá, cumprir a você o dever de consumir o Ato, fazendo a recepção...

Mas, como não ser grato a todos, como não me envaidecer sobremaneira, se o acontecimento não está isoladamente a me envolver? A honra, se me cabe, transformo-a em três homenagens especiais e as presto nesta hora magnífica do meu viver, nesta noite já quase noite do meu existir.

1º - À numerosa família Monteiro e dos Pompeos – das minhas origens – descendentes dos bandeirantes que ocuparam os sítios de Mutum e de Santana, em Nossa Senhora do Livramento-MT.

2º - À minha Várzea Grande querida, agraciada, pela primeira vez na história, com uma Cadeira de imortais, graças à soberana vontade dos ilustres Acadêmicos das Letras do meu Estado.

3º - À Polícia Militar de Mato Grosso, como sucessor que passo a ser do Tenente-Coronel Severino Ramos de Queiroz, o único miliciano já falecido, que ocupou uma Cadeira neste Sodalício, nos anos trinta, quarenta e cinquenta...

Sei que é tarde, em minha vida tudo aconteceu depois, até mesmo durante a adolescência, razão por que não devo plagiar Montalverne, o formidável orador sacro de tempos idos.

Prefiro ficar com Tagore, o grande poeta e pensador hindu que, para as Universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra, escreveu Sadhaná – a realização da vida – e em Gitânjali – “A oferenda lírica” – deixou impresso: “Senhor, o tempo é infinito entre tuas mãos [...] No dia que termina, apresso-me receoso de que a tua porta esteja fechada; mas descubro que ainda é tempo”. Eis o que faço.

Caminho apressadamente por ter começado tarde, mas, a não ser que um golpe do destino interrompa-me a caminhada, espero que tão cedo a porta do Senhor me não fechará, eis que me sinto ainda dotado de energia para mudar de século e produzir mais em nome deste Santuário de Letras – esta Academia de D. Aquino – o areópago de José de Mesquita – repositório do passado de lutas de tantos imortais, cuja matéria se desfez, deixando inapagáveis suas memórias no Altar do Sodalício, onde rebrilha a chama do saber, como que a percorrer os séculos, transmitindo luzes às gerações que irão se renovando, enquanto a terra for parte integrante do Universo...

As honras, pois, tanto quanto a mim, pertence aos meus familiares vivos: esposa, filhos, irmãos, sogra, sobrinhos, netos e noras. À memória de meus pais falecidos nesta década, já octogenários, e a do meu inesquecível neto Danilo, consanguinidades queridíssimas, que nos deixaram viajando num mar de angústias e de saudades. A outros parentes desaparecidos nestes últimos anos, dedico este momento sobretudo honroso para mim.

Afigura-se-me ter cumprido meus deveres perante Deus, Pátria e Família, embora não o tenha feito ordenadamente, com a regularidade e a perfeita educação, que constitui o alicerce em que se assenta o sagrado edifício da cultura desta Terra.

Fi-lo, porém, tranquilo – na esfera das minhas limitações...

Por tudo sinto-me recompensado, tentando imitar Ruy:

– É como estivéssemos juntos à lareira, depois da borrasca, retemperando as forças alquebradas do velho coração...

Senhor Presidente Lenine Póvoas: Ao encerrar minhas palavras cumpre-me transmitir-lhe os meus sentimentos de gratidão, pelas providências tomadas, conduzindo os trabalhos para a realização desta solene sessão de posse, com a peculiar paciência, elegância e rigoroso cumprimento do programa pré-elaborado.

Às autoridades presentes, aos Senhores Acadêmicos, que tanto valorizaram este Ato, o meu total reconhecimento.

A você, Jucá, que está me recebendo nesta Academia, os votos de uma feliz jornada nesta terra dos antigos bandeirantes, cujo passado de lutas, de sofrimentos e de glórias, você já conhece muito bem. Às ilustres Senhoras, Senhores, Juventude que me prestigiam nesta hora marcante para mim e para minha família, o nosso muito obrigado e que Deus ilumine os nossos caminhos durante uma longa caminhada terrena...

CADEIRA 27

PATRONO

José Barnabé de Mesquita (Sênior)

OCUPANTES

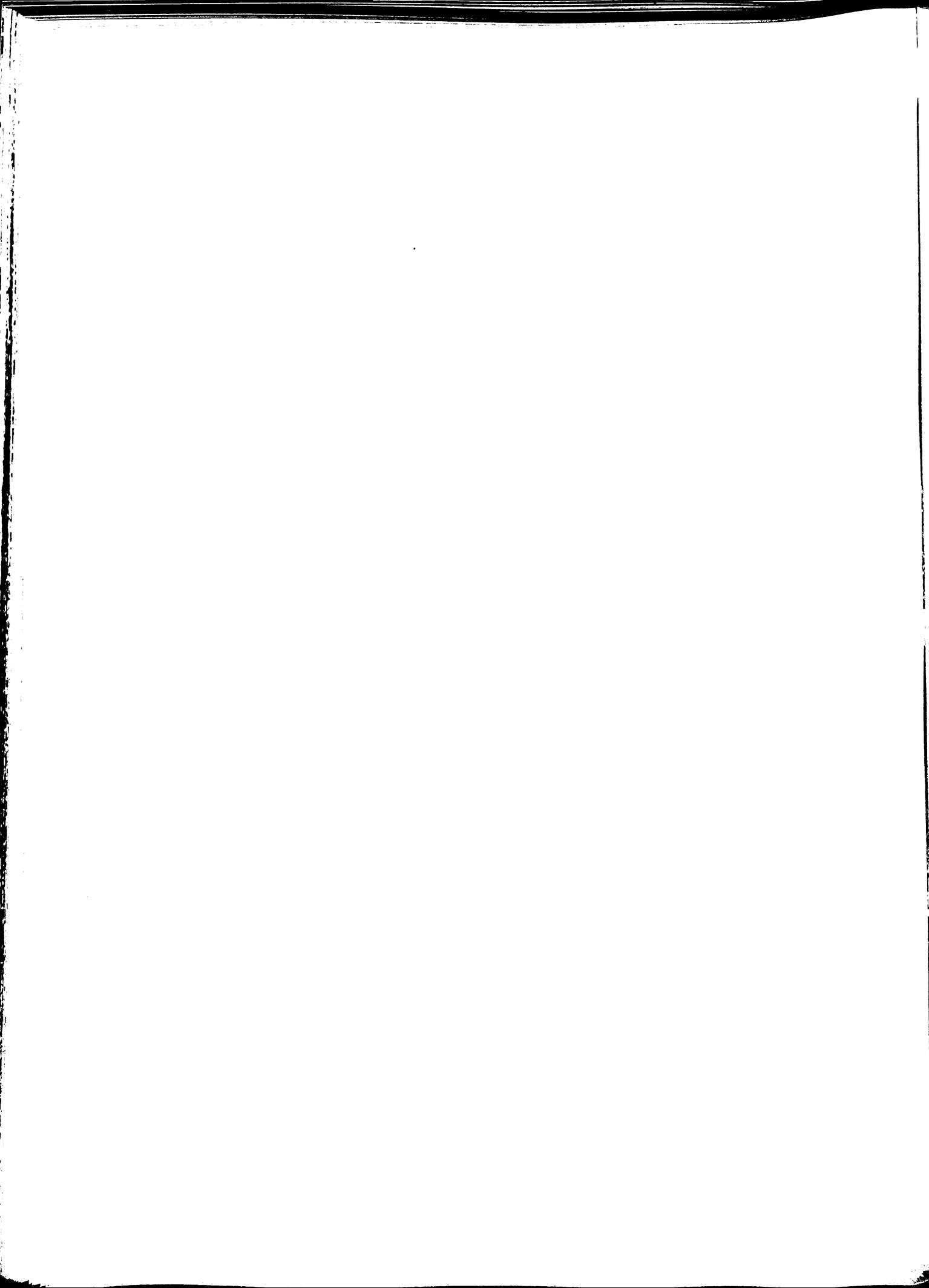
Ana Luiza Prado Bastos
Ubaldo Monteiro da Silva
João Carlos Vicente Ferreira

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO JOÃO CARLOS VICENTE FERREIRA

Cuiabá, 27 de maio de 2014

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO JOÃO
CARLOS VICENTE FERREIRA, PELO ACADÊMICO JOSÉ
CIDALINO CARRARA

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOÃO CARLOS
VICENTE FERREIRA



DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO JOÃO CARLOS VICENTE FERREIRA, PROFERIDO PELO ACADÊMICO JOSÉ CIDALINO CARRARA



Esta voz não é só minha, ela é também a voz das Acadêmicas e Acadêmicos aqui presentes.

Estou grato e honrado em poder falar nesta noite de gala e neste ambiente e nesta hora, em que o tempo e o lugar de fundem com a história deste Sodalício.

Esta cerimônia tem um significado que talvez escape a uma análise superficial. Não sei se vou conseguir expressar tudo o que desejo, creio, porém, que o que se passa aqui significa profunda identificação que o novel Acadêmico João Carlos Vicente Ferreira tem com esta Casa e com as raízes históricas e culturais do povo cuiabano e mato-grossense.

Meu caro João Carlos Vicente Ferreira. Sua eleição foi particularmente, para mim, uma vitória. Eu era aberta e declaradamente vosso eleitor.

Se Deus me deu alguma virtude, parcela maior que ele me deu é, certamente, a minha capacidade de ser sincero, verdadeiro. Meu voto nesta Casa é, para mim, coisa sagrada. Dei meu voto para você, João Carlos, não por amizade ou por influência de pedidos, mas unicamente por admiração, por merecimento, pela inteligência, pela qualidade de sua obra, pelo serviço prestado a nossa cultura, a nossa história, nossa memória.

Poder-se-á dizer que isso é irregular. E é. O Estatuto da Academia Mato-Grossense de Letras exige voto secreto, mas, num país onde é usual o descumprimento da lei, posso dar-me ao luxo de cometer uma infração que a ninguém prejudica e que foi feita com a boa intenção de praticar justiça. Na verdade, é que minha consciência se sente bem com essa infração. É, na verdade, um desabafo de minha profunda antipatia pelo voto secreto.

A escolha do seu nome, caro João Carlos, não era desejada apenas pelos Acadêmicos e Acadêmicas, seus amigos, mas Mato Grosso e Cuiabá a esperavam. É que a Academia tinha o dever de eleger-vos. Não era apenas um dever de justiça, era também um dever de gratidão pelo trabalho em prol da história, da memória, da etimologia e toponímia, da cultura de Mato Grosso.

Resgata-se uma dívida e há dívidas que a gente só paga abrindo o coração. João Carlos, antes da sua eleição, da sua escolha para a Cadeira n. 27, já o considerávamos um patrimônio nosso, que agora vem dar um cunho de maior contribuição a esta Casa de Letras, juntando-se a historiadores como Elizabeth Madureira Siqueira, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho e Moisés Mendes Martins Júnior.

O historiador é um aventureiro. É alguém que sabe olhar atentamente para o mundo. Vai ao passado procurar respostas com espírito de detetive a procura de pistas deixadas pelo homem. Quem sabe contar histórias, cria universos, e João Carlos faz isso muito bem. Escrever história é pesquisar, ouvir pessoas, ler, analisar documentos, lidar com o tempo e o espaço, com memória, tradições, as relações sociais, culturais e econômicas. O real sentido da história é a história dos homens em suas particularidades. O

ofício do historiador nos remete a tentar compreender e não julgar os fatos. O homem é o ser que se movimenta, monta e desmonta, constrói e desconstrói, produz história, memória, cultura, e o historiador registra, como faz João Carlos Vicente Ferreira, com inteligência e competência.

Tenho agora uma pergunta ao novel Acadêmico: João, você leu o Evangelho hoje? Não precisa responder, pois eu o faço por você.

Li aquele trecho do Evangelho de João, Capítulo 14, Versículo 2, que fala: *Na casa do meu pai há muitas moradas*. Esta é mais uma morada sua, caro João. O Evangelho sempre nos salva. Aqui está o seu começo nesta casa e aqui não há término. Aqui, não se termina. Aqui se começa a imortalidade.

João Carlos, esta Casa, esta morada fica muito bem para você. Nós estamos felizes em recebê-lo. É gratificante para a Academia Mato-Grossense de Letras, receber pessoas que entendem nosso papel, nossa missão, que sempre foi e será a de preservar e valorizar nossa língua, nossa cultura, nossa memória, como instrumento do conhecimento.

Aqui, não tem amnésia. Nossos confrades e nossas confradeiras são inquietantes, tem o atormentado vício de pensar, de escrever romances, contos, poesias, de contar história. Sabem criar universos, porque são inquietantes e de raciocínio insubordinado. Aqui na Casa Barão de Melgaço, não há carência de sonhos e de esperança. Somos insistentes e perseguidores por uma cultura toda nossa, toda mato-grossense. Aqui se treina e retreina os olhos para enxergar bem as coisas de Mato Grosso, as coisas que estão no mundo e a gente precisa aprender – como canta Paulinho da Viola.

Não custa nada cuidar da nossa cultura, da nossa literatura, nossa história, nossa geografia. Daí porque é de se reconhecer que a nossa arena acadêmica é o local de cordialidade e civilidade, de produção literária. Aqui evitamos, ou procuramos evitar, que a cultura seja vista como um produto supérfluo – como querem alguns governantes. Aqui, nesta Academia de Letras, o *curriculum* de cada um dos Acadêmicos e Acadêmicas é o nosso maior patrimônio. Nosso maior tesouro.

A gama de talento e criatividade são marcas fundamentais desta Academia. A história, a memória, a poesia, o conto, o romance, a cultura mato-grossense, palpitam nesta Casa de letras. Em nossos arquivos estão registrados o Mato Grosso que sonha, o Mato Grosso que pensa, o Mato Grosso que produz cultura.

Nesta Casa Barão de Melgaço, o cuiabano, o mato-grossense ganham memória do passado e memória do futuro. Existimos porque temos memória, porque usamos contra o esquecimento. A Academia Mato-Grossense de Letras não existe para acumular, armazenar cultura, mas para socializa-la. A AML é obrigada ou está obrigada, à contemporaneidade, e ela precisa ser contemporânea, atual. Deve se modernizar sem descaracterizar-se.

Novos membros ingressam e ingressarão nesta Casa, fortalecendo-a. Por isso precisamos estabelecer laços com aqueles que estão chegando com mãos e dedos nos teclados do computador, do *tablet*, do controle remoto, do mouse e outras ferramentas que a tecnologia nos oferece. Vivemos tempos velozes e precisamos aprender o verbo

twittar – eu *twitto*, tu *twittas*. Precisamos refletir sobre esta linguagem tecnológica e fazer um pacto com a nova geração para não virarmos pó, sermos deletados. Sem essa aliança, no futuro não haverá cultura de Mato Grosso. Essa é e será a herança melhor e maior que deixaremos para a sociedade futura. Ressuscitar o tempo é tarefa do historiador.

João Carlos Ferreira, o que impressiona em você é a vontade de trabalhar. Tem-se a impressão de que você não dorme, não repousa. Acho que para você, o dia e a noite têm as mesmas serventias. Ambas foram feitas para o trabalho. Não sei quantas horas tem o dia para você, mas me parece que sua capacidade de trabalho modificou de tal maneira o caminhar do tempo, que as suas 24 horas se desdobram em 48.

Falo isso porque agora vou apresentar o novo Acadêmico, que ocupará a Cadeira 27, cujo último ocupante foi Ubaldo Monteiro da Silva, personalidade que, além de político, militar, literato e historiador. O novel Acadêmico falará sobre ele e os demais ocupantes da Cadeira n. 27.

Vamos ouvir quem é João Carlos Vicente Ferreira e depois direis se a AML tem ou não, razões para lhe abrir as portas.

João Carlos Vicente Ferreira nasceu em Santa Cecília do Pavão, em 1954. Migrou para Mato Grosso em 1989, adotando Cuiabá como sua segunda terra natal e Mato Grosso como seu novo Estado, onde foi, ao longo dos anos, sendo reconhecido pelas suas produções intelectuais e literária, e também pelo tino administrativo na área da cultura.

No Estado do Paraná, João Carlos gerenciou, entre 1984 e 1986, o jornal *O Estado do Paraná*, periódico curitibano. Exerceu a atividade de empresário, de 1986 a 1988. Retornou às atividades jornalísticas, quando foi redator-chefe do jornal *A Gazeta Regional*, de circulação estadual, com sede em Mandaguari-PR, entre 1986 e 1988. Em seguida, exerceu a mesma função de redator-chefe do *Jornal dos Municípios*, órgão oficial da Associação dos Municípios do Setentrião Paranaense, com sede em Curitiba-PR, no ano de 1988. Idealizador e apresentador do programa de televisão *Perfil Paranaense*, na TV Maringá - Rede Bandeirantes, na cidade de Maringá-PR, entre 1988 e 1989. Na capital paranaense, João Carlos Vicente Ferreira foi articulista e colunista político do jornal *Correio de Notícias*, com sede em Curitiba, periódico diário e de circulação interestadual e de grande tiragem, entre os anos de 1989 e 1990.

Idealizou, coordenou e realizou o *I Festival Nacional do Vídeo Amador - I FEST VÍDEO*, em 1990. O evento obteve intensa repercussão na mídia nacional, com participação de 17 Estados da Federação e 146 vídeos inscritos, recebendo elogios da crítica especializada. Dirigiu a *Editora Memória do Brasil*, com sede na cidade de Bandeirantes-PR, em 1996.

Em Mato Grosso, dirigiu o tradicional *O Estado de Mato Grosso*, entre os anos de 1996-1997; foi Diretor Cultural da Fundação Júlio Campos, entidade civil sem fins lucrativos, com sede em Várzea Grande-MT (período 1991-1993); Editor da *Editora Buriti*, em Cuiabá-MT, de 1999.

Idealizou e instituiu o *Projeto Memória Viva*, que objetiva a recuperação, registro e divulgação da memória histórica dos Municípios de Mato Grosso. Os veículos utilizados para a divulgação deste projeto foram vídeos documentários, fascículos ilustrados e o programa de TV: *Você Sabia?*, que foi ao ar na TV Brasil Oeste, de 1991 até 2004. Foi Conselheiro eleito do Conselho de Cultura do Estado de Mato Grosso, exercendo a função de 2000 a 2004; Presidente eleito da *Sociedade Amigos da Biblioteca Pública Estadual de MT - SABEMT-*, em Cuiabá, no período de 2001 a 2002.

Presidiu por sete anos a mais antiga instituição cultural viva de Mato Grosso, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, entre 2004 e 2010. Foi convidado, em 2004, para ocupar o honroso cargo de Secretário de Estado da Cultura de Mato Grosso, exercendo a função até o ano de 2008. Dentre suas múltiplas realizações, ganha destaque a *Literamérica* (2005), evento que reuniu diversos editores locais, regionais, nacionais e internacionais (América Latina e Europa). Além da exposição de obras, a feira incorporou também, oficinas, entrevistas, minicursos, palestras e mesas redondas, abrigando um público de cerca de 200 mil visitantes. Ganhou também destaque em sua gestão à frente da Secretaria de Estado de Cultura, a criação da *Orquestra de Câmara do Estado*, que integra os instrumentos clássicos de orquestra com os regionais, como a viola de cocho e o ganzá. Se apresentou, no mês passado, no Parque Ibirapuera, encantando paulistas e paulistanos.

Atualmente, ocupa o cargo de Assessor Especial da Secretaria de Estado de Cultura no desenvolvimento de projetos de grande interesse para a área cultural de Mato Grosso.

Instituições a que se vincula:

- Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (sócio efetivo)
- Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (sócio correspondente)
- Academia de Letras e Artes de Paranapuã (sócio Amigo da Cultura)
- Associação dos Amigos do Livro Mato-grossense - ALIMEMTO (sócio fundador)

Publicações

Mato Grosso: política contemporânea. Cuiabá, 1993; e *Mato Grosso: política contemporânea*. Cuiabá, 1995. Essas duas obras traçam um panorama político, social e econômico de Mato Grosso nos respectivos anos.

Paraná e seus municípios. Curitiba: Gov. Estadual, 1996. Para ser composta a obra, que exigiu extensa pesquisa, constitui-se em material de farta consulta entre professores, estudantes e administradores do Paraná.

Mato Grosso e seus municípios. Cuiabá, SEC, 1997. Obra de caráter paradigmático, se presta a traçar um panorama amplo das unidades administrativas municipais de Mato Grosso, oferecendo seu panorama histórico, geopolítico, educacional e socio-cultural. Obra muito consultada pelos integrantes das redes municipal e estadual de ensino, cultura, turismo, assim como serve de base para pesquisas.

Cidades de Mato Grosso: origem e significado de seus nomes. Cuiabá: Buriti, 1998. Esse livro descreve genealógicamente as diversas cidades mato-grossenses, espe-

cialmente em seus aspectos toponímicos. Tem servido de base para pesquisas escolares nos mais diversos níveis.

Pará e seus municípios, 2002. Oferece dados históricos, socioeconômicos, políticos e culturais dos municípios do estado do Paraná, prestando-se enquanto material paradidático e de pesquisa.

Cidades do Pará: origem e significado dos nomes, 2002. Obra de caráter paradidático, serve para consulta de administradores públicos no conhecimento da realidade histórica de cada cidade, assim como aos estudantes no conhecimento do Estado paraense.

Enciclopédia de Mato Grosso. Cuiabá: Buriti, 2004. Trata-se de material riquíssimo e de consulta obrigatória para todos aqueles que investigam a realidade mato-grossense, seja nos aspectos toponímicos, culturais, históricos e geográficos, incorporando também dados de personalidades que atuaram em Mato Grosso, nos mais diversos níveis.

Municípios Paranaenses: origens e significados de seus nomes, 2006. Oferece dados de pesquisa sobre todos os municípios paranaenses em seus aspectos toponímicos, sociais, econômico-sociais e culturais. De consulta obrigatória para todos os que investigam o estado do Paraná.

Coleção Municípios na História, 2010. Livros de bolso, individualizados, de caráter paradidático, para ser utilizado nas unidades escolares de diversos municípios. O autor já publicou os seguintes fascículos: *Cuiabá*, *Santo Antônio de Leverger*, *Nossa Senhora do Poconé e Livramento*.

Mato Grosso: etimologia toponímica. Cuiabá: ed. do autor, 2012. Última obra do autor é elaborada em verbetes que remetem e analisam etimologicamente o conjunto dos acidentes geográficos, lugares e logradouros públicos, traçando também, uma genealogia toponímica de cada realidade.

História de Campo Verde: do índio ao algodão, 2012. Obra ricamente ilustrada e com capa dura, o que garante sua preservação, é fruto de extensa pesquisa, apresentando um texto límpido e competente sobre a trajetória histórica de Campo Verde, próspero município de Mato Grosso, colonizado por sulistas e que representa grande pujança na economia regional. O trabalho percorre uma trajetória que vai da pré-história da região, enquanto tesouro arqueológico, até as atividades ligadas ao agronegócio.

Isso demonstra que o novel Acadêmico é um excelente pesquisador, demonstrando, com sua produção, um fortíssimo comprometimento com a memória, cultura, história, etimologia e toponímia de Mato Grosso. É, portanto, merecedor de respeitabilidade intelectual, comprovada por sua competente produção, adicionada pela vigorosa atuação cultural.

Amigo João Carlos Vicente Ferreira. Sua história na Academia começa hoje e continua amanhã, depois de amanhã. Antes de receber o mérito da imortalidade, recomendo ao nosso caçula, dedicação, estudo e muita produção, porque a história é a luz da verdade, e sua história na Academia Mato-Grossense de Letras começa agora. Você merece estar aqui. Seja bem-vindo e que Deus lhe abençoe.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOÃO CARLOS VICENTE FERREIRA



Excelentíssimo senhor presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon, senhoras e senhores acadêmicos, autoridades presentes, meus caros amigos e amigas, minha querida família, meus senhores, minhas senhoras.

Primeiramente quero agradecer aos colegas acadêmicos a generosidade do incentivo à minha audaciosa inscrição nesta Academia e, também sobre o resultado positivo de minha eleição, por expressiva votação.

Chego hoje nesta ilustre Casa, certamente trazido por uma missão de vida, pois compreendo que absolutamente nada ocorre por acaso.

Venho para ocupar, com muito orgulho e, sobretudo, com humildade, a Cadeira 27, da qual é Patrono José Barnabé de Mesquita, pai de nosso primeiro presidente, e que foi ocupada, ao longo dos tempos, por duas ilustres figuras da nossa vida literária e cultural: Ana Luiza Prado Bastos e Ubaldo Monteiro da Silva. De ambos discorrerei sobre as atividades literárias e curriculares logo adiante, o que envolve, de certa forma, grande responsabilidade, pois tenho que corresponder à expectativa de produzir um texto que, no mínimo, justifique a minha entrada neste seletto mundo de literatos, poetas, contistas, novelistas e cultuadores de nossa memória histórica e da intelectualidade mato-grossense.

Sobre os discursos disse o filósofo e pensador Sócrates: *Todo o discurso deve ser construído como uma criatura viva, dotado por assim dizer do seu próprio corpo; não lhe podem faltar nem pés nem cabeça; tem de dispor de um meio e de extremidades compostas de modo tal que sejam compatíveis uns com os outros e com a obra como um todo.*

Não aprecio ler discursos. Não sou conferencista. Confesso que tenho certas dificuldades com frases belas e poéticas. Identifico-me com a pesquisa histórica, com a etimologia e toponímia, áreas que me permitem honrar minha entrada nesta Casa de saber e de conhecimento.

Em minha vida pública sempre busquei proferir, dentro das necessidades de cada momento, as melhores informações e recepções através de discursos. Em todo o período que estive à frente da Secretaria de Estado de Cultura, nas solenidades, foram produzidos honoráveis discursos para serem lidos, em atendimento protocolar, no entanto, eu os colocava no bolso do paletó e lá ficavam. Falava de improviso. Não é bom. Agindo assim, sempre é possível deixar ricas informações de fora, o que não é saudável.

Certamente ao lerem este discurso, vão conferir que seu conteúdo é apenas uma síntese do que será dito nesta noite de muitas emoções, neste espaço imponente e importante. No púlpito me reservarei a cumprimentos e agradecimentos.

Acredito que aqueles que aqui estão na Casa Barão de Melgaço, nesta noite de 27 de maio, certamente estão se deliciando com a arte da incrível poeta Luciene Carvalho, ou ainda ouvindo a voz firme, coloquial, protocolar e didática do acadêmico José Carrara, escolhido para me saudar. Confesso que também estou ansioso para ouvi-lo.

Senhores, aprecio o feitiço da mata e do cerrado, a cultura popular, as lendas e o jeito simples de se viver a vida. Por isso moro num sítio, afastado do burburinho da cidade grande, junto com minha mulher Cristina, ao sopé do Morro de Santo Antonio, um dos pontos de maior historicidade de Mato Grosso, milenar referência do povo bororo e baliza dos primeiros bandeirantes paulistas que se apoderaram desta terra.

Existe na Casa Barão de Melgaço um ambiente de grande densidade intelectual, de amizade sincera e comprometimento. Estou certo disso, vim para contribuir. Sou um homem de desafios e missões. Nesta vida, já as tive, muitas, e certamente a minha entrada na Academia Mato-Grossense de Letras é mais uma dessas missões, disso não tenho nenhuma dúvida.

Credito a minha entrada nesta Casa, aos convites e incentivos para que me candidatasse a uma das vagas existentes. Tenho em minha mente alguns destes nomes: Yasmin Nadaf, Elizabeth Madureira Siqueira, José Cidalino Carrara, Moisés Martins, Avelino Tavares, Benedito Dorileo e, por fim, o convencimento impositivo do presidente Eduardo Mahon.

Recordo-me de, há certo tempo, o acadêmico Benedito Dorileo, em uma conversa amena, ter-me dito que eu deveria estar na Academia, (...) *afinal de contas você já faz parte do Instituto Histórico e Geográfico, publicou livros e participa, há tempos, da vida cultural de nosso Estado*. Eu respondi que não, não possuía trabalho que me permitisse adentrar ao recinto acadêmico. Fiz uma severa auto-crítica e não quis me submeter ao arbítrio acadêmico. No entanto, o convencimento para minha entrada na instituição se deu sobre a possibilidade de contribuir para fazermos um trabalho na instituição, na tentativa de nos aproximarmos mais e mais da sociedade, que ainda vê o imortal acadêmico como um ser intocável e inatingível. Creio que a realidade é muito diferente.

A minha ligação com este casarão é muito antiga, vêm de tempos, não sei de quando nem o porquê, mas por ele tenho imensa afeição.

Certa tarde, Aníbal Alencastro e eu, aqui dentro deste Salão Nobre, estávamos debaixo de um enorme guarda-chuva, sob intensa tempestade que varria os céus e as ruas cuiabanas no final da década de 1990. Falávamos tristes sobre o estado deplorável em que se encontrava a multissecular casa do Almirante Augusto Leverger, com fissuras em suas paredes, telhado aos frangalhos e com as suas portas e janelas comprometidas pela ação fatal do tempo.

Não demorou muito tempo e me vi numa condição política adequada para liderar, na condição de presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, com a devida vênua desta Academia de Letras, a sua recuperação arquitetônica e iniciar um processo de retomada das antigas instalações da Faculdade de Direito de Cuiabá, construída na década de 1960, em cima de terreno pertencente às duas mais antigas instituições culturais de Mato Grosso: o Instituto Histórico e a Academia de Letras. Deu certo.

Olhem ao seu redor, caros leitores e amigos, levantem seus olhares sem curvas nem inflexões. Vejam como é linda a casa do barão, desde tempos que já se vão longe. Quantos de nossos antigos acadêmicos aqui mergulharam os seus olhares no futuro

misterioso, preche de surpresas, cheios de pontos de interrogação, imaginando o que de melhor vossas intelectualidades poderiam fazer para termos uma Cuiabá e Mato Grosso com maior comprometimento e resultados nas áreas da educação e da cultura?

Claro que esta Casa sempre foi vista pela sociedade como um centro de irradiação de conhecimento, uma mina de saber e de ritos.

A Academia, da mesma forma que o Instituto Histórico, condôminos que são, abriga mulheres e homens que pensam Mato Grosso de uma maneira peculiar. São pessoas experientes e muito mal aproveitadas, em seu imenso saber e conhecimento, pela sociedade cuiabana e mato-grossense e, especialmente, pelos poderes públicos.

Aqui nesta Casa, está parcela significativa da intelectualidade de nosso Estado em condições de participar ativamente das mais variadas formas de Conselhos, Câmaras Temáticas, Fóruns, Encontros, Feiras e Congressos, notadamente daqueles voltados às áreas de educação, cultura, história, arqueologia e tantas outras áreas. Podemos, devemos e queremos ser melhor aproveitados. Temos cabedal. O momento é propício, pois nosso presidente, Eduardo Mahon, na plenitude de seu poder e afeito a todos os contratempos está nos mostrando novos caminhos.

Sabemos que o Brasil é um dos países mais desiguais da Terra. O drama da desigualdade se repete em Mato Grosso, com problemas que vêm de longe e suas causas são profundas. O maior problema de todos é a educação precária que temos. Temos o dever de oferecer “luz” aos jovens e crianças desta terra, iluminando as novas gerações. Quando digo que temos, é no sentido global: sociedade civil organizada e governos, tanto dos municípios, quanto do Estado ou da União.

A Era da Escuridão pertenceu à Idade Média, que ganhou esse nome não por falta de luz, mas porque os homens daquele tempo se recusavam a vê-la. Nós somos parte significativa desta “luz”. Temos conhecimento e voz querendo somar-se à de tantos outros personagens e atores em busca de novos tempos.

Ao expressarmos preocupações e anseios humanos em fusão multicultural com a nossa sociedade, nos propomos ser a ponte que poderá levar ao grande pote do conhecimento, ainda comprimido entre o passado e o presente, com fortes anseios de promissor futuro.

Vivemos numa terra rica não apenas em cultura e tradição. Mas poderosa e próspera, com notáveis safras agrícolas e pastos inundados de gado bovino, que nos levam aos mais altos patamares de produção no país.

São ótimas as notícias advindas do agronegócio. Seu impressionante crescimento a partir da década de 1970, com impulso nas décadas posteriores, confirma Mato Grosso como um dos maiores fornecedores globais de alimentos.

Temos que cultuar ao *matogrossismo*, termo cunhado e publicado na Enciclopédia Ilustrada de Mato Grosso, escrito em 2003, para designar o sentimento de amor a este Estado.

O *matogrossismo* é o sincronismo que deve haver entre os poderes políticos, a classe industrial, o *agrobusiness*, a sociedade civil organizada e o povo em geral.

Esta Academia, por seu espaço já conquistado junto à sociedade, suscita enorme expectativa na política de resultados que irá advir de novas propostas e propósitos.

Por estarmos em fase dinâmica e diferenciada, acredito que poderemos ousar e propor atividades e parcerias junto aos governos e à sociedade em geral, para que a educação em Mato Grosso tome novos rumos, que sejam promovidos intercâmbios culturais entre os países da América do Sul, pois afinal, somos o Centro Geodésico deste continente. Isso é muita coisa. Vale a pena lembrar que apenas a cidade de Cuiabá pode-se valer desta prerrogativa, e pouco, quase nada se fez ou se faz para valorizar este presente da natureza.

Enfim, conclamo que sejam abertas as comportas do conhecimento e do espaço acadêmico às pessoas carentes do saber e do conhecimento contidos neste sodalício.

Sei que existe nesta Casa um ambiente de grande densidade intelectual, de amizade sincera e, com evidente limitação, passo a reverenciar, de forma sintética, nas próximas páginas, o currículo cultural do meu Patrono e dos meus brilhantes antecessores.

Esta parte do meu discurso vou dedicar ao Patrono da Cadeira nº 27, o brilhante advogado, jornalista e escritor José Barnabé de Mesquita (Sênior), e também dos ocupantes de seu assento, a poeta e conferencista Ana Luiza Prado Bastos e o historiador e poeta Ubaldo Monteiro da Silva.

Tenho a dizer que o estudo de parte de suas obras bastou-me para elevar o senso de responsabilidade com que assumo a Cadeira nº 27, e que tenho por objetivo, levar para frente o magnífico trabalho e legado por eles deixados.

Faz parte de meus projetos e é de minha vontade, promover trabalhos culturais que possam penetrar fundo em nossa juventude, sendo indispensável esta parceria, através de seu legado cultural, com meus predecessores.

O Patrono da Cadeira 27, que passo a ocupar é José Barnabé de Mesquita, nascido em Diamantino, em 7 de março de 1855 e falecido em Cuiabá, em 1892. Seus pais foram o capitão Barnabé de Mesquita Moniz e Maria Rita de Mesquita.

Seu pai faleceu relativamente jovem, deixando-o ainda pequeno, com três irmãs e a mãe para serem por ele amparadas.

Por ser o único filho homem, passou a trabalhar bem jovem, empregando-se em uma casa de comércio, permitindo-lhe sustentar a mãe e irmãs.

Homem de ação e de visão, não demorou e passou a trabalhar por conta própria. Com seu negócio, acumulou economias o suficiente para se mudarem de Diamantino para Cuiabá, trazendo suas irmãs e mãe.

Deitou-se a trabalhar de guarda-livros e depois conseguiu registro de advogado provisionado, atuando em toda a comarca da capital e região. Foi estimado professor de latim, inspetor de escola, auditor de guerra e Procurador Fiscal do Tesouro do Estado de Mato Grosso.

Por conta de suas intensas atividades, incluindo-se aí a de escritor e jornalista, tornou-se um político liberal e republicano, tendo participado do movimento abolicionista em Mato Grosso.

Participou da criação do Partido Republicano Mato-grossense, em 12 de agosto de 1888.

Em maio de 1891, se casou com Maria de Cerqueira Caldas, tendo nascido em 10 de março de 1892 o seu único filho, o qual herdou o nome do pai: José Barnabé de Mesquita.

Cinco meses após o nascimento de seu filho, morre de forma súbita, o advogado José Barnabé de Mesquita (Sênior), e por ter sido expressiva sua vida pública e, também, no campo das letras, não se poupando à pira inexorável do tempo, foi homenageado pela Academia Mato-Grossense de Letras, sendo o Patrono da Cadeira 27.

A primeira ocupante da Cadeira nº 27, foi a cuiabana Ana Luiza Prado Bastos, mulher atuante e dinâmica que muito bem representou a classe feminina, sendo pioneira nesta instituição.

Sobre Ana Luiza a acadêmica Yasmin Nadaf, produziu texto intitulado “Sob o signo de uma Flor”, publicado por ocasião do aniversário da Academia Mato-Grossense de Letras, no ano de 2011: Nasceu em Cuiabá-MT, aos 24 de agosto de 1898. Seus pais foram Egídio da Silva Prado e Regina Leverger Corrêa Prado. Seus estudos foram realizados na Capital, tornando-se professora pela Escola Normal Pedro Celestino, formando-se no ano de 1917, ocasião em que foi lecionar em Três Lagoas e depois em Campo Grande.

Em 1921, quando foi criado o Centro Mato-Grossense de Letras, integrou o quadro dos sócios fundadores, tendo sido a primeira mulher a integrar os quadros e também sua primeira diretoria, na função de Tesoureira.

Detentora de cultura exemplar, colaborou em diversos periódicos de Mato Grosso, a exemplo da Folha da Serra, de Campo Grande, contribuindo com muitos artigos sob o pseudônimo de Delorme Vaz e também Zilá Donato.

Foi uma das fundadoras do Grêmio Literário Júlia Lopes, ao lado de Maria Dimpina Lobo Duarte, Marianinha Póvoas, Maria de Arruda Müller, Regina Prado e muitas outras, responsáveis não só pela administração da entidade, mas vanguardistas no espaço cultural, criando a revista *A Violeta*, periódico de grande circulação nos meios intelectuais de Mato Grosso. Faleceu no Rio de Janeiro-RJ, aos 82 anos, lúcida e produtiva intelectualmente.

Com a prerrogativa de ter sido a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia de Letras, Ana Luiza não trouxe consigo somente seu conhecimento cultural e intelectualidade, mas também, em sua bagagem, vinha um sobrenome que a credenciava para estar no casarão do Barão de Melgaço, o de *Leverger*, de quem descendia, não deixando de registrar o *Silva Prado e Corrêa*, que demonstrava a sua grande responsabilidade com a memória histórica de nossa terra.

Era chamada pelas amigas e familiares de “Professora Galega”, certamente pela tez que possuía. Em seu discurso de posse na Cadeira 27, em 18 de novembro de 1987, o acadêmico Ubaldo Monteiro da Silva, destacou os últimos tempos de vida da

Professora Galega: *Na velhice fora a senhora austera, respeitada, de belos predicados, frutos da rígida educação de berço, a que a sociedade-elite de Cuiabá de outrora, se sujeitava.*

Ainda é Ubaldo quem nos relata reminiscências de Ana Luíza, em seu discurso de posse, onde a ocupante da Cadeira 27, na cidade de Campo Grande, no ano de 1934, ao proferir palestra sobre a Semana da Criança, com o tema *Carinhos Maternos*, assim se pronunciou:

Carinhos maternos! Revelação sublime do amor de mãe! desse amor imensurável, desse amor indizível, desse amor inquebrantável que nasce com as primeiras manifestações vitais do ser; cresce aos primeiros vagidos da criança, fortalece e se aprofunda com o suceder dos dias, sejam elas bonançosos, de céu azul e mar de rosas, ou procelosos, de vagas encapeladas, toldadas de chumbo, desse amor que sobrevive à mudez marmórea do sepulcro, impotente na sua obra destruidora, para só desaparecer com o cessar de bater rítmico do coração de mãe, dessa fonte inexaurível de bondade e ternura, de paciência e abnegação, de amor e de perdão! Amor materno! Sentimento divino concedido, prodigamente pelo Criador à espécie animal e tanto mais forte, profundo e intenso, quanto mais perfeitos são os seres por ele ligados! Ora, se o amor tem o poder mágico de transformar em altas qualidades, os defeitos e senões do objeto amado, como poder do amor materno que é o mais poderoso, o mais forte, o mais sincero, o mais sublime de todos os amores, fugir a essa lei geral da psicologia humana.

Ana Luiza, que nos últimos tempos de sua vida, no Rio de Janeiro, escreveu uma poesia para seu bisavô, Augusto Leverger, conviveu com a melhor safra de mulheres da que ajudaram a construir nossa identidade cultural e suas ações conjuntas ecoam até os dias de hoje, sendo seus trabalhos, referências bibliográficas, a quantos queiram saber sobre a vida literária dos tempos de sua afirmação em nosso cenário cultural.

Tenha certeza Ana Luiza que vamos trabalhar juntos na perpetuação do nome de seu bisavô, o Barão de Melgaço, e que em seu profícuo trabalho, buscarei inspiração e formas para sua eternização.

Conheci Ubaldo Monteiro da Silva, na cidade de Várzea Grande, em 1991, sendo a ele apresentado pelo então Senador Júlio Campos, ocasião em que eu dirigia um projeto cultural denominado “Projeto Memória Viva - Mato Grosso tem História”, do qual me orgulho de ter sido o idealizador. Ubaldo gostava do projeto e discutíamos bastante sobre história de Mato Grosso e especialmente de Várzea Grande, da qual era um especialista, não apenas por ali ter nascido, mas por sua dedicação ao tema.

O Coronel Ubaldo, como apreciava ser chamado, nasceu em Várzea Grande, a 16 de maio de 1916, sendo seus pais Alfredo Monteiro da Silva e Ana Emília da Silva, de tradicional família de papa-bananas, sendo neto de Benedito Monteiro da Silva - o *Sinhô Monteiro*.

Seus primeiros estudos foram cursados no Grupo Escolar Senador Azeredo, o secundário no Liceu Cuiabano e o superior no Curso de Formação de Oficiais da Polícia, Rio de Janeiro, diplomando-se no ano de 1943.

Foi casado com Neuza Ribeiro Monteiro da Silva e quatro filhos: Suíse Monteiro Leon Bordest, Ubaldo Monteiro Filho, Afonso Monteiro da Silva e Afrânio Monteiro da Silva.

A política sempre permeou a família de Ubaldo, pois sua esposa Neuza foi vereadora em Várzea Grande, da mesma forma como foram seus filhos Afonso e Afrânio.

Ubaldo se elegeu deputado estadual, nas legislaturas de 1959-1963, e de 1964-1966. Durante o período de exceção, iniciado com a Revolução de 1964, negou-se a se candidatar a qualquer cargo, mesmo tendo sido conclamado pela população.

Ainda no campo da política, mesmo não sendo o protagonista, contribuiu decisivamente para a eleição de sua mulher e de seus dois filhos, quando estes se candidataram. Ubaldo participou ativamente da vida política de Várzea Grande, sempre opinando nas administrações de prefeitos, que apreciavam seus sábios conselhos.

Dentre os que o ouviam, registra-se a prefeita Sarita Baracat e os prefeitos Ari Campos, Júlio Campos, Gonçalo Pedroso Branco de Barros, Jaime Campos, Carlos Gomes e Nereu Botelho.

Em 1943, deixa o Rio de Janeiro e retorna à Mato Grosso, onde desenvolveu notável vida pública e militar. Foi diretor do Detran e no ano de 1951, fundou o Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, tendo dirigido a Academia até 1956, da qual lecionou em quatro disciplinas, tendo sido preceptor de grande número de ilustres mato-grossenses.

A Polícia Militar, sediada em Cuiabá, constituiu um importante museu que guarda a memória da mesma Instituição. Foi ela inaugurada, em 2009, com o nome de Ubaldo Monteiro da Silva, seu grande colaborador.

O seu gosto pela história e literatura, levou-o a ocupar espaço permanente nas duas instituições culturais mais antigas de Mato Grosso, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Academia Mato-Grossense de Letras.

Detentor de vasta cultura, ao longo de sua vida publicou muitos artigos, em periódicos mato-grossenses, assim como os seguintes livros: *Meus Varzeanos* (versos), *No Portal da Amazônia*, onde retrata de forma detalhada a história de Várzea Grande, sua terra natal; *Cuiabaninhos* (contos); *A Polícia de Mato Grosso*; *Flor de Pequi* (romance); *Várzea Grande, Passado, Presente e Confrontos*; *Senzalas Mato-grossenses*; e *Sesmaria do Capão do Negro*, dentre vários outros escritos.

Ubaldo gostava e participava dos feitos de seu clube do coração, o Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense.

Outra área que o Coronel Ubaldo se destacou foi na música, tendo composto o Hino de Várzea Grande e a letra da Marcha do Centenário.

Ainda no campo da cultura, teve destaque sua participação como presidente da Casa de Cultura de Várzea Grande e da Biblioteca Municipal.

Suas intensas atividades lhe renderam muitas homenagens de entidades e órgãos governamentais, dentre as quais se destacam a Ordem de Mérito de Mato Grosso e a Ordem do Mérito Legislativo de Mato Grosso, além da Comenda Filinto Müller, recebida em 9 de fevereiro de 1984, a qual guardou com carinho, até a data de sua morte.

Faleceu em Várzea Grande-MT, aos 29 de maio de 2004, deixando grande legado cultural. Após seu passamento, a família doou, em 2010, ao Arquivo da Casa Barão de Melgaço, o inédito e precioso acervo que pertenceu a Ubaldo Monteiro da Silva, hoje já catalogado, aguardando tão somente a sua digitalização, que não demora será concluída.

Vejo que é hora de terminar, especialmente para quem não é dado aos discursos. Concluo com um profundo agradecimento à acolhida advinda do Senhor Presidente Mahon e dos nobres companheiros deste Templo do Saber, que buscam salvar nossa memória acadêmica.

Agradeço à minha família e aos amigos e amigas que aqui compareceram, à sociedade, e, finalmente aos meus colegas Acadêmicos, com os quais passo a compartilhar este espaço.

Os poetas e os romancistas são aliados preciosos, e o seu testemunho merece a mais alta consideração, porque eles conhecem, entre o céu e a terra, muitas coisas que a nossa sabedoria escolar nem sequer sonha ainda. São, no conhecimento da alma, nossos mestres, que somos homens vulgares, pois bebem de fontes que não se tornaram ainda acessíveis à ciência. "Delírios e Sonhos", de Jensen (1907).

CADEIRA 29

PATRONO

Antônio Corrêa da Costa

OCUPANTES

Virgílio Alves Corrêa Filho
Virgílio Alves Corrêa Neto
Elizabeth Madureira Siqueira

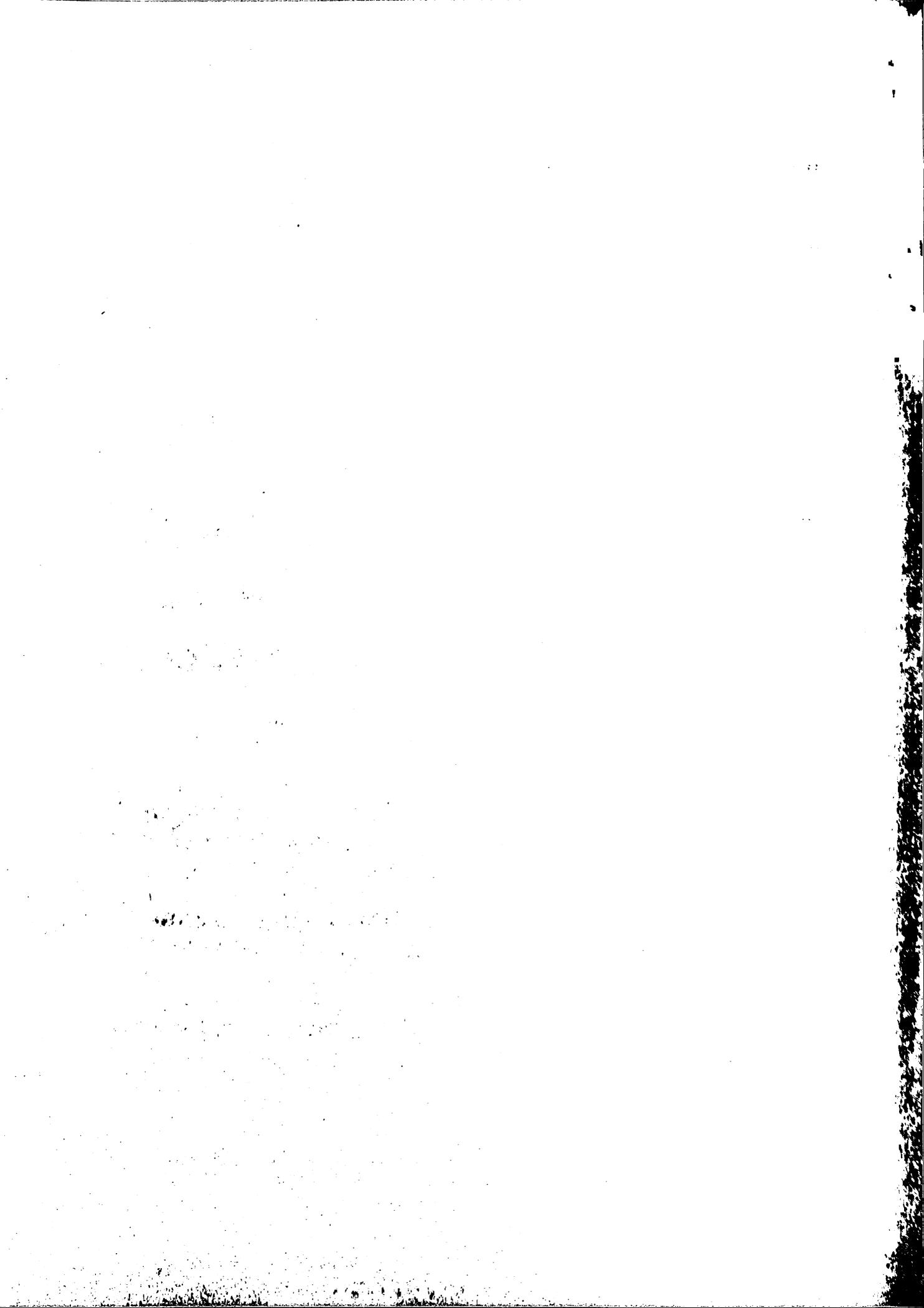
SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA

Cuiabá, 29 de novembro de 1995

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA
ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA, PELO PRESIDENTE
JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO**

**DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA ELIZABETH
MADUREIRA SIQUEIRA, PELO ACADÊMICO PEDRO
ROCHA JUCÁ**

**DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA ELIZABETH
MADUREIRA SIQUEIRA**



ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO



O que acabamos de ouvir: uma viola-de-cocho, instrumento aqui nascido e aqui produzido, tangido pelas hábeis mãos do maestro Abel Santos, *cantando* o Hino Nacional, foi uma autêntica e reverente saudação da própria terra cuiabana à Pátria Brasileira. Daí a razão pela qual solicitei, dos presentes, silêncio e atenção: para que esta bela *voz* fosse atentamente ouvida e apreciada.

Assim abrem-se as portas da Casa Barão de Melgaço para um duplo e grato evento: receber mais um Membro Efetivo da Academia Mato-Grossense de Letras e homenagear a Música, no dia da sua padroeira - Santa Cecília.

A música é o mais democrático meio de autêntica expressão do sentimento, e, a voz humana seu mais belo e difundido instrumento. Mesmo indigentes, analfabetos e desconhecedores de quaisquer rudimentos da teoria musical, podem expressar, em simples cantarolar, um estado d'alma. A música será sempre universal: sem fronteiras, linguagem, ideologia, religião e distinção social.

E, como a música, e sua Padroeira, já foram apreciadas e reverenciadas nesta Cuiabá! ...

A mais nova das minhas três irmãs, que já possuía outro nome escolhido antes de nascer, ao vir ao mundo, foi chamada Cecília, pela minha mãe, por ter nascido a 22 de novembro. E nem poderia ter sido de outra forma, em uma terra onde, neste dia, já éramos despertados pela banda do Mestre Inácio - com todos os componentes uniformizados de branco - que, saindo da casa do maestro, próxima ao Tanque do Baú, percorria as ruas das adjacências antes de subir a colina da Igreja do Rosário para a missa festiva em louvor à festejada Santa.

Porque Padroeira da Música não sei, porém, o *Breviarum Romanum* nos conta que a jovem romana, de família nobre, fora educada como cristã e consagrada ao Serviço Divino desde a infância. Entretanto, foi dada em casamento, pelos próprios pais, a Valeriano - a quem converteu ao cristianismo e conseguiu fazê-lo respeitar-lhe os votos. Valeriano, Tibúrcio - seu irmão - e Máximo - seu amigo íntimo, foram martirizados pouco depois. Cecília, prevendo a mesma sina, distribuiu, aos pobres, todos os bens que possuía; o que levou o prefeito de Roma a condená-la a morrer queimada, em sua própria casa. Transcorria o ano de 230: reinado de Alexandre Severo e papado de Urbano I.

Não podendo mais alongar-me, volto à Cuiabá de outrora para homenagear o mestre Inácio Constantino de Cerqueira, que a minha lembrança de menino, me trás como um preto alto e espigado que, com muito esforço, mantinha a sua escola de música. No Dia da Música havia festa com desfile de banda, Santa em andor, Missa e, depois, almoço em casa do Mestre, do qual participavam, também, as bandas do 16º BC e da Polícia Militar - onde se achavam muitos dos seus ex-alunos.

Homenageio, ainda, as duas professoras particulares de piano que tive na infância: Maria de Lourdes Oliveira e Zulmira Canavarros – esta, objeto de interessante trabalho recentemente publicado pelo apreciado escritor, acadêmico Benedito Pedro Dorileo, intitulado *Centenário da Egéria Cuiabana*. Vêm-me à memória, neste instante, velhos companheiros de belas serestas, quando Cuiabá, ainda pequena e pacata, em noites enluaradas, se tornava encantado, belo e profano presépio prateado, muito inspirador para o canto às musas adormecidas que, por nós, eram despertadas dos seus sonhos virginais.

Dentre os membros da Academia Mato-Grossense de Letras, rendo as minhas homenagens à confreira Dunga Rodrigues - hoje nome de importante conservatório de música. Homenageio, também, os que constantemente se fazem presentes nesta Casa, deliciando-nos com belas execuções musicais, que tanto enriquecem os nossos eventos, como o Coral de Secretaria Municipal de Cultura e os artistas que hoje nos brindarão com interessantes números musicais. Temos a ventura de contar, ainda, entre nós, com a convivência de Nilson Constantino: por muitos anos líder do Conjunto Serenata, muito apreciado pela sociedade cuiabana, composto pelos saudosos Tóte Garcia, Hermínio Virgínio, Juvenílio de Freitas, Armínio Albernaz, Odare Vaz Curvo e outros diletantes desta Arte. Homenageio, enfim, todas as Cecílias nascidas neste dia e todos os sensíveis aos encantos da música.

À suavidade das vibrações da minha alma – produzidas pela grata lembrança de tantos apreciadores da música – somo a satisfação de receber, neste Sodalício, a acadêmica Elizabeth Madureira de Siqueira - historiadora, professora da UFMT e autora de importantes obras publicadas sob a forma de livros e artigos em jornais e revistas.

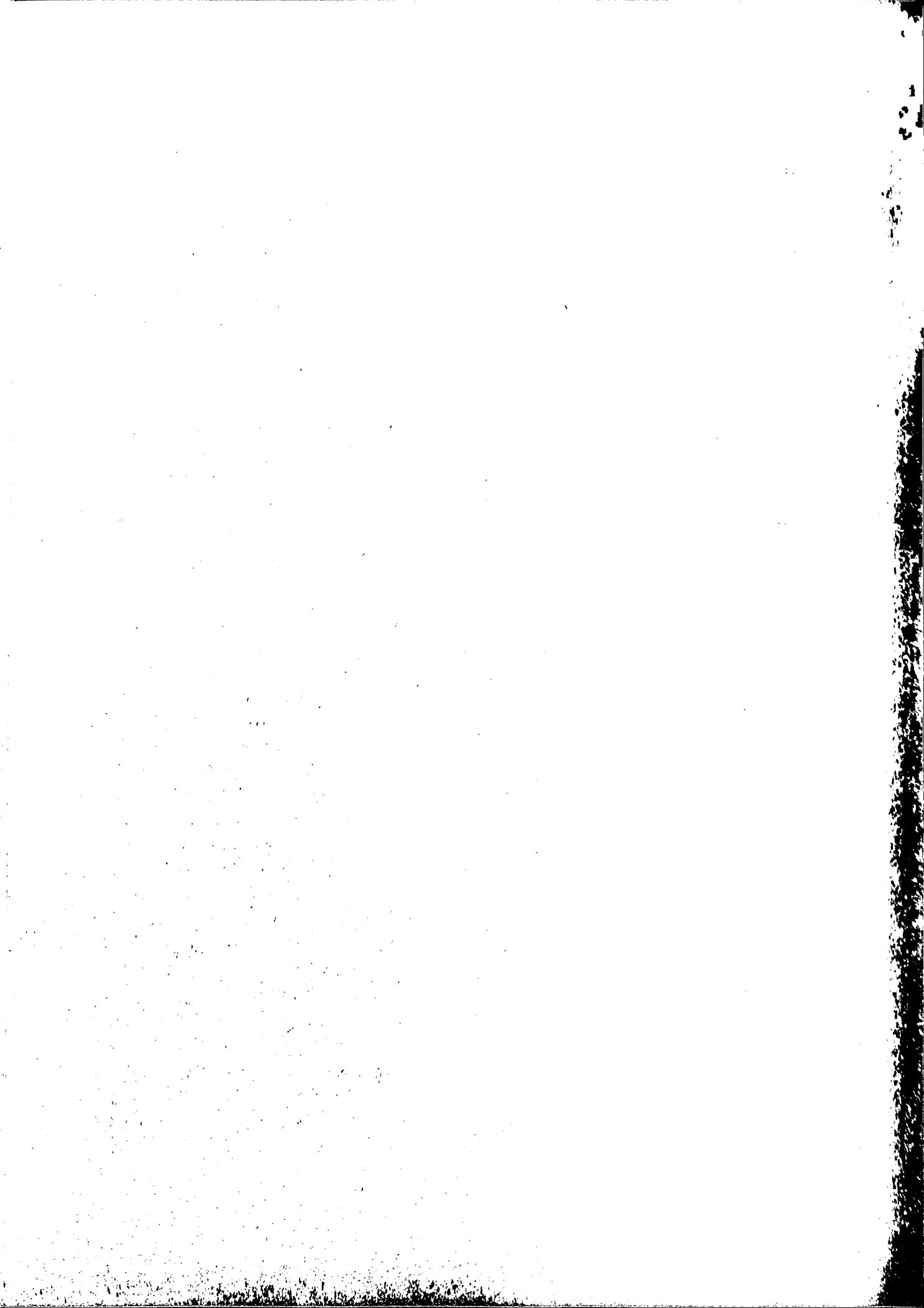
A empossanda já pertencia à Casa Barão de Melgaço, como um dos mais ativos membros, que é, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ao qual vem prestando relevantes serviços; em contraste com outros, a maioria, que, após empossados e diplomados, esquecem a História e somem na Geografia sem, jamais, colaborar ou cumprir obrigações, de qualquer natureza, com aquela nobre instituição. Estes parecem ignorar a enormidade de serviços que poderiam prestar à comunidade mato-grossense - cada dia maior pela soma de novos componentes, por nascimento ou adoção, tão ávidos pelo conhecimento da nossa história e tradições e, sob este aspecto, tão abandonadas! Parece estar havendo um absurdo desconhecimento de que História e Tradição são fatores básicos para a integração do homem à terra, portanto, para a formação do sentimento de patriotismo.

A Cadeira que ora vindes assumir, a de número 29, professora Elizabeth, desperta-me especial consideração pois sou ligado a ela – desde o seu patrono, Antônio Corrêa da Costa, aos seus dois titulares anteriores: Virgílio Alves Corrêa Filho e Virgílio Alves Corrêa Neto, este não filho do primeiro citado - pelas leis da genética, por herança paterna e materna. Certo estou de que sabereis exaltar a memória daqueles ilustres parentes, não deixando, assim, que seja quebrado o mecanismo que faz a imortalidade acadêmica.

Em meu discurso de posse, ao entrar nesta Casa, eu já dizia: ... *as Academias existem para que os seus eleitos e as suas obras jamais sejam esquecidos, mesmo depois da total extinção física...* Tolo ou pretensioso seríamos se achássemos que a imortalidade, que nos concede a Academia, fosse de caráter físico - em frontal oposição à Biologia - ou provinda apenas do nosso valor individual. Humildemente, sempre compreendi que, se no futuro poderei ser lembrado como acadêmico, será por ter sido feito, com o que produzi, elo de uma forte cadeia e que me cumpre não enfraquecê-la, ou quebrá-la, com a ferrugem do esquecimento dos meus antecessores e patrono. Seria um contrasenso almejar a imortalidade concedida por uma Academia e nada fazer para mantê-la viva. *Jamais um acadêmico será maior que uma Academia* - muito bem o disse, em certa ocasião, o confrade Sebastião Carlos de Carvalho.

Mais uma vez, lembrando o vosso comportamento como membro do Instituto Histórico - atuante, responsável, despojada de quaisquer pretensões descabidas ou vaidades fúteis - confio que vós, confreira empossanda, bem compreendeis toda a grandeza e imutável nobreza da Casa que hoje vos acolhe.

Está aberta a sessão!



DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA, PROFERIDO PELO ACADÊMICO PEDRO ROCHA JUCÁ



Neste ano de 1995, quando foi realizado em Pequim a Quarta Conferência Mundial da Mulher, a Academia Mato-Grossense de Letras esmerou-se em desempenhar sua tradição, já histórica, de prestigiar as expressões femininas da intelectualidade regional. No dia 27 de outubro, este sodalício recebeu festivamente, a Acadêmica Yasmin Jamil Nadaf que, dentre outros méritos, conseguiu catalogar a Revista *A Violeta*, que circulou por mais de 30 anos, do Grêmio Literário Júlia Lopes. Hoje, dia 22 de novembro, é a vez da minha estimada amiga Elizabeth Madureira Siqueira, historiadora do melhor quilate. Ela se notabilizou como uma das mais brilhantes professoras do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso.

No seu item 12, a Declaração de Pequim, assinada em setembro deste ano, recomenda promover *a expansão do papel da mulher e o progresso da mulher, incluído o direito às liberdades de pensamento, de religião e de crença, o que contribuiu para a satisfação das necessidades morais, éticas, espirituais e intelectuais das mulheres e dos homens, individualmente ou em comunidade com outros, porque lhes garante a possibilidade de realizar seu pleno potencial na sociedade, modelando suas vidas conforme suas próprias realizações.*

Vale lembrar sempre, que foi esta Academia Mato-Grossense de Letras, a primeira no Brasil, isto há quase 65 anos, a acolher uma mulher nos seus quadros. No dia 26 de janeiro de 1931, foi aqui empossada, com todas as honras, ocupando a Cadeira nº 7, a Acadêmica Maria de Arruda Müller, exemplo de fibra e de cultura do Estado. No dia 6 de setembro de 1946, a Academia Mato-Grossense de Letras se enriquecia com a posse da Acadêmica Ana Luísa Prado Bastos, que foi a primeira tesoureira do Centro Mato-Grossense de Letras, entidade que deu origem à Academia. O seu ingresso no Centro ocorreu no dia 3 de julho de 1921, mas ela foi residir em Campo Grande, logo depois, passando a ser sócia correspondente. Com a sua nova estrutura, a Academia Mato-Grossense de Letras decidiu reconduzi-la para sócia efetiva. Ela foi empossada, então, na Cadeira nº 27, sendo recebida pelo Acadêmico José de Mesquita.

A terceira mulher a ingressar nesta Academia Mato-Grossense de Letras foi a gaúcha Vera Randazzo. Poeta e escritora, com todas as características mato-grossenses, ela havia realizado, ainda, um ótimo trabalho de implantação do atual Arquivo Público do Estado. Idealizado pelo Acadêmico Lenine de Campos Póvoas, que era Secretário de Administração do Estado, o novo órgão surgiu em meio de muitas dificuldades. A Acadêmica Vera Randazzo se desdobrou nesta missão e, merecidamente, foi empossada no dia 10 de março de 1982 na Cadeira nº 19.

Com a quebra da sua relutância confessa e continuada, a Acadêmica seguinte foi a ilustre professora Dunga Rodrigues. Vencida, finalmente, pela insistência do Acadêmico António de Arruda, a homenageada concordou em ocupar uma das vagas abertas. A resposta afirmativa, recordo-me bem, foi dada em minha residência. Foi difícil demover a modéstia da professora Dunga Rodrigues, que não se julgava merece-

dora de participar dos quadros desta Academia, o que era incompreensível em todos os sentidos. Ela foi empossada na Cadeira nº 39, no dia 19 de setembro de 1984, sendo recebida pelo Acadêmico Antônio de Arruda. A Academia Mato-Grossense de Letras sem Dunga Rodrigues não seria merecedora da sua tradição pioneira.

Depois de intensas atividades no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, a quinta mulher a ingressar na Academia Mato-Grossense de Letras foi a Acadêmica Nilza Pinto Queiroz, que passou a se chamar Nilza Queiroz Freire, depois do seu casamento. A sua produção cultural, amplamente divulgada através de artigos na imprensa local, nos transporta para a Cuiabá bucólica que embalou os nossos sonhos. No impacto do passar dos anos, restam as imagens que ela preserva cuidadosamente. A sua posse na Cadeira nº 14 ocorreu no dia 25 de setembro de 1993.

A historiadora Yasmin Jamil Nadaf prosseguiu a tradição assumindo a Cadeira nº 38, no dia 27 de outubro de 1995. É a sexta Acadêmica da série. Hoje, dia 22 de novembro de 1995, é a vez da Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira. No Dia da Música e de Santa Cecília, sua padroeira, a Academia Mato-Grossense de Letras reúne-se festivamente para receber mais uma Acadêmica, a sétima, que abrihantará a Cadeira nº 29. Pela nossa história, antevejo que outras virão para dar continuidade a esta histórica galeria de mulheres Acadêmicas.

Já na sua posse, a Acadêmica Maria de Arruda Müller assinalou para a eternidade o valor da mulher neste sodalício: *Abaixo o preconceito de se vedarem a ela os sagrados umbrais da ciência! Para governar, para educar, para ser verdadeiramente mãe, a mulher precisa adquirir o caprichoso polimento do diamante. E a faceta mais trabalhada tem que ser o caráter. A educação moral da mulher, como a do homem, deve ser superposta à mental e à física.* Mais adiante, a Acadêmica Maria de Arruda Müller resumiu: *A coroa de rosas, de lindas rosas de Jericó, que hoje me enflora o coração, quero dedicar num simbolismo vivo às mulheres de minha terra.*

A Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira não nasceu sob *os flabelos reais de mil palmeiras* do simbolismo poético de Dom Aquino Corrêa. Ela é paulista de Franca, tão paulista e emblemática como foram as avós, as mães, as esposas e as irmãs dos primeiros bandeirantes que chegaram aos sertões de Cuiabá, varando os rios, no início do século XVIII. Ela traz consigo, é bom lembrar, a fibra da mulher paulista que suportou as adversidades familiares naqueles momentos históricos da expansão geográfica do Brasil no período colonial. Não podemos esquecer, entre as muitas páginas que os séculos nos proporcionaram, o gesto heróico da mulher paulista ao estimular a vitória das tropas comandadas por Amador Bueno da Veiga, na Guerra dos Emboabas, quando foram alicerçadas as bases da criação da Capitania de São Paulo e Minas Gerais. Esse foi o primeiro passo para a implantação seguinte da Capitania de São Paulo e depois o seu desdobramento em três outras, incluindo-se aí Mato Grosso e Goiás.

O dia de hoje, quando homenageamos Santa Cecília, a Padroeira da Música, nos permite lembrar um pensamento, atribuído a Santo Agostinho, destacando que *cantar é orar duas vezes*. Quem não nasce em Mato Grosso deve ser mato-grossense duas vezes ou mais. Além da opção, sempre lhe é exigida a responsabilidade por essa opção.

Muitos vão mais adiante ao acrescentar a dignidade que trouxeram do berço, geralmente distante, e que será intransigentemente defendida até o desenlace da vida material no berço eterno que essa opção colocou bem próximo dos nossos descendentes.

A nossa nova confreira sempre se desdobrou, e com todo brilho, na produção do conhecimento histórico de Cuiabá e de Mato Grosso. A sua presença na Casa Barão de Melgaço não é recente. Recordo-me dela, desde a execução do primeiro convênio com a Universidade Federal de Mato Grosso, na reorganização do nosso acervo bibliográfico. Tempos depois, ela voltou ao nosso convívio como sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, onde vem realizando um trabalho merecedor dos melhores aplausos.

Somos vizinhos e amigos de longa data. Já fiz parte da sua equipe no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, da Universidade Federal de Mato Grosso. Participamos do Curso de Aperfeiçoamento em Preservação e Divulgação do Patrimônio Documental na Região de Mato Grosso e do Projeto Memória Histórica da Universidade Federal de Mato Grosso. A minha admiração pela sua extraordinária capacidade de trabalho, ampliou-se com o seu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. O que poderei dizer neste momento em que a recebo em nome dos meus pares na Academia Mato-Grossense de Letras? No mínimo, e com uma ponta de orgulho, poderia dizer que ela, há muito estava a merecer um lugar entre nós. Ao aprovarmos o seu nome, prestamos, é verdade, uma homenagem à mulher, à intelectual, à professora, à pesquisadora incansável, mas também estamos agradecendo pelo muito que ela já fez pela historiografia mato-grossense. E isto ela sempre realiza sem personalismo e sem vaidade.

Acredito que estamos vivendo, hoje, um significativo momento na história da Academia Mato-Grossense de Letras. A tradição quase secular desta instituição mais uma vez está diante do novo. São válidas todas aquelas manifestações de cultura, desde que elas tragam, e consagrem na sua total plenitude, a lógica, a autenticidade, a pureza e a legitimidade na transmissão do saber, em benefício da humanidade. Qualquer gesto que prejudique, mesmo ao mínimo, o ser humano não é uma manifestação de cultura e sim um exemplo de ignorância. Aí está um dos grandes dilemas do mundo moderno, onde a gradação de valores nem sempre corresponde ao melhor critério de avaliação.

Jamais neguei o meu apoio pessoal ao novo, ao moderno, pois sempre haverá possibilidade do surgimento de algo melhor para o evoluir das gerações. Contudo, a tradição será sempre um dos símbolos desta consagrada Academia Mato-Grossense de Letras, materialização dos sonhos e dos ideais dos seus luminares, que são sucedidos, mas jamais substituídos. A frágil “imortalidade” dos membros aceitos por este sodalício é e sempre será a exaltação de tudo o que for feito em benefício de Mato Grosso, principalmente.

A tradição acadêmica não pertence a uma geração, a um grupo ou a uma pessoa. Nem todos que mereciam chegaram aqui no passado e no presente. O mesmo vai acontecer no futuro. Por isto, todos nós, que ingressamos nesta tradicional entidade, temos a responsabilidade de preservar seus valores e reforçar os pilares da sua história.

Por isto, estimada Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira, ao recebê-la na Academia Mato-Grossense de Letras antevejo o muito que fará pela continuidade desses valores. Contudo, devo alertar para não confundir os conceitos tradicionais com as amarras do retrocesso, pois esta Casa Barão de Melgaço é um templo da pluralidade do pensamento.

São Francisco de Salle, doutor da Igreja, Patrono dos Jornalistas, foi um dos precursores da Academia Francesa, que surgiu com o apoio decisivo do Cardeal Richelieu. Mas o primeiro *imortal* que chegou aos altares foi o equatoriano São Irmão Miguel. Ele era lassalista, congregação religiosa que revolucionou o ensino no século XVII ao dividir os estudantes em classes de acordo com o conhecimento de cada, como antecipou São João Batista de La Salle. Notabilizou-se no magistério e chegou a ocupar a cadeira na Academia de 1ª Lengua, hoje Academia de Letras do Equador. São João Bosco, Dom Bosco como é conhecido, fundou a Congregação Salesiana em honra de São Francisco de Salle.

Invocando as bênçãos de São João Batista de La Salle e de São Irmão Miguel à professora e Acadêmica, recebo hoje a historiadora Elizabeth Madureira Siqueira com o júbilo de um amigo e com o respeito de um admirador. De há muito estávamos à sua espera. A festa de hoje não é apenas sua, mas também de todos nós.

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA



Em 1976, chegando a Mato Grosso, tivemos como missão integrar uma equipe de trabalho que tinha como atribuição maior, a tarefa de fundar um organismo cujo objetivo precípuo era o de implementar trabalhos de recuperação, arranjo e divulgação de fontes histórico-culturais de Mato Grosso. Nascia do NDIHR – Núcleo de Documentação e Informação Histórica – no interior da Universidade Federal de Mato Grosso.

Na divisão inicial das tarefas, além da função docente, coube-nos a sistematização do acervo bibliográfico da Casa Barão de Melgaço. Essa residência foi, em Mato Grosso, nosso primeiro abrigo intelectual, pois dedicávamo-nos integralmente a esse trabalho, uma vez que a regência das aulas ainda estava por se iniciar e se cindiam ao período noturno. Dessa forma, durante um ano e meio frequentamos este recinto que, com suas paredes altas, seus salões arejados e confortáveis, davam-nos a sensação de um aconchego carinhoso e fraternal, de que todo chegante tanto necessita.

O retrato de Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, logo à soleira do primeiro portal, indicava-nos não só o sentido e o peso da responsabilidade de missão tão nobre, como, adentrando ao salão-mor, este em que estamos hoje reunidos, o semblante de cada Patrono alertava e entusiasmava-nos a assumir com galhardia missão tão fascinante: a de poder sentir mais proximamente uma ambiência cultural cuja memória se encontrava ali depositada. Assim, cada livro, cada periódico, cada manuscrito tinha para nós, um significado especial – a tradição herdada – e por isso foram tratados como preciosidades, como raridades, peças e exemplares únicos, objeto de respeito à memória de um grupo de intelectuais que, com suas produções, deu vida à Casa e colaborou para a abertura dos primeiros espaços culturais em Mato Grosso.

O acervo existente na Casa Barão de Melgaço é digno de destaque, seja pelos múltiplos periódicos recebidos das várias instituições culturais do Brasil e do exterior, onde sobrepõe-se a série de jornais, cuja coleção, hoje raríssima, veio alimentar e impulsionar o Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, executado pela UFMT- NDIHR e coordenado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Dentro desse programa, obras raras desta Casa foram igualmente reproduzidas e preservadas em microfilmes e que hoje estão sendo consultadas por diversos pesquisadores. Essa coleção, considerada preciosa, foi consubstanciada no Catálogo Bibliográfico Mato-Grossense, organizado pelo bibliotecário Walter Monte Cruz.

Assim, a Casa Barão de Melgaço serviu de moto propulsor dos trabalhos de preservação da memória histórica regional, pois, tanto o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, como a Academia Mato-Grossense de Letras, foram os geradores e guardiões iniciais e atuais dela.

Lembramos, com carinho, dos Acadêmicos e historiadores, sempre presentes na Casa, durante o período em que aqui trabalhamos: Gervásio Leite, Rubens de Men-

donça, Vera Randazzo, Luis-Philippe Pereira Leite, Lenine de Campos Póvoas, Dunga Rodrigues e muitos outros, com quem trocávamos conhecimento e aprendemos a reconhecer o espaço, a localizar a documentação, enfim, com os quais mantivemos uma convivência harmoniosa e de efetiva parceria.

Pela riqueza do trabalho e convivência frutífera com essas personalidades, timbrado pelo aconchego e carinho, afeiçoamo-nos à Casa Barão de Melgaço, e mesmo tendo dela nos afastado temporariamente, por termos retornado em tempo integral na Universidade Federal de Mato Grosso, manteve-se ela como referencial básico, pois representava o nosso primeiro contato com a cultura mato-grossense.

O retorno efetivo a essa Casa se deu em 1987, quando fomos convidados a fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Desde então, vimos colaborando com o projeto da instituição que, no presente ano, comemorou, a 8 de abril, 75 anos de existência, numa recíproca relação de respeito e constante aprendizado.

A Academia Mato-Grossense de Letras é uma instituição que congrega intelectuais em torno de uma proposta básica: o incentivo à produção e divulgação da literatura e da cultura que, em conjunto com outras instituições, dinamizam o cenário intelectual de Mato Grosso. Esse papel foi construído ao longo de seu percurso histórico. Em 1921 nascia uma agremiação, célula mater da nossa Academia, qual seja o Centro Mato-Grossense de Letras, sodalício que congregou grupo seletivo de intelectuais, quase todos ex-alunos do Liceu Salesiano. Após onze anos de fecunda existência, pois tinha como veículo de divulgação de seus trabalhos uma importante Revista, este Centro veio a se transformar na Academia Mato-Grossense de Letras. Em seus 74 anos de existência, dirigiram a Instituição: José Barnabé de Mesquita (1921-1961), Antônio de Arruda (1962-1967), Antônio Cesário de Figueiredo Neto (1967-1969), Pe. Wanir Delfino César (1979-1974). Após o falecimento desse último, a Academia passou a ser temporariamente administrada por dois de Acadêmicos, Francisco Alexandre Ferreira Mendes (Vice-Presidente) e por Rubens de Mendonça (1º Secretário). Seguidos de Gervásio Leite (1974-1981), Lenine de Campos Póvoas (1981-1991), Clóvis de Mello (1991-1993) e, a partir de 1994, pelo Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro.

Uma historiadora na Academia de Letras? Seria isso cabível? Acreditamos que literatura e história mantêm entre si, uma estreita relação de complementariedade. Se a história tem como preocupação o ocorrido, a análise interpretação do acontecido, a literatura, por outro lado, trabalha com os múltiplos desejos, sonhos, anseios que foram expressos durante os acontecimentos, mas que, muitas vezes, não conseguiram fazer-se representar no registro destes, ou seja, foram silenciados no momento da construção do fato histórico.

Ninguém melhor do que Aristóteles, na *Poética*, para definir a complementariedade entre estes dois campos do conhecimento. Dizia ele: *Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em versos as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser de história, se fosse em verso o que eram em prosa) – diferem sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder.*

Dessa forma, um diálogo silencioso se estabelece entre literatura e história. Nas palavras de Nicolau Sevcenko, em sua obra *Literatura como missão*, “a literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. O real não se subordina ao possível; o contingente não se opõe ao necessário. Pode-se, portanto, pensar numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das ideias não consumadas”.

Estamos hoje assumindo a Cadeira nº 29 da Academia Mato-Grossense de Letras, a qual tem como Patrono Antônio Corrêa da Costa e como titulares ocupantes, Virgílio Alves Corrêa Filho e Virgílio Alves Corrêa Neto.

Antônio Corrêa da Costa descende de uma família de políticos mato-grossense em cuja linhagem podemos destacar três homônimos: o primeiro deles integrou as duas Juntas Governativas de Cuiabá, em 1821, momento em que esta cidade disputava, com a primeira capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, a primazia de ser a sede governativa da então província de Mato Grosso. O segundo deles governou por cinco vezes a província, tendo desempenhado um importante papel como articulador político no momento da eclosão da Rusga, movimento armado deflagrado em Cuiabá em maio de 1834. Nosso Patrono e homenageado especial foi neto desse último. Depois de ter estudado em Cuiabá e cursado o preparatório junto ao Seminário Episcopal da Conceição, Antônio Corrêa da Costa formou-se engenheiro pela Escola Central de Engenharia, hoje Politécnica, do Rio de Janeiro. De volta a Cuiabá, foi professor de Matemática junto ao Liceu Cuiabano onde lecionava, tal como seu pai, a cadeira de História e Geografia. Após essa experiência, nosso biografado dirigiu o Externato Mato-Grossense, estabelecimento de ensino que fundara em sociedade com dois outros jovens, Esperidião da Costa Marques e João Carlos Muniz.

Governou o Estado de Mato Grosso em período bastante conturbado politicamente, qual seja aquele que sucedeu aos primeiros anos de vigência do regime republicano, palco de ferrenhas disputas entre grupos oligárquicos pelo comando político estadual. Antônio Corrêa da Costa foi o segundo Presidente Constitucional de Mato Grosso, tomando posse em 15 de agosto de 1895. Seu governo foi marcado por importantes realizações: regulamentou a extração da erva-mate; implementou uma importante reforma na Instrução Pública; remodelou a tipografia oficial, hoje IOMAT; estabeleceu normas precisas para o julgamento dos processos de legitimação da posse de terras no Estado.

Sua saída do governo, em janeiro de 1898, deveu-se a um fato aparentemente pouco relevante, mas capaz de provocar sua renúncia: o famoso “caso do bonde”, como passou para a história regional. O tráfego das principais ruas de Cuiabá, no início do século XX, era feito por bondes, pequenos vagões que corriam sobre trilhos e eram puxados por animais. O trajeto da linha desse bonde interligava o Porto até o antigo Largo da Mandioca, hoje Praça Conde de Azambuja. Devido ao mau estado de conservação desse meio de transporte, o chefe de polícia determinara o recolhimento dos vagões para efetuação dos reparos. Nesse dia, Generoso Paes Leme de Souza Ponce, que havia ido ao Porto, utilizando-se do bonde, dali regressava e, na altura da Rua

Treze de Junho, cruzamento da atual Avenida Dom Bosco, resolveu o chefe de polícia ordenar ao condutor que recolhesse imediatamente o veículo. Ao declarar essa ordem aos passageiros, o maquinista ouviu, do fundo do veículo, uma contraordem: *segue o bonde*. Era a voz de Generoso Ponce. O maquinista, frente ao comando emanado de tão dignatária autoridade, pois Ponce, além de grande líder político regional, ocupava naquele momento uma cadeira no Senado da República, fez seguir o bonde até o ponto final. No entanto, o chefe de polícia, vendo sua ordem contrariada, pediu demissão do cargo, colocando Antônio Corrêa da Costa numa situação de impasse frente à sobreposição de poderes. Decidiu, também, ele, pela renúncia, mesmo sendo aliado político de Generoso Ponce.

Após ter deixado o governo em 1898, a facção política a que se vinculara até então, liderada por Generoso Ponce, entrou em confronto aberto com o grupo oligárquico, comandado por Antônio Paes de Barros, que, ascendendo ao governo do Estado, viu retirar do cenário político boa parcela de seus opositores. Esse grupo dissidente era liderado por Generoso Ponce, Antônio Cesário de Figueiredo, os Medeiros de Corumbá e Antônio Corrêa da Costa, os quais, mediante o contexto político estabelecido, resolveram se autoexilar no Paraguai. De lá, não deixaram de fazer tenaz oposição ao governo de Totó Paes, através do jornal *A Reação*. Esse periódico, fundado em 1902, circulou por um ano, e em seu frontispício lia-se: *Publicado no Paraguai por falta de garantias políticas no Estado de Mato Grosso*.

Além das lides político-administrativas, Antônio Corrêa da Costa deixou diversos textos literários e históricos, dentre eles podemos destacar *Os predecessores dos Pires de Campos e Anhanguera*, publicado em 1918, integrando o conjunto de trabalhos editados por ocasião do bicentenário da fundação de Cuiabá e, sobretudo, no momento da fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso. Nessa obra, Corrêa da Costa traça um perfil histórico do processo de colonização da América espanhola, afunilando a análise nos motivos que determinaram a paralisação do avanço espanhol para o Leste, fator que garantiu a permanência dos portugueses além da linha demarcatória de Tordesilhas. De acordo com sua concepção, não fosse o desvio efetuado por Nunfrio Chaves durante suas andanças pelo Peru, seguido de seu assassinato, *por certo teria ele descoberto as minas de ouro de Cuiabá e este fato determinaria o êxodo dos espanhóis de Assunção e Santa Cruz para Mato Grosso*.

O primeiro ocupante da Cadeira nº 29 foi Virgílio Alves Corrêa Filho, historiador eminente que marcou indelevelmente a historiografia nacional e mato-grossense, não só pelo rigor e competência, mas, pela intensa e volumosa produção – mais de 200 títulos entre livros e publicação em periódicos. Profundo conhecedor e investigador incansável da realidade mato-grossense, Virgílio Corrêa Filho, como ficou mais conhecido, analisou o contexto regional sob os mais variados aspectos: educação, economia, política, geografia, história, cultura, demografia, enfim, o conjunto de sua produção tem servido de base para quaisquer pesquisas referentes a Mato Grosso e sua leitura é pré-requisito para a elaboração de qualquer trabalho científico.

Nasceu em Cuiabá, a 9 de janeiro de 1887, formando-se em Engenharia pela Faculdade do Rio de Janeiro e tendo, espontânea e autodidaticamente, adquirido uma forte bagagem no campo das Ciências Humanas e Sociais, seara de conhecimento na qual muito colaborou. Em 1910, participou dos trabalhos de engenharia de construção da estrada Cuiabá-Chapada dos Guimarães. No ano seguinte, retornou ao Rio de Janeiro onde se engajou nos trabalhos de construção ferroviária, o que lhe tomou três anos inteiros. Retornou à sua terra natal no ano de 1915 e aqui permaneceu até 1926, período que ele próprio denominou, em suas memórias, de *temporada fecunda*. Em 1919, foi um dos fundadores do Instituto Histórico e, em 1921, do Centro Mato-Grossense de Letras.

Ao analisar essa fase da trajetória intelectual de seu pai, Samuel Augusto Alves Corrêa destaca que, após ter sido nomeado professor do Liceu Cuiabano e, logo depois, da Escola Normal, “consolidou suas credenciais de cultura e caráter que muito contribuíram para que fosse incumbido por D. Francisco de Aquino Corrêa para elaborar a monografia intitulada “Mato Grosso, obra comemorativa do bicentenário da Independência do Brasil”. Esse trabalho representou um importante marco na arrancada intelectual de Virgílio que, a partir de 1922, jamais deixou de escrever, ocasião em que veio a lume: *Raias de Mato Grosso* (4 volumes), *Notas à margem*, a coleção das preciosas *Monografias Cuiabanas* (*Questões de ensino, Evolução do Erário, A propósito do boi pantaneiro, indústrias mato-grossenses e À sombra dos ervais mato-grossenses*), culminando, em 1969, com a substanciosa *História de Mato Grosso*.

Toda essa intensa atividade intelectual foi produzida ao lado do exercício de seus competentes trabalhos enquanto engenheiro e administrador, reconhecidos publicamente pela inequívoca competência. Destacamos também a cívica contribuição de Corrêa Filho nos cargos de Secretário das Finanças do Estado de Mato Grosso e, mais tarde, à frente da Secretaria Geral do Estado.

A partir de 1926, fixou residência definitiva no Rio de Janeiro, onde não só continuou a escrever sobre a realidade regional, mas projetou-se no cenário historiográfico nacional como membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, organismo que secretariou durante anos. Na então capital da República, Virgílio representou Mato Grosso em diversas ocasiões, a pedido dos governos mato-grossenses. Duas delas redundaram em ganhos geo-políticos para Mato Grosso: na Questão Antonina, quando o governo mato-grossense conseguiu readquirir grande parte das terras que constituem, hoje, o Estado de Mato Grosso do Sul, reivindicadas pelos herdeiros do Barão de Antonina; numa segunda ocasião, seus trabalhos investigativos foram fundamentais nas decisões tomadas na questão da fronteira Mato Grosso/Goiás, tendo sido as *Raias de Mato Grosso*, com seus dados e registros precisos, o instrumento que embasou a decisão jurídica a favor de Mato Grosso. Virgílio Corrêa Filho representou, nessa medida, um marco não só na historiografia regional, mas enquanto personalidade respeitada e considerada pelas mais elevadas instituições culturais de nosso país, tendo seu nome no círculo da engenharia nacional.

O **segundo ocupante** da Cadeira nº 29 foi o **Dr. Virgílio Alves Corrêa Neto**, sobrinho do historiador. Nasceu em Cuiabá a 21 de janeiro de 1908, formou-se médico pela Faculdade do Rio de Janeiro e, em seu retorno a Mato Grosso, lecionou em Campo Grande e, mais tarde, em Cuiabá, onde foi professor de física e química junto ao Liceu Cuiabano, estabelecimento de ensino que mais tarde veio a dirigir. Na área médica, Dr. Virgílio desenvolveu importantes teses, fruto de pesquisas, podendo ser destacado o Doutorado *Mola Hidatiforme* e as publicações *Mortalidade por tuberculose em Cuiabá, Corumbá e Campo Grande*, artigo elaborado em parceria com o Dr. Hélio Ponce de Arruda; *Inquérito epidemiológico sobre a malária; O Conselho Regional de Medicina e o seu relacionamento com o hospital*. Um outro trabalho sumamente interessante versou sobre *Hérnias diafragmáticas e dentição precoce*. O Dr. Virgílio esteve por muitos anos à frente do Conselho Regional de Medicina, tendo sido Conselheiro não somente deste como do nacional.

Seu engajamento na política se deu pelos idos de 1940, ocasião em que se elegeu Deputado Estadual. No período que se seguiu ao final do Estado Novo, conhecido como *Redemocratização do País*, aos Estados atribuiu-se a incumbência da redação de suas constituições. Dessa forma, em dezembro de 1947, procedeu-se em Mato Grosso a eleição à Assembleia Constituinte Estadual, momento em que a ela concorreram a UDN, o PSD, o PTB, o PR e o PCB. Dr. Virgílio foi eleito Presidente dessa mesma Constituinte. Sabedor da necessidade de dispor de muita habilidade política na condução dos trabalhos, em seu discurso de posse incitou os constituintes para a união necessária no momento da elaboração da Carta Magna do Estado. Rubens de Mendonça, em sua importante obra *História do Poder Legislativo de Mato Grosso*, transcreveu um trecho do discurso pronunciado pelo Dr. Virgílio no momento da sua posse: *É mister que nós, elementos integrantes do Poder Legislativo, conjuguemos nossos esforços numa consciente sinergia, deixando à margem ressentimentos pessoais e preocupações de oposicionismo e colaboremos com o Poder Executivo, de maneira franca e decisiva, patriótica e leal, nessa obra de soerguimento econômico-financeiro do Estado*.

Ao se dirigir aos colegas constituintes, não deixou de atrelar a poética à política. Dizia ele: *Em tempos que já vão longe, como o poeta Augusto dos Anjos, penetrei em meu coração. E erguendo os gládios e quebrando as hostes. No desespero dos iconoclastas, quebrei a imagem de meus próprios sonhos. Da fase rósea da adolescência à idade em que as cãs começam a branquear, teimosa e lividamente as têmporas, sem aspirações políticas, minha vida tem sido um incessante caminhar pela estrada pedregosa da Medicina. Permitiste-me agora, com a imerecida escolha do meu nome, que reconstituísse um sonho de meninice, ascendendo, como meu avô e meu pai, à Presidência desta Augusta Assembleia*.

Foi inspirado nessa experiência política que o Dr. Virgílio Alves Corrêa Neto fez publicar, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, do qual era sócio efetivo, o artigo intitulado: *O Estado de Mato Grosso no período Dutra*. Em 1951, elegeu-se Deputado Federal por Mato Grosso, cargo a que foi levado pela brilhante, paciente e criteriosa atuação na política regional, tendo ainda deixado sua contribuição junto ao Rotary Club, organismo que presidiu regionalmente.

Para finalizar, gostaria de, brevemente, externar nossa satisfação por assumir a Cadeira nº 29, patrocinada e ocupada por tão ilustres e reconhecidas personalidades.

A noite de hoje se reveste de tripla homenagem, ao Patrono, aos Ocupantes anteriores e a Gentil Bussik, poeta e músico de valor e extrema sensibilidade, cujas obras, verdadeiras pérolas musicadas, retratam o cenário mato-grossense profunda, pujante e poeticamente. Algumas de suas peças estão sendo apresentadas nessa noite pelo quarteto amigo, Wilson Medrani da Rosa, Nicolau Priante Filho, Reinaldo Rodrigues Oliveira e Eliete Maia Teixeira que, com sensibilidade e musicalidade peculiares, reproduzem Gentil Bussik com tons e cores regionais. A eles e a Dino Signorelli, coordenador geral da parte artística, o nosso agradecimento especial. As peças apresentadas, no dia da música, não poderiam deixar de ser aquelas regionais que, sob a inspiração de Gentil Bussik, são capazes de transportar-nos à Cuiabá antiga, num delicioso enlevo poético e lírico rumo ao passado.

Para elevar ainda mais a nossa alegria, fomos saudada, em nome da Academia Mato-Grossense de Letras, pelo Acadêmico Pedro Rocha Jucá, personalidade que marcou e marca ainda hoje a vida jornalística de Mato Grosso não somente pela inteligência e dinamismo, mas, sobretudo, pela sua capacidade de trabalho, desvelo e dedicação às causas culturais. O Acadêmico Jucá, tem seu nome indelevelmente timbrado na historiografia regional, onde vem contribuindo de forma vigorosa, mas também no âmbito da administração pública, quando ocupou recentemente a Secretaria Municipal de Cultura, conquistando um lugar cativo no coração de todos os cuibanos e mato-grossenses.

O processo que levou-nos a decidir pela inscrição da Cadeira nº 29 foi marcado por um percurso que vale a pena referenciar. Quando tomamos conhecimento das vagas existentes junto à Academia Mato-Grossense de Letras, um impulso impeliu-nos a ler o edital e até mesmo a escolher uma das cadeiras vacantes. De repente, os dedos no computador atualizavam o currículo e, enquanto, ansiosos, aguardávamos o final da impressão, indagamos: O que está impulsionando-nos em direção a essa Instituição? Seria a vaidade de vir a nos tornar Imortal? Mas, genericamente, a imortalidade é uma característica intrínseca do ser humano, pois ele, durante sua existência, constrói cotidianamente sua eternização como sujeito de uma história única, cujas marcas no social tornam sua passagem pela terra inesquecível e, por isso mesmo, imortal. Por outro lado, a imortalidade preconizada pela Academia não tem como foco o indivíduo, mas sim objetiva eternizar e garantir a perpetuação da Instituição, pois, cada Cadeira ao ser preenchida, garante a vida da Academia, imortalizando-a através da lembrança de seus Patronos e Acadêmicos falecidos. Portanto, muito mais que o sentimento da vaidade, deve pesar sobre o Acadêmico a responsabilidade histórica de seu papel.

Na sequência do racionício, agora já grampeando freneticamente os papéis impressos, novamente questionamos: Se não é a imortalidade, seria a pretensão de tornarmos-nos uma poetiza, uma contista ou de um dia vir a escrever nossas memórias? Fora de cogitação, pois o tempo seria curto para uma preparação competente e adequada. Enfim, o que impulsionava-nos a este gesto, além da certeza do prazer e do apren-

dizado no convívio com grupo seletivo de intelectuais? Mas isso, poderíamos usufruir sem, necessariamente, ter que fazer parte dos quadros da Instituição. Foi então que, recostando na poltrona, esforçamo-nos por nos livrar do viciado e enganador pensamento causal e buscando no fundo do peito, encoberto pelas nuvens da racionalidade, encontramos o verdadeiro motivo que guardamos, como que em segredo, para, hoje, poder revelá-lo a todos vocês.

Durante 20 anos de trabalho junto à Universidade Federal de Mato Grosso sentimo-nos como que vivendo numa metrópole, primada pela pluralidade de campos da Ciência, pelos diversos recortes epistemológicos, pelas múltiplas ideologias, pela heterogeneidade de etnias, enfim, vivíamos num macro-universo onde muito aprendemos e, principalmente, pudemos nos integrar através de propostas que convergiam para a recuperação da memória histórica regional. Foi apostando nessa direção que abandonamos a dissertação de Mestrado, iniciada em São Paulo, e abraçamos o estudo e a pesquisa de Mato Grosso. Paulatinamente ele, que inicialmente parecia-nos algo distante e obscuro, acabou se tornando, no decorrer de anos de leituras e investigações, familiar, cujo processo consubstanciamos em modesto compêndio didático.

Concluimos, portanto, que as raízes plantadas em São Paulo, com o cordão umbilical, já se encontravam rotas, pois haviam se estendido a mais de 1.300 quilômetros de distância, rumo a Mato Grosso. Foi então que pudemos avaliar com clareza essa transformação e, olhando com mais acuidade, conseguimos enxergar o trançado desenhado pelas raízes que aqui foram fincadas nessas duas décadas. Percebemos, então, que nossa identidade com esta terra era muito mais profunda e substantiva do que aparentemente imaginávamos, e que a nossa inscrição como pleiteante a uma Cadeira na Academia Mato-Grossense de Letras correspondia, na realidade, ao selamento claro e evidente dessa opção.

Assim, essa posse é acompanhada de um forte sentido de reenraizamento e, portanto, de revitalização, de renascimento. Por isso estamos aqui e com toda disposição para colaborar com a Instituição que hoje nos acolhe, esperando que os Acadêmicos, agora Confrades, aceitem nossa contribuição no campo da recuperação da trajetória histórico-literária de Mato Grosso, especialmente quando, no próximo ano, a Academia Mato-Grossense de Letras comemorará o seu Jubileu de Diamante.

Vocês, que hoje vieram honrar-nos com sua presença, são testemunhas do novo momento de nossa trajetória e, para comemorar, convido-os, após o encerramento da sessão, para um brinde que, sem dúvida, retratará o compartilhar de uma alegria que, minha, reparto com todos vocês.

CADEIRA 33

PATRONO

Mariano Ramos

OCUPANTES

Nicolau Fragelli

Lenine de Campos Póvoas

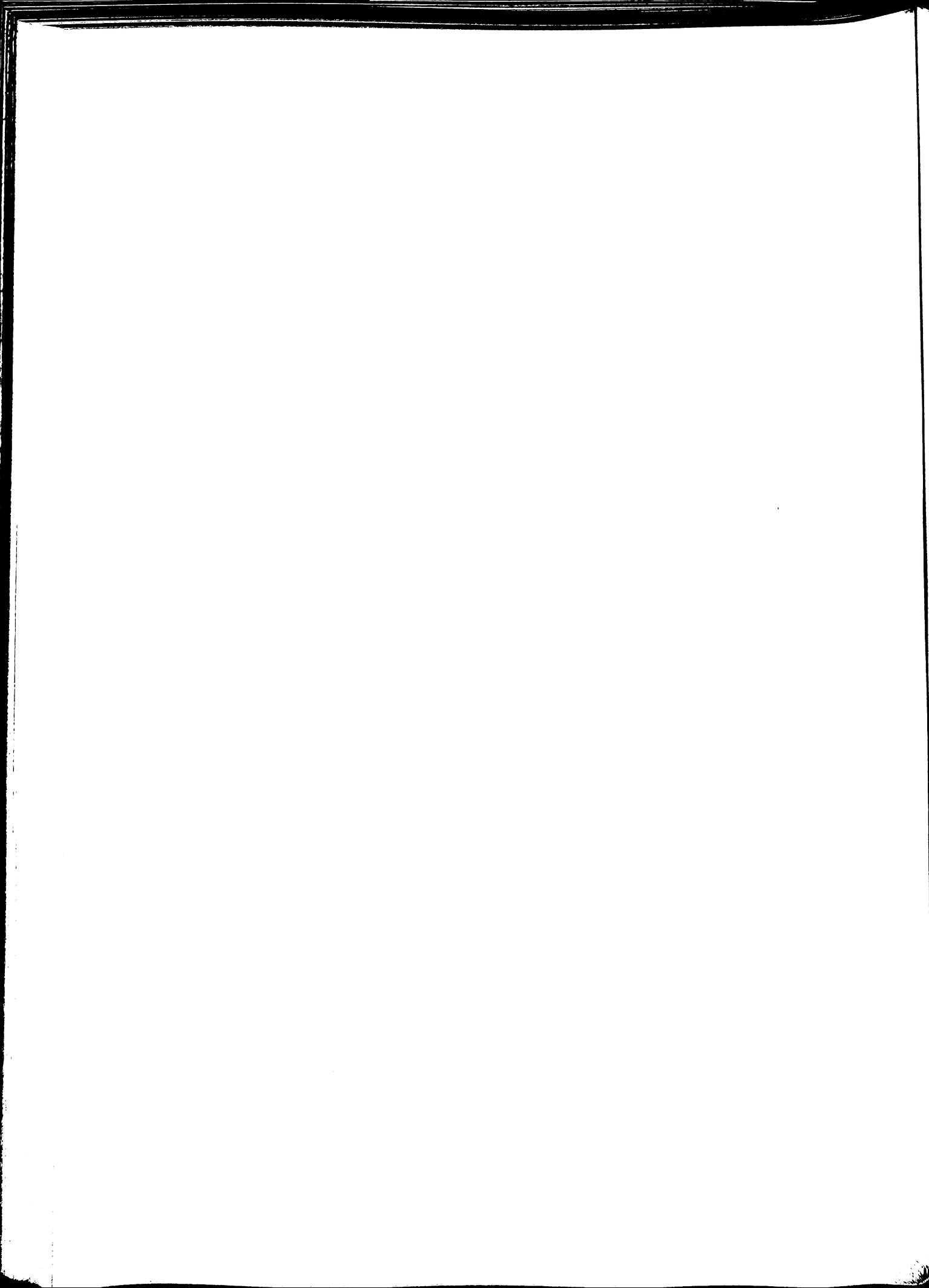
Fernando Tadeu de Miranda Borges

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO FERNANDO TADEU DE MIRANDA BORGES

Cuiabá, 08 de agosto de 2013

**DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO FERNANDO
TADEU DE MIRANDA BORGES, PELA ACADÊMICA
ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FERNANDO
TADEU DE MIRANDA BORGES**



DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO FERNANDO TADEU DE MIRANDA BORGES, PROFERIDO PELA ACADÊMICA ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA



A cerimônia de hoje está emoldurada pelo cenário de um novo Brasil, pulsante e embalado ao som das vozes juvenis que, almejando um mundo melhor, clamam nas ruas por melhores condições de vida da população, exigindo probidade e transparência no uso da coisa pública, enfim, embalam um canto que indica a direção de um mundo renovado para melhor e plenamente inclusivo.

Enganaram-se aqueles que concebiam a mocidade alienada e apartada da realidade. E foi justamente por estarem interligados e plugados ao mundo virtual, repositório e abrigo de ideias e trocas de informação, que se articularam e se exibiram publicamente através de manifestações, cujo ecoar nos dá a certeza de um Brasil melhor.

A Academia Mato-Grossense de Letras, que no próximo 7 de setembro comemorará 92 anos de existência, inaugura também, um novo tempo, visto que regida por um estatuto moderno e sintonizado com os dias atuais. Vale lembrar que foi na administração da primeira mulher à frente da Academia, Nilza Queiroz Freire, que isso ocorreu, resultado de uma gestão compartilhada com o conjunto dos acadêmicos, e timbrada pelo respeito, firmeza, constância e determinação.

Nessa sessão solene, preenchendo mais uma Cadeira Acadêmica, a de n. 33, patrocinada por Mariano Ramos e ocupada pelos saudosos Acadêmicos, Nicolau Fragelli e Lenine de Campos Póvoas, temos a honra de receber em seu quadro efetivo de associados, o cuiabano, nascido e criado no tradicional bairro do Porto, Prof. Dr. **Fernando Tadeu de Miranda Borges**, descendente de família de raiz e conceito, visto que neto de Ana Josepha Vieira de Miranda (Dona Jefa) e José Bernardo de Miranda (Juca), sobrinho de Maria Heloísa de Miranda (Naná), Ana Maria de Miranda Pinto (Anita) e Irmã Rita de Miranda (Irmã Ritoca), e filho dos saudosos João de Campos Borges e Aída de Miranda Borges, tem nove irmãos.

No Porto, frequentou a Igreja de São Gonçalo e assistiu às muitas Batalhas de Confete encenadas na Avenida XV de Novembro. Quando jovem, estudou acordeão, piano e violão, ocasião em que compreendeu que poesia e música, corpo e alma devem manter-se continuamente harmonizados.

Fez o Curso Primário no Grupo Escolar Senador Azeredo e em seguida foi aprovado no Curso de Admissão, ingressou no Ginásio Industrial, na antiga Escola Técnica Federal de Mato Grosso, onde estudou, durante dois anos, do Curso Técnico em Estradas, concluindo o segundo grau no Colégio São Gonçalo. Na Universidade Federal de Mato Grosso, bacharelou-se em Ciências Econômicas (1980), prosseguindo os estudos no âmbito da pós-graduação, com especialidade em Economia Agrária e em Economia Regional e Urbana, títulos obtidos junto à Faculdade de Economia e Administração da USP. Tornou-se Mestre em Economia pela mesma Instituição e Dou-

torou-se em História Social pela tradicional Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, também da Universidade de São Paulo.

Sua carreira docente teve início no ano de 1981, na atual Faculdade de Economia da UFMT. Hoje, orienta monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado junto a dois Programas de Pós-Graduação stricto sensu – no de Economia e no de História.

Na Universidade Federal de Mato Grosso, ocupou o cargo de coordenador da Editora Universitária, entre os anos de 1992 e 1998, e foi o primeiro diretor da Faculdade de Economia, entre 2008 e 2012.

Dentre suas múltiplas produções, podem ser destacados os livros:

Do Extrativismo à Pecuária: algumas observações sobre a História Econômica de Mato Grosso (1870-1930), hoje em 4ª edição. O lançamento da 1ª, em 1991, foi realizado no espaço em que hoje nos encontramos, a convite da Academia Mato-Grossense de Letras, quando presidia a Instituição o Professor, historiador e escritor cuiabano Lenine de Campos Póvoas, que fez um expressivo pronunciamento à época, apresentando a obra do Prof. Fernando Tadeu. *Do Extrativismo à Pecuária* tornou-se um clássico da historiografia econômica de Mato Grosso, obra de consulta obrigatória.

Economia Brasileira: Posições Extremas, lançado também em 1991, constitui livro de grande abrangência e profundidade, consultado por pesquisadores regionais e nacionais.

Esperando o Trem: Sonhos e Esperanças de Cuiabá, publicado em 2005, resulta de profunda pesquisa que discute as vias de comunicação de Mato Grosso e a esperança de um dia o trem chegar a Cuiabá. Esse livro recebeu, da União Brasileira de Escritores, do Rio de Janeiro, o Prêmio Antônio Vieira dos Santos em 2006. Inspirada nessa obra, a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, no carnaval de 2013, formulou o enredo “*Cuiabá: um Paraíso no Centro da América*”, levando o trem da Mangueira até Cuiabá, em plena Marquês de Sapucaí.

Prosas com Governadores de Mato Grosso (1966-2006), publicado em 2007, reuniu depoimentos dos governantes de Mato Grosso, oportunidade única do leitor compartilhar momentos inéditos revelados pelos depoimentos oferecidos ao autor.

Em *Prosas com Reitores e Reitoras da UFMT (1970-2010)*, realizou entrevistas com os reitores Gabriel Novis Neves, Benedito Pedro Dorileo, Eduardo De Lamônica Freire, Helmut Forte Daltro, Augusto Frederico Müller Júnior, Luzia Guimarães, Fernando Nogueira de Lima, Atílio Ourives, Paulo Speller e Maria Lúcia Cavalli Neder, ocasião em que cada um dissertou sobre sua trajetória pessoal e na vida universitária. O material foi publicado em 4 DVDs, integrando as comemorações dos 40 anos da UFMT.

Recentemente, finalizou a organização de um livro reunindo crônicas de autoria do seu Patrono no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, intitulado “*Tempos Idos. Tempos Vividos. Crônicas do Coronel Octayde Jorge da Silva*”, que será lançado em breve.

Além desses livros, coordenou e publicou inúmeras coletâneas em múltiplas parcerias.

Pela sua contribuição intelectual, competência administrativa e acadêmica, adicionadas ao seu amor por Mato Grosso foi merecedor de muitas homenagens:

Medalhas Caio Prado Júnior em Prol da Editoração Cultural; Medalha dos 25 anos da UFMT; Manoel Cavalcanti Proença; Cândido Mariano da Silva Rondon; Peregrino Júnior; Couto de Magalhães; Medalha de Gratidão e Reconhecimento conferida pelo Curso de Ciências Contábeis da UFMT, na comemoração dos 40 anos do Curso, e o Diploma de Mérito Cultural.

Moções de Aplauso e comendas foram oferecidas pela Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso e pela Câmara Municipal de Cuiabá;

Certificado de Honra ao Mérito conferido pela UFMT pelos trabalhos realizados em prol da Editora Universitária (2011), além de muitos outros.

Integra os quadros das seguintes entidades: Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE), Sociedade de Amigos de Rondon e Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT).

Atua como Membro do Colegiado Pleno da Faculdade de Economia da UFMT, do Conselho Curador da Fundação Uniselva (UFMT), do Conselho Municipal de Desenvolvimento Estratégico da Prefeitura Municipal de Cuiabá e do Conselho Regional do Instituto Euvaldo Lodi (IEL).

Conselheiro dos seguintes periódicos: Revista Eletrônica Documento/Monumento, do NDIHR/UFMT, Revista de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da UFMT, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, além de Consultor da Revista Eletrônica *História em Reflexão*, da Universidade Federal da Grande Dourados e do Conselho Regional de Economia de Mato Grosso.

Foi autor da indicação, ao Conselho Superior Universitário da Universidade Federal de Mato Grosso (CONSUNI/UFMT), do nome do Governador Pedro Pedrossian para o título de *Doutor Honoris Causa*, pelos relevantes serviços prestados à Educação Superior no Estado de Mato Grosso, outorgado no dia 10 de dezembro de 2010, em tocante cerimônia comemorativa dos 40 anos da UFMT.

É essa, Senhoras e Senhores, a personalidade que hoje ingressa na Academia Mato-Grossense de Letras e, tenho certeza, seu contributo será de grande valia para a projeção ainda maior da Instituição, e também para honra e gozijo de todos os Acadêmicos.

Caro empossado. Para finalizar essa saudação, gostaria de ler alguns trechos da poesia *Palco da Vida*, de autoria do grande poeta português, Fernando Pessoa, nascido em Lisboa no ano de 1888 e falecido na mesma cidade em 1935, aos 47 anos. Portanto, de Fernando para Fernando:

Você pode ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não se esqueça de que sua vida é a maior empresa do mundo. Você pode evitar que ela vá à falência.

Há muitas pessoas que precisam, admiram e torcem por você.

Gostaria que sempre se lembrasse de que ser feliz não é ter um céu sem tempestade, caminhos sem acidentes, trabalhos sem fadigas, relacionamentos sem desilusões.

Ser feliz é encontrar força no perdão, esperança nas batalhas,
segurança no palco do medo, amor nos desencontros.
Ser feliz não é apenas valorizar o sorriso, mas refletir sobre a tristeza.
Não é apenas comemorar o sucesso, mas aprender lições nos fracassos.

Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos

Ser feliz é saber falar de si mesmo

É ter coragem para ouvir um "não"

É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta.

Ser feliz é deixar viver a criança livre, alegre e simples que mora dentro de cada um de nós.

Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise.

E quando você errar o caminho, recomece, pois assim você descobrirá que ser feliz não é ter uma vida perfeita, mas usar as lágrimas para irrigar a tolerância.

Usar as perdas para refinar a paciência

Usar os obstáculos para abrir as janelas da inteligência.

Jamais desista de si mesmo

Jamais desista das pessoas que você ama

Jamais desista de ser feliz, pois a vida é um obstáculo imperdível

Ainda que se apresentem dezenas de fatores a demonstrarem o contrário.

Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo...

Caro Fernando, seu ingresso na Academia Mato-Grossense de Letras abrirá mais um caminho no seu trilhar intelectual, e o convívio com o corpo acadêmico lhe oportunizará conhecer e colaborar com a mais antiga instituição vocacionada para letras e literatura de Mato Grosso, instalada no ano de 1921, como Centro Mato-Grossense de Letras. Por isso, reitero a certeza de que sua contribuição será muito relevante, para honra de todos aqueles que integraram e integram hoje a Instituição.

Benvindo à Academia Mato-Grossense de Letras.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FERNANDO TADEU DE MIRANDA BORGES



O sonho de pertencer a Cadeira n. 33 da Academia Mato-Grossense de Letras, que tem como Patrono Mariano Ramos, e foi ocupada pelos Acadêmicos, Nicolau Fragelli e Lenine de Campos Póvoas, concretizou em um momento especial da minha vida: sinto-me mais amadurecido e repleto de juventude. A entrada na Academia Mato-Grossense de Letras foi o abraço inesperado que recebi de Cuiabá! Recebi flores em vida!

O Patrono da Cadeira n. 33, Mariano Ramos, nasceu na cidade de Cáceres, Estado de Mato Grosso, em 17 de junho de 1864, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1896. Filho de Mariano Ramos e Anna Alves da Cunha, formou-se Bacharel em Direito no Rio de Janeiro, e casou-se com Rosa da Conceição Pereira Leite Ramos, com quem teve quatro filhos: Aristides Ramos, Oscarino Ramos, Achilles Ramos e Lafayette Ramos. É bisavô do estimado amigo e colega, na antiga Escola Técnica Federal de Mato Grosso (ETFMT), Renato Ramos Calháo. Em vida, dedicou-se com afinco ao jornalismo e à política, duas atividades que admiro e considero filhas mais próximas da arte. Viver é fazer arte!

O Acadêmico Nicolau Fragelli nasceu na cidade de Corumbá, Estado de Mato Grosso, em 13 de novembro de 1884, e faleceu na mesma cidade, em 16 de fevereiro de 1946. Filho de José Fragelli e Tereza Provenzano Fragelli formou-se médico no Rio de Janeiro, e casou-se com Maria Fontanillas Fragelli, com quem teve três filhos: José Manoel Fontanillas Fragelli (governador do Estado de Mato Grosso, de 15 de março de 1971 a 15 de março de 1975, e muito estimado em Cuiabá), Beatriz Fragelli de Figueiredo e Cláudio Luiz Fragelli. Igualmente como Mariano Ramos, dedicou-se com brilhantismo à política e ao jornalismo. No exercício da docência, ministrou aulas de Francês. E, como idealista, buscou a construção de um estado mais humano.

O Acadêmico Lenine de Campos Póvoas, nasceu em Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, no dia 04 de Julho de 1921, e faleceu, na mesma cidade, em 29 de Janeiro de 2003. Filho do Prof. Nilo Póvoas e da Prof^a. Rosa de Campos Póvoas, formou-se Bacharel em Direito, no Rio de Janeiro, e casou-se com Arlete Gargaglione Póvoas, com quem teve três filhos: Aluízio Gargaglione Póvoas, Eduardo Gargaglione Póvoas e Maria Helena Gargaglione Póvoas. Morador do Bairro do Porto, em Cuiabá, fez de sua vida um modelo de dedicação ao magistério e ao ofício de escrever, notabilizando-se como escritor na área da História Cultural, Econômica, Social e Política. Com muitas publicações, trouxe observações interessantes sobre “cuiabanidade” e cultura econômica mato-grossense, num universo maravilhoso e mágico, e que merecem ser conhecidos, e continuamente apreciados. Era um profundo conhecedor da cultura mato-grossense e amou Cuiabá.

Lenine de Campos Póvoas foi um cuiabano - mato-grossense - cuiabano que procurou abordar nos livros com esmero Cuiabá, o Estado de Mato Grosso e o Brasil.

Gostava de viajar, e deixou registros interessantes das viagens que fez ao exterior. Possui num dos trabalhos publicados uma síntese sobre os aspectos geográficos dos Estados Unidos da América. O livro História da Cultura Mato-Grossense, de sua autoria, publicado em 1994, pela Editora Resenha Tributária, de São Paulo, tem notas preciosas. Na política, destacou-se como deputado Estadual nas legislaturas de 1947 a 1950 e 1951 a 1954, e vice-governador de Mato Grosso, no Governo de Pedro Pedrossian, no período de 1966 a 1971. Em Mato Grosso, ocupou diversos cargos públicos, tendo sido o primeiro Presidente da Fundação Cultural, que posteriormente transformou-se em Secretaria de Estado de Cultura.

No que diz respeito ao perfil dos ocupantes da Cadeira n. 33, a minha identificação maior com o Acadêmico Lenine de Campos Póvoas, reside no fato de assim como ele, ter nascido em Cuiabá, e morado no Bairro do Porto, lecionar na Universidade Federal de Mato Grosso, e trabalhar com História Cultural, Econômica, Social e Política. Cabe registrar que foi o Acadêmico Lenine de Campos Póvoas, o anfitrião no lançamento do meu primeiro livro, “Do extrativismo à pecuária: algumas observações sobre a História Econômica de Mato Grosso (1870-1930)”, dissertação de mestrado, defendida na Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Flávio Azevedo Marques de Saes. Tenho afeição pelo seu pai, Prof. Nilo Póvoas, por ter trabalhado com tenacidade, em prol de Cuiabá, Mato Grosso e do Brasil. O conhecimento que trago do Prof. Nilo Póvoas vem dos livros e das histórias orais dos meus familiares. Desejo deixar anotado na história, que assim como Prof. Nilo Póvoas, também simpatizo pelo nome “Lenine”, por lembrar, no meu caso, um dos autores favoritos da juventude, na área da Economia Política, Vladimir Ilitch Lenin.

Com muita honra, fiz a indicação para ser homenageado pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ), pelos relevantes trabalhos realizados pela Cultura Mato-Grossense, do escritor Lenine de Campos Póvoas, tendo sido a sugestão acatada por unanimidade pelos membros da UBE-RJ, e a solenidade de entrega da comenda realizada no Auditório da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, em uma linda cerimônia, que contou com a presença de escritores de diversos estados brasileiros, e foi conduzida com maestria pela renomada escritora Stella Leonardos, grande brasileira e dedicada Secretária Geral da entidade.

A Academia Mato-Grossense de Letras tem como Presidente de Honra e Membro Fundador, Dom Francisco de Aquino Corrêa, Bispo e Arcebispo de Cuiabá, Sócio Fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Governador de Mato Grosso, Membro da Academia Brasileira de Letras, poeta, e magnífico orador, conforme relatos da minha saudosa avó, Ana Josepha Vieira de Miranda, e saudosa tia, Irmã Rita de Miranda, freira Salesiana, que serviu em muitas comunidades religiosas do Estado de Mato Grosso, como educadora, e quando aposentada, antes de residir em definitivo na Casa Maria Auxiliadora, no Bairro Coxipó da Ponte, em Cuiabá, apoiou durante algum tempo, o grandioso trabalho da Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá.

Na Academia Mato-Grossense de Letras quero, junto aos meus pares, auxiliar nos projetos que vêm sendo realizados, e seguir com determinação a recomendação do saudoso amigo e escritor Cassiano Nunes, que observou, no artigo intitulado, “Cuiabá, 20 anos depois”, publicado no Jornal de Brasília, em 14 de janeiro de 1996, o seguinte, “Os valores econômicos, materiais, estão à vista no novo Mato Grosso, mas faço votos para que tal fastígio do concreto não faça esquecer os valores espirituais, intelectuais, do enorme estado. Creio que, na realidade, na antiga região de mineradores, dos garimpos, eles constituem agora, o verdadeiro ‘ouro de Cuiabá!’”.

Para a constituição dessa produção notável de conhecimento, que Cassiano Nunes denominou de “verdadeiro ouro de Cuiabá”, esteve a Universidade Federal de Mato Grosso dando sua importante e riquíssima contribuição. É válido salientar que a inversão do binômio ensino-pesquisa para pesquisa-ensino, na gestão do reitor-fundador, Gabriel Novis Neves e do seu primeiro vice-reitor, Benedito Pedro Dorileo, foi a base desta que é no Estado de Mato Grosso a maior instituição produtora de ciência.

Pedro Pedrossian, que recebeu o título de Doutor *Honoris Causa*, por ocasião da comemoração dos 40 anos de criação da Universidade Federal de Mato Grosso, pronunciou, em 10 de dezembro de 2010, no Teatro Universitário, do Campus de Cuiabá, *Fazendo um balanço sobre esses 40 anos que se passaram em nossas vidas, posso lhes garantir que, entre nossas grandes obras como as estradas que rasgaram este Estado; a energia que iluminou nossas cidades e outras grandes realizações, nenhuma foi tão importante, tão significativa e tão profunda quanto esta UNIVERSIDADE. Valeu à pena! Se necessário fosse, faria tudo novamente. Reconheço que sem o sonho e os companheiros motivados, tudo isso seria uma tarefa impossível. A Universidade foi o agente transformador das ideias criando uma plêiade de homens preparados, que transformaram este Estado num celeiro de produtos e homens.*

Na mesma linha de busca para somar com Mato Grosso na área da Ciência e Tecnologia, e na construção das Políticas Públicas do Estado, estiveram os reitores, Eduardo De Lamonica Freire, Helmut Forte Daltro, Augusto Frederico Müller, Luzia Guimarães, Fernando Nogueira de Lima, Atílio Ourives, Paulo Speller e Maria Lúcia Cavalli Neder.

E neste aspecto indago se tudo que foi feito pela Universidade Federal de Mato Grosso, Academia Mato-Grossense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso valeu a pena. E, para responder a indagação, faço uma homenagem à reitora Luzia Guimarães, que algumas vezes em pronunciamentos fez questão de lembrar aos membros da sua administração de que nunca se deve desanimar diante dos obstáculos, com o poema “Mar Português”, de Fernando Pessoa, que diz o seguinte, *Ó mar salgado, quanto do teu sal/São lágrimas de Portugal!!/Por te cruzarmos, quantas mãos choraram,/Quantos filhos em vão rezaram!!/Quantas noivas ficaram por casar!/Para que fosses nosso, ó mar!!/Valeu a pena? Tudo vale a pena/Se a alma não é pequena/Quem quer passar além do Bojador/Tem que passar além da dor/ Deus ao mar o perigo e o abismo deu/ Mas nele é que espelhou o céu.*

Na oportunidade quero ressaltar o eterno reconhecimento a minha mãe Aida de Miranda Borges (Dadá – *in memoriam*), minha avó Ana Josepha Vieira de Miranda (D. Jefa – *in memoriam*), minhas tias Maria Heloisa de Miranda (Naná – *in memoriam*), Ana Maria de Miranda Pinto (Anita) e Irmã Rita de Miranda (Irmã Ritóca – *in memoriam*), e a todos os meus nove irmãos paternos, na pessoa do meu irmão materno e paterno, José Bernardo de Miranda Borges.

Faço questão de lembrar e agradecer a alguns dos muitos doces e queridos docentes que deixaram marcas na minha trajetória acadêmica e profissional: Prof^a. Loló (Prof^a. Msc. Isabel Campos – *in memoriam*), Prof^a. Júlia Miguel Ahy, Coronel Octayde Jorge da Silva (*in memoriam*), Prof^a. Alaíde Addor (*in memoriam*), Prof^a. Ana Benedita Miranda (*in memoriam*), Prof. Osvaldo Roberto Sobrinho, Prof^a. Coréia Corrêa da Costa Santana (*in memoriam*), Prof^a. Isis Aragarina Félix, Prof. Cleonício Ramos da Rosa (*in memoriam*), Prof. Rinaldo De Lamonica Freire, Prof. João Crisóstomo de Figueiredo (*in memoriam*), Prof^a. Dr^a. Suíse Monteiro Leon Bordest, Prof^a. Dunga Rodrigues (*in memoriam*), Mestre Humberto Pereira, Prof. Vicente Machado de Ávila, Prof. Pedro Novis Neves, Prof. Edson de Souza Miranda (*in memoriam*), Prof^a. Msc. Ana Maria Barreto Borges (*in memoriam*), Prof. Gabriel Novis Neves, Prof. Benedito Pedro Dorileo, Prof. Msc. Manoel Pinto da Fonseca, Prof. Msc. Guilherme Frederico de Moura Müller, Prof. Attilio Ourives, Prof. Benedito Zacharias da Silva, Prof. Benedito Pinheiro de Campos, Prof. João José de Amorim, Prof. Msc. Adejá de Aquino, Prof^a. Amélia Lúcia Neves Pereira Leite, Prof^a. Diva Dias Costa (*in memoriam*), Prof^a. Maria Alice Fortunato Paes de Barros, Prof^a. Célia Maria Vivas Barretto de Mello, Prof. Msc. Nelson Zanatta Gomes, Prof. José Pereira Régis, Prof^a. Msc. Isabel Guarim, Prof^a. Msc. Maria Manuela Renha de Novis Neves, Prof. Dr. Antonio Ernani Pedroso Calháo, Prof. Antonio Humberto de Oliveira, Prof. Waldir Serafim, Prof. Leonardo Shhessarenko, Prof. Dr. José Manuel Carvalho Marta, Prof^a. Edna Maria de Albuquerque Affi (*in memoriam*), Prof. Dr. Alfredo da Motta Menezes, Prof^a. Msc. Iraci Galvão Salles, Prof. Miguel Biancardini Neto (*in memoriam*), Prof. Dr. Benedito Dias Pereira, Prof^a. Sueli Ferraz Afonso, Prof. Dr. Almir Balieiro, Prof. Adonias Gomes de Almeida, Prof^a. Dr^a. Elizabeth Madureira Siqueira, Prof^a. Msc. Maria Antonieta Fernandes, Prof^a. Dr^a. Yasmin Jamil Nadaf, Prof. Dr. Flávio Azevedo Marques de Saes (orientador no Mestrado na FEA-USP), Prof^a. Msc. Luzia Guimarães, Prof. Dr. Fernando Nogueira de Lima, Prof^a. Dr^a. Nanci Leonzo (orientadora no doutorado na FFLCH-USP), Prof. Dr. Nicolau Sevcenko (*in memoriam*), Prof. Dr. Wilson do Nascimento Barbosa e Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Cavalli Neder.

Agradeço aos amigos e amigas: Leila Francisca de Souza, Benedito Paulo de Campos, Marcos Prado de Albuquerque, Maria Carolina de Almeida Duarte, Jeanie Martha Boabaide (*in memoriam*), Gabriel Novis Neves, Luzia Guimarães, Neusa Souza Dourado, Elizabeth Madureira Siqueira, Edson Luís Lino Jorge da Silva, Pedro Novis Neves, Aurelino Levy Dias de Campos, Maria Manuela Renha de Novis Neves, Heide Huber Cuiaba, Maria de Lourdes Ribeiro, Rogério Arcuri, Nileide Souza Dourado, Lúcia Palma da Fonseca e Maria Adenir Peraro.

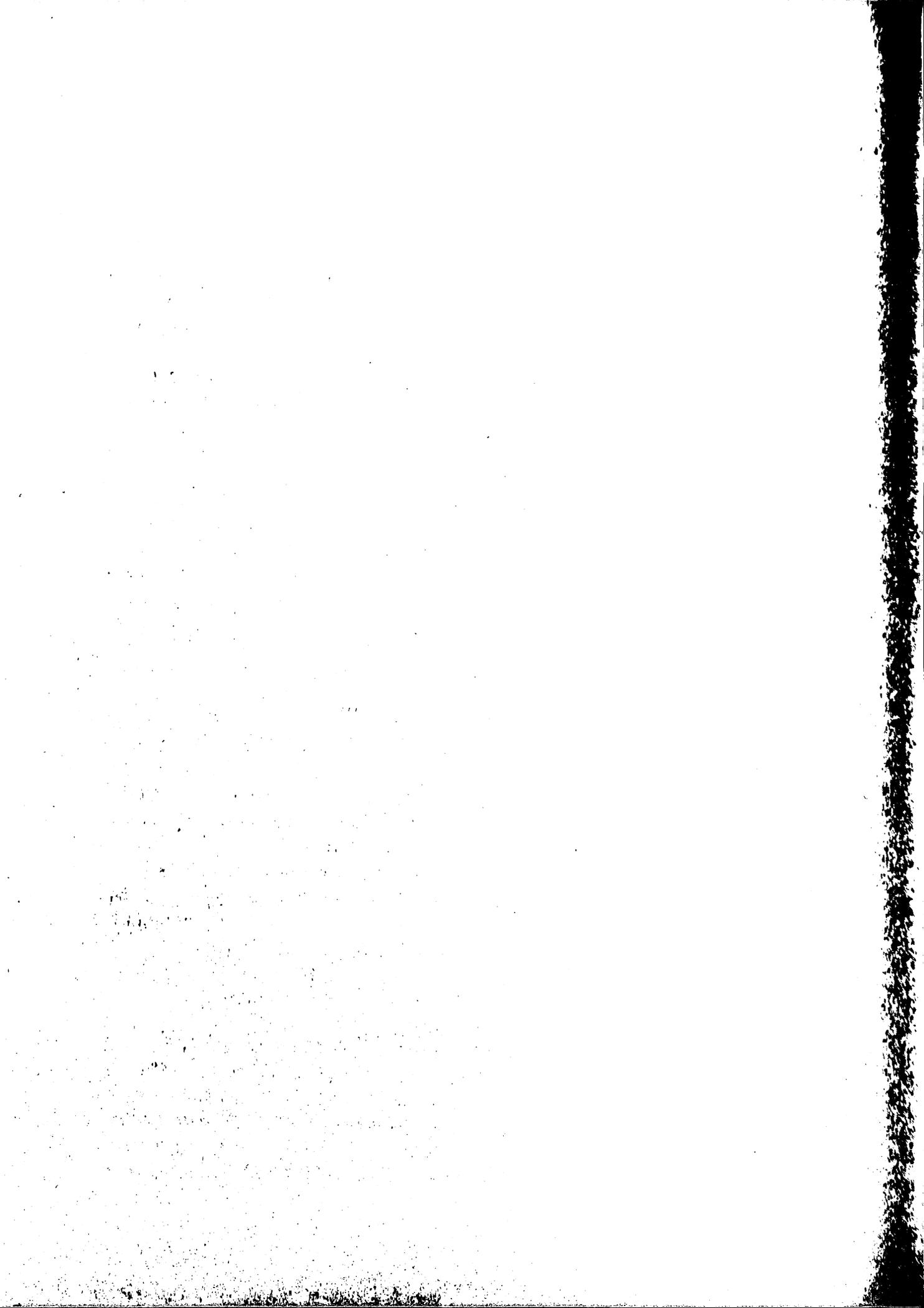
E, sou grato, também de coração, ao apoio da Imprensa Mato-Grossense, Gráfica da Universidade Federal de Mato Grosso, Cerimonial da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, Centro de Memória do Poder Legislativo do Estado de Mato Grosso, Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso, Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso, Banda do Exército Brasileiro do 44º. Batalhão de Infantaria Motorizada, Centro Acadêmico de Economia da Universidade Federal de Mato Grosso, e do aluno do Mestrado em Agronegócios e Desenvolvimento Regional da Faculdade de Economia da Universidade Federal de Mato Grosso, Wilton Maciel, pela realização do cerimonial.

Hoje quero comungar com todos, que a grande alegria deste ano, além de ter o livro, “Esperando o Trem: Sonhos e Esperanças de Cuiabá”, de minha autoria, como fonte de inspiração para a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, desenvolver o enredo do carnaval de 2013, “Cuiabá: um paraíso no Centro da América”, foi receber, no Brasil, o Papa Francisco (Jorge Mario Bergoglio), e com as suas mesmas palavras, também peço, “rezem por mim.”

Viva Cuiabá! Viva Mato Grosso! Viva o Brasil! Viva a América do Sul! Viva a Escola de Samba, Estação Primeira de Mangueira! Pois conforme diz uma das estrofes do samba enredo da Mangueira, composto por Lequinho, Junior Fionda, Paulinho Carvalho e Igor Leal, *Na benção de São Benedito eu vou/Dançar com o meu amor, o sonho/ Enfim chegou/Ao paraíso, emoldurado/Em cintilante céu azul/Bendita sejas terra amada! /O coração da América do Sul.*

Referências

- BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. *Do Extrativismo à Pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso (1870-1930)*. São Paulo: Scortecci, 2001.
- _____. *Esperando o Trem: Sonhos e Esperanças de Cuiabá*. São Paulo: Scortecci, 2005.
- _____. *Prosas com Governadores de Mato Grosso (1966-2006)*. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2007.
- MATO GROSSO. *Discurso pronunciado pelo ex-governador de Mato Grosso Pedro Pedrossian*. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 10 de dezembro de 2010.
- NUNES, Cassiano. *Cuiabá, 20 anos depois*. Brasília: Jornal de Brasília, 14 de janeiro de 1996.
- PESSOA, Fernando. Mar Salgado. In: PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Editora Martin Claret, 1998, p. 48.
- PÓVOAS, Lenine C. *Síntese Geográfica dos Estados Unidos*. Campo Grande: Tip. Da Liv. Ruy Barbosa, 1955.
- _____. *Roteiro Sul Americano*. São Paulo: Resenha Tributária, 1984.
- _____. *Cuiabanidade*. Cuiabá: s/Ed, 1987.
- _____. *Nilo Póvoas, um Mestre*. Cuiabá: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1991.
- _____. *História da Cultura Mato-Grossense*. São Paulo: Editora Resenha Tributária, 1994.
- REVISTA COMEMORATIVA DO JUBILEU DE DIAMANTE (1921-1996). *Academia Mato-Grossense de Letras. 75 Anos*. Cuiabá: Gráfica da Universidade Federal de Mato Grosso, 1996.
- SAMBAS DE ENREDO 2013. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA. *Cuiabá: um paraíso no centro da América*. Autores: Lequinho, Junior Fionda, Paulinho Carvalho e Igor Leal. Rio de Janeiro, 2013.



CADEIRA 34

PATRONO

José Thomaz de Almeida Serra

OCUPANTES

Olegário Moreira de Barros

João Moreira de Barros

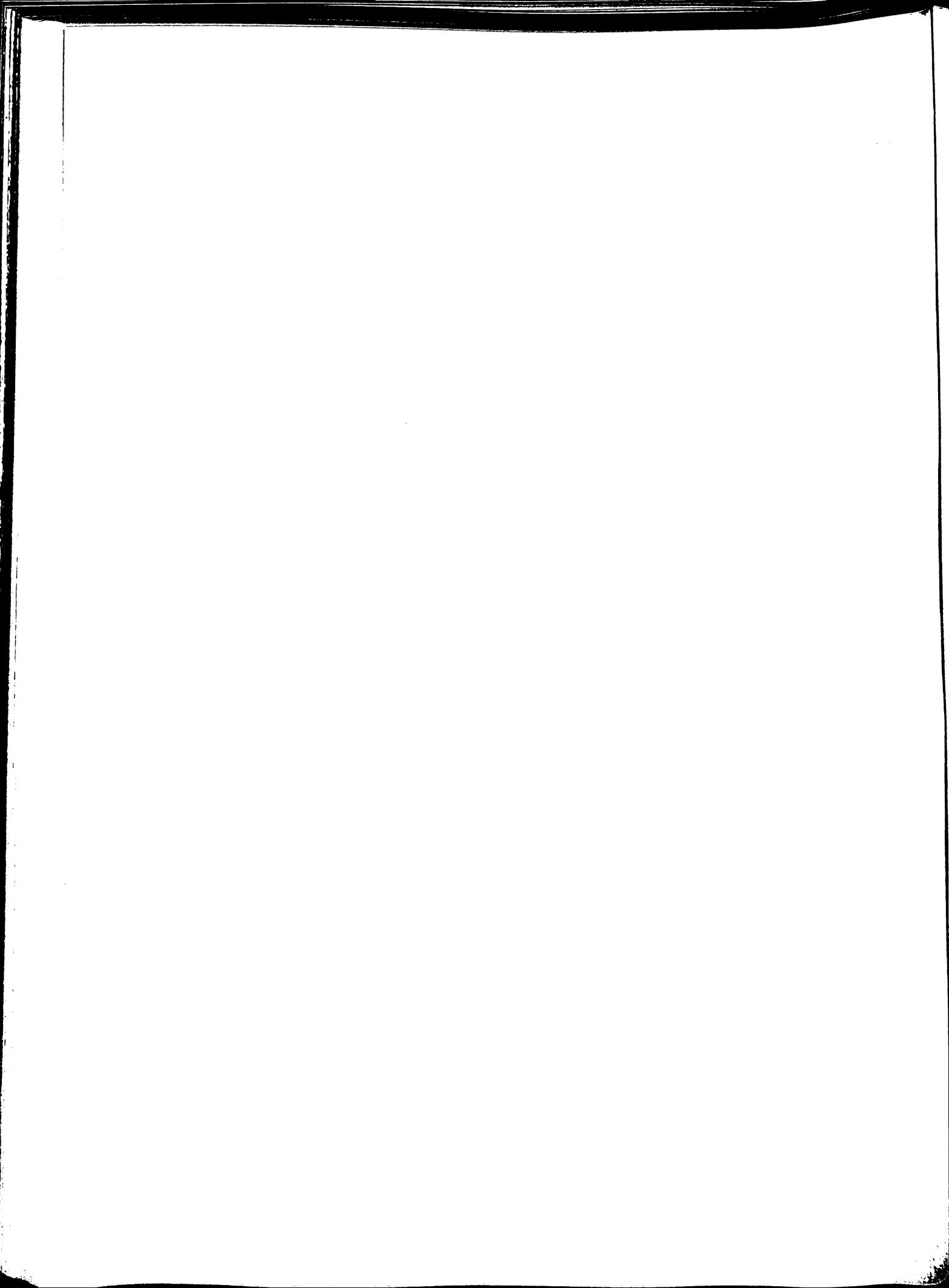
João Alberto Novis Gomes Monteiro

Sueli Batista

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO JOÃO MOREIRA DE BARROS

Cuiabá, 22 de outubro de 1981

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOÃO MOREIRA
DE BARROS**



DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOÃO MOREIRA DE BARROS



Jamais pensei que pudesse algum dia ocupar esta tribuna que supunha pertencer apenas aos luminares da Literatura, da arte ou da ciência. Daí o meu deslumbramento que certamente dificultará de muito, esta tarefa qual a de pronunciar um discurso de posse na Academia.

Quando os ilustres acadêmicos e amigos, Rubens de Mendonça e Luis-Philippe Pereira Leite, lembraram o meu nome para concorrer à sucessão do notável beletrista, Desembargador Olegário Moreira de Barros, na cadeira n. 34 deste agosto silogeu, a minha primeira reação foi de dúvida, de um certo temor.

Um cidadão, por gostar de escrever algo sem quaisquer preocupações literárias, sem outro intuito que não aquele de exteriorizar seu pensamento e seus apoucados conhecimentos, não deveria tomar um lugar neste nobre sodalício, onde tantos vultos homéricos brilharam intensamente quais astros de primeira grandeza, como, D. Aquino Corrêa, José de Mesquita, Amarílio Novis, Olegário de Barros, Nilo Póvoas, Cesário Netto, Sabóia Ribeiro, para citar apenas alguns dos que já deixaram saudades ou Gervásio Leite, Luis-Philippe, Archimedes Lima, Rubens de Mendonça, Lenine Póvoas, Francisco Mendes, Ernesto Borges, Demósthene Martins, Benjamin Duarte, João Villasboas, Antônio de Arruda, entre tantos outros, cujas inteligências alicerçam verdadeiros prodígios literários que enobrecem e dignificam esta Casa da Cultura.

Aqui estou, porém, trazido não sei bem se pela benevolência ou se pela deferência dos nobres pares que, de uma ou outra forma, me honraram com sua aprovação, aprovação que implica necessariamente em uma imensa responsabilidade que, embora indo além de minhas forças, paradoxalmente, me proporcionará os elementos bastantes para, mais uma vez, com a Graça de Deus, cumprir minha tarefa, não tão bem como desejo, mas certamente, o suficiente para me tornar digno, tanto quanto possível da, por demais honrosa companhia dos nobres Acadêmicos.

Senhores, há quem diga que o atual cultivo das letras decresceu muito. Isso implica dizer que se escreve menos e lê-se menos ainda. Concordo, em parte. De fato, escreve-se cada vez menos boa literatura; quase nenhuma filosofia; faz-se cada vez menos boa arte. Em consequência, lê-se cada vez menos, boa literatura; lê-se quase nenhuma filosofia; assiste-se cada vez menos boa arte. Em compensação negativa, lê-se cada vez mais má literatura; assiste-se cada vez mais má arte. Na ciência em geral, não. Mas na jurídica, infelizmente, estão rareando os bons doutrinadores. O que se tem visto atualmente, são os escritores apressados que buscam chegar primeiro para vender mais. O mercantilismo grassa à solta. Quanto mais depressa se escrever, maior a venda. Nós, os advogados e os magistrados, somos os grandes consumidores. O estudante, nem tanto. Precisamos fazer as citações de hoje porque as de ontem já não servem. Não prevalece a qualidade, mas a atualidade.

Não se pode aceitar essa transformação para o pior, no meu modo de ver, como a chamada *literatura de vanguarda*. Esta é uma reação aos moldes explorados

anteriormente. Em última análise, uma transformação ou uma criação de um molde novo. Mas, pergunto: os moldes anteriores – o romantismo, por exemplo, que foi um movimento de libertação das peias do classicismo por um estilo mais individualista, chegando ao lirismo, predominando sobre a razão, ou o épico, de que Camões é, senão o maior, um dos seus maiores representantes – foram substituídos por um modelo de literatura digno desse nome? Têm surgido grandes valores na literatura jurídica? Talvez esteja errado, mas minha resposta não é afirmativa.

Não sou passadista, nem puritano e muito menos purista. Também não me intitulo nenhum Catão, mas a verdade é que não consigo aceitar, sem protesto, a moderna literatura, hoje imperante no mundo inteiro – a literatura erótica, a arte erótica, a pornoliteratura ou a pornografia. Parece que Eros transformou o orbe numa imensa porneia. Tudo em nome do Deus do Amor. É o romance, é o cinema, é o teatro, é a música, é certa imprensa que abusa da liberdade reconquistada. Até a televisão está adentrando nossos lares com programas censuráveis dos quais a nossa família não pode fugir. De que forma? Aconselha-se a mudança de estação. Para sintonizar outra com programa talvez mais apimentado? Nem os menores estão fora da onda envolvente, o que é pior. Adianta o cartaz dos cinemas ou teatros dizer: *Proibido até 14 ou 18 anos* – se não há fiscalização rigorosa na entrada? E se houvesse, só os cartazes já não trazem as atrizes – já agora os atores – em atitudes indecorosas? As bancas de jornal não exibem para quem queira ver e para quem não queria ver as revistinhas imoralíssimas? Parece que querem reviver os tempos de Sodoma e Gomorra. Aqui no nosso Brasil, o adultério, em breve, não será mais crime, pois tramita no Congresso com maciça votação favorável projeto de lei, assim determinando. Não sei se isso não será um convite à devassidão. Tomara que não seja porque, do contrário, seria porta aberta para o divórcio. A infidelidade conjugal tornaria a vida do casal insuportável, dando a base à dissolução do laço matrimonial.

Quem me dá a honra desta audiência e tenha lido ou ouvido falar de um livrinho que escrevi – *O Lado pitoresco das Eleições* – talvez me ache contraditório. Não caio em contradição, porém. Não escrevi um livro pornográfico ou imoral. Algumas passagens reais apenas, com alguns “palavrões” ditos não por mim. Fiz-me apenas veículo. E o que constatei, com certa tristeza, foi o leitor incentivar-me a escrever outro livro no mesmo estilo. Recebo colaboração espontânea de amigos e até de estranhos e lhes prometo uma 2ª edição “ampliada”. Esse mesmo livro, exposto na Universidade de Mato Grosso para venda, “não deu para quem quis”, como diria o comerciante da esquina. Em contraposição, o outro: *Aspectos da Revolução de 64 Vistos de um Canto do Jornal* teve uma venda reduzidíssima, a vida do casal insuportável dando e à dissolução do laço matrimonial.

É que os assuntos são diametralmente opostos – um é jocoso, o leve, meio “apimentado”: o outro é sério, o pesado.

Mas, senhores, não é essa a literatura que vasculhava no passado. Dir-se-á: os Eça de Queiroz, os Camilo Castelo Branco, os Luiz de Camões, os Guerra Junqueiro, ou os Machado de Assis, os Coelho Neto, os José de Alencar, os Érico Veríssimo ou os

Alexandre Dumas, os Victor Hugo, os Malraux, os Maurois “já era”. Agora é a vez das Cassandra Rios, dos Jorge Amado, dos Galhardo Guayanaz, dos Henry Miller, este, liderando um longo cortejo de escritores americanos.

Não. Positivamente, não. Essa deve ser uma fase apenas, uma má fase porque passam a literatura e a arte. Se o bom tem momentos fugazes o mau não poderá perdurar para sempre.

Confesso que às leituras modernas, prefiro ainda, nos intervalos que me permitem algum lazer literário, rever os velhos livros outrora tão procurados. Mas, por força do ofício a advocacia – agora retomada após um longo período de afastamento pelo exercício da magistratura administrativa – O Tribunal de Contas de Mato Grosso – voltei aos mestres do direito, talvez com o mesmo interesse dos outros tempos. O que pode parecer leitura pesada, sem atrativo para muitos. Ainda é para alguns poucos um verdadeiro tônico.

Fala-se mal das Faculdades de Direita de “final de semana”, assim chamadas porque os professores, geralmente dos grandes centros, só podem comparecer aos estabelecimentos de ensino aos sábados. Daí o amontoado de aulas em um dia só. Os professores ensinam mal, seja pelo longo tempo de aula, seja pelo cansaço. Em consequência, aprende-se pouco. Notem os senhores, que falo da minha carreira que, presumivelmente, conheço. É claro que não faço um libelo contra os colegas porque eu incluo entre aqueles que pouco conhecem de direito. Apenas acentuo que, pertencendo a uma geração que estudou não apenas nos fins de semana, mas, durante a semana toda, com professores que compareciam pontualmente às aulas, habituei-me a ler com mais frequência. Justifico, portanto, minha volta, com saudade até, aos livros de direito cuja finalidade, embora não seja tipicamente literária, contém boa e até ótima literatura quando realmente escritos por mestres.

Assim, revejo os velhos mestres e vejo alguns novos. Clóvis Bevilácqua, Carvalho Santos, Carvalho de Mendonça, Pontes de Miranda, Carlos Maximiliano, Seabra Fagundes, Helly Lopes Meireles. Themístocles Cavalcanti, Alfredo Russel, Aliomar Baleeiro, Alberto Deodato, Aloysio de Carvalho Filho, Nelson Hungria, Planiol, Colin et Capitan, Cernelutti, Carrara, Otto Mayer, Santi Romano, Bartheleny, Agricola Barbi, Celso Antônio e muitos outros, que tanto renome deram às letras jurídicas.

Mas volto também à filosofia, aquela mesma filosofia que Will Durant diz que não é mais amada, como no passado; aquela mesma por quem Sócrates preferiu morrer a viver em luta com seus inimigos; aquela mesma por quem Bruno preferiu deixar-se queimar em uma fogueira para não traí-la; aquela mesma que, graças à ajuda de Alexandre, o Grande, fez de Aristóteles, O homem mais culto que o mundo conhece; aquela filosofia que, apesar de tudo, ainda é a rainha das ciências, embora não se apresente com a antiga majestade, com todas as ciências a seu serviço.

E aqui vale um conceito filosófico a propósito da literatura que não apreciamos. É de Will Durant. Analisando largamente o *caráter negativo* do homem, afirma categoricamente que o portador do caráter negativo é dado a “anormalidades eróticas”. Pergunto: não se incluiria aí, o escrever ou ler literatura erótica? O assistir espetáculos

de erotismo? Parece que sim. Mas ele mesmo aponta o remédio – é a *reforma do caráter*. Mas, perguntar-se-á: pode-se reformar o caráter? Não se tem como certo que o homem traz em si o seu destino? Igualmente, não se pensa que o que o berço dá, só o túmulo tira? Não. Não é assim. A vontade, como define Durant, que é a *soma, a substância de todos os nossos impulsos e disposições*, ao denominar-se *força de vontade* – *pode vir a dominar e unificar o complexo*.

Acredito que, como já foi dito, a má fase da literatura e da arte, que é passageira, poderá, mais cedo do que se espera, cair no esquecimento, graças à “força de vontade” daqueles que deixaram-se envolver na malha traiçoeira e daqueles outros que souberam resistir a avalanche do erotismo. Os cinemas e teatros já sofrem com a fuga da plateia. Não são poucos os cinemas fechados para darem lugar a supermercados. E os teatros que teimam na apresentação de peças escabrosas cada vez contam com menos público. É uma reação salutar, não há dúvida.

Certamente se Aristóteles, “o filósofo”, como é cognominado, fosse escrever hoje os seus *diálogos literários*, não seguiria o caminho tortuoso de Eros que, talvez algum escritor rico de vender livros imorais, gostaria de batizar de ciência, não por certo, a ciência pura, que é a espinha dorsal da filosofia.

Mesmo Voltaire, tido como devasso, não trilharia por aquele desvio. Dizia ele: *Minha função é dizer o que penso* e Will Durant acrescenta: *é o que ele pensava era sempre digno de ser dito, e o que dizia era sempre incomparavelmente bem dito*. Está claro que em semelhante homem, como escreveu Victor Hugo: *dizer Voltaire é caracterizar todo o século dezoito* – não caberia um tipo de filosofia que não se coadunasse com o que dele disse Taine: *não seria ele, talvez, a máxima energia intelectual de toda história?*

Não, um homem como Voltaire, de quem Frederico, O Grande, dissera ser *o mais belo gênio produzido pelo mundo* e de quem Will Durant afirma: *no dia em que nos esquecermos de honrar Voltaire não seremos mais dignos da liberdade* – certamente não escreveria literatura erótica para ganhar dinheiro.

Se se pode dizer isso de Voltaire, o que não se dizer de Flaubert, o estilista que maravilhou o mundo no século XIX? Insulado em Croiset dizia ele: *a abençoada literatura tornou-se parte do meu ser*, e aconselhava: *ama arte mais que a ti mesmo*. Se aconselhava a outrem fazia melhor. Escritor de passar dias, à procura de um adjetivo mais adequado, dizia: *morra eu como um cão, antes que fixar na frase ainda não madura*. Dele dizia Dumas Filho: *ele é um desses marceneiros que derrubam uma floresta para fazer um guarda-roupa*.

Esse homem amou tanto a literatura, no seu mais profundo sentido, que George Sand, sua mais querida amiga, embora não se conhecessem pessoalmente, o advertiu certa vez: *gostas demais da literatura; isso te matará*. E Flaubert sabia disso, mas não dava ouvidos. *Porque não ser destruído por uma sublime devoção?* – perguntava. E foi destruído.

Quem deu desde moço toda a sua vida às letras e nunca pediu devolução, como diz Maupassant, um dos seus discípulos, tinha que pagar um pesado tributo: morrer pelas letras.

Esse homem, quero dizer, jamais escreveria romances hoje no estilo predominante – o erótico.

Creio que estou me definindo, em matéria de gosto literário e sem a menor pretensão de reformar o gosto alheio. Cada um, está mais que claro, gosta do que quiser.

Para mim, modestíssimo cultor mais das letras jurídicas que das belas letras, é subida honra preencher a vaga deixada pelo eminente Desembargador Olegário Moreira de Barros nesta Academia. Preencher apenas fisicamente porque culturalmente isso não será possível.

Quem teve a felicidade de conhecer aquele homem educado, fino, culto, atencioso ao extremo, deve guardar do Desembargador Olegário de Barros, a mais grata das impressões- Lembro-me dele quando eu era apenas rapazola, estudante talvez primário. Via-o transitar pelas ruas da nossa velha Cuiabá sempre acompanhado por um soldado de polícia. Intrigava-me aquilo. Perguntava a mim mesmo – por que irá preso? É que sempre ouvia dizer que, *os presos iam por diante da polícia*. Mas não se tratava de prisão, evidentemente. O então Dr. Olegário de Barros era Chefe de Polícia e o uso era andar acompanhado de sua ordenança. De outra feita, vi-o fazendo uma conferência no Palácio da Instrução. Era ainda estudante e não sei porque ter lá, mas a verdade é que aquele homem me inspirou a admiração, tal a sua maneira de falar, tais os seus gestos. Evidentemente, não compreendia o significado das palavras, mas só sua presença simpática e respeitosa me bastou.

Perdi-o de vista. Segui o meu caminho. Retornei à Cuiabá para exercer justamente aquele cargo no qual via o Desembargador Olegário *por diante da polícia*. Não o imitei. Naquele tempo parece que não era mais usual andar o Chefe de Polícia, acompanhado de ordenanças pelas ruas. Mas o cargo e principalmente meu sobrenome Moreira de Barros – fizeram nossa aproximação. Dizia-me Desembargador Amarílio Novis: *O Olegário quer conhecer você*.

Fizemo-nos amigos, isto é, conhecidos. Nunca o visitei, mas estivemos muitas vezes juntos no Egrégio Tribunal de Justiça onde pontificava com sua cultura, sua sobrançeria, seu equilíbrio. Admirava-o discorrendo sobre questões que lhe vinham a julgamento. Voto sereno, justo, alicerçado no direito e na jurisprudência.

Em uma das questões mais rumorosas tramitadas pelo Tribunal de Justiça de Mato Grosso – o *impeachment* requerido contra o Governador Mário Corrêa da Costa, em 1937, o Desembargador Olegário Moreira de Barros, como relator do Mandado de Segurança impetrado pelo Governador, votou pela concessão do *Mandamus* e seu corajoso voto foi tão bem alicerçado, que o Tribunal inteiro o acompanhou declarando inconstitucionais frente ao Diploma Federal dispositivos da Constituição do Estado, nos quais se baseou o pedido de *impeachment*.

Na literatura propriamente, aí estão estampadas suas produções jornalísticas nas quais demonstra o gosto pelo belo e o apurado trato com o vernáculo. É grande o volume dos seus trabalhos. Sua colaboração se fez presente em vários jornais e revistas da nossa Capital e Corumbá, sua terra natal. *O Republicano, Correio do Estado, O Democrata, O Constitucionalista, O Evolucionista, Diário de Corumbá, A Tribuna, A Cidade*

de Corumbá, as revistas *Mato Grosso*, da *Academia Mato-Grossense de Letras* e *A Violeta*, publicaram inúmeros trabalhos literários do acadêmico Olegário de Barros.

Galgado às culminâncias do Poder Executivo Estadual, em 1945, outubro, por força da deposição de Getúlio Vargas, Olegário de Barros, na qualidade de Interventor Federal em Mato Grosso, presidiu com absoluta lisura às eleições que se realizaram a 2 de dezembro daquele ano entregando, logo após, o governo a seu substituto, pois, entendera que sua missão era tão somente presidir, como Magistrado, àquelas eleições.

Como chefe de família foi um exemplo. Sua digníssima viúva, D. Nilza Verlangieri de Barros, que aqui nos honra com sua presença, divide seu tempo com as filhas do casal, dentre elas, D. Maria Izabel de Barros Maciel, esposa do Sr. Pedro d'Abadia Maciel, também presentes, e já com um punhado grande de netos e bisnetos.

E o que dizer do patrono da cadeira nº 34, José Tomaz de Almeida Serra, neto do intrépido Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, aquele Engenheiro português que defendeu heroicamente o Forte de Coimbra em 1801, antes tendo perlustrado a então Província de Mato Grosso pelas bandas de Vila Bela? Só essa descendência já seria bastante para recomendá-lo. Entretanto, trata-se de um jornalista e um poeta cuja inteligência e cultura emolduraram nosso então incipiente jornalismo e já nossa apresentável literatura.

Destinava-se inicialmente à carreira eclesiástica. Desistindo dela, assentou praça. Parecia que iria seguir a carreira do avô. Nada disso. Acabou seus dias exercendo função burocrática – Escrivão dos Feitos da Fazenda. Dele disse Estêvão de Mendonça: *Era um espírito educado. Colaborou com brilho em diversos jornais desta Capital. As poesias que deixou revelam um talento de primeira grandeza.*

Sucesser ao emérito Olegário Moreira de Barros na cadeira patrocinada por José Tomaz de Almeida Serra é, por demais, pesada carga para minhas parcas forças. Não esperem os senhores Acadêmicos que para esta Casa me trouxeram nenhum prodígio, nenhum assombro, nenhuma manifestação mais eloquente de uma inteligência ou de uma cultura que me faltam. Esperem sim, todo interesse, todo respeito, todo esforço que, certamente, atenuarão as falhas.

Asseguro-lhes, nobres pares, que a finalidade da Academia, qual seja promover e intensificar a cultura da língua e da literatura nacional, finalidade tão esplanada pelo inesquecível Cyro Sodrê no seu magnífico discurso de posse, com o meu ingresso nela, não sofrerá solução de continuidade. Se não concorrer com pequena parcela, que seja, para esse desiderato, por certo, não concorrerei também com qualquer contribuição que venha deslustrá-la. Até aqui tenho adotado uma norma de agir: só aceitar uma missão que seja capaz de desempenhá-la. Se não bem, pelo menos, razoavelmente. É o que espero fazer nesta Casa de Aquino, com a ajuda de Deus e com a tolerância dos nobres pares.

Muito obrigado.

CADEIRA 34

PATRONO

José Thomaz de Almeida Serra

OCUPANTES

Olegário Moreira de Barros

João Moreira de Barros

João Alberto Novis Gomes Monteiro

Sueli Batista

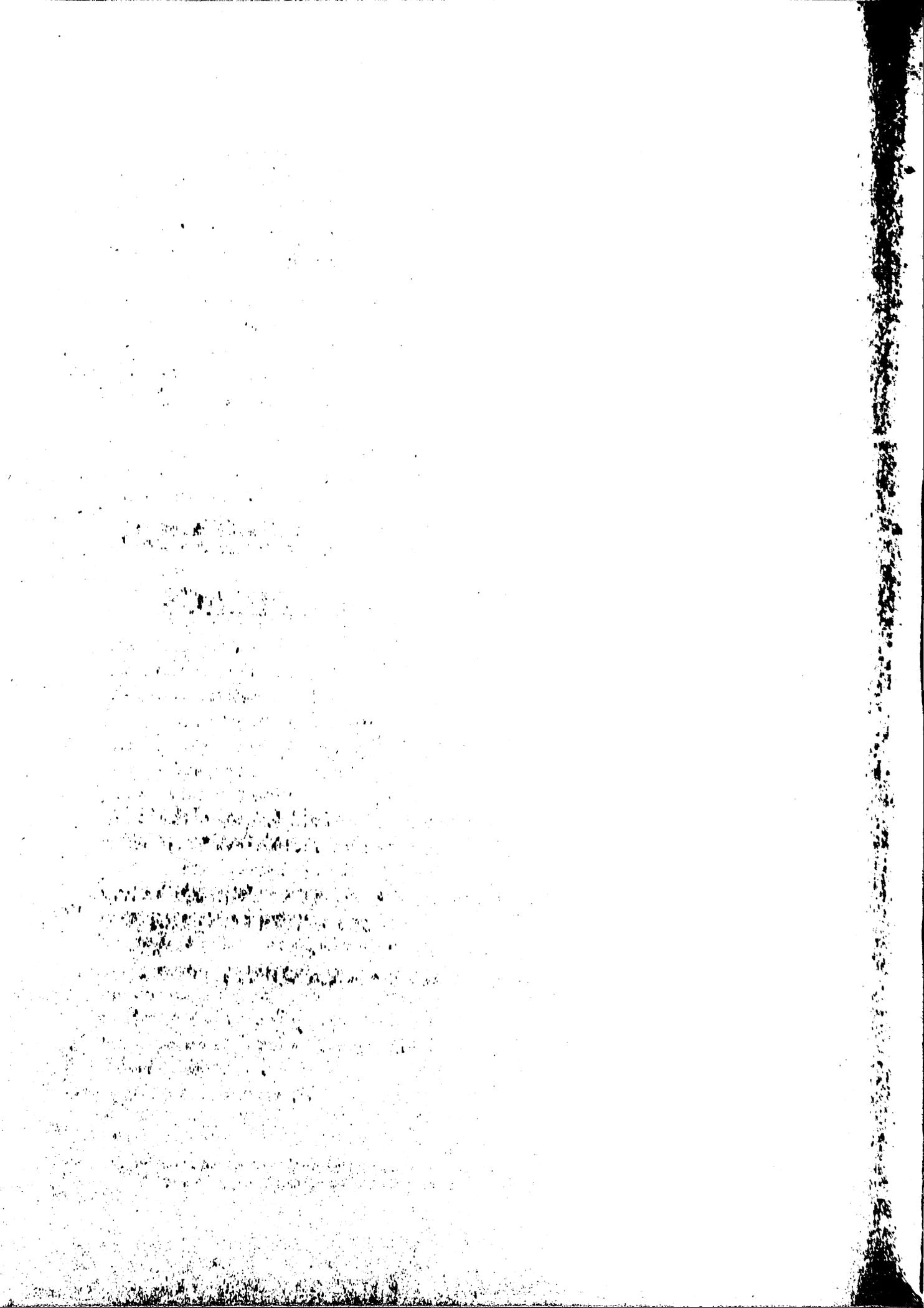
SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA SUELI BATISTA

Cuiabá, 18 de novembro de 2014

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA
SUELI BATISTA, PELO PRESIDENTE EDUARDO MAHON**

**DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA SUELI BATISTA,
PELA ACADÊMICA ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA**

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA SUELI BATISTA



ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA SUELI BATISTA, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, EDUARDO MAHON



Ao mirar Sueli Batista, divisamos a têmpera de redobrada resistência, típica das pessoas que vencem na vida pelo talento persistente que não se acovarda. A posse da nova acadêmica de letras, não só coroa um percurso individual palmilhado com sacrifício, como a missão que a Academia Mato-Grossense de Letras propôs-se a realizar: recompor todas as cadeiras vacantes com personalidades que entregaram à sociedade, relevante trabalho literário. O que ressalta na inquebrantável Sueli Batista, essa alma blindada contra adversidades, é um adicional talento: a capacidade de mobilização.

Numa única mulher, temos a jornalista, produtora, escritora, poeta, executiva, memorialista, professora. Sueli Batista representa muitas vozes, todas elas libertárias. Além de outros livros, coletâneas de artigos e memórias institucionais, destaque especialmente, a poesia de “Pássaro, Passará”. E o faço porque a poesia sempre tem a capacidade de expor o talento sem intermediários ou tradutores. Nela, o leitor é juiz de toda a emoção. A ode ao regionalismo ecoou em vozes reconhecidas em todo o território nacional, valorizando a natureza e o cotidiano mato-grossense, notadamente o elã chapadense, a quentura cuiabana e as paisagens serranas.

A estética estadual não é resultado de um mimetismo automatizado com as coisas nativas. Muito ao contrário: foi construída com base nas artes plásticas que inventaram cores e temas de identidade sentimental. O boi, o pássaro, a rede, o morro, as festas, o índio, tudo foi uma obra coletiva de muitas mãos que trabalharam para criar a semiótica tipicamente mato-grossense. Na literatura, diga-se o mesmo. Uma dessas muitas matrizes imagéticas é Sueli Batista. Ela não se limitou a poetizar o natural, como se engajou em causas de ampla repercussão social e nos ajudou a construir uma identidade vitoriosa: nativos, migrantes, todos sobreviventes às agruras, às distâncias, às ausências. Aí está a paga pela recepção cuiabana: a admiração, o encantamento pela terra.

Não se engane, porém, quem pensa na poesia de Sueli Batista como contemplativa. O “Pássaro, Passará” é denúncia. Confortando a memória do jornalista Wladimir Herzog, covardemente assassinado nos porões da ditadura militar, a autora cumpriu com uma das finalidades da literatura: defender a vida. A indignação da intelectual plasmou-se no manifesto: *“Tudo nessa vida passarál Você é pássaro! Pássaro das penas passadas! Pássaro do passado! Que pousou nos sonhos! Das passaradas! Que, aprisionadas, Caladas, Algemaram suas asas! No palácio do pássaro rei”*. Os que não se calaram foram recompensados pela juventude liberta, que hoje, reconhece na resistência, o mérito da construção democrática.

Apresentamos uma mulher que vive intensamente as nuances do feminino e o celebra abertamente na sociedade. Trata-se de outra luta: a inclusão, o empoderamento, a equiparação da mulher numa sociedade que ainda subjuga o sexo feminino, negando direitos, sonhando espaços, além de pretender uma conformação retrógrada da vida

e dos relacionamentos. Muito embora uma instituição eminentemente cultural como esta, não se preste a sufragar nada além do talento literário dos que compõem a bancada acadêmica, é preciso reconhecer o trabalho da vida de Sueli Batista – com a mulher, para a mulher e pela mulher. Até porque escrever é se engajar de alguma forma, ter fé na vida e no tema, expor-se e arriscar-se num ato de coragem. Que venha Sueli Batista. Bem poderia ela chamar-se Sueli Coragem. Seja eternamente bem-vinda.

DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA SUELI BATISTA, PROFERIDO PELA ACADÊMICA ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA



A Academia Mato-Grossense de Letras saúda e dá as boas-vindas à novel Acadêmica Sueli Batista, que tomou posse na Cadeira n. 34, para todos muito cara, visto que, patrocinada pelo cuiabano José Thomaz de Almeida Serra e ocupada por personalidades que marcaram indelevelmente o cenário cultural de Mato Grosso: Olegário Moreira de Barros, João Moreira de Barros, tendo seu último ocupante uma significação ainda mais especial para a Academia Mato-Grossense de Letras, visto ter ocupado, entre 1995 e 1997, a presidência da Casa, o médico e literato João Alberto Novis Gomes Monteiro. Antes mesmo de tomar posse, Sueli, em entendimento com a família, proporcionou um encontro da Curadoria da Casa Barão de Melgaço com os familiares, visando conhecer o acervo e verificar a possibilidade de seu abrigo na Instituição, o que se deu favoravelmente. O acervo, que todos poderão conhecer hoje, é composto do mobiliário do escritório do Dr. João Alberto, de uma coleção preciosa de objetos, dentre os quais se destaca um conjunto valioso e raro de instrumentos cirúrgicos. Em nome da Curadoria da Casa Barão de Melgaço, repositório da memória dos membros falecidos do IHGMT e da AML, agradeço à Família Novis, pelo desprendimento na seção do material, e à Sueli Batista pela sua primeira iniciativa em benefício da Instituição.

Discorrer sobre a empossada – paulistana nascida na zona leste da capital, mais precisamente no bairro Artur Alvim – constitui tarefa difícil, visto suas múltiplas facetas: jornalista, empreendedora cultural e social, editora, empresária, mas também, professora, poetisa e literata. Nesse discurso, procurarei destacar alguns aspectos relevantes de sua trajetória, iniciando pelo jornalismo, procurando fazer fulgurar uma vida de muito trabalho, visto a morte prematura de seu pai, João Batista dos Santos, que deixou três filhos e viúva, a poetiza Almerinda Felipe dos Santos, aqui presente, prestigiando e apoiando sua filha, mas também abrilhantando essa festividade.

Sueli Batista é formada, desde 1983, em Jornalismo pela Universidade de Mogi das Cruzes, carreira que veio a abraçar com muita competência. Logo após a formatura, procurou abrir novos nichos, ao assumir a produção editorial das Revistas Infantis *A Turma do Balão* e *Sorrindo e Brincando*, porém, o maior deles foi a *Sampa – Revista da Noite*, direcionada ao turismo e entretenimento. Para tanto, buscou apoio junto às editoras associadas, Tallamos e Aplausos, que se tornaram parceiras. Esse periódico, de elevado nível gráfico, visto que, impresso na editora Vecchi (RJ) e distribuído nas bancas pela editora Abril, valeu-lhe um início de carreira de muito sucesso. Foi nesse momento inaugural, que Sueli aprendeu o valor dos relacionamentos profissionais saudáveis, permeados pela confiança e adicionados pela admiração e respeito. Os primeiros sinais da mudança dos rumos de sua vida profissional foram anunciados quando uma editora de grande porte lançou no mercado paulista uma edição similar, distribuída em encarte numa de suas revistas semanais. O enfrentamento da editora de pequeno porte com a grande editora, fez com que a publicação da *Sampa* fosse parali-

sada: estava traçada uma nova rota em sua vida. Conta-nos Sueli que “Num domingo de setembro de 1985, o desânimo queria me abater, mas, ao ler um anúncio nos classificados do jornal ‘*Estadão*’, de que uma rede de rádio e televisão estava contratando jornalista para trabalhar em Cuiabá-MT, encontrei o antídoto. Enviei o currículo e conquistei uma das três vagas oferecidas”.

Em três dias, Sueli procedeu à mudança para a capital de Mato Grosso, trazendo na bagagem muita esperança, talento e, sobretudo, garra para enfrentar o novo desafio que se lhe era posto visto não conhecer ninguém, vir sozinha e desconhecer o ambiente de trabalho em que atuaria. Porém, seu perfil elegante e comunicativo logo fez desmoronar o mal-estar imperante na TV Centro-América, visto ser ela, a única jornalista formada, situação que superada em pouco tempo.

Nova porta simultânea se abriu, desta vez no jornal *O Estado de Mato Grosso*, periódico de grande respeitabilidade regional e no qual foi redatora, ali permanecendo por três anos. A residência de Sueli era, à época, o quartel-general dos jornalistas, que se reuniam espontaneamente para discutir encaminhamentos e propor projetos e inovações na área.

Após desvincular-se da Televisão, passou a dividir o tempo entre o jornal várzea-grandense e a Fecomércio/Sesc e Senac, instituição que a convidou para implantar o Departamento de Assessoria de Comunicação, experiência pioneira em Mato Grosso, o que lhe valeu a direção desse setor, cuja vinculação mantém até contemporaneamente. Essa riquíssima experiência lhe proporcionou contatos importantes e relacionamentos profissionais de grande relevância. Segundo a avaliação da empossada, “Durante o exercício da profissão na Fecomércio/Sesc e Senac, tive os meus olhos voltados para o todo. Inovei, criei projetos com começo, meio e fim, que inclusive hoje, fazem parte da memória institucional da entidade e são importantes como ferramentas de disseminação de informações internas e externas”. Sua experiência nessa Instituição lhe valeu a certeza de que projetos inovadores e bons contatos constituem a base do sucesso em qualquer profissão, mas o jornalista, além disso, tem que ousar e conquistar novos espaços. Foi o que lhe inspirou ao recuperar a memória do comércio e do SESC em Mato Grosso, editando, em 2002, *Memória resgatada: um arsenal munido de cultura*, lançado por ocasião na inauguração oficial do SESC-Arsenal, em Cuiabá. Essa obra contou com duas apresentações de Acadêmicos, do poeta Moisés Mendes Martins Júnior, e outro de minha lavra.

Já em julho de 2008, em coautoria com Mariza Bazzo, publicou Memória empresarial – CDL Cuiabá – uma história de sucesso, e em 2013, por ocasião do centenário da Associação Comercial e Empresarial de Cuiabá, veio a lume o precioso álbum intitulado ACC 1912-2012 – Centenário de História e de Desenvolvimento, mantendo a mesma coautoria. As duas últimas obras foram publicadas pela Studio Press, Comunicação e Editora, empresa fundada por Sueli e Mariza em 1988, logo que deixou o jornal *O Estado de Mato Grosso*. A Studio Press foi pioneira em Mato Grosso na oferta de serviços de assessoria de comunicação, além de se responsabilizar pela publicação de livros e periódicos, a exemplo do jornal *Rosa Choque*, periódico feminino e pioneiro na veiculação pela Internet, em Mato Grosso.

O reconhecimento por seu competente trabalho junto à Fecomércio/Sesc e Senac pode ser materializada na Comenda do Comércio, outorgado pela ABERJ, instituição de âmbito nacional na representação do comércio. Atualmente, Sueli Batista integra o primeiro comitê de Comunicação da Confederação Nacional do Comércio.

Em 2001, enquanto associada da Associação de Mulheres de Negócio e Profissionais, a BPW, foi eleita Presidente da mesma entidade, fundada em, pela advogada norte-americana Lena Madessin Philipps e que se faz presente em mais de 100 países, e em todas as regiões brasileiras. A BPW internacional, por sua representatividade, tem assento na ONU, Unicef, OIT, Unifem e em outras entidades representativas de âmbito internacional.

Os objetivos da instituição é impulsionar a mulher na carreira e nos negócios e com isso, promover ações para uma sociedade mais inclusiva, empoderada, justa, humana e igualitária. A BPW de Cuiabá foi fundada em 2007, e vem atuando com muito sucesso. Por sua dinâmica e competente atuação, Sueli Batista, foi eleita em 2011, Presidente da Federação da BPW do Brasil. Visando preservar a memória dessa importante instituição, escreveu Memória Viva BPW – E. Book de Resgate Histórico da Federação das associações de Mulheres de Negócios e Profissionais (BPW Brasil), acompanhado de um vídeo documentário.

No ano de 2010, recebeu o título da Soberana Ordem da Integração Cultural Brasil-Estados Unidos, no auditório da ONU, em Nova York; mas também, representou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher junto à 55ª Comissão da ONU sobre status da mulher; chefiou a Delegação brasileira que participou do Congresso Internacional da BPW em Helsinque, Finlândia; integrou a Missão internacional do Prêmio Sebrae Mulher de Negócios, na Itália e na França; assim como participou como palestrante no Fórum Internacional sobre Mulher e Desenvolvimento Sustentável, ocorrido em Beijjing, na China. Nesse evento, Sueli falou para representantes de 42 países. Foi também responsável pelo reconhecimento da brasileira Ana Martinha da Silva, moradora de Cuiabá, como a mulher mais idosa do mundo.

Supervisionou o eixo 2 do Programa “Pernambuco – Trabalho e Empreendedorismo da Mulher” (Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, Instituto Brasileiro de Administração Municipal, Governo do Estado de Pernambuco, SEBRAE/PE).

No âmbito do magistério, lecionou em Cursos de Jornalismo no Instituto Várzea-Grandense de Educação (1995-2000) e também no curso MBA em Gestão Estratégica da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso (2007-2009).

Na área literária, foi Fundadora e Governadora da Representação Estadual em Mato Grosso da *Associação Internacional Poeta Del Mundo* (desde 12 de fevereiro de 2014). Desenvolveu os projetos Mato Grosso na era da globalização I e II; Disseminando Opiniões, I e II; Memória Resgatada: da televisão no Brasil ao televisorinho em Cuiabá. Sueli Batista também foi criadora e executora dos Projetos *Letras da Terra e Vozes & Música na Dança da Vida*.

Pássaro Passará foi seu primeiro livro, publicado em 1996, composto de poesias que versam sobre diversos temas, e que teve como prefaciador Arnaldo Niskier, da Academia Brasileira de Letras. Mais tarde, essa produção foi musicada no *CD Pássaro Passará* – a lira em tom maior, com a participação de Tetê Espíndola, da atriz Clarice Abujamra, do cantor Carlos Navas, do músico Agnaldo Rayol e das compositoras Lucina e Alzira Espíndola.

Sueli Batista aposta sempre na inovação de experiências anteriormente, mas, sobretudo, investe em novos projetos, abrindo trilhas inovadoras. Esse caráter pluralíssimo que amoldura sua personalidade, remete à noção de eterna incompletude, magnificamente definida por Manoel de Barros no poema:

Retrato do artista quando coisa

*A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou
— eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.*

Pelos seus reconhecidos méritos, a novel Acadêmica mantém vínculo com as seguintes instituições:

-Membro da Comissão Julgadora do Prêmio Construindo a Nação do Instituto da Cidadania Brasil (desde 2008).

-Membro da Comissão de Certificação de Responsabilidade Social da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso (desde 2007).

-Membro do Conselho Superior da Federação das Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais (BPW Brasil), desde outubro de 2013.

- Membro do Instituto ECOGENTE - Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Socioambiental

Dentre as insígnias recebidas, destacam-se:

- Diploma Mulher Cidadã Bertha Lutz, concedido pelo Senado Federal.
- Medalha do Mérito de Mato Grosso na categoria de Oficial do Governo do Estado de Mato Grosso.
- Comenda JK, Mérito Empreendedor, CICESP.
- Título do Círculo Universal da Paz, concedido pela Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix (Suisse/France).
- Diploma Mulher Cidadã, conferido pela Assembleia Legislativa do estado de Mato Grosso.
- Troféu de finalista do Prêmio Aberje, conferido pela Associação Brasileira de Jornalismo Empresarial.
- Placa de Honra, conferida pela Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, pela campanha Luto pela Paz.
- Troféu da Litteris Editora do Rio de Janeiro (vencedora do concurso nacional de poesia).
- Troféu Marco Geodésico da América do Sul (Jornalista do Ano e Personalidade feminina).
- Troféu *A Crítica* (Personalidade Melhor em Comunicação e Mulher do Ano).
- Troféu Estela Prata, conferido pela Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais de Brasília.
- Troféu Mulher Influyente, do Jornal MG Turismo (Belo Horizonte).
- Comenda do Mérito Comercial, conferido pela Federação do Comércio (FECOMERCIO/MT).
- Comenda Marechal Rondon, conferido pela Revista Brasil Central.
- Medalha do Mérito Marechal Rondon, conferida pela Associação Comercial de Cuiabá.
- Comenda Lena Madésin Philips (BPW Brasil).
- Título de Cidadã Cuiabana, conferido pela Câmara Municipal de Cuiabá.
- Título de Cidadã Mato-Grossense, conferido pela Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso.
- Troféu da Ordem dos Advogados do Brasil (Seccional Mato Grosso – Mulher de Destaque).
- Diploma de Mérito da Universidade Federal de Mato Grosso (movimento Sociedade Abraça a Universidade).
- Moção de Aplausos da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso (movimento Sociedade Abraça o Rio Cuiabá).
- Troféu Mulher do Bem (Obras Assistenciais Wantuil de Freitas).

Muito ainda poderia ser dito sobre Sueli Batista, uma intelectual de múltiplos talentos, porém, finalizo essa saudação, em nome do conjunto de Acadêmicos, lendo a poesia, Troca de Experiências, de sua própria autoria, que simboliza o abraço determinado que ofereceu a Mato Grosso, especialmente a Cuiabá, sua segunda terra natal:

Troquei

*A Praça da Sé
pela Praça Alencastro
A Avenida Paulista
pela Avenida Mato Grosso
O Rio Tietê
pelo Rio Cuiabá
Os trilhos urbanos
pelo corixo,
O banho de Mar
pelo banho de cachoeira,
O pinheiro
pelo buriti,
O frio
pelo calor
A calça de veludo
pela bermuda.*

*Troquei
O café quente e forte
pelo guaraná ralado gelado
A goiabada cascão*

*pelo doce de caju
O risoto
pela galinhada
O pêssego
pela manga*

*Troquei
O moleque
pelo siminino
A lenda da mula sem cabeça
pela do minhocão
A Igreja da Consolação
pela Igreja do Rosário
O banco
pela rede preguiçosa
O ritmo acelerado
pela harmonia.*

*Troquei
Uma parte do que fui
por tudo que hoje sou.*

Sueli Batista, a Academia Mato-Grossense de Letras recebe-a de braços abertos e agradece seu empenho na vinda do arquivo do Acadêmico João Alberto Novis Gomes Monteiro para integrar o patrimônio da Casa Barão de Melgaço, na certeza de que o seu talento e inteligência muito contribuirão para a evolução acadêmica. Seja bemvinda.

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA SUELI BATISTA DOS SANTOS NA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS



INDELÉVEL

Cumprimento a todos os Acadêmicos e autoridades por meio do Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon. Cumprimento meus familiares por intermédio daquela que me deu a luz do nascer, Almerinda Felipe dos Santos. Cumprimento a família do último ocupante da cadeira 34, João Alberto Novis Gomes Monteiro, por meio da sua esposa, Nilza Miranda Gomes Monteiro, e cumprimento a todos os meus amigos e amigas, por intermédio da minha companheira de longa trajetória, a presidente da Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais – BPW Cuiabá, Mariza Bazo.

Salve, salve, a ancestralidade, saúdo Dom Aquino Corrêa, presidente de honra da Academia Mato-Grossense de Letras. Saúdo Ana Luiza da Silva Prado, a primeira mulher a ocupar cátedra na Academia Mato-Grossense de Letras, quando ainda era o Centro Mato-Grossense de Letras. Debruço-me sobre a luminosidade visível e invisível, transmitida pela luz, energia vital de tantos saberes. Pela luz deixada por homens e mulheres da intelectualidade. Debruço-me sobre a luz lilás da fé e da espiritualidade. Com a luz lilás visto nesta noite especial a Casa Barão de Melgaço.

As palavras do presidente Eduardo Mahon e da vice-presidente Elizabeth Madureira Siqueira muito me emocionaram. Externo, portanto, através da emoção sentida neste momento singular, a minha gratidão para todos os acadêmicos pela acolhida tão calorosa desta noite, sintam-se todos abraçados com muito respeito e extremo afeto.

Falando de afeto, não poderia deixar de citar a acadêmica Yasmin Nadaf, minha amiga e minha irmã de coração. Um presente de Deus na minha vida. Hoje Yasmin me colocou a pelerine, mas os laços nos unem desde a década de 80. Em 2004 a escritora me inseriu na dedicatória do livro *Presença de Mulher*, o qual tem também um verbete sobre a minha obra, *Pássaro Passará* e citações de outras contribuições que dei à literatura. Yasmin, por certo, não imagina o quanto tocou meu coração com sua delicadeza e amorosidade fraterna.

As Academias existem para que os seus eleitos e as suas obras jamais sejam esquecidos, mesmo depois da total extinção física". Colhi a frase que acabei de ler, da boa sementeira do jardim das letras do último ocupante da cadeira 34, João Alberto Novis Gomes Monteiro, que, ao ingressar na Academia Mato-Grossense de Letras, mostrou total compreensão sobre a imortalidade, que é a perenidade em relação ao que foi e ao que se produziu. Isso extrapola plenamente o biológico que ele conhecia muito bem na sua atividade de médico.

Nesta noite perenemente o meu nome fica junto com os nomes de ilustres imortais, que por suas obras e pelos bons feitos iluminam a Casa Barão de Melgaço e os eternos caminhos da vastidão da memória.

Recordo a primeira vez que entrei no casarão nobre que agasalha as letras mato-grossenses e que abriga a mais antiga instituição literária de Mato Grosso. No ano de 1986, quando eu era redatora e repórter do jornal O Estado de Mato Grosso, entrevistei o presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, na época, o historiador Lenine Póvoas. Depois da entrevista, ele me presenteou com a obra autografada, a História da Cultura Mato-grossense.

Esta é uma noite muito especial em minha vida. Uma noite em que contribuo para exumar saudades e evocar memórias, razão pela qual não posso ser instantânea, ao incursionar pela trajetória de quatro veneráveis ligados à cadeira 34: o patrono, José Tomás de Almeida Serra, e os três ocupantes que me antecederam: Olegário Moreira de Barros, João Moreira de Barros e João Alberto Novis Gomes Monteiro.

O patrono José Tomás de Almeida Serra, patrono da cadeira 34, é considerado o maior poeta romântico de Mato Grosso. Nasceu em Cuiabá, no dia 7 de março de 1866. Ao esquadrihar sua biografia me surpreendi, primeiro, porque ele teve uma passagem fugaz pelo plano terreno e, segundo, porque este tempo de vida breve foi muito marcante. Foi prodigioso: poeta, jornalista e escrivão dos Feitos da Fazenda Militar. Ele iniciou seus estudos no Seminário Episcopal da Conceição, porém declinou da carreira eclesiástica. Colaborou em diversos veículos jornalísticos, dentre eles A Situação. Em 1889, aos 23 anos de idade, no apogeu de sua juventude, contraiu tuberculose e prematuramente a morte interrompeu seus sonhos, mas a chama imortal de suas obras o animou.

Diversos poemas foram escritos por José Tomás e, por meio do seu sobrinho, Arnaldo Olavo de Almeida Serra, que cultuava sua memória, foram resgatados e confiados os originais para o escritor José de Mesquita, que os guardou por muitos anos. Quando Mesquita presidiu a Academia Mato-Grossense de Letras, na época que esta comemorava seu ano jubilar, 1946, publicou o livro do patrono da cadeira 34, na série intitulada Estante Mato-grossense, que visava à divulgação da produção literária de escritores de Mato Grosso.

Disse José de Mesquita, ao tornar pública a obra de José Tomás, que abrindo o seu livro de poesias o fazia com verdadeira emoção, quase religiosa, assim como quem descerra um relicário ou um escrínio de gemas. O historiador Rubens de Mendonça, na obra Dicionário Biográfico Mato-grossense, descreveu José Tomás como um “verdadeiro corifeu do romantismo”.

Dentre os poemas que li de José Tomás, a composição Câmara de Virgem, mostra que, através da sua imaginação lírica, ele dava vida para versos inquietos, amorosos, arrebatados e carregados de prazer.

*Quando a luz do luar bate-lhe em cheio
Nas formas de primor escultural,
julgo fitar a Vênus sensual,
num langue, voluptuoso devaneio
No suave ondular do lindo seio,
Julgo ouvir uma música ideal,*

*Que me transporta a plaga celestial
De uma aurora louçã ao bruxoleio
Sinto, então, essa febre de desejos
Que nos acende a fruta proibida
No mais doce e propício dos ensejos
E vendo-a semi nua, adormecida
cubro-a de um turbilhão de beijos:
"morte, morte de amor, melhor que a vida!"*

O coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, que se tornou herói ao defender em 1801 o Forte de Coimbra, por certo sentiria um orgulho especial do patrono da cadeia 34, seu filho. Heroicamente, sem precisar de armas, José Tomás de Almeida Serra conseguiu, com sua pena inspirada, fazer a própria vida se mover entre cada um de seus versos. A cada época, ao ser reverenciado, ele vive sua epopeia. Seu poema de longo fôlego sempre terá eco além das grandes portas e janelas da Casa Barão de Melgaço.

Sobre os ocupantes

O primeiro ocupante da cadeia, 34 foi Olegário Moreira de Barros, que era também um homem de carreira plural: bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e jornalista. Participou indiretamente do processo de redemocratização do país, na transição dos governos de Getúlio Vargas e Gaspar Dutra. Ele ocupava, em 1945, o cargo de presidente do Tribunal de Justiça, para o qual fora eleito quando assumiu como interventor do Estado de Mato Grosso, até a queda de Vargas. Faleceu no dia 6 de janeiro de 1969, na cidade de Corumbá.

O segundo ocupante da cadeia 34, João Moreira de Barros, era cuiabano, nascido em 3 de março de 1914. Tinha muitas afinidades com o primeiro: o sobrenome, embora não pertencesse aos mesmos laços familiares, e a carreira, ligada ao Jornalismo e ao Direito. Ambos foram chefes de polícia. No Tribunal de Contas do Estado, onde trabalhou, deixou importante contribuição literária através de vários livros publicados. Faleceu aos 11 de abril de 1987.

Resumi em poucas linhas a biografia dos primeiros ocupantes da cadeia 34 para me ater mais à biografia daquele que estou sucedendo. João Alberto Novis Gomes Monteiro, filho de família tradicional mato-grossense. Nasceu em Cuiabá, no dia 23 de março de 1931 e faleceu no dia 29 de dezembro de 2006, na sua terra natal. Médico, poeta, escritor e cronista. Formou-se no Rio de Janeiro, em 1955, na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Distrito Federal, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e na sua profissão trabalhou naquele estado, e também em Mato Grosso, onde atuou na iniciativa pública e privada, sempre na área de medicina, sua especialização, ginecologia. Atuou em prefeituras, em órgãos de governos estadual e federal, hospitais de caridade e hospitais privados. Da década de 50 à década de 80, foram relevantes suas atividades, no Rio de Janeiro, Corumbá e na capital mato-grossense, no cargo de chefe da Medicina Social Local do Inamps, de Cuiabá-MT. Médico, poeta, historiador, escritor, biógrafo e contista. Foi também membro do Instituto His-

tórico e Geográfico de Mato Grosso e reconhecido nacionalmente ao receber a Medalha João Ribeiro, comenda outorgada pela Academia Brasileira de Letras. Foi professor universitário e tem seu nome no Centro Estudantil de Medicina da Universidade de Cuiabá (Unic), onde lecionou História da Medicina.

Em 10 anos, de 1991 a 2001, publicou os seguintes livros: Ouvindo Cachoeiras; O Boateiro e sua janela mágica; Histórias do Velho Mato Grosso; Vidas roubadas: romance policial de ficção médica-científica; O Gênesis segundo um João: conceitos sobre a origem do homem, face aos conhecimentos científicos atuais e Pequena viagem pela História da Medicina. Contribuiu ainda com vários artigos para a imprensa mato-grossense.

Ao folhear o livro Ouvindo Cachoeiras, publicado em 1991, tive a impressão de sentir o coração pulsante de um médico que deixou seus escritos para que as futuras gerações compreendessem e refletissem sobre o significado da vida. Em todas as suas obras nota-se que seu texto é de linguagem simples, ele não gostava do “dificilguês” (termo que atribuiu à forma difícil e complicada de se expressar em nossa língua). Em Ouvindo Cachoeiras, cheguei a ver o Dr. João num instante ímpar de suas divagações, num ambiente natural, no vale do Aricá-Mirim. Parecia até egoísmo, ele absorvido com seu eu, sem se preocupar com as brincadeiras da família, na grande piscina natural que se formava aos pés da pequena cascata. E naquele curto espaço de tempo, fez seu momento dialético, do qual colhi um trecho que revela sutileza e a grandeza de um homem pássaro:

Se havia satisfação em ser dono legal de toda aquela maravilhosa natureza, a mesma estava sendo turvada por não ser, eu, o dono da minha própria saúde. Imaginei que, feliz mesmo, seria aquele passarinho que não tinha a escritura da árvore que habitava mas era uma harmônica parte integrante daquele ambiente. Porém, logo me ocorreu que os passarinhos, como todos os animais irracionais, eram movidos apenas pelo instinto: não tendo consciência da felicidade, o máximo que poderiam ter era a satisfação momentânea pelo atendimento de uma necessidade instintiva. Neste ponto levam, eles, vantagem sobre os racionais que criaram, a imagem de uma felicidade plena, que nunca poderão alcançar nesta vida.

Eu conheci João Alberto Novis Gomes Monteiro pessoalmente, e não apenas através de sua história. Ocorre, entretanto, que passei a conhecê-lo melhor, através dos seus livros. Pude saber da sua infância, das suas conquistas, do seu cotidiano, de sua família, seus amigos, e peculiaridades das cidades onde viveu: Rio de Janeiro, Corumbá e Cuiabá. Conheci sua capacidade de transformar fatos do cotidiano em crônicas, mas também sua coerência, crença e convicções, e seu caráter leal de respeito pelas tradições. Seu lado divertido e humano. Não usava as páginas de seus livros para passar ideias nas quais não acreditava.

No dia 8 de setembro do ano 2000, eu recebi o ofício de número 124, da Academia Mato-Grossense de Letras, que era assinado pelo então presidente, João Alberto Novis Gomes Monteiro, que dizia: “Senhora jornalista, a Academia Mato-Grossense de Letras agradece toda a colaboração que tem recebido de Vossa Senhoria na divulgação

de seus eventos, numa clara demonstração de valorização da nossa Cultura. Saudações cordiais”. Não sonhava, naquela época, ingressar na Academia e tampouco ocupar a cadeira 34, cujo último ocupante reconheceu meus méritos enquanto jornalista que tinha na Casa Barão de Melgaço sempre boas pautas.

Tenho muita honra de tomar posse na cadeira 34, sucedendo o renomado médico e escritor João Alberto Novis Gomes Monteiro. A vida nos aproximou em dois momentos, primeiro através dos laços profissionais e segundo por uma afinidade com membros de sua família, pois me tornei amiga de sua filha Rosalie Monteiro, e também estabeleci laços de amizade com sua esposa, Nilza, seus filhos, noras, genro e netos, frequentando sua residência em Cuiabá e até comemorando, juntos, a entrada de um novo ano, na sua casa de veraneio em Chapada dos Guimarães. Faleceu entre o Natal e o Ano Novo, em 2006, antes dos acordes de uma nova aurora de 2007, o ano em que completaria suas bodas de ouro com Nilza, a amada de uma vida inteira. Estivemos juntos numa mesma oração, velando o corpo do Dr. João por uma noite inteira, sem nos abater pelo sono. Muito me emocionou a solicitação da família para que eu escrevesse o texto da homenagem póstuma, entregue na missa de sétimo dia de sua partida.

O confrade Lourembergue Alves deixou registrado num periódico da capital a saudade por tão grande perda do ocupante da cadeira 34.

A morte não é outra coisa senão a ausência de vida, o que, dito de outra maneira, a não companhia física de uma pessoa. Por conta disso, e não sem razão, os que ficam por aqui, no espaço terrestre, desde parentes, admiradores e até amigos, passam a conviver com a saudade, que é alimentada dia a dia pela falta sentida. Sensação só reconfortada pela lembrança do ausente fisicamente, constituída de seus feitos, qualidades, defeitos e maneira bem particular de ser.

Talvez seja pela amizade que tanto me une à família Gomes Monteiro, por tanto desprendimento e confiança, foi aceita a minha sugestão para que fosse doado o acervo do último ocupante da cadeira 34 para integrar o patrimônio da Casa Barão de Melgaço. Isso me possibilitou entrar neste casarão com a primeira, de tantas contribuições que pretendo prestar.

Perguntei-me ao iniciar as pesquisas biográficas sobre os quatro ocupantes da cadeira 34, qual o fio tênue que poderia me ligar às trajetórias que eu iria esmerilar? A poesia? A contribuição com a imprensa? O comprometimento com a história? A vida pública ilibada? Certamente não me senti, com estas indagações, uma estranha na linha da vida destes homens notáveis. O que eu achei mais singular, no entanto, foi que a pesquisa me mostrou que todos nasceram em Mato Grosso e no mês de março. Sou a única ocupante da cadeira 34, que não sou ligada aos mesmos laços geográficos e natalícios. Por outro lado, com muito orgulho sou cidadã mato-grossense, filha da terra dos bandeirantes que desbravaram Mato Grosso e também com especial orgulho, pertencço a associação Business Professional Womem- BPW, traduzida por mulheres de negócios e profissionais, que reverencia o mês de março, sempre o iluminando na grande cerimônia das velas.

A professora Elizabeth Madureira Siqueira fez a minha saudação de recepção. Foi com riquezas de detalhes dos passos profissionais que dei que o fez. Eu gostaria, entretanto, de acrescentar algo mais em relação aos que poucos conhecem de mim.

Desde a minha verde idade, há quase 50 anos, me dedico às letras. Pouco antes de completar nove anos, no grupo escolar, deixei Vicentina, a minha professora, surpresa e muito encantada com uma história em quadrinhos que produzi. Eu nunca tive habilidade para o desenho, mas os rabiscos mal delineados ganhavam destaque mais pela mensagem que eu transmitia. Ter sido elogiada na escola, na fase inicial dos meus estudos, foi importante estímulo.

Lembro-me de que os quadrinhos que encantaram a minha professora primária, referiam-se à história de três personagens do imaginário infantil, que igualmente dividiam o protagonismo: um fantasma, um marciano e um saci, que queriam assustar os humanos. Em resumo, os personagens ficaram apavorados com a violência que viram e partiram na nave espacial do amigo marciano, na tentativa de juntos descobrirem um novo mundo. O contexto de minha narrativa, entretanto, era mais do que fruto de uma imaginação fértil, mas a própria vontade que eu tinha desde menina de mudar o que me afligia.

O presidente Eduardo Mahon acabou de dizer que eu poderia me chamar Sueli Coragem e isso me conduziu a uma reflexão, que já me sinto à vontade para compartilhar. Há experiências na vida que facilmente são deléveis, e outras não. Nos meus pequenos escritos, por muitas vezes deixei as composições caminharem entre pedras e punhais, e atribuo isso a muitos fatos ocorridos na minha infância e juventude. Minha trajetória nem sempre foi doce e teve grande parte de amargos, com doses muito difíceis de engolir, principalmente no meu lar, marcado pela beleza poética, pela sonoridade musical, mas também pelo grande impacto da violência doméstica. Mesmo chocada com a realidade preferi não fechar meus olhos e vislumbrar sempre um mundo melhor.

Meu pai tinha dons artísticos, tocava gaita e cavaquinho, cantava, participava de programas de rádio, compunha versos, fazia caricaturas e atuava em cinema. Na época em que se casou fez papel importante no primeiro filme Lampião, o Rei do Cangaço, e exibiu sua foto de ator, em local de destaque, na sala de casa. Por sua pluralidade ele era uma espécie de ídolo para mim e para meus três irmãos. Seu furor em momentos etílicos, entretanto, feria não só a alma daqueles que o amavam. Quando transitei da juventude para a idade madura, sem a presença paterna passei a compreender a frustração do meu pai. Apesar dos múltiplos talentos ele não conseguiu ascender socialmente. Faleceu aos 47 anos de idade, sendo o vigia da caixa d'água do Departamento de Águas e Esgoto de São Paulo. Minha mãe, que muitas vezes sofreu calada, sempre deixou florir nossa casa com seu ser poético e encantador. Buscava espaços componíveis para expressar a dor com a qual aprendeu a conviver desde a infância, quando ficou órfã de pai e mãe. Quase uma menina, em vez de ninar bonecas, acalantava os sonhos do seu primogênito. Meu pai e minha mãe, cada qual a sua maneira, me inspiraram e eu agradeço com o coração carregado de amor incondicional, e sem nenhum rancor, a chegada até aqui.

Meu pai sempre me apoiou nos estudos primários, mas não me estimulou a prosseguir além do curso ginásial. Minha mãe sempre caminhou do meu lado na minha busca pelo saber. Hoje minha mãe recebeu a homenagem da Academia Mato-Grossense feita à minha família, pelas mãos da Acadêmica Nilza Queiroz Freire, a primeira mulher a presidir a Academia Mato-Grossense de Letras. Isso muito me orgulhou.

Ao contrário dos meus três irmãos, Luiz Carlos, Sérgio e João, eu sempre acreditei que a educação recebida nos bancos escolares me levaria aos mais longínquos lugares, fui a única que concluiu os estudos colegial e universitário. Legitimei, através do aprendizado, o que hoje tenho como convicção. Por eu ter estudado, mudei totalmente minha trajetória. Deixei a casa de minha mãe e conquistei o que talvez, meu pai tanto desejasse para si. O reconhecimento pelos méritos.

Por eu ter estudado, percorri por vários caminhos, da Europa, do Oriente Médio, da África, da Ásia e das Américas. Visitei templos, ruínas antigas, museus, coliseus, monumentos, e muitos outros pontos histórico, social e cultural. Aprendi, nos vários percursos, algo mais do que li nos livros.

Por eu ter estudado, recebi mérito em um dos imponentes auditórios da Sede da Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque. Retornei ao prédio da ONU em fevereiro de 2011, como membro do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, acompanhando a delegação chefiada pela ministra da Mulher, Iriny Lopes, na 55ª Reunião da Comissão das Nações Unidas sobre o Status da Mulher (CSW 55), que teve como tema “Acesso e participação das mulheres e das jovens à educação, à formação, à ciência e tecnologia”.

Por eu ter estudado, chefei uma delegação da BPW Brasil a Helsinque- Finlândia, quando falei para mulheres de negócios e profissionais de várias partes do mundo, sobre o Programa BPW de Desenvolvimento Sustentável que criei e coloquei em prática em nosso país.

Por eu ter estudado, integrei como membro do Comitê Gestor, as missões internacionais do Prêmio Sebrae Mulher de Negócios aos maiores centros de empreendedorismo do mundo, na Itália e na França.

Por eu ter estudado, palestrei para representantes de 42 países, no Fórum Internacional sobre Mulher e Desenvolvimento Sustentável, em Beijing, China, que antecedeu a Rio + 20, com o tema “Economia Verde e Responsabilidade Social Corporativa”, organizado pela All-China Women’s Federation. Na mesma época caminhei na Grande Muralha da China, e foi de lá que muito, muito distante do meu país, eu mais refleti sobre as minhas conquistas.

Hoje a minha alegria por tudo que conquistei é ainda maior. Por eu ter estudado, ocupo a cadeira 34 da Academia Mato-Grossense de Letras, coincidentemente na Semana Global do Empreendedorismo. Eu intra-empREENDEDORA, empREENDEDORA nos negócios, empREENDEDORA social, também me legitimo como uma empREENDEDORA das letras.

Manoel de Barros, o nosso poeta maior, a quem deixamos hoje, nosso tributo através de um minuto de silêncio escreveu:

Esta estrada melhora muito de eu ir sozinho nela. Eu ando por aqui desde pequeno. E sinto que ela bota sentido em mim. Eu acho que ela manja que eu fui para a escola e estou voltando agora para revê-la. Ela não tem indiferença pelo meu passado

Não só como poeta eu tive que percorrer estradas e perceber a minha identidade, mas a poesia sempre significou um espaço mais leve no meu caminhar. Hoje, com os pés presos na realidade, entrego minha cabeça aos sonhos, já sonhados por aqueles que me antecederam. A perpetuidade do meu nome e da minha obra, a partir desta data em que fui empossada na cadeira 34 na Academia Mato-Grossense de Letras, protege as minhas palavras e elas emolduram minha alma. Entro na Casa Barão de Melgaço radiante, com muito orgulho e respeito, pronta para somar, unida na paixão pelas palavras e no culto às tradições.

Muito, muito obrigada.

CADEIRA 38

PATRONO

Frederico Augusto Prado de Oliveira

OCUPANTES

João Cunha

Amarílio Novis

Ciro Furtado Sodré

Benedito Sant'Ana da Silva Freire

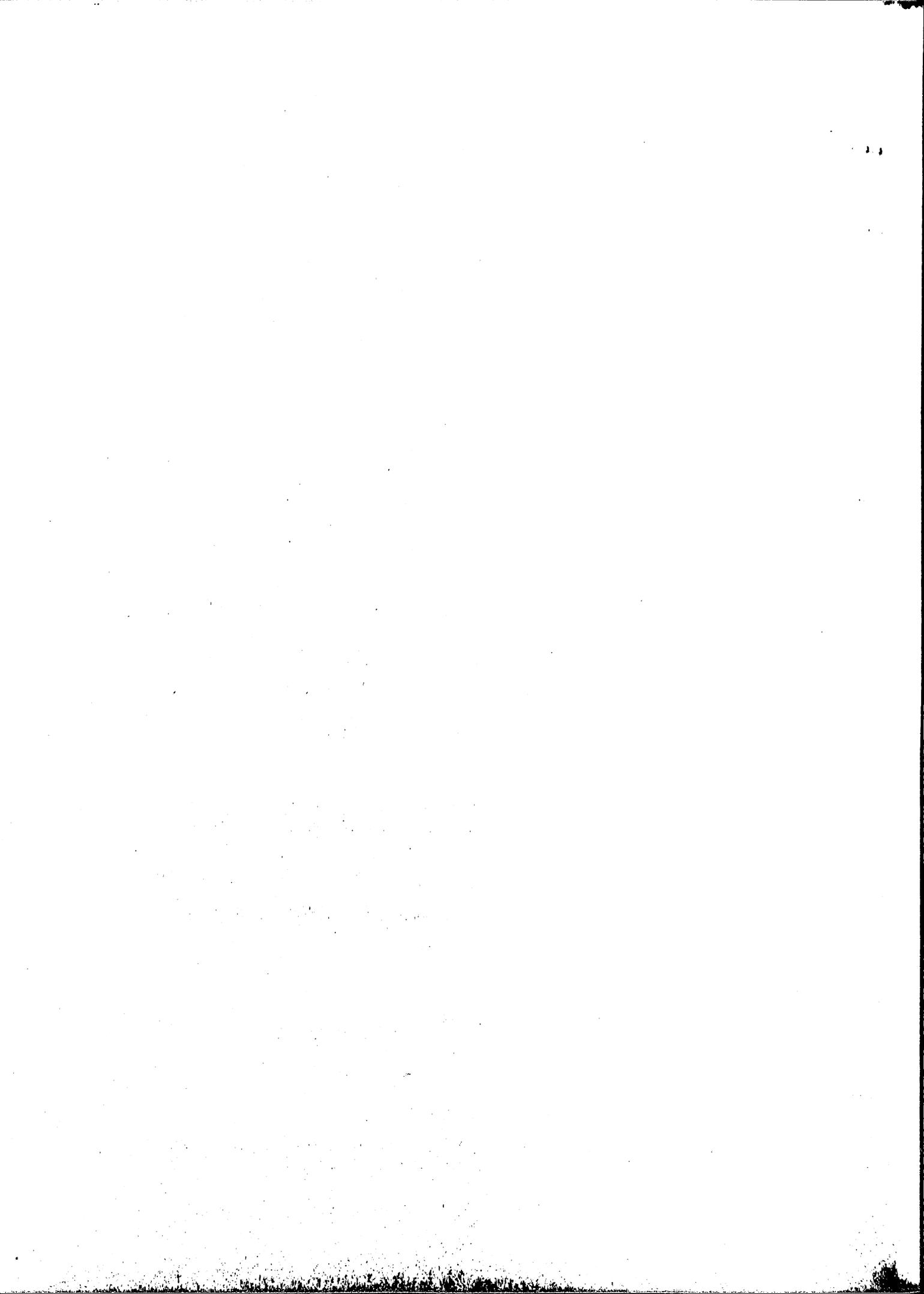
SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA

YASMIN JAMIL NADAF

Cuiabá, 27 de outubro de 1995

DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF, PELO ACADÊMICO JOÃO ANTONIO NETO

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF



DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF, PELO ACADÊMICO JOÃO ANTÔNIO NETO



Sob o Signo das Flores

Permitam-me que comece falando de flores, o que é particularmente delicioso – porque, falar de flores é perfumar as palavras e colorir o pensamento...

Aos demais, hoje, a flor é o tema e a personagem principal desta noite encantadora...

A flor-tema é a Violeta, sob cujo patrocínio a recepiendária construiu sua obra inovadora e substantiva – e a flor-personagem é o Jasmim, cujo nome chegou à Língua Portuguesa, emigrado da Pérsia, e aqui está presente na pessoa de Yasmin Jamil Nadaf.

A Mulher e a Flor: eis, pois, a nossa proposição. Aliás, as duas, de alguma forma se interfundem, pois se a mulher é a reencarnação da primeira flor, a flor é a transfiguração feminina da Natureza.

É, assim, entre flores, que recebemos a professora Yasmin, a qual, neste momento, amplia e requinta o número de mulheres que engrinaldam esta Casa.

Aqui já estão: Maria de Arruda Müller, Dunga Rodrigues, Ana Luiza do Prado, Vera Randazzo, Nilza Pinto Queiroz e para cá está vindo a ilustre professora Elizabeth Madureira Siqueira – tudo a provar que o papel da mulher não é somente aquele de limitar-se ao âmbito da casa e da reprodução, sem aspirar a pontos de relevo na esfera do trabalho, da cidadania e do pensamento.

E Yasmin nos demonstra de forma vigorosa o que várias mulheres de Mato Grosso fizeram e estão fazendo pela literatura mato-grossense, em alguns casos, adiantando-se aos nossos homens de letras.

A obra capital de Yasmin é a Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de Literaturas de Língua Portuguesa, trabalho recém-publicado no Rio de Janeiro, em grande e esmerado volume de 527 páginas, com o sugestivo título de *SOB O SIGNO DE UMA FLOR* – daí, minha invocação inicial.

E aqui, por sorte, retornamos à flor, e a flor é a VIOLETA, nome de uma revista cuiabana, surgida em 16 de dezembro de 1916, fundada e dirigida por mulheres de Cuiabá e especialmente dedicada à atividade das escritoras, em todos os domínios da cultura literária, artística e científica.

O livro de Yasmin, todavia, não é apenas a notícia banal de uma novidade literária arrancada do baú das recordações – mas, uma pesquisa profunda e substancial que, além de trazer à cena da nossa cultura personagens das nossas letras, injustamente esquecidas, confere o trabalho dessas pessoas, num espectro abrangente, que vai da epistolografia ao feminismo e à teoria da literatura e das artes.

No seu esforço revelador, a autora arrolou vinte e cinco temas principais versados pelas literatas, predominantemente de Cuiabá. A obra da pesquisadora, dessa

forma, inscreve-se, dentro do seu gênero, como única no nosso Estado e certamente uma raridade no panorama da literatura nacional.

E nem se diga que o livro da professora Yasmin, ao escolher como objeto de estudo, a revista *A VIOLETA*, estaria na esteira de certo feminismo exclusivista e radical, como os que partem sistematicamente do ângulo da opressão, excludente da participação masculina.

Nada disto. E nem foi esse o pensamento das escritoras fundadoras, pois tiveram entre seus colaboradores alguns escritores conhecidos, daqui e de outros Estados, como José de Mesquita, Floriano de Lemos, Dom Aquino, Raimundo Maranhão e vários outros.

O que a professora Yasmin concebeu, e levou a cabo, foi mostrar a vitalidade cultural das nossas mulheres, a maioria professoras, ao lado dos escritores em voga. Também apresentou *A VIOLETA* como um quase milagre de militância, substancialidade e sobrevivência, conseguindo a façanha de viver por 34 anos, com vigor e brilho.

E neste ponto é indispensável salientar que a revista *A VIOLETA* era o órgão próprio e porta-voz do *GRÊMIO LITERÁRIO JÚLIA LOPES*, do nome da maior romancista brasileira de sua época.

O Grêmio – como a revista – é, igualmente, um prodígio de duração e funcionamento efetivo. Anteriormente, tivemos várias experiências de associações literárias, quase todas de vida passageira. Desde 1874, como chamado Gabinete de Leitura, multiplicaram-se aqui, as tentativas para manter associações, sociedades, clubes, ligas, escolas, centros – todos começados sob os melhores auspícios e terminados bruscamente a meio caminho.

Com o Grêmio Júlia Lopes, foi diferente. Apesar de todos os tropeços, avançou, galhardamente, por mais de três décadas!

E, neste ponto, gostaria de ilustrar um aspecto que foi apenas aflorado, ao de leve, pela professora Yasmin (p. 28) e que eu estimaria ver mais aprofundado, pois transcende o mero caráter referencial. Refiro-me ao fato de o Grêmio Literário, Júlia Lopes, de 1916, haver antecipado o Instituto Histórico de Mato Grosso, de 1919, e a Academia de Letras, de 1921.

Tal acontecimento constitui evento curioso, significativo e rico em consequências históricas. Ou seja: fica provado que a primeira associação literária, verdadeiramente orgânica, formal e representativa das letras matogrossenses, com caráter duradouro, possuidora de órgão próprio e programa definido, foi de mulheres da nossa sociedade, desde que os congêneres anteriores tiveram existência precária, naturalmente por falta de um impulso interior autogênito e criador, como o tivera o Grêmio feminino de 1916. O próprio Grêmio Literário Álvares de Azevedo, de 1911, teve vida fugaz, enquanto Júlia Lopes chegou a publicar mais de 300 números de sua revista!

Como se vê, o caso é para ser vivamente considerado e nem parece exagero sugerir que o Grêmio abriu o caminho para o aparecimento da própria Academia Mato-Grossense de Letras. E aí está um dado que – ao que eu saiba – ninguém ainda suscitou.

São conclusões que me ocorreram no momento em que recepcionamos a professora Yasmin, animadora desses fatos da nossa história cultural.

Só por isto, mereceria ela, a láurea que está recebendo. Entretanto seu labor de estudiosa e pesquisadora não se resume apenas aos lances que tenho apresentado, até agora.

De há muito, vem ela trabalhando no campo da análise da nossa literatura, de seus representantes e de suas produções. Além de inúmeros trabalhos de crítica literária, publicados em diversas oportunidades, em órgãos do nosso Estado e de outras Unidades da Federação – Yasmin acaba de apresentar interessante painel sobre a Literatura Mato-grossense de Autoria Feminina, nos séculos XIX e XX, como comunicação ao VI Seminário Nacional Mulher e Literatura, (11, 12 e 13 de setembro de 1995).

Temos recebido nesta casa, poetas, jornalistas, romancistas, cronistas, historiadores, filólogos, juristas, economistas, cientistas de vários domínios e outros formadores da nossa cultura literária e científica, mas, agora, com Yasmin – pelo menos nos dias atuais – encetamos uma nova linha de cogitações. É a investigadora do fenômeno literário e artístico, espécie de arqueóloga que vai à História e daí arranca figuras entorpecidas pela névoa das omissões – ou, fazendo justiça aos novos, revelando-os a um público maior e à admiração dos apetites estéticos de hoje.

Da leitura desses trabalhos, extraímos a lição de que, em nossa poesia, não há somente José de Mesquita, Otávio Cunha ou Dom Aquino, mas ainda, Benilde Moura, Maria Santos Costa ou Antídia Coutinho e Amália Verlangieri. Nosso jornalismo não seria só Arquimedes Pereira Lima ou Pedro Rocha Jucá, deslembrando-nos de que houve Maria Dimpina, que foi ainda a primeira mulher funcionária pública de Mato Grosso. O romance não seria exclusivo de José de Mesquita, pois apontamos agora para Tereza Albués e eu acrescentaria Aldenora de Sá Porto. Os poetas modernos não ficariam reduzidos a Silva Freire e Wladimir Dias Pino, pois já se pode apresentar Marília Beatriz, Lucinda Persona ou Selma Moussalem.

Também é verdade que, pouco se fala da versátil Vera Randazzo, da erudita Guilhermina de Figueiredo, da pioneira Bartira de Mendonça, das insígnies Amélia e Tereza Lobo ou de Mariana Póvoas, sem esquecer a grande iniciadora, Leonor Galvão, por sinal, fundadora da primeira *A VIOLETA* de Mato Grosso, em 1897. E se ainda se comenta Maria Muller, é por ser a viúva longeva de Júlio Muller; se se fala da professora Dunga é por sua vivacidade e seu piano e se se recorda Zulmira Canavarros é por suas canções e quem sabe até por causa do Mixto Esporte Clube...

Pois bem, a correção desses esquecimentos e a descoberta de novidades literárias, abrindo novos horizontes da nossa literatura, vem sendo realizadas, de forma original e douta pela nova acadêmica, através de um labor abnegado e proficiente, de alto valor técnico e humano, capaz de honrar qualquer literatura.

E a atividade de escritora especializada de Yasmin, não se circunscreve às teses aqui referidas, pois se tem estendido a estudos vários sobre autores diversos, como Dalton Trevisan, Nelson Rodrigues, Graciliano Ramos e Silva Freire. Além disto, escreveu

e publicou ensaios a respeito de teatro, educação feminina em Mato Grosso (1850-1950) e tópicos, versando a literatura feminina, em nossos dias.

Yasmin é graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso, com Especialização em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Paraná e Mestre em Letras, pela Universidade Estadual Paulista.

É meu propósito ainda dizer algumas palavras de aproximação entre a substituinte e o substituído, ou seja, a acadêmica estreante e o anterior ocupante da Cadeira 38, isto é, Benedito Santana da Silva Freire.

Estou certo de que neste preciso instante, Silva Freire está aqui presente, na transparência irrelatada dos mistérios do espírito, como num transporte de magia e de sonho, para agradecer o destino que lhe deu tão ilustre sucessora e aplaudir calorosamente o sufrágio que a colocou neste cenáculo consagrador. Renovador da poesia contemporânea do Brasil e de Mato Grosso, Silva Freire combina bem com Yasmin, restauradora dos verdadeiros cânones da nossa literatura e emissária emérita das forças novas que movem a nossa cultura.

Como vêem, é uma noite de encontros felizes, esta a que estamos assistindo, para a qual confluem as águas vívidas do passado, ao encontro dos amplos estuários do presente, num movimento de superação dos esquecimentos fatais que esterilizam a História e frustram os caminhos ascensionais da criatividade humana.

Bem haja, pois, o insigne da Academia em chamar ao seu regaço e agasalhar num dos seus nichos, mais um dos valores autênticos do nosso engenho criador, operária da cultura, que dignifica nossa sensibilidade e o nosso pensamento.

Daí a conclusão alentadora: a recepção de titular desta categoria, confere prestígio a qualquer Instituição cultural, afastando o atrativo e a tentação das mediocridades festivas, renovando, desta forma, as forças criadoras legítimas da inteligência e do merecimento.

E já que começamos com flores, seria justo e mais harmonioso que com flores terminássemos.

Porém, que mais flores usar, comparáveis às que serviram de grinaldas e umbelas, para enfeitar esta saudação – as flores manifestadas pela Natureza e as reveladas pela Humanidade: violetas, jasmims e mulheres? ...

Desse jeito, será inevitável repetir o que certamente não deslustrará esta hora de cálidas alegrias – porque, repetir flores, é sempre inaugurar o encanto e a festa da Beleza e renovar o prazer do Deslumbramento e das Ternuras.

Assim sendo, chovam corolas e pétalas sobre tudo e todos; salve a Violeta, sob cujo signo aqui estamos – e seja bem-vindo o excelso Jasmim, de Yasmin, a qual há de ornamentar, de agora em diante, este pródigo e afortunado Jardim das nossas Letras!

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF



Triplo prazer o meu, em sendo mulher, neta e filha de imigrantes árabes e ainda jovem, aos 34 anos, em ser recebida na Casa de Leverger. A minha emoção é inegável. Aquele que conhece a fundo a história de Mato Grosso, conhece também o real valor que esta Casa tem. Valor, aliás, que nunca é por demais lembrar ainda mais quando a Casa dá início às comemorações pela passagem dos seus 75 anos de existência.

E é justamente para eu falar um pouco a respeito dessa história, da cultura escrita que aqui se circunscreve, que tomei a liberdade, Senhor Presidente, de colocar a viola-de-cocho junto a este piano-de-cordas. Reconheço que se trata de uma fórmula bastante simples e bem objetiva de se materializar a expressão, porém ela é um espelho do que sou.

Piano-de-cordas – Signo da cultura clássica, europeizada. Peça indispensável nas Casas de Sobrado dos Barões e sinhazinhas. Vida dos saraus lítero-musicais, muitos deles aqui realizados. Fruto da inspiração da palavra romântica, lírica, dos corações ávidos de amor.

Viola-de-cocho – Signo da cultura popular ribeirinha. Instrumento enraizado nos ranchos de palha do artesão, da rendeira e tecedeira, do tropeiro, do vaqueiro do Pantanal. Alma das ruas e dos espaços abertos da ruralidade e do urbanismo periférico. Fonte da matéria – sonora e escrita – dos nossos folguedos e festas populares – siriri, cururu e dança de São Gonçalo.

Dois signos, como vemos, divergentes, mas coexistentes concomitantemente num só tempo de nossa história - passado e presente – diferenciando-se apenas no seu espaço de atuação para a expressão e revelação de um só objetivo – da alma e da vida da gente de Mato Grosso. A soma dividida destes dois elementos - piano e viola-de-cocho – é o que totaliza no meu entender, o processo cultural em nossa região. E, falar na Academia Mato-Grossense de Letras sem evocar a ambos seria tarefa quase impossível, pois fora ela mesma ao longo dos seus 75 anos um atestado latente dessa equação. Exemplos teríamos muitos aqui para mostrar, mas a brevidade do tempo me fez optar por apenas dois deles. Falo de Antônio Tolentino de Almeida, patrono da Cadeira n. 39, e de Benedito Sant’Ana da Silva Freire, ocupante da Cadeira n. 38 desta Academia. Ao falar de ambos espero não somente comprovar a minha afirmativa, como também, ao lembrar o primeiro, prestar a minha homenagem a todos aqueles que através da palavra escrita deram e dão vida a esta Casa, fazendo a sua história; e ao recordar o segundo centrar ainda mais esta homenagem aos escritores João Cunha, Amarílio Novis e Ciro Furtado Sodré que, ao lado de Freire, ocupam a mesma Cadeira n. 38. Cadeira, por sinal, que com orgulho, hoje venho também assumir nesta Casa, e que tem como patrono Frederico Augusto Prado de Oliveira.

Poeta que valiosa contribuição legou às nossas letras ainda que pouco divulgado, Antônio Tolentino de Almeida é o que se pode chamar de síntese da expressão do romantismo em Mato Grosso. A sua obra cantando o amor, ou a pátria, ou os feitos

históricos de sua região, trazem o mesmo lirismo acentuado, doce e suave como as melodias executadas ao piano na época em que o poeta escreveu os seus versos. Época, por sinal, em que era muito comum os poetas se reunirem em pequenos ou grandes grupos para lerem suas criações literárias ao som de um piano. Dos acordes desse instrumento, tais poetas tiravam a inspiração para comporem seus escritos, que respeitando a um dos princípios básicos norteadores do Movimento Romântico, se expressavam, por sua vez, em ritmos musicados. A letra e a música se acasalavam e o resultado desse casamento é o que se pode comprovar neste poema de Tolentino, extraído de sua obra de título também romântico *Ilusões doiradas!*

Quando partias, sobre o teu seio
Um lindo cravo sangrava então;
Era tão rubro que até julguei-o
Feito do sangue do coração.

Mas ora, que horror! Na despedida
Em vez de cravo deveras ter
A flor saudade, que é bem sentida,
O cravo, filha, só diz prazer.

Que importa o cravo que o orvalho róra?
Que importa a flor que tem mais ternura?
Sei que em tu'alma brilhava a aurora,
Dentro da minha, que noite escura!

Que fosse o cravo... Mas eu quisera
Ver em teus olhos um'outra flor,
Talvez a mágoa que me lacera
Não me causasse tamanha dor.

Mas nem a esmola dos teus olhares,
Nem o sorriso que te pedi!
Fico gemendo tantos prazeres,
Ai! que não sofras, o que eu sofri.

Agora vejam os senhores este outro soneto, um dos mais belos publicados neste mesmo livro:

Se a mágoa que me fere, assim sanhuda,
Um termo não tivesse, p'ra curá-la
Bastava apenas escutar-te a fala,
Se não falasses... ver-te, embora muda:

Pensava assim. Mas, entretanto cala
A mesma dor no coração aguda;
O teu sorriso o meu sofrer não muda,
O teu desdém somente me apunhala.

Devo adorar-te? Devo ser cativo?
Hei de por ti morrer se não me queres,
Sacrificando o coração altivo?

Olha, Senhora, o nosso amor não medra;
Julguei-te um dia a deusa das mulheres,
Porque não vi teu coração de pedra!

Tolentino, como se vê, falou dos seus amores e a eles, expressou sentimentos íntimos que ficam fechados no coração, como fechado também, é o espaço dos salões onde se afinam os acordes do piano. E, como o amor, o tempo não morre, nunca é demais lembrar que ainda hoje, passado um século da existência deste autor, muitos escritores recorrem a sua mesma fórmula de unir a musicalidade à expressão dos seus sentimentos e vice-e-versa. Porém, como eu disse anteriormente, há aqueles que seguem a uma outra linha. A linha da escrita despojada, telúrica, pluridimensional e escancarada como o som da viola-de-cocho, e Silva Freire é o exemplo eleito, nesta noite, para eu falar a respeito deste grupo.

Postulado fundamental de defesa deste escritor, a liberdade se faz presente de maneira ininterrupta, tanto na construção estrutural – física e psíquica – da composição de sua obra, como no conteúdo temático que nela explorou. Liberdade de deixar as palavras soltas no espaço geográfico branco ou colorido do papel, e com ele estabelecer uma relação de funcionalidade, permitindo ao leitor tirar livremente a cada nova leitura uma nova interpretação. Liberdade na sua inspiração criadora/criativa de escritor em dar vida às coisas, em reinventar a linguagem e em dar nova função e nome ao já definido. E quem dos presentes não conhece tais peculiaridades tão comuns na obra de Freire? Relembremos algumas amostras:

Em *A estrada/rio equilíbrio*

*na razão da estrada
viaja o silêncio noturno
se bolinando na esfregação
verde das margens*

Em *Os oleiros*

*no barreiro
a panela sustenta seu destino
de forma consentida*

Em *Chão/terra/pasto*, um festival de novas designações:

*- quebra-torto é um tapa na fome
- canoa é a impaciência feminina beliscando espelho movediço
- reta é a légua que encolheu
- cigarro de palha é olho aceso na escuridão*

Como falei, a liberdade é também assunto comum e indispensável no conteúdo – prosa e poesia – deste escritor. O próprio homem, de quem Freire se ocupou ao longo de sua obra, é o homem dos espaços abertos, o mesmo espaço aberto de onde nos vem os acordes da viola-de-cocho. Falou do tropeiro, do vaqueiro do Pantanal, do carvoeiro, do garimpeiro, do poiaeiro, do farinheiro e de muitos outros, enfocando-os num processo de inter-relação profunda e contínua de busca de liberdade com os espaços também abertos e livres do cerrado e do pantanal. Freire cantou, ainda, a mesma liberdade à fauna e à flora que congregam estes dois espaços. Observem os senhores:

Em Garimpo da infinitude

*- na eleição profissional do garimpo
o homem
oficia a rejeição
que o liberta do patrão*

Em Canavial

*- o canavial é livre:
homem nenhum ceifou a liberdade
escondida
na rebrotação*

E, em Os Cavalos

*no exercício de crescer
o potrinho
se desata
respira
e
respinga a liberdade que
respinga
e
respira*

Caro Freire, por esta sua incessante busca de uma liberdade sentida, vivida, consentida e pressentida à sua terra e à sua gente, quero entregar a você, nesta noite, esta viola-de-cocho, símbolo da mesma liberdade que buscou em sua obra que extrapolou a sua vida de poeta, fazendo de você próprio um homem livre.

Meus senhores, sei que este é um momento de festa, mas sei também que é um momento de compromisso. Aquele compromisso de fidelidade com o fomento, a

valorização, a preservação e a perpetuação desta mesma história que tentei rapidamente apresentar. Assim, como Mestre na área da literatura, eu não poderia deixar de citar, nesta oportunidade, um dos pontos que julgo ser imprescindível à realização destes ideais. Refiro-me à necessidade de inclusão do ensino da literatura mato-grossense nos currículos de I e II Graus e nível superior. Aspecto que deveria ser visto com mais atenção por parte dos nossos dirigentes educacionais. Neste ponto, eu quero registrar o meu lamento pela recente exclusão da disciplina intitulada *Literatura Mato-grossense* do currículo da Faculdade de Letras da nossa Universidade Federal de Mato Grosso. Universidade, por sinal, onde como integrante de seu Quadro Técnico, fato que me lisonjeia, venho produzindo conhecimento científico, ao lado de seu corpo docente.

Mas esta disciplina, como dizíamos, foi recentemente excluída após ter sido introduzida na década de 70, pela ardorosa luta da professora Isabel Campos, a primeira a lecionar a disciplina na referida instituição. Com a sua exclusão assomam-se consequências inevitáveis. Vou citar apenas duas delas para não cansar aos senhores: o enfraquecimento da política de orientação e formação cultural e literária regionais aos alunos que se voltarão ao ensino das Escolas de I e II Graus, e a redução, ainda maior, do já tão limitado espaço às discussões e análises profundas a respeito da literatura que se produz em nosso chão. E isto, justamente, num momento em que Mato Grosso nos dá mostras de uma efervescente produção literária.

Tenho acompanhado com satisfação o ressurgimento desta efervescência, já demonstrada pela história em épocas anteriores. E, como agente participante deste processo, sei do dever que temos de lutar pelo fortalecimento deste panorama. Precisamos divulgar mais os nossos autores, indicar a leitura de suas obras, cobrar dos agentes governamentais, ações de estímulo à política editorial, tal como a necessidade urgente, em nosso Estado, da regulamentação da Lei de Incentivo à Cultura, a Lei Hermes de Abreu, que inúmeros benefícios trarão a esse terreno. Pois, caso a história insista em andar na contramão, o que iremos dizer a produção dos autores desta Casa representados em minha curta fala pelos nomes Tolentino e Freire? E o que iremos dizer à obra dos demais autores, que apesar de ainda ausentes do Quadro desta Casa, também são protagonistas do processo da criação literária em nossa região? Falo agora dos poemas mundialmente conhecidos e estudados de Wladimir Dias-Pino. Falo da prosa de realismo fantástico de Ricardo Guilherme Dicke e de Tereza Albuês que nos leva a reflexão a respeito da racionalidade imposta pela cultura ocidental. Falo da poesia simultaneamente intimista e existencialista e da crônica de *olhar fotográfico* de Lucinda Nogueira Persona. Falo da bem elaborada escrita literária do poeta-amigo Ivens Cuiabano Scaff que de tão impregnada de elementos de nossa terra, chega a exalar o cheiro gostoso de pequi. Falo dos poemas de cunho social de João Bosco e de Maria das Graças Campos. Falo do semioticismo inusitado de Marília Beatriz de Figueiredo Leite nos ensinando a todo o instante, novas formas de se ler o mundo sem preconceitos. Falo da poesia feminina/feminista de Marilza Ribeiro. Falo da prosa experimental de Aclyse de Mattos e de Hilda Magalhães. Falo da surpreendente, clara e ora comovente e ora bem-humorada literatura infanto-juvenil de Antônio de Pádua e Silva, pronta e própria para

despertar nos primeiros leitores, o gosto pela leitura. E falo, também, da dinâmica produção literária em quadrinhos de Gabriel de Mattos e de Wander Antunes. E poderia ainda continuar falando de muitos outros, pois extensa é a lista daqueles que em Mato Grosso, fazem da escrita literária, exercício do seu dia-a-dia. Salve o Mestre Manoel de Barros - poeta consagrado que, como ele mesmo faz questão de frisar em uma das obras que publicou, vem *de um Cuiabá-garimpo e de ruelas entortadas*.

Mas, se neles falei, é chegado agora o momento de a eles apresentar também a minha sugestão: esta Casa que agora passa a ser efetivamente minha, creio que deveria ser de interesse de moradia de todos eles. Vimos através dos exemplos Tolentino e Freire que ela é Centro de Memória Viva, documento de nossa consciência – passado, presente e futuro. É nosso, portanto, o dever, junto aos que aqui se estabeleceram anteriormente, de preservá-la, como é nosso também, o compromisso de sua continuidade.

Obrigada.



Diretoria

Presidente: Eduardo Mahon
1ª Vice-Presidente: Elizabeth Madureira Siqueira
2º Vice-Presidente: Avelino Tavares
1º Secretário: Fernando Tadeu de Miranda Borges
2º Secretário: Tertuliano Amarilha
1º Tesoureiro: Agnaldo Rodrigues da Silva
2º Tesoureiro: João Batista de Almeida

Conselho Editorial

Marília Beatriz de Figueiredo Leite
Elizabeth Madureira Siqueira
Fernando Tadeu de Miranda Borges
Agnaldo Rodrigues da Silva

Conselho Fiscal

Sebastião Carlos Gomes de Carvalho
José Cidalino Carrara
Wanderlei José dos Reis

Discursos Acadêmicos

Benedito Pedro Dorileo
Benedito Pereira do Nascimento
Eduardo Mahon
Elizabeth Madureira Siqueira
Fernando Tadeu de Miranda Borges
Francisco do Amaral Militão
Frederico Rondon
Gervásio Leite
Hélio Serejo
João Alberto Novis Gomes Monteiro
João Antonio Neto
João Carlos Vicente Ferreira
João Moreira de Barros
José Cidalino Carrara
José Jayme Ferreira de Vasconcellos
Lenine de Campos Póvoas
Luiz Orione Neto
Marta Helena Cocco
Pedro Rocha Jucá
Rubens de Mendonça
Sueli Batista
Ubaldo Monteiro da Silva
Ubiratã Nascentes Alves
Wanir Delfino César
Yasmin Jamil Nadaf